

**VIDA E DOCTRINA**

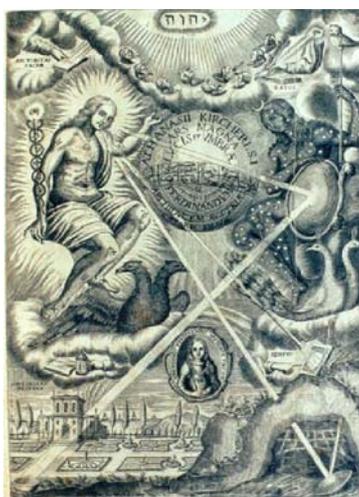
**DE**

**JACOB BOEHME**

***O FILÓSOFO INSTRUÍDO POR DEUS  
UMA INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DE SUAS OBRAS***

**POR**

**Franz Hartmann**



**TRADUZIDO DO ORIGINAL INGLÊS:**

***"THE LIFE AND DOCTRINES OF JACOB BOEHME"***

**VIDA E DOCTRINA**

**DE**

**JACOB BOEHME**

***O FILÓSOFO INSTRUÍDO POR DEUS  
UMA INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DE SUAS OBRAS***

**POR**

**FRANZ HARTMANN**

“Meus escritos são para aqueles que desejam receber a verdade, num estado de mente simples e infantil, pois eles possuirão o reino de Deus. Escrevi unicamente para aqueles que buscam; para os astutos e expertos, nada tenho a dizer”. (Threefold Life, xv.65)

“Nem o dinheiro, nem as posses mundanas, nem a ciência, nem a autoridade, nada disso trará a vós o doce descanso do paraíso, que só pode ser atingido através do nobre conhecimento de si mesmo. Lá poderás vestir tua alma; trata-se da pérola que não é devorada pelas traças, e que nenhum ladrão pode levar. Busque-a, e encontrarás um nobre tesouro”. (Three Principles, ix.1)

“Não escrevo com outro objetivo senão que o homem aprenda a conhecer a si mesmo”. (Three Principles, IV.64)

## **PREFÁCIO**

Este livro é uma tentativa de apresentar um compêndio das principais doutrinas de Jacob Boehme em uma certa ordem sistemática, que possa proporcionar uma visão geral e servir também de introdução ao estudo das obras de Jacob Boehme. Segui aqui o plano traçado pelo excelente, mas muito raro livro do Dr. J. Hamberger. Os títulos dos parágrafos têm o objetivo de resumir as citações que os seguem. Tais citações foram, em muitos casos, condensadas, e em alguns casos tentei inseri-las numa fraseologia mais moderna e compreensível do que aquelas verificadas no original, já que estas se apresentavam de forma obscura e intraduzível. Assim agi porque me pareceu muito mais importante que o público, a quem este livro é dirigido, pudesse obter uma visão compreensível das doutrinas de Boehme, do que unicamente o filólogo erudito conseguir saciar sua curiosidade, captando a exata forma em que Boehme encerrou seus pensamentos. Ao adicionar algumas notas, não tive a presunção de querer aperfeiçoar, comentar, explicar ou esclarecer os escritos de Boehme; é evidente que para ser capaz de criticar, completar ou explicar o conteúdo de um livro divinamente inspirado, o crítico ou aquele que explica necessariamente teria que ter a mesma inspiração divina. Não tenho tal arrogante pretensão; mas quero chamar a atenção do leitor para certos pontos que possam auxiliar sua compreensão.

Comparei, cuidadosamente, as doutrinas de Jacob Boehme com aquelas dos sábios orientais, como as mencionadas na “Doutrina Sagrada” e na literatura religiosa do Oriente; encontrei a mais notável harmonia entre elas quanto ao seu significado esotérico; de fato, a religião de Buda, Krishna e aquela do Cristo me parecem ser uma mesma e idêntica religião. O maior obstáculo para a compreensão dos mistérios da religião do Cristo vivo é a visão bastante estreita que estamos acostumados a ter com relação a tais mistérios, sempre de acordo com a mera interpretação externa e superficial do Velho e do Novo Testamentos, tais como são ministrados pelas igrejas modernas e pelo clericalismo da moda, que se referem a estas doutrinas a partir de um ponto de vista meramente histórico ou emocional.

Um estudo sobre os escritos de Jacob Boehme, que tenha por meta penetrar o espírito com o qual foram escritos, irá com certeza expandir a mente e elevar o coração do leitor, dando-lhe um maior e muito mais sublime concepção de Deus, da Natureza e do homem, do que qualquer outro livro que conheço.

Devo muito a Senhora E. B. Penny, de Cullompton, por seu auxílio nesta difícil tarefa, e também ao Senhor G. W. Redway por suas valiosas sugestões.

Os extratos foram tirados das Obras Completas de Boehme, Amsterdam, 1682.

Franz Hartmann

### **A VIDA DE JACOB BOEHME**

*“A plenitude do tempo aconteceu, e o reino de Deus chegou. Arrependa-se e acredite no evangelho da verdade”.*

*Jacob Boehme*

Jacob Boehme nasceu no ano de 1575 em Alt Seidenburg, a cerca de Goerlitz, Alemanha. Filho de camponeses pobres cuidava do gado de seus pais. Foi mais tarde enviado à escola, onde aprendeu a ler e a escrever e tornou-se aprendiz de sapateiro.

Tudo indica que mesmo ainda muito jovem, já era capaz de entrar num estado anormal de consciência, e captar imagens na luz astral; certa vez, enquanto cuidava do gado, no topo de uma montanha, viu a abertura de uma caverna, construída de pedras vermelhas e rodeada de arbustos. Ele entrou na caverna e no fundo desta viu um recipiente cheio de dinheiro. Apesar do que estava vendo, não experimentou nenhum desejo de tomar aquele tesouro para si; mas supondo que era uma obra dos espíritos das trevas, a fim de colocá-lo em tentação, foi embora.

Em outra ocasião, encontrava-se sozinho na sapataria onde trabalhava, quando um estranho apareceu, querendo comprar um par de calçados. Boehme, não se julgando capaz de comercializar na ausência de seu patrão, mencionou um preço bastante elevado, esperando se livrar do comprador. No entanto, o estranho comprou os sapatos e deixou a sapataria. Quando saiu, o estranho parou em frente ao estabelecimento e com uma voz alta e solene chamou: “Jacob, venha para fora”.

Boehme ficou bastante admirado ao ver que o estranho sabia seu nome e foi ao seu encontro; o estranho, pegando em sua mão e olhando nos seus olhos de forma penetrante e profunda, pronunciou as seguintes palavras: “Jacob, agora és pequeno, mas tu te tornarás um grande homem, e o mundo irá te admirar. Seja piedoso, viva no temor de Deus e honre a Sua palavra. Eu te exorto especialmente a ler a Bíblia; ali encontrarás conforto e consolo, pois terás que enfrentar problemas, pobreza e perseguições. Não temas, mas fique firme; Deus te ama, e é gracioso para contigo”. O estranho apertou mais uma vez a mão de Boehme, deu-lhe mais um olhar gentil e se foi.

Este acontecimento notável provocou um grande impacto em sua mente. Jacob Boehme passou sinceramente pelos exercícios necessários ao estudo do ocultismo prático; praticou a paciência, a piedade, a simplicidade de pensamento e de propósito, a modéstia, a resignação de sua vontade-própria à lei divina, e manteve na mente a promessa Bíblica de que aqueles que pedirem sinceramente a comunicação do Espírito Santo terá o espírito da santidade despertado em si, e serão iluminados com Sua sabedoria.

Tal iluminação, de fato, ocorreu em sua mente, e por sete dias consecutivos Jacob Boehme esteve num estado de êxtase, durante os quais foi rodeado pela luz do Espírito, e sua consciência permaneceu imersa na contemplação e na alegria. O que ele viu durante estas visões não foi declarado; tal declaração tampouco satisfaria a curiosidade do leitor; pois as coisas do Espírito são inconcebíveis para a mente externa, e só podem ser percebidas por aqueles que elevando-se acima do domínio dos sentidos e penetrando um estado superior de consciência, pode percebê-los. Tal estado não exclui necessariamente o exercício das faculdades exteriores; pois enquanto Platão fala de Sócrates, dizendo que este, certa vez, permaneceu imóvel por um dia e meio no mesmo lugar, em estado de êxtase, no caso de Jacob Boehme sabemos que sob uma condição similar ele continuou com as ocupações externas de sua profissão.

Em 1594, ele se tornou sapateiro, e casou-se com uma mulher com quem viveu por trinta anos; eles tiveram quatro filhos que seguiram a mesma profissão do pai.

Em 1600, aos vinte e cinco anos, ocorreu em sua mente, uma outra iluminação divina; desta vez ele aprendeu como conhecer o mais íntimo fundamento da natureza, e a adquirir a capacidade de ver com os olhos da alma no coração de todas as coisas, faculdade que permaneceu com ele até mesmo em sua condição normal.

Dez anos mais tarde, em 1610, ocorreu sua terceira iluminação, e o que anteriormente lhe apareceu de forma caótica e fragmentada foi desta vez reconhecido como unidade, como uma harpa de muitas cordas, onde cada corda é um instrumento separado, enquanto que o todo é senão uma harpa. Ele reconhece agora a divina ordem da natureza, e como que do tronco da árvore da vida nascem diferentes galhos, carregando múltiplas folhas, flores e frutos, e foi tocado pela necessidade de escrever o que viu e de preservar este registro.

Assim, no início de 1612, até o fim de sua vida em 1624, ele escreveu vários livros sobre as coisas que viu na luz de seu próprio espírito; foram trinta livros repletos dos mais profundos mistérios de Deus e dos anjos, do Cristo e do homem, do céu, do inferno e da natureza e sobre as coisas secretas do mundo; não se sabe de ninguém antes dele que tenha comunicado a este mundo pecador, tudo o que ele comunicou, não para o benefício terrestre, mas para a glorificação de Deus e para a redenção da humanidade da ignorância com relação as coisas do Espírito.

Ele ensinou uma concepção de Deus muito grande para ser apreendida pelo mente estreita do clero, que viu sua autoridade enfraquecida por causa de um sapateiro pobre; seus membros tornaram-se seus inimigos impiedosos; pois o Deus então concebido, era um Ser limitado, uma Pessoa que na ocasião de Sua morte entregou Seus poderes divinos nas mãos do clero, enquanto que o Deus de Jacob Boehme ainda vivia e preenchia o universo com Sua glória. Ele diz:

“Eu reconheço um Deus universal, sendo uma Unidade, e o poder primordial do Bem no universo, auto existente, independente de formas, que não necessita de lugar para a sua existência, imensurável e não sujeito à compreensão intelectual de nenhum ser. Reconheço esse poder como sendo uma Trindade em Um, onde cada um dos três seres Pai, Filho e Espírito Santo, tem o mesmo poder. Reconheço que esse princípio ternário preenche de uma só vez e ao mesmo tempo todas as coisas; que esta tem sido e continua sendo a causa, fundamento e princípio de todas as coisas. Eu acredito e reconheço que o poder eterno deste princípio causou a existência do universo; que seu poder, de certa forma comparável a um hálito ou palavra (o Verbo, o Filho ou Cristo), radiou de seu centro, produzindo os germes dos quais surgiram as formas visíveis, e que neste hálito exalado ou Verbo (o Logos) está contido o céu interno e o mundo visível com todas as coisas existindo dentro deles”.

Mais que nada, ele ensinou que para ser um verdadeiro Cristão não bastava se submeter a certas crenças; mas que somente aquele em quem o Cristo está vivo é um verdadeiro seguidor de Cristo em espírito e em verdade.

“Só é um verdadeiro Cristão aquele cuja alma e mente tenham penetrado novamente à matriz original, da qual a vida do homem tomou sua origem; ou seja, o Verbo eterno. Esse Verbo foi revelado em nossa natureza humana, que não enxerga a presença de Deus; aquele que absorve esse Verbo com a alma faminta, retornando ao estado espiritual original de onde a humanidade teve sua origem, tem sua alma transformada num templo do amor divino, onde o Pai recebe o Seu Filho amado. Nele residirá o Espírito Santo”.

“Só aquele em quem o Cristo existe e vive é um Cristão, um homem em quem o Cristo surgiu da carne estéril de Adão. Ele será um herdeiro de Cristo – não por conta dos méritos de alguém, nem por nenhum favor conferido à ele por algum poder externo, mas pela graça interna. Acreditar meramente num Cristo histórico, satisfazer-se com a crença de que em algum lugar do passado, Jesus morreu para satisfazer a cólera de Deus, não faz um Cristão. Tal Cristão especulativo, não passa de um fraco demônio, pois todo mundo gostaria de obter, sem nenhum esforço de si mesmo, algo bom que, na realidade, não merece. Aquele que nasce da carne não pode penetrar o reino de Deus, é preciso renascer no Espírito”.

“Nenhum palácio de pedras ou caríssimas casas de adoração irá regenerar o homem; mas o sol espiritual divino, existente no céu divino, atuando através do poder divino do Verbo de Deus, no templo de Cristo. Um verdadeiro Cristão não deseja nada além do que aquilo que o Cristo em sua alma deseja”.

“Todos os nossos sistemas religiosos não passam de obras do intelecto. Devemos repudiar todos os desejos pessoais, disputas, ciência e vontade, se quisermos restaurar a harmonia com a mãe que nos deu nascimento no princípio; no momento, nossa alma é o quintal de centenas de animais maliciosos, que nós mesmos colocamos lá, no lugar de Deus, e aos quais adoramos como se fossem deuses. Tais animais devem morrer antes que o princípio Crístico possa começar a viver. O homem deve retornar ao seu estado natural (pureza original), antes de poder tornar-se divino”.

“Não há outra maneira do *Cristo* viver senão através da morte do velho *Adão*; um homem não pode se tornar um deus e ao mesmo tempo permanecer um animal. Ninguém é salvo por Deus, como uma marca de Sua gratidão, por ter freqüentado à igreja e por ter tido a paciência de ouvir aos sermões; freqüentar cerimônias externas só é um benefício quando o homem escuta o Cristo falar em seu próprio coração”.

“Todas as nossas brigas e especulações intelectuais com relação aos mistérios divinos são inúteis, pois se originam de fontes externas. Os mistérios de Deus só podem ser conhecidos por Deus; para conhecê-los devemos primeiro buscar à Deus em nosso próprio *centro*. Nossa razão e vontade devem retornar à fonte interior do qual se origina; então iremos chegar à verdadeira ciência de Deus e Seus atributos”.

“A vontade e a imaginação do homem perverteram-se de seu estado original. O homem se rodeou pelo mundo de sua própria vontade e imaginação. Com isso, perdeu Deus de vista, e só pode recuperar seu estado anterior e se tornar um sábio, se colocar a atividade de sua alma e mente novamente em harmonia com o Espírito divino”.

“Um Cristão é aquele que vive em Cristo, e em quem o poder de Cristo está ativo. Ele deve sentir o fogo divino do amor queimar em seu coração. Este fogo é o espírito de Cristo, que constantemente pisa na cabeça da serpente, ou no desejo da carne. A carne é governada pela vontade do mundo; mas o fogo espiritual no homem é aceso pelo Espírito. Aquele que quer se tornar um Cristão não deve dizer orgulhosamente: “Eu sou um Cristão!” deve desejar se tornar um Cristão, e preparar todas as condições necessárias para que o Cristo viva nele. Tal Cristão poderá ser desprezado e perseguido pelos Cristãos nominais de seu tempo; mas ele deve carregar sua cruz, e assim se tornará forte”.

“Os teólogos e cristãos sectários estão sempre discutindo a cerca da letra e da forma, não cuidam do espírito, sem o qual a forma fica vazia e a letra morta. Cada um imagina possuir a verdade, e quer ser admirado pelo mundo como aquele que possui a verdade. Para tanto, denunciam, difamam e atacam uns aos outros, agindo contra o primeiro princípio ensinado por

Cristo, que é o amor fraternal. Assim, a Igreja de Cristo tornou-se um bazar onde a vaidade é exibida, e assim como os Israelitas dançaram ao redor do bezerro de ouro, os Cristãos modernos dançam ao redor dos fetiches que eles mesmos construíram, fetiches que chamam de Deus; é por causa da adoração destes fetiches que eles não poderão entrar na terra prometida”.

“Toda a religião Cristã está baseada no conhecimento de nossa origem, de nossa atual condição e de nosso destino. Ela mostra primeiro como que da unidade caímos na variedade, e como podemos retornar ao estado primordial. Segundo mostra o que éramos antes de nos tornarmos desunidos. Em terceiro lugar, explica a causa da continuação de nossa presente desunião. E, em quarto lugar, nos instrui sobre o destino final dos elementos mortais e imortais dentro de nossa constituição”.

“Todos os ensinamentos de Cristo, não tem outro objetivo do que mostrar o caminho para reascender de um estado de variedade e diferenciação para nossa unidade original; aquele que ensina de outra forma, ensina um erro. Todas as doutrinas que foram agregadas a esta doutrina fundamental, e que não está de acordo com ela, não passam de produtos de tolos mundanos, que se julgam sábios; são meros ornamentos inúteis que irão criar erros e que pretendem jogar areia nos olhos do ignorante”.

“Aquele que pretende se estabelecer como mestre espiritual, sem qualquer poder espiritual de perceber a verdade, pensando servir à Deus, ensinando o reino de Deus, do qual ele não sabe praticamente nada, não serve ao verdadeiro Deus, serve a si mesmo, cuidando e alimentando sua própria vaidade. Ele pode ter sido nomeado legalmente pelo escritório clerical e mesmo assim não ser um verdadeiro pastor. O Cristo diz: ‘Aquele que não entra no estábulo das ovelhas pela porta, mas pela janela, é um ladrão e assassino, e as ovelhas não o seguirão, pois não conhecem a sua voz’. Ele não possui a voz de Deus, unicamente a voz de seu ensinamento. Diz o Cristo: ‘Todas as plantas que não foram plantadas pelo meu Pai celeste, devem ser arrancadas e destruídas’. Como pode então, aquele desprovido de Deus, tentar plantar plantas celestes, sem ter a semente espiritual e o poder? Para ser um verdadeiro mestre espiritual, é preciso ensinar no Espírito de Deus e não no espírito do egocentrismo”.

Com relação a distinção entre fé e crença, Boehme diz: “Uma crença histórica não passa de uma opinião baseada em alguma explicação da letra da palavra escrita que se adota para si, opinião esta adquirida nas escolas, ouvidas pelo ouvido externo e que produzem dogmatas, sofistas e palpiteiros servos da letra. Mas a Fé é o resultado da direta percepção da verdade, ouvida e compreendida pelo sentido interno, ensinada pelo Espírito Santo e produzida pelos teósofos e servos do divino Espírito”.

Quanto a questão do pecado, se o homem pode ou não ser perdoado por um padre, sua opinião não deixa dúvidas: “Nenhum pecado pode ser tirado através da absolvição sacerdotal. Se Cristo ressuscitar no coração, o velho Adão será morto e com eles os pecados cometidos. Se o sol surge, a noite será engolida pelo dia e não mais existirá. Finjam, gritem, chorem, cantem, preguem, e ensine o quanto quiserem, de nada irá adiantar enquanto o mal existir em seu coração. Se eu me confessar durante 1000 anos, e tiver um sacerdote para me absolver todos os dias e além disso receber o sacramento a cada quatro semanas, de nada vai adiantar se eu não tiver o Cristo em mim. Um animal que vai à igreja, sai um animal, não importa a que cerimônia tenha assistido.

“Os cristãos modernos possuem um templo de pedras, onde servem a deusa da vaidade, onde se enganam, onde as pessoas exibem suas melhores roupas e o pregador aquilo que aprendeu.; o verdadeiro Cristão tem sua igreja na alma, onde ele prega e escuta. Essa igreja está com ele e está

nele onde quer que vá, ele está sempre em sua igreja. Sua igreja é o templo de Cristo, onde o Espírito Santo prega a todos os seres, e em tudo o que faz ouve o sermão de Deus”.

“O verdadeiro Cristão não pertence a nenhuma seita particular. Ele pode participar de cerimônias de qualquer seita sem pertencer a nenhuma delas. Ele possui uma única ciência, que é a do Cristo interior; ele só tem um desejo, fazer o bem. Olhe para as flores do campo. Cada uma possui seu atributo particular, no entanto elas não brigam e nada disputam. Elas não disputam a posse do raio de sol ou da chuva; não brigam por causa de suas cores, perfumes e sabores. Cada uma cresce de acordo com a sua natureza. O mesmo ocorre com os filhos de Deus. Cada um possui seus próprios dons e atributos, mas todos surgem de *um* Espírito. Eles apreciam seus dons, e louvam a sabedoria Daquele de quem tiveram a sua origem. Por que disputariam as qualidades Dele, cujos atributos estão manifestados neles mesmos?”.

“Todos nós temos uma única ordem à qual pertencemos, e a única regra desta ordem é realizar a vontade Deus, quer dizer, ficar quietos e servir como instrumentos através do qual Deus possa realizar a Sua vontade. O que quer que Deus semeie e manifeste em nós, devolvemos à Ele como Seu próprio fruto. O reino do céu não está baseado em nossas opiniões e crenças autorizadas, mas enraíza-se em seu próprio poder divino. Nosso objetivo maior deve ser o de ter o poder divino em nós. Se o possuímos, toda busca científica será uma mera brincadeira das faculdades intelectuais com a qual nos distraímos; a verdadeira ciência é a revelação da sabedoria de Deus em nossa própria mente. Deus manifesta Sua sabedoria através de Seus filhos, assim como a terra manifesta seus poderes através da produção de várias flores e frutos. Portanto, que cada um fique contente com seus próprios dons e aprecie o Dom dos outros. Por que ser tudo semelhante? Quem condenaria os pássaros da floresta por não cantarem no mesmo tom? Cada um louva seu Criador à seu modo. No entanto, o poder que os permite cantar emana de uma única fonte “.

Sua primeira obra, intitulada “Aurora” (o princípio de um novo dia), ainda não estava terminada quando por indiscrição de um amigo, cópias do manuscrito chegaram as mãos do clero. O vigário geral de Goerlitz, Gregorius Richter, uma pessoa inteiramente incapaz de conceber as profundezas daquela religião que professava ensinar, na ignorância dos divinos mistérios da verdadeira Cristandade, da qual não sabia nada além de seu aspecto formal e superficial, demasiadamente vão para suportar com tolerância que um sapateiro pobre possuísse qualquer conhecimento espiritual, que ele, o vigário bem alimentado, não possuía, tornou-se o inimigo mais amargo de Jacob Boehme, denunciando e amaldiçoando o autor de tal livro, sendo que seu ódio chegou ao mais alto grau, diante da humildade e modéstia com que Boehme recebeu os insultos e denúncias dirigidas a ele.

Logo, o intolerante vigário acusou publicamente Boehme, no púlpito, de ser um perturbador da paz e um herético, pedindo que o promotor da cidade de Goerlitz punisse o traidor, ameaçando que se ele não fosse expulso da cidade, a cólera de Deus seria despertada, fazendo com que toda a cidade fosse engolida pela terra, da mesma maneira que Korah, Dathan e Abiram pereceram diante da resistência à Moisés, o homem de Deus.

Em vão Jacob Boehme tentou argumentar pessoalmente com o enfurecido Doutor da Divindade. Novas maldições e insultos resultaram de sua entrevista com o vigário, que ameaçou condena-lo e mantê-lo na prisão. O promotor da cidade temia ao vigário, e, embora não pudesse concretizar nenhuma culpa contra Boehme, ordenou que ele deixasse a cidade, temendo as conseqüências que pudessem resultar caso não concordasse com a solicitação do Reverendo Richter.

Pacientemente, Boehme se submeteu ao injusto decreto. Ele pediu permissão para despedir-se da família, antes de ser banido, e até isso lhe foi negado. Sua única resposta foi; “Muito bem; se não pode ser de outra maneira, me conformarei”.

Boehme partiu; mas na noite seguinte a coragem invadiu os corações e um melhor julgamento, a cabeça dos conselheiros. Eles reprovaram a si próprios por terem banido um homem inofensivo, e no dia seguinte chamaram Jacob Boehme de volta, permitindo que ficasse, estipulando, contudo, que lhes entregassem os manuscritos da “Aurora”, e que dali por diante se abstivesse de escrever livros.

Por sete anos Boehme, em obediência a este estúpido decreto, deixou de registrar as experiências que desfrutou no seio do espírito, e ao invés de trazer luz à humanidade, se contentou em consertar seus sapatos. Dura foi a batalha para represar as ondas do espírito, que com força e poder descia sobre sua alma; por fim, encorajado pelos amigos, que o aconselharam a não mais resistir ao impulso vindo de Deus, por temer desobedecer autoridades constituídas pelo homem, ele voltou a escrever.

Os escritos de Jacob Boehme, rapidamente rodaram o mundo, atraindo a atenção daqueles capazes de compreender e apreciar seu verdadeiro caráter. Ele encontrou muitos amigos e seguidores entre os mais altos e os mais baixos, o rico e o pobre; isso provocou uma nova expansão do Espírito da Verdade no domínio sacerdotal e na intolerante Alemanha.

Jacob Boehme escreveu então vários livros e panfletos: “Aurora”, “Os Três Princípios do Ser Divino”, “A Vida Ternária do Homem”, “A Encarnação de Jesus Cristo”, “Os Seis Pontos Teosóficos”, “O Livro dos Mistérios Celestes e Terrestres”, “Cálculo Bíblico da Duração do Mundo”, “As Quatro Naturezas”, sua “Defesa”; o livro sobre “A Geração e a Signatura de todas as coisas”, sobre o “Verdadeiro Arrependimento”, a “Verdadeira Regeneração”, “A Vida Supra-sensível”, “A Regeneração e a Contemplação Divina”, “A Eleição da Graça”, “O Batismo Santo”, “A Santa Comunhão”, “Diálogo entre uma Alma Iluminada e uma Alma não Iluminada”, um ensaio sobre “Oração”, “Tábuas dos Três Princípios da Manifestação Divina”, “Chave para os Pontos mais Importantes”, “177 Questões Teosóficas”, “Letters Teosóficas”, e outros trabalhos menores e artigos relacionados a matérias filosóficas.

Em Março de 1624, um pouco antes de sua morte, Jacob Boehme passou por grande sofrimento. Em 1623, Abraham von Frankenburg publicou algumas das obras de Boehme sob o título: “O Caminho para Cristo”; o aparecimento deste livro, repleto de luz divina, inflamou novamente a inveja e a raiva do colérico vigário de Goerlitz, que não gostou nada de ver a grande satisfação com que este livro foi recebido por todas as mentes iluminadas. Com grande fúria ele retomou a perseguição à Boehme, amaldiçoando-o e condenando-o no púlpito e publicou contra ele uma sátira, cheia de insultos pessoais e termos de baixo calão, desprovida de razão e lógica, que só o cérebro de um insano, atormentado pela paixão poderia inventar ou tramar.

Desta vez, Boehme não permaneceu tão passivo como da primeira vez, mas entregou ao Promotor da cidade uma defesa, justificando o que havia feito; além disso, respondeu a todas as objeções de Richter de forma tranqüila e dignificante, aniquilando seus argumentos pela força de sua lógica e pelo poder da verdade. Tal defesa não continha um estilo irônico, mas era impregnada de amor e piedade pelo homem desencaminhado; modesto e eloqüente ao nível que dificilmente se poderia encontrar, mesmo entre os maiores oradores.

O promotor, contudo, tendo sido, mais uma vez, intimidado pelo vigário, não aceitou a defesa de Boehme, e expressou o desejo de vê-lo deixar a cidade espontaneamente; tal desejo foi

expresso na forma de um conselho bem intencionado, salvando-o de cair na sorte dos heréticos, que era a de ser queimado vivo numa estaca, por ordem do Kurfürst ou Imperador, que estava disposto a mandar um ouvidor para junto dos representantes do clero, mostrando que não hesitaria em requerer tal ordem, se esta fosse a vontade do clero, já que se tratava de algo insignificante, como a execução de um problemático perturbador da paz.

Boehme sabia muito bem se tratar de uma ordem disfarçada e deixou Goerlitz em 9 de Maio de 1624, indo para Dresden, onde encontrou asilo na casa de um médico chamado Dr. Benjamim Hinkelman. Ali ele recebeu muitas honras e ofertas de auxílio, mas permaneceu modesto, escrevendo a um amigo que não confiaria em nenhum homem, mas no Deus vivo; assim procedendo, encontrava-se bem e cheio de alegria.

A pedido de Kurfürst, Boehme foi convidado a tomar parte num debate entre alguns dos melhores teólogos daquele tempo, incluindo dois doutores em matemática. Boehme aceitou e surpreendeu seus oponentes pela profundidade de suas idéias e pelo seu extraordinário conhecimento das coisas naturais e divinas; quando Kurfürst pediu um parecer sobre o caso, os teólogos pediram mais um tempo, a fim de melhor investigarem as questões que Boehme lhes haviam apresentado, e que parecia transcender os limites que julgavam capazes de alcançar. Um destes teólogos, Gerhard, dizia que não aceitaria o mundo inteiro, caso fosse oferecido a ele como uma tribo, para condenar tal homem; o outro Dr. Meissner, afirmou ser da mesma opinião, e que não tinha o direito de condenar aquilo que superava a sua compreensão; vemos assim, que nem todos os teólogos eram como Gregorius Richter, mas que tanto no clero como em outros segmentos, existem homens sábios e tolos. Tais teólogos, possuidores de uma mente nobre e livre da intolerância, mais tarde foram reconhecidos entre os admiradores e amigos de Jacob Boehme e se tratavam com muito respeito.

Logo após ter escrito sua última obra: “Ensaio sobre a Manifestação Divina” e de retornar à sua casa, foi atingido por uma febre. Seu corpo começou a inchar e ele anunciou a seus amigos que a morte estava perto, dizendo: “Em três dias vocês verão como Deus preparou o meu fim”. Eles perguntaram então se Boehme estava pronto para morrer e ele respondeu: “Sim, de acordo com a vontade de Deus”. Quando seus amigos expressaram a esperança de vê-lo melhor no dia seguinte, disse: “Que Deus permita que assim seja. Amém”.

Isso aconteceu numa Sexta-feira; no Domingo, dia 20 de Novembro de 1624, antes da uma da manhã, Boehme chamou seu filho Tobias, ao lado da cama, e perguntou se ele não estava ouvindo uma belíssima música; pediu para que o filho abrisse a porta do quarto, para que a música celestial fosse mais bem ouvida. Mais tarde, perguntou pelas horas, e quando lhe disseram que o relógio havia dado duas horas, disse: “Ainda não é chegada a minha hora, ela chegará daqui a três horas”. Depois de uma pausa, falou novamente, dizendo: “Tu, poderoso Heloim Sabaoth, salva-me de acordo com Tua vontade”. Disse ainda: “Tu, Nosso Senhor Jesus Cristo crucificado, tenha misericórdia de mim e leve-me para o Teu Reino”. Então, deu algumas instruções à sua esposa com relação a seus livros e outros assuntos temporais, dizendo ainda que ela não sobreviveria por muito tempo (o que de fato ocorreu) e, despedindo-se de seus filhos, disse: “Agora devo entrar no Paraíso”. Pediu então ao filho mais velho, cujos olhos de amor parecia impedir que Boehme rompesse os laços do corpo, para virá-lo e dando um profundo suspiro, sua alma entregou o corpo à terra à qual pertencia, e entrou naquele estado elevado que não é dado a ninguém conhecer exceto àqueles que já o experimentaram.

O inimigo de Jacob Boehme, o intolerante vigário geral, Gregorius Richter, negou um enterro decente ao corpo do filósofo, e como o Promotor de Goerlitz, temendo mais uma vez ao vigário, não sabia o que fazer, decidiu-se levar o corpo para ser enterrado na propriedade de um amigo, no campo; houve muita confusão e a cerimônia fora perturbada pela população cujo

preconceito fora inflamado pelo clero; mas o Conde Católico Hannibal von Drohna chegou a tempo, e ordenou que o corpo fosse enterrado de forma solene, e na presença de dois membros do Conselho municipal. Assim foi feito, mas o vigário fingindo estar doente, tomou remédios para não ser obrigado a realizar o sermão funeral; o clérigo que realizou o sermão em seu lugar, embora tivesse dado a absolvição e o sacramento à Boehme, pouco antes de sua morte, começou seu discurso expressando seu desgosto ao ser obrigado a fazê-lo por ordem do Conselheiro.

Alguns amigos de Boehme, da Silésia, enviaram uma cruz a ser colocada em seu túmulo, mas esta foi logo destruída por algum intolerante, que pensa agradar à Deus insultando a memória de um homem odiado por sacerdotes, mas que muito fez para trazer à humanidade a um verdadeiro conhecimento de Deus, o que qualquer sacerdote jamais fez nem na antigüidade nem na modernidade. Esta cruz era singelamente revestida de símbolos esotéricos. No topo havia uma cruz flamejante, com a seguinte inscrição hebraica: **יְהוָה שׁוּה**, e doze raios dourados. Abaixo, havia as iniciais de seu lema favorito e a figura de uma criança dormindo e repousando sobre uma caveira, que significava a regeneração através da morte mística. Seguia-se a seguinte inscrição: “Repousa aqui o corpo de Jacob Boehme, nascido de Deus, morto no **יְהוָה שׁוּה**, e selado pelo Espírito Santo”. Do lado direito da inscrição havia a representação de uma águia negra sobre uma montanha, pisando sobre uma enorme cobra caracol, enquanto segurava com sua garra direita a folha de uma palmeira e em seu bico um ramo de lírios. Nesta figura estava escrito *Vidi*. Do lado esquerdo havia a representação de um leão, com uma cruz e uma coroa dourada. Com a pata direita levantada, o leão encontrava-se sobre uma pedra cúbica; a pata esquerda encontrava-se sobre um globo; mas em sua pata direita havia uma espada flamejante, e na outra um coração em chamas com a seguinte inscrição: *Vici*. Abaixo dessa inscrição havia uma outra figura, de forma oval, representando um cordeiro, com uma mitra e apetrechos de sacerdote, perto de uma palmeira, do lado de uma fonte corrente, num campo coberto de várias flores. Embaixo encontrava-se a inscrição *Veni*. O significado destas três palavras é: “*In mundum Veni; Satanam descendere Vidi; Infernum Vici. Vivite magnanimi*”. Finalmente, sobre a parte inferior da cruz estavam inscritas as últimas palavras ditas por Boehme: “Agora devo entrar no Paraíso”.

Boehme era pequeno quanto à estatura; tinha uma barba curta e fina; voz frágil e olhos acinzentados. Não possuía força física, no entanto, não se sabe ter tido outra doença além daquela que provocou sua morte. Mas, se era pequeno de corpo, era um gigante na inteligência e possuía um espírito poderoso. Suas mãos não faziam mais do que escrever e fabricar sapatos, mas o poder de Deus tendo se manifestado naquele aparente organismo insignificante e compondo os elementos e os princípios espirituais que representavam o homem Jacob Boehme neste globo terrestre, era suficientemente forte para espargir as mais petrificadas e gigantescas superstições existentes em seu século e nos séculos subseqüentes. Seu “Espírito” ainda luta contra os poderes das trevas, e a Luz que se acendeu na alma do pobre e pequeno Jacob Boehme continua iluminando o mundo, sendo cada vez maior, dia após dia, na proporção em que a humanidade torna-se capaz de aceitá-la, recebe-la e compreender suas idéias. Seu espírito, ou mais precisamente, o Espírito da Verdade manifestado através das obras de Jacob Boehme, está pouco a pouco revivendo a velha e ressecada teologia, matando o clericalismo e a intolerância, a superstição e a ignorância, os monstros gigantes que tem devastado o mundo há muito tempo, fazendo com que mais vítimas sejam sacrificadas do que mortas pelas mãos do deus da guerra, da peste e das drogas. A parte pensante da humanidade está começando a ver que há uma vasta diferença entre o verdadeiro espírito da religião Cristã e a forma externa em que é apresentado para a mente vulgar. Mesmo a melhor classe de clérigos, ou seja, aquela que não está totalmente absorvida pelas opiniões dogmáticas, enterradas em suas mentes, em suas escolas, mas que ousa buscar o auto conhecimento em Deus, sabe que se apegar as formas externas da religião, impede que a mente penetre em suas profundezas e alcance o espírito que produz estas formas e que é um e o mesmo em todas as grandes religiões; pois a verdade é

universal, externa, e única; são os eruditos que tomam um múltiplo aspecto da verdade, e se referem à ela com múltiplos óculos coloridos.

Quanto a aplicação prática desta doutrina, Jacob Boehme diz: “Se permitirmos que nossa mente se preocupe com desejos terrestres, nossa mente será capturada por eles; mas se espiritualmente, nos colocamos acima do mundo dos desejos terrestres e das sensações, o mundo de luz irá capturar a nossa vontade, o mundo terrestre irá perder seu poder de atrair a nossa consciência, entraremos então no divino estado de Deus. O reino da matéria e das trevas é o reino da angústia, da contenção e do sofrimento; o reino do Espírito é o reino da luz, da alegria, da paz e da felicidade. Não há ser humano que não desejaria estar imerso nos prazeres materiais, se fosse capaz de compreender e perceber as alegrias do estado espiritual. Mas se o fogo da alma não é iluminado pela luz divina, a vontade da alma não pode entrar nesse estado, mas permanece nas trevas. A razão superficial acredita não haver faculdade de ver, exceto pelos olhos externos, e que se esses órgãos forem extirpados, haverá o fim da visão. É um infortúnio se a alma só pode ver através do espelho externo do olho. O que verá a alma se este espelho for quebrado? Ela estará nas trevas e só perceberá os lúgubres lampejos acesos por sua própria angústia e desespero. Enquanto a alma estiver conectada com o corpo, ela pode manter a luz divina em suas modificações, como manifestada através de uma ação do sol terrestre, e o sol é a fonte de todas as suas alegrias terrestres. Assim, o sol terrestre torna-se seu Deus, ela troca o efeito pela causa; ela é afastada da fonte da luz eterna e real, mergulhando nas trevas. Mas se a luz eterna e divina é recebida na alma, ela acende um fogo ali, que ilumina toda a substância da alma, de modo que esta torna-se luminosa, um espelho, um olho onde a luz de Deus é refletida. Que cada homem examine a si mesmo, e veja qual dos três mundos é seu mestre, o mundo de luz, o mundo das ilusões ou o mundo das trevas. Que ele procure sua própria alma, para ver se os quatro elementos do mal, a ambição, a raiva, a inveja e a avareza, ali governam, ou se a caridade universal, a benevolência, a bondade, a humildade e a boa vontade prevalecem, e não os deixam enfraquecer nessa batalha com seus elementos inferiores, a fim de que o Espírito de Deus possa ser vitorioso nele. Aquele que conscientemente carrega a imagem divina de Deus, não irá morrer por ocasião da morte do corpo, nem irá perder nenhum dos atributos que sua alma conquistou durante sua vida no corpo físico. Tanto o mundo do bem, como o mundo do mal, estão contidos no mundo do homem. Aquilo que fazemos de nós mesmos, é o que seremos no futuro; o que quer que despertarmos em nós viverá em nós; na direção em que nos lançarmos, ali deveremos receber nosso guia”.

Jacob Boehme possuía notáveis poderes ocultos. Ele falava várias línguas, embora ninguém saiba onde as tenha adquirido, provavelmente numa vida anterior. Conhecia também a linguagem da natureza, e podia chamar as plantas e animais por seu nome próprio. Foi dotado de faculdades psíquicas, que o permitia ver “psicometricamente” o passado e “clarividentemente” o futuro. Muito se falou sobre esses poderes, como por exemplo: Certa vez, um devasso homem da nobreza agrediu à Boehme, chamando-o de falso profeta, desafiando-o a contar qualquer coisa que não tivesse aprendido da forma comum. Boehme pediu para ser deixado em paz; mas como o tal homem continuou com suas ofensivas, Boehme lhe falou sobre sua própria história passada, mencionando várias coisas vis feitas por ele secretamente. Previu ainda que logo chegaria seu fim. O homem ficou furioso, e tendo admitido que era tudo verdade, pegou seu cavalo e sumiu. Na manhã seguinte foi encontrado morto na estrada, tendo sido lançado pelo seu cavalo e quebrado o pescoço.

O lema favorito de Boehme era: “*Nossa salvação está na vida de Jesus Cristo em nós*”. Isso é, por si só, suficiente para mostrar o verdadeiro caráter da Cristandade de Boehme, que não buscava a salvação em uma pessoa histórica e morta, mas do Jesus vivo, vivificado pelo Cristo; em outros termos, tornar-se auto consciente através da mente mais elevada ou Manas, na luz do Atma-Buddhi (a alma espiritual).

Quando lhe pediam um autógrafo, costumava escrever o seguinte:

“Aquele para quem o tempo é o mesmo que a eternidade,  
e a eternidade o mesmo que o tempo,  
está livre de qualquer contenção”.

Um ditado similar diz:

“Aquele para quem a dor é o mesmo que alegria,  
e a alegria o mesmo que a dor,  
deve agradecer à Deus por sua serenidade”.

Entre os mais proeminentes seguidores e sucessores de Jacob Boehme, encontram-se vários célebres teólogos e filósofos, tais como Dr. Balthasar Walther, Abraham Frankenberg, Friedrich Krause, e até mesmo o filho de seu maior inimigo, Richter de Goerlitz, que publicou oito livros contendo extratos das obras de Boehme.

As obras de Boehme foram traduzidas para várias línguas e atraiu a atenção de Carlos I, da Inglaterra, que após ler “Respostas a Quarenta Questões”, exclamou: “Deus seja louvado por ainda existirem homens capazes de dar um testemunho vivo de Deus e de Sua Palavra, através de experiências próprias”. Johannes Sparrow, entre 1646 à 1662 traduziu as obras de Boehme para o Inglês e Edward Taylor foi responsável por outra tradução durante o reinado de James II. Uma terceira tradução foi publicada em 1755 por Willian Law; vários autores (incluindo o grande Newton), muito extraíram das obras de Boehme. Seus mais proeminentes discípulos, os mais capazes de alcançar suas idéias parece ter sido Thomas Bromley (1691) e Jane Leade (morta em 1703), fundadora da Sociedade dos Philadelphos (incluindo sob este nome todos aqueles que em certo estágio de desenvolvimento encontraram tal sociedade).

Henry Moore, Doutor em Cambridge, foi chamado para examinar as obras de Jacob Boehme, reportando-se contra elas. Ele as examinou, mas seu relatório foi diferente do que se esperava; pois mesmo se ele, por conta de suas idéias teológicas incrustadas, não era totalmente capaz de compreender as idéias de Boehme, confundindo-se de várias formas, ele se declarou a seu favor, dizendo que aquele que desprezasse Boehme, não passava de um ignorante e cego mental; acrescentou que, sem dúvida, Boehme teria sido espiritualmente despertado, a fim de corrigir aqueles falsos Cristãos que acreditavam meramente num Cristo externo, sem questionar se tinham ou não o Cristo em si.

Para a informação daqueles que acreditam que o presente pode tirar uma lição com a experiência do passado, devemos mencionar o nome de Johann George Gichtel, um homem piedoso, e um dos grandes discípulos de Boehme, um homem de grande visão e poder. Gichtel era um profundo pensador, de vida irrepreensível. Em 1682 ele republicou as obras de Boehme, adicionando a elas várias e valiosas gravuras, com respectivas explanações, mostrando grande profundidade de pensamento e conhecimento espiritual. Ao expor as faltas do clero, fez dele seu inimigo. Gichtel queria reformar o clero a força. Foi preso várias vezes, sendo até exposto publicamente ao ridículo em conseqüência de sua sinceridade. Ele fundou uma sociedade chamada de “Irmãos Angélicos”, onde cada membro teria realmente renunciado ao mundo e entrado num estado de perfeição Angélica. Esses “Irmãos Angélicos” buscavam se livrar de qualquer imperfeição humana e não deveriam ser perturbados com preocupações terrestres. Não se casavam e nem realizavam qualquer trabalho manual; mas viver em contínua contemplação, oração, penetrando o centro do bem, a fim de eliminar todo mal; desta forma, a cólera de Deus poderia ser extinta das almas de todos os homens, sendo que o amor e a harmonia prevaleceriam em todo lugar.

Eram favoráveis a depor o clero e colocar em seu lugar verdadeiros sacerdotes, segundo a ordem de Melkisedec, tomando para si o Karma de todos os homens e o pecado do mundo para expiação e redenção. Assim, esses homens bem intencionados esqueceram que a organização de uma irmandade angelical requer, acima de tudo, anjos que constituam seus membros. Tais anjos não são tão fáceis de encontrar, e mesmo que fosse, não necessitariam de organização externa. No entanto, a sociedade de Gichtel embora não fosse nem angélica, nem divina, é conhecida por ter praticado o bem. Henke, um historiador da igreja, escreveu que esta foi bastante tolerante, nunca condenando ninguém por conta destas crenças e opiniões, e que eles nunca fizeram alarde, mas em silêncio realizaram muitas e boas obras.

Os seguidores de Jacob Boehme nem sempre tiveram paz. Haverá intolerância teológica e de outros tipos enquanto houver ignorância no mundo. Tais pessoas, incapazes de compreender o espírito dos ensinamentos de Boehme, imaginaram que eles contivessem heresias e em 1689, Quirus Kuhlmann, um seguidor de Boehme, foi queimado vivo na estaca em Moscou, por ter expressado livremente suas opiniões com relação a iniquidade do clero daqueles tempos.

Todos os argumentos usados pelos inimigos de Boehme, nunca passaram do uso de nomes de mau gosto como: tolo, ateu, porco, remendador de sapatos, hipócrita e doente! Além de frases do tipo: “O secto de Boehme é verdadeiramente demoníaco, o mais vil excremento do demônio; tem o pai da mentira como origem; o demônio tem a possessão de Boehme, e fala através de sua boca”. (Johann Trick)

“Não desejamos subir as escadas de sonhos criada por Boehme. Fazê-lo seria tentar à Deus e nos colocar em perdição”. (Delitsch)

“As obras de Jacob Boehme contém tantas blasfêmias quanto linhas. Elas contém um terrível odor de cola e graxa de sapateiro”. (Richter)

“O sapateiro é o anticristo”. (Richter)

“Perguntamos quem é digno de crença? A palavra de Cristo ou o preconceituoso sapateiro com sua sujeira?” (Richter)

“O Espírito Santo untou o Cristo com óleo, mas o sapateiro vilão foi revestido de sujeira, pelo demônio”. (Richter)

“O Cristo falou sobre coisas importantes; mas o sapateiro fala sobre coisas vis”. (Richter)

“O Cristo pregou publicamente; mas o sapateiro se esconde”. (Richter)

“O Cristo costumava beber bom vinho, mas sapateiros bebem whisky”. (Rev. Gregorius Richter)

Isso basta para exemplificar os argumentos teológicos daqueles tempos. Por mais ridículos que possam parecer agora, impunham uma face muito séria a Jacob Boehme e a seus sucessores. Hobius, de Hamburg, um seguidor de Jacob Boehme, teve que deixar a cidade por medo de ser assassinado pelo povoado, que teve sua fúria exaltada pelo intolerante reverendo J. Frederic Mayer; e Abraham Hinkelman, pelo mesmo motivo morreu na ruína, enquanto J. Winkler, um teólogo, que se recusou a demonstrar qualquer desprezo por Jacob Boehme, foi salvo de seus perseguidores através da proteção oferecida a ele pelo rei.

Por outro lado, houve muitos dentre os mais iluminados teólogos, que se posicionaram em defesa de Jacob Boehme e de suas doutrinas: John Winkler, John Mathaei, Frederick Brenkling, Spencer e especialmente Gottfried Arnold, autor de uma história sobre igrejas e heresias. O sábio encontra a sabedoria em todas as coisas, até mesmo na conversa de uma criança; mas o tolo vê a sua própria imagem em todo lugar; o grande historiador Mozhof (1688) vê em Jacob Boehme um santo e um sábio; enquanto F.T. Adelung, que escreveu um livro sobre a tolice humana, denunciou tanto Jacob Boehme como Theophrastus Paracelsus como tolos. Os tão chamados “Racionalistas”, e a grande massa de teólogos, combinados entre si de lutar contra aquilo que não eram capazes de compreender, enquanto Johann Salomo Samler, um pensador livre capaz de penetrar o espírito de Boehme, chamou sua obra de “uma fonte de alegria e de conhecimento espiritual, da qual todos podem beber sem ter a ordem de sua vida externa perturbada por isso”.

Entre aqueles que preeminente foram capazes de alcançar as idéias de Jacob Boehme, mencionaremos apenas o grande teólogo Frederic Christop Oetinger, Pastor Oberlin e Louis Claude de St. Martin, o “Filósofo Desconhecido”, que traduziu algumas de suas obras para o Francês. Muitas outras pessoas, bastante conhecidas na história, penetraram, uns mais outros menos, a fonte da verdade, tais como Henry Jung Stilling, Friederich von Hardenberg, Friederich von Schlegel, Novalis, Heinrich Jacobi, Schelling, Goethe, Franz Baader, Hegel e muitos outros que poderiam ser mencionados. O valor da Verdade não pode depender da recomendação ou do certificado de nenhuma pessoa, por maior autoridade que ela possa ter sido; a Verdade está além de qualquer exaltação. O motivo pelo qual o homem tem tanta dificuldade em ver a Verdade é por que ela é tão simples, que até mesmo uma criança pode contê-la; mas as mentes dos sábios deste mundo são complicadas, de modo que buscam a complexidade na Verdade. Aqueles que querem penetrar o espírito das doutrinas de Jacob Boehme devem se livrar de seus próprios preconceitos, abrindo seus olhos para a luz. Os que são capazes de ver, verão; para aqueles cujos olhos estão fechados, os escritos de Jacob Boehme serão um livro selado, sendo aconselhável que aprendam primeiro a lição ensinada pela vida terrestre antes de tentar julgar os mistérios da vida, no Espírito de Deus.

Da fonte da vida interior no homem surge aquele poder misterioso de ver e sentir a Verdade chamada de “intuição”. É o poder de perceber imediatamente através do toque e da visão interior das coisas que pertencem ao espírito. Não se trata de compreensão e nem faz sentido falar de “confiabilidade” ou de “falha” da intuição; trata-se de percepção espiritual e, como na vida exterior somos capazes de ver algo, de senti-la através do tato, antes de termos qualquer conhecimento de suas qualidades externas, do mesmo modo, na contemplação das coisas espirituais devemos ser capazes de perceber interiormente o objeto de nossa investigação antes de podermos entender o que ele é.

A obra de Jacob Boehme está de perfeito acordo com as afirmações encontradas na Bíblia Cristã; esta circunstância se mostrará um obstáculo para aqueles que não compreendem o sentido interno do conteúdo Bíblico, e um impedimento para que a dê atenção. A Bíblia, que, no sentido externo, fora formalmente acreditada e aceita pelo piedoso e pelo ignorante é agora universalmente desacreditada e ridicularizada pela “iluminada” porção da humanidade racionalista; naturalmente, a porção racionalista da humanidade não está suficientemente iluminada para ver o delicioso fruto sem a indigesta casca; eles não sabem que por trás destes contos, cheios de absurdos, oculta-se mais sabedoria do que em todos os livros de filosofia do mundo. Eles nada sabem sobre a vida interior, a Vida-Alma deste mundo; aqueles personagens, apresentados na Bíblia como dramáticos atores, representam poderes reais e conscientes, que podem, ou não, ser objetivados e representados em formas terrestres, no plano terrestre. Se, partirmos do ponto de vista pseudocientífico, que se refere ao mundo como sendo feito de um aglomerado de entidades individuais e auto existentes, olharemos para o mundo e especialmente para o nosso sistema solar, como uma unidade, indivisível em sua natureza essencial, mas manifestando-se numa multiplicidade de aparências e formas de

vida; a história da Bíblia deixará de ser uma história de pessoas que viverem em tempos antigos, cuja vida e aventuras não tem nenhum interesse sério para nós, deste tempo; a história de evolução contida na Bíblia será compreendida como a história de evolução do Homem; exemplo: Adão, o rei da terra, cujo corpo é tão grande quanto nosso sistema solar; a história do homem universal, onde todos nós existimos; que se tornou material e degradado, mas que foi novamente redimido e espiritualizado pelo despertar em si da vida e luz imortal de Cristo.

Quando ou em que ocasião ocorreu a descida do Logos, é uma questão que deve ser deixada para os teólogos e historiadores; para mim basta saber que de fato existe um elemento divino na humanidade, através do qual ela pode ser redimida do materialismo e da ignorância, vindo a conceber novamente seu estado divino original. Além do mais, cada homem individual constitui um pequeno mundo onde está contido todos os poderes, princípios e essências que se existem no grande mundo, o sistema solar em que vivemos. Em cada um desses pequenos mundos a grande obra da redenção descrita na Bíblia como tendo ocorrido no grande mundo, continua acontecendo. O Espírito divino desce, para sempre, nas profundezas da matéria de nosso ser corpóreo, e, pelo poder da luz e do amor de Cristo na alma, conquista o fogo lúgubre da vontade colérica com o objetivo de restabelecer no homem a imagem divina de Deus. Para sempre, o Cristo nasce entre os elementos animais na constituição do homem, ensinando ali os poderes inteligentes; crucificado na cruz, no centro dos quatro elementos e ressurgido naqueles que não resistem ao seu próprio processo de regeneração, através do qual podem manter a vida em Cristo. Trata-se de um processo que se repete eternamente; mas, de acordo com o nosso mundo, isso teve início num tempo, como há um início temporal em cada ser individual sobre a terra; parece evidente, que se Adão nunca houvesse caído em pecado, ou seja, se a consciência universal, que constitui o fundamento de nosso sistema solar nunca tivesse mergulhado num estado material, não haveria a necessidade de redimi-lo, despertando em si uma consciência mais elevada; tampouco se poderia supor que o mundo está perfeito agora, e que sempre foi e permanece sendo perfeito, porque vemos que não é perfeito, e se fosse, a obra de evolução não teria sua utilidade e chegaria a um fim.

Esta obra de evolução e redenção está em processo contínuo, em todo lugar. Para baixo brilha a luz do sol e para cima surgem as fontes que jorram do ventre da terra. Assim, a luz do Espírito vem do sol da sabedoria divina, a sagrada Trindade da Vontade e da Inteligência e suas manifestações; e das profundezas do coração humano sobe a luz do amor, superando os argumentos do intelecto que tem sido enganado pelas aparências externas. A semente é colocada na terra, não para dela desfrutar e ali encontrar seu o seu propósito, mas para morrer gradualmente e ser transformada enquanto vive; morrer como semente, desenvolver-se como planta, cujo corpo surge da terra escura na luz e no ar, e cuja forma não carrega nenhum traço da forma original da semente; a semente não foi colocada na terra para morrer e para apodrecer antes de se tornar uma planta. Assim, a regeneração espiritual do homem deve ser efetivada agora, enquanto ele vive no corpo, e não depois que o corpo, necessário para que tal transformação ocorra, tenha morrido e seja devorado pelos vermes e destruído pelo fogo.

Quando a semente deixa de ser semente, torna-se uma planta. Quando o homem, intermediário entre um animal intelectual e um deus, deixa de ser um animal, ele se torna um deus. Isso ocorre quando o Deus universal, o Cristo, começa a viver nele. Então as ilusões acabam, e a verdade interior começa a ser revelada. Não em livros, não em opiniões, não na forma vaga das especulações metafísicas, mas na Verdade viva, onde está a Luz a ser encontrada.

É preciso estar preparado para estudar as doutrinas de Jacob Boehme. Elas cominam num único ponto que o homem deveria compreender como sendo a vontade de Deus. Surge então a questão: “O que é a vontade de Deus?” A resposta de Jacob Boehme é: “Nós mesmos somos a vontade de Deus, por bem ou por mal. O que quer que seja manifestado em nós, é o que somos, seja

no inferno, seja no céu.” A vida do homem é uma forma de vontade divina, e fazer a vontade de Deus significa, portanto, tornar-se divino e semelhante à Deus, tentando cumprir os mais altos ideais, pensamentos, palavras e feitos de cada um. “Deus deve tornar-se homem, e o homem deve tornar-se Deus. O céu deve tornar-se um com a terra, e a terra deve tornar-se um céu, a fim de que sua vontade se torne a vontade do céu.” (Signatura, x.48). Usando outras palavras, podemos dizer: “A vontade universal, em sua ação no homem, deve tornar-se divina, a fim de que o homem tenha a consciência de estar em posse dos poderes divinos. A mente terrestre do homem deve ter despertada em si a luz divina do espírito, a fim de que um céu possa ser criado na mente”. As doutrinas de Jacob Boehme, portanto, não têm a intenção de nos ensinar aquilo que deveríamos *saber* ou o que deveríamos *fazer*, mas pretende nos auxiliar a cumprir algo de maior importância, o que devemos *ser*.

Ele mesmo diz, na introdução de um de seus livros:

“*Caro leitor que ama à Deus!* Se é de tua séria e honesta vontade e desejo devotar a ti mesmo ao que é divino e eterno, a leitura deste livro será muito útil; mas se não estiveres completamente determinado a entrar no caminho da santidade, é melhor que deixes em paz os nomes de Deus, com os quais Sua santidade suprema é invocada, porque a cólera de Deus pode ser acesa em tua alma. Esse livro é escrito somente para aqueles que desejam ser santificados e unidos com o Poder Supremo, de onde originaram-se. Tais pessoas irão compreender o verdadeiro sentido das palavras aqui contidas, e irão também reconhecer a fonte de onde vieram tais pensamentos”.

Um dos mais iluminados críticos de Jacob Boehme diz o seguinte, com relação a seu livro sobre os mistérios divinos:

“Este livro é um tesouro, onde toda a sabedoria foi ocultada dos olhos dos profanos, mas para os filhos da luz ela está sempre aberta. Ninguém irá compreendê-la claramente, a menos que tenha a chave necessária para esse fim, essa chave é o Espírito Santo. Aquele que possuir esta chave será capaz de abrir a porta, entrar e ver os mistérios da divindade, a mágica divina, a cabala angélica e a filosofia natural. Tal chave abre a porta da divindade e como um raio de luz, ilumina as trevas das condições humanas; pois seu espírito imperecível está contido de todas as coisas. Só o Espírito pode ensinar a alma do homem a profundidade e a verdade que se originarem com este livro, para a maior glória da divindade na natureza e no homem”.

Ele diz ainda:

“O espírito do homem está enraizado em Deus; a alma do homem, no mundo angélico. O espírito é divino, a alma angélica. O corpo do homem está enraizado no plano material; ele é de natureza terrestre. O corpo puro é um *Sal*; a alma um *Fogo*; o espírito uma *Luz*. O espírito e a alma sempre estiveram eternamente em Deus e foram soprados por Deus, num corpo puro. Esse corpo puro é um tesouro precioso escondido na rocha. Ele está contido na matéria e está condenado a perecer; mas ele próprio não é nem mortal, nem material. Trata-se do corpo imortal falado por São Paulo. Essas coisas são misteriosas, seladas pelo selo do Espírito, e aquele que desejar conhece-las deve possuir o Espírito de Deus. É esse Espírito que ilumina aquelas mentes que são Suas, e onde quer que se encontrem, as águias – almas e espíritos – irão coleta-las. Nenhum homem animal, vivendo segundo suas atrações sensuais e raciocínio animal, irá compreender, pois isso está acima do alcance dos sentidos, e acima do alcance do Intelecto semi-animal; pertence à montanha santa de Deus, e o toque animal que tocar aquela montanha devem morrer. Mesmo as almas santificadas devem ficar descalças ao subirem na montanha, deixando para trás tudo aquilo que estiver impregnado em si como uma criatura. Ela deve esquecer sua personalidade, e não procurar saber se

está no corpo ou fora dele. Deus sabe. Essas coisas são sagradas. Foram escritas para as crianças, os animais nada temos a dizer.”

Que o leitor *ore*, não com a boca, não com suas próprias palavras, mas com seu espírito, ou seja, abra seu coração à influência do poder de Deus, e pelo poder da Vontade Divina surja para aquele reino universal da Luz, do qual Jacob Boehme recebeu suas iluminações. É o reino do Verbo vivo, que se encontrava no princípio; pelo seu poder, o mundo foi criado; o Cristo que continuamente suspira o consolo para a alma desesperada e moribunda; o coração e o centro de Deus, cujo sol material, que preenche nosso mundo terrestre de luz e vida é meramente um símbolo, uma representação exterior. Que possamos ver o mundo interior repleto de luz celeste e vivificante, incomparavelmente superior que aquela do mundo físico, e nesse mundo encontraremos Deus, o Cristo e o santo Espírito da Verdade revelada, junto com todos os anjos e mistérios, verdadeira e satisfatoriamente além da possibilidade de ser contestada; pois então, não teremos a necessidade de ensinar com meras letras ou palavras, mas pela verdade em si, e aprender o que é, e não o que parece ser para o outro, porque nós mesmos seremos um com a Verdade, e a conheceremos através do conhecimento do eu.

No ano de 1705 o santificado Gichtel escreveu: “Quem quer que seja, em nosso tempo, que deseje manifestar algo fundamental e imperecível, deve emprestá-lo de Boehme. Sua obra é um Dom de Deus, e é justamente por isso que não é qualquer tipo de razão que pode apreendê-la; portanto, não se deve ficar satisfeito com uma mera leitura e especulação racional, mas rogue a Deus para que te dê Seu Espírito Santo, para que te conduza à Verdade”.

Essas palavras proféticas, citadas no excelente ensaio de A. J. Penny, sobre o caminho para estudar a obra de Jacob Boehme, foram plenamente confirmadas pelos eventos que se sucederam; pois todo grande filósofo que veio a público desde aquele tempo parecem ter recebido sua inspiração através da obra de Boehme. Até mesmo o grande Arthur Schopenhauer, um dos mais admiráveis filósofos modernos, cuja obra foi admirada por muitos daqueles que condenariam Boehme, sem nunca o ter estudado, era um seguidor de Boehme, sua obra é fundamentalmente uma exposição das doutrinas de Boehme, através de seu ponto de vista, que mal interpretou Boehme em vários pontos. Schopenhauer comenta também sobre a obra de Schelling: “Não passa de uma remodelação do “Mysterium Magnum” de Boehme, onde quase todas as frases do livro de Hegel estão representadas. Mas por que no livro de Hegel as mesmas figuras e formas me parecem insuportavelmente ridículas, sendo que na obra de Boehme me enchem de admiração e reverência? É porque na obra de Boehme o reconhecimento da verdade eterna fala a cada página, enquanto que Schelling tira dele o que é capaz de alcançar. Ele usa a mesma figura de linguagem, mas evidentemente mistura a casca com o fruto, ou talvez não saiba separar uma da outra”. (Handschriften, Nachlass p. 261).

Seria tedioso reproduzir o que vários filósofos modernos, de várias partes do mundo, disseram sobre as obras de Boehme; a única forma de se ter uma correta concepção sobre ele, é penetrar o espírito e ver como ele viu. Iremos, portanto, como conclusão, citar as palavras de Louis-Claude de Saint-Martin: “Eu não sou jovem, beiro meus cinquenta anos; no entanto, comecei a aprender alemão com o único objetivo de estudar incomparável autor”.

... “Eu não sou digno de amarrar os laços do sapato deste homem maravilhoso, que considero a maior luz que já apareceu, sobre a terra, depois daquele que era a Luz propriamente dita”... “Eu vos aconselho a lançarem-se neste abismo de conhecimento das mais profundas de todas as verdades...” “Encontro em suas obras tal profundidade e exaltação de pensamento, e tão simples e delicioso alimento, que consideraria uma perda de tempo buscar tais coisas em outro lugar”. (Cartas para Kirchberger).

Se algum dia compreendermos a obra de Jacob Boehme, ficaremos surpresos ao verificar que nem todos os amantes da verdade conhecem seus livros, e os consideraremos como o mais valioso e útil tesouro da literatura espiritual.

## **A DOCTRINA DE JACOB BOEHME**

“Toda a nossa doutrina nada mais é do que uma instrução de como o homem pode criar um reino de luz dentro de si mesmo... Aquele em quem flui esta fonte de poderes divinos carrega consigo a imagem divina e a substancialidade celeste. Nele Jesus nasceu da Virgem, e ele não irá perecer na eternidade”. (Six Points, VII 33).

### **CAPÍTULO I**

#### **INTRODUÇÃO**

“A Ciência não pode abolir a fé no Deus Providencial, sem idolatrar em Seu lugar o intelecto cego”.

“A verdadeira fé ocorre quando o espírito da alma entra com sua vontade e deseja naquilo que não vê e não sente”. (Four Complexions, 85)

É evidente que se desejamos alcançar uma contemplação daquilo que é divino e eterno, não podemos nos recusar a acreditar na possibilidade de que algo divino e eterno existe, ou que possa se revelar na constituição do homem. Este princípio espiritual no homem é superior ao animal e ao homem racional; superior ao corpo material, e superior ao intelecto argumentativo; não há a necessidade de raciocinar ou adivinhar; percebe-se e se sabe. Sendo esse princípio superior ao intelecto, não pode ser concebido como intelectualidade, mas pode ser percebido pelo homem, caso ele se eleve do plano animal e intelectual a uma consciência de seu próprio espírito divino; ou, usando a linguagem de Boehme, se o homem manter seu conhecimento em Cristo. Os instintos animais no homem pertencem à sua natureza animal; suas faculdades intelectuais pertencem à sua natureza intelectual, mas aquilo que é divino pertence ao seu Deus, seu verdadeiro, real e permanente eu.

Especulações meramente teóricas com relação ao que pertence ao Espírito no homem é, portanto inteiramente inadequado para sua verdadeira compreensão, e não tem nada de sabedoria divina; isso só pode levar à formação de teorias e opiniões sobre o assunto, que podem ou não ser verdadeiras, mas que não constituem conhecimento real, enquanto que a verdadeira sabedoria é o resultado de experiência prática, não alcançada de outra forma senão quando se entra no estado divino. Em outras palavras, é o conhecimento pelo qual Deus no “homem” conhece a si próprio.

Certamente a conquista do estado divino não é resultado de vôos da fantasia, de sonhos piedosos ou de deixar a imaginação correr. Não há nada mais positivo, real e prático do que a consciência de ser um *homem*, e de se encontrar o seu centro de gravidade na dignidade que surge na verdadeira humanidade; em outras palavras, do conhecimento de ser um templo vivo, onde reside o poder de seu próprio ser imortal.

Cada estado de conhecimento tem o seu uso na esfera a que pertence e não à outra. Jacob Boehme afirma:

“Não digo que o homem não deva investigar as ciências naturais, e adquirir experiências relacionadas as coisas externas. Com certeza, esse estudo é útil, mas o raciocínio do homem, não deve ser a base de seu conhecimento. O homem não deve ter a sua conduta guiada meramente pela luz da razão exterior, mas deve sim, com todo seu raciocínio e todo o seu ser, curvar-se em profunda humildade diante de Deus”. (Calmness, 1. 35).

Enquanto o homem não reconhece a existência de um princípio divino em seu próprio ser, será inútil filosofar e especular sobre os atributos da Divindade no universo; ele não pode conhecer o Espírito Santo enquanto o Espírito de Santidade não estiver ativo em si mesmo.

“O homem natural nada sabe sobre os mistérios do reino de Deus, porque ele está fora e não dentro do estado da divindade, sendo provado diariamente pela ação dos filósofos que brigam por causa dos atributos e da vontade de Deus; de fato, eles não conhecem a Deus, porque não ouvem a palavra de Deus dentro de suas próprias almas”. (Cartas, XXXV. 5).

O homem externo julga segundo o raciocínio externo. O homem depende inteiramente de suas percepções externas, e não tem nem crença e nem confiança em nada, exceto no que vê com seus olhos carnisais; ele não atenta para nada que seja superior a isso.

“Quando a razão externa comanda as coisas deste mundo; como o infortúnio recai sobre o piedoso e o descrente, e como todas as coisas estão condenadas à morte e à destruição – se a razão acreditar que nada salvará o virtuoso do pesar e da dor, mas que tanto ele, como o fraco entra, dolorosamente, no vale da morte, então a razão do homem pensa que todas as coisas se devem ao puro acaso, e que não há Deus para cuidar daqueles que sofrem”. (Contemplation, I,1).

Se não há prova da existência de um Deus benevolente, que possa ser encontrada no mundo fenomênico, não há também nenhum auto conhecimento divino a ser obtido pela leitura superficial da Santa Escritura, nem por um estudo externo da Bíblia, ou por conceber seu conteúdo, de um ponto de vista meramente histórico. Ouvir sermões também não adianta nada para o auto conhecimento, se aquele que prega e aquele que ouve não tem o Espírito Vivo da Verdade, dentro de si.

“Todos aqueles que desejam falar ou ensinar os mistérios divinos devem possuir o Espírito de Deus. O homem deve reconhecer em si a luz divina da verdade, e nessa luz as coisas que ele deseja apresentar como sendo verdade. Ele nunca deve estar sem esse auto conhecimento divino, e nem fazer com que a força de seus argumentos dependa meramente do raciocínio externo ou de interpretações literais da Bíblia”. (Menschwerdung, I. I, 3).

“De que adianta ficar consultando a Bíblia, conhece-la de memória, mas não conhecer o Espírito que inspira os homens santos que escreveram aquele livro, nem a fonte da qual receberam tal conhecimento? Como posso esperar compreendê-lo em verdade, se não possuo o mesmo espírito que eles?” (Tilk. II. 55).

As verdades espirituais estão acima e além do raciocínio intelectual, podendo, portanto, não serem intelectualmente explicáveis. Elas podem no máximo, serem representadas por alegorias e símbolos que induzam os homens a dar passagem aos pensamentos exaltados, adquirindo assim um estado elevado de percepção.

“Os filhos de Deus falam através do Espírito Santo. Portanto, suas palavras permanecem um mistério aos homens da terra; e mesmo que esses imaginem que as compreendem, eles só vêem o sentido externo”. (Cartas, XI. 40).

“Todas as coisas recebidas por boato, sem a percepção pessoal, ainda permanecerá uma dúvida quanto a sua real verdade; mas aquilo que é visto pelo olho e compreendido pelo coração carrega consigo a convicção”. (Three Principles, X. 26)

Nunca se deve esquecer que a filosofia especulativa e a teologia são coisas completamente diferentes, para não dizer coisas opostas, e aqueles que clamam por explicações intelectuais das verdades espirituais, que estão além do raciocínio intelectual, possuem uma concepção totalmente errônea do sentido do termo “Teosofia”.

“A verdadeira compreensão deve vir da fonte interior e penetrar a mente do Verbo vivo de Deus, dentro da alma. A menos que isso ocorra, todo ensinamento sobre as coisas divinas é inútil e desprezível”. (Cartas, XXXV. 7).

“Não pretendo afastar os homens do Verbo enquanto escrito e ensinado; mas meus escritos pretendem conduzi-los de uma mera crença histórica para uma fé viva, ao próprio Jesus Cristo (a Luz e a Verdade). Toda pregação e ensinamento é inútil se não passar de conversa, e se o pregador ou mestre não tiver o poder de Cristo, se não é o Cristo propriamente dito por meio do Verbo, que age dentro daqueles que ensinam e daqueles que ouvem”. (Richter, 45).

Ao estudar um livro podemos, na melhor das hipóteses, imaginar o que o autor acreditava; mas tal ensinamento imaginário não é auto conhecimento. O conhecimento espiritual real só aparece com o despertar do espírito.

“Não estou coletando meus conhecimentos das letras e livros, mas do meu próprio ser; porque o céu e a terra, com todos os seus habitantes, e mais que tudo, o próprio Deus, está no homem”. (Tilk. II. 297).

O homem essencial não é limitado pela forma física visível de seu corpo material; sua substância espiritual se estende tão longe quanto as estrelas. Seu verdadeiro ser é o Espírito de Deus, onde todos os mundos estão em existência.

“O espírito do homem não veio meramente das estrelas e dos elementos; ele traz oculta em si uma centelha da luz e do poder de Deus. Não é à toa que Moisés (Gênesis I) diz: “Deus criou o homem à Sua própria imagem. Para ser Sua própria imagem Ele o criou”. (Aurora, Prefácio, 96).

O Espírito divino, uma vez despertado na consciência do homem, sabe todas as coisas através do conhecimento de seu próprio ser.

“A alma busca na Divindade e também nas profundezas da natureza; pois ela tem a sua fonte e a sua origem no todo do Ser divino”. (Aurora, Prefácio, 98).

“Assim como o olho do homem busca as estrelas de onde teve sua origem primitiva, a alma penetra e vê no estado divino do ser, onde vive”. (Aurora, Prefácio, 99).

“Ó, quão perto está Deus de todas as coisas. No entanto, nada pode compreendê-lo, a menos que esteja tranqüilo e entregue sua vontade própria à Ele. Se isso for realizado, então a vontade de Deus estará agindo através da instrumentalidade de todas as coisas, como o sol que age por todo o mundo”. (Mystery, 45).

“Por que não podemos ver a Deus? Este mundo e o demônio (bem pervertido) na cólera de Deus nos impedem de ver com os olhos de Deus. Não há outro impedimento. Se alguém diz: ‘Não posso ver nada divino’, precisa compreender que a carne e o sangue e as artimanhas do demônio (desejos pervertidos) consistem um obstáculo e impedimento para ele. Se ele pretende penetrar a nova vida, caminhar sob a cruz de Cristo, é preciso ter certeza de ver o Pai, seu redentor, o Cristo e também o Espírito Santo”. (Menschwerdung, II,7).

Lembrem-se, pretensos filósofos, que rejeitam à Deus e o que é divino: não pode haver sabedoria divina sem algo que seja divino; não há outra forma do homem se tornar divino senão através do poder da Divindade.

“Não há centelha de vida divina naquele que está sem Deus. Não se deve culpar à Deus por isso, mas a própria pessoa. Tais pessoas tem a si mesmas, e por vontade própria, entraram em tal estado, abafando a consciência elevada, enquanto que a jóia preciosa, embora desconhecida deles, continua oculta no centro. Deixe, portanto, que eles saiam novamente da ignorância intencional ou malignidade, por vontade própria, e entrem novamente na vontade de Deus”. (Menschwerdung, 3, 5).

Tudo isso prova que é inútil buscar a sabedoria divina, objetivando uma verdadeira realização da verdade eterna, nas coisas e observações exteriores, lendo livros, nas palavras dos sacerdotes, se não reconhecermos a verdade que existe dentro de nosso próprio ser. Toda dependência colocada em coisas externas, pessoas ou deuses fora de nosso próprio e verdadeiro ser, não passa de idolatria e engano, se não reconhecermos o Deus que existe dentro de nós mesmos.

“Deus”, segundo Boehme, é “a vontade da sabedoria eterna”. Se fortalecer em Deus é se fortalecer naquela vontade à qual se entrega o sábio. Esta é a verdadeira fé, da qual Boehme diz que: “não se trata apenas de um certo método de pensar, ou a crença em certas ocorrências históricas, mas no recebimento do espírito e poder de Cristo no ser”. (Cartas, XLVI. 39).

“Essa luz e esse poder de Cristo surge em Seus filhos dentro da fundação interior e ilumina a totalidade de suas vidas. Dentro dessa fundação encontra-se o reino de Deus no homem” (Communion, V. 18).

Mas o que é que impede o homem de reconhecer à Deus dentro de seu próprio ser? O que é que obstrui a visão da luz da verdade, a audição da voz da Divindade? Jacob Boehme tem uma resposta: “Tua própria audição, vontade e visão te impede de ver e ouvir à Deus. Através do exercício de tua vontade própria tu te separas da vontade de Deus; pelo exercício de tua visão própria, tu vês apenas dentro de teus próprios desejos, enquanto que teu desejo obstrui a tua audição, fechando teus ouvidos com aquilo que pertence as coisas materiais e terrestres. Tudo isso te encobre, de modo que não podes ver o que está além de sua própria natureza humana e supersensual. Mas se ficares quieto, desistir de pensar e sentir com seu próprio ser pessoal, então a audição, a visão e a palavra eterna serão revelados a ti, e Deus irá ver e ouvir e perceber através de você”. – (Supersensual Life, 1-5).

Alguém poderia perguntar: “Seria necessário então, para nós que queremos alcançar a sabedoria divina, não pensar, não sentir e não fazer nada?” Quem faz tal pergunta não percebe que, como há uma região *abaixo* de todo sentimento e pensamento, na qual o homem assemelha-se a um animal, se não a um cadáver, há também um outro estado, *além* de todo pensamento especulativo, um estado de ser divino. Não se trata de um estado em que o homem imagina ser divino, mas uma condição na qual a vontade do homem, despindo-se de tudo o que é terrestre, torna-se divina e absorvida na auto consciência da divindade.

“O único e verdadeiro caminho através do qual Deus pode ser percebido em Sua Palavra, Essência e Vontade, é quando o homem alcança um estado de unidade consigo mesmo, e quando – não só em sua imaginação, mas em sua *vontade*, possa deixar tudo o que é eu pessoal, ou o que pertence ao eu: dinheiro e bens, pai e mãe, irmão e irmã, esposa e filhos, corpo e vida, quando o seu próprio eu se transforma num nada. Ele deve entregar tudo e se tornar mais pobre que um pássaro no ar, que possui um ninho. O homem não deve ter um ninho para o seu coração neste mundo. Não que se deva fugir de casa, abandonar esposa, filhos ou parentes, cometer suicídio, ou jogar fora suas propriedades, a fim de não estar corporalmente presente; deve-se matar e anular a vontade própria, aquela que clama por todas essas coisas como sua possessão. O homem deve entregar tudo isso ao seu Criador, e dizer com todo consentimento de seu coração: ‘Senhor, tudo é seu’! Sou indigno de governar tudo isso, mas como Tu me colocastes ali, devo cumprir meu dever entregando minha vontade a Ti, de forma total e completa. Aja através de mim da forma que quiseres, a fim de que a Sua vontade seja feita em todas as coisas e em tudo que eu seja chamado a fazer para o benefício de meus irmãos, a quem sirvo segundo o teu mandamento. Aquele que penetra neste estado de resignação suprema entra em união divina com Cristo, a fim de ver ao Próprio Deus. Ele fala com Deus e Deus fala com ele, ele sabe qual é a Palavra”, a. “Essência, e a Vontade de Deus”. (Mysterium, XLI. 54-63).

“Siga meu conselho, deixe de buscar o conhecimento de Deus, através da sua vontade egoísta e de teu raciocínio; jogue fora tua razão imaginária, aquela que teu eu mortal pensa que possui, então tua vontade será a vontade de Deus. Se Ele encontrar a Sua vontade como sendo a sua vontade na Dele, então a Sua vontade irá se manifestar em sua vontade, como se fosse em Sua própria propriedade. Ele é Tudo, e o que quer que desejes saber no Tudo está Nele. Não há nada oculto diante Dele, e tu verás em Sua própria luz.” (Forty Questions, I.36).

“Tudo o que se busca e se investiga sobre os mistérios divinos num espírito de egoísmo é inútil. A vontade própria não pode compreender nada de Deus, porque essa vontade não está em Deus, mas é externa à Ele. A vontade num estado de tranqüilidade divina, compreende o divino, porque é um instrumento do Espírito, e é o espírito em que a vontade é tranqüila que tem a faculdade de tal compreensão. Há muitas coisas, sem dúvida, que podem ser investigadas, aprendidas e compreendidas num espírito de egoísmo, mas a concepção assim formada pela mente não passa de uma aparência externa, e não há compreensão do fundamento essencial.” (Signature 15,33)

Para expressar o que foi dito acima em outras palavras, podemos dizer que a vontade egoísta do homem, sendo limitada, não pode conceber a vontade universal de Deus; é preciso se livrar de seu egoísmo e limitações, para se tornar um no Espírito de Deus e compreender seu próprio ser. A vontade própria não pode conhecer nem ao menos uma parte de Deus, porque Deus é um e uma Unidade, e não pode ser concebido em partes.

“A vontade deve buscar ou desejar nada mais do que a misericórdia de Deus no Cristo; deve entrar continuamente no amor de Deus, e não permitir que nada a afaste deste objetivo. Se a razão externa triunfa e diz: ‘Eu tenho o verdadeiro conhecimento’ então a vontade deve fazer a razão carnal curvar-se à terra, fazendo com que entre num estado mais elevado de humildade, e com que repita sempre para si mesma as palavras: ‘És tola. Tu nada possuis senão a misericórdia de Deus’. Tente penetrar essa misericórdia e tornar-se um nada em si mesmo, e afaste-se de todo o seu próprio conhecimento e desejo egoísta, reconhecendo-os como algo inteiramente impotente. Então a vontade própria natural, irá entrar num estado de abandono, e o Espírito Santo de Deus irá tomar uma forma viva dentro de ti, inflamando a alma com suas chamas de amor divino. Assim, o conhecimento elevado e a ciência do Centro de todo ser irá surgir. O eu humano irá começar a

perceber o Espírito de Deus, tremulamente e na alegria da humildade, e será capaz de ver o que está contido no tempo e na eternidade. Tudo está perto de uma alma nesse estado, pois a alma não é mais propriedade sua, mas um instrumento de Deus. Em tal estado de calma e humildade a alma deve permanecer, como uma fonte permanece em sua própria origem, ela deve, sem cessar, atrair e beber daquele poço, e nunca mais desejar deixar o caminho de Deus”. (Calmness, 1, 24).

Assim como o verme, que se arrasta no pó da terra, não pode se elevar acima das nuvens, como faz a águia, também o pensamento de vontade própria do homem, vagando no labirinto das opiniões conflitantes, não entra no reino da verdade eterna. Mas quando o homem atinge a liberdade, abandonando a vontade própria e os desejos egoístas – ou, em outras palavras, quando através do Cristo (eterna Luz e Verdade) se chegar a um estado de unicidade com Deus, o que torna sua alma semelhante à Deus e divina, ele então receberá em Cristo um conhecimento verdadeiro e essencial de Deus e da Natureza.

Tão logo o recém homem regenerado se manifeste, irá alcançar o conhecimento real. Assim como o homem externo vê o mundo externo, o homem regenerado vê o mundo divino onde ele habita”. (Cartas, XXVII. 3).

Este mundo espiritual, onde os regenerados vivem conscientemente, não é um mundo imaginário ou alusivo, mas perfeitamente real; ele não tem nada em comum com as concepções vulgares de céu, que não passam de produtos da fantasia.

“É de se lamentar como os homens são guiados de forma tão cega por aqueles cegos, e que a verdade é impedida de se manifestar em sua glória e pureza por causa de nossas concepções das formas e figuras externas; pois quando o poder divino em todo o seu esplendor se torna manifesto e ativo no fundamento interior da alma, a ponto do homem desejar sinceramente abandonar os caminhos desprovidos de Deus e sacrificar todo o seu ser por Deus, então toda a Divindade trina estará presente na vida e na vontade da alma, e o céu, onde Deus reside, se abrirá para essa alma.” (Mystery, LX. 43).

Esta é o único caminho para se obter o conhecimento de Deus, não há outro.

“O Cristo diz: O Filho do Homem não faz nada além do que vê o Pai fazendo. Se o Filho do Homem tornou-se o nosso corpo e Seu espírito o nosso próprio espírito, seria possível não conhecermos a Deus? Se vivemos no Cristo, o Espírito de Cristo verá através de nós e em nós aquilo que deseja, e aquilo que o Cristo deseja veremos e conheceremos Nele. O mundo dos anjos é mais simples e mais claramente compreensível para o homem regenerado do que o mundo terrestre. Ele também vê no céu, e observa a Deus e a eternidade”. (Menschwerdung, II. 7,3).

“A nossa visão e o nosso conhecimento estão em Deus. Ele revela a todos neste mundo, segundo a Sua vontade, e na medida em que sabe ser útil para ele. Não estamos em posse de nosso próprio ser. Nada sabemos sobre Deus. O Deus Propriamente dito é o nosso conhecimento e visão. Não somos nada, a fim de que Ele possa ser Tudo em nós. Devemos ser cegos, surdos e mudos, e não saber nada, não tomar conhecimento de vida que seja propriedade nossa, a fim de que Ele possa ser a nossa vida e a nossa alma, e a fim de que nossa obra possa ser a Sua”. (Menschwerdung, II. 7,9).

Tendo em vista essa verdadeira luz, quão tolas parecem as práticas daqueles que pretendem obter o poder e a grandeza espiritual, através de esforços mentais e especulações, sem a luz de Deus. Sabe-se que a luz do sol não brilha sobre a terra porque nós desejamos, tampouco podemos atrair a luz do sol para nós. Tudo o que fazemos é deixar as trevas, ou subir ao topo de uma

montanha que se ergue acima das nuvens. Do mesmo modo, a luz do sol da sabedoria divina não penetra a mente porque a mente deseja que ela a penetre; mas se nossas almas elevarem-se ao topo da montanha da verdadeira fé, cujo topo chega acima das nuvens do medo e da superstição, das especulações idólatras e das opiniões conflitantes, então a luz chegará a nós através de sua própria doce graça, e sem nenhum mérito ou esforço de nossa parte para atraí-la.

O baixo não pode produzir o alto; nada pode dar à luz a algo mais elevado do que aquilo que contém. Nem o homem animal ou racional pode criar Deus, mas o botão de lírio da divindade desabrocha-se no homem por seu próprio poder. O homem divino cria a si mesmo fora da vontade do homem. Ele é um deus, auto criado e auto existente; ele não fica maior nem menor; ele é o que é; tudo o que necessita são as condições necessárias para se revelar e essa condição é uma vontade pura e uma mente não perturbada por paixões e pensamentos idólatras, um coração repleto de tranquilidade e paz.

De fato, poucas são as pessoas capazes de penetrar tal estado de humildade para que a verdade eterna e divina possa se manifestar em nelas, sem que sejam distorcidas por pensamentos e desejos egoístas. Todos os seres humanos possuem em si a capacidade de ver a imagem divina que ali existe; mas a verdade é tão simples e descomplicada que não é aceita por aqueles cujos caminhos são complicados, e que portanto, procuram a complexidade em todo lugar.

Jacob Boehme possuía uma natureza simples e descomplicada. Recebeu uma educação externa e pequena; ele não tinha a necessidade de desaprender erros gravados, nem de apagar concepções errôneas e preconceitos de sua mente. Levando uma vida pura, sua alma era como um espelho limpo, no qual ele podia perceber a imagem da Divindade refletida; sua mente era como uma página imaculada, onde a palavra da verdade foi plenamente escrita. No entanto, assim como qualquer outra pessoa em estado semelhante, teve que superar certas ilusões em sua mente, que surgem das observações externas, e do reflexo das idéias que geralmente prevalecem. Ele diz:

“Antes de saber o que agora sei profundamente, pensava que não havia outro céu verdadeiro do que aquele que, num círculo azul, encobre o mundo acima das estrelas; pensava que Deus tinha ali uma existência separada, e que governava este mundo através de seu Espírito santo. Mas depois de ter me deparado com vários e difíceis obstáculos ao seguir esta teoria, cai num estado de profunda melancolia e pesar ao observar a grande profundidade deste mundo, o sol e as estrelas, as nuvens, a chuva e a neve, e toda a criação. Comparei tudo isso com a pequena mancha chamada ‘homem’, e quão insignificante ele é diante de Deus, se comparado com a grande obra que é o céu e a terra.<sup>1</sup> Descobri que existe o bem e o mal em todas as coisas, nos elementos assim como nas criaturas, e que neste mundo o fraco se depara com o mesmo fato que o piedoso, tendo boa e má sorte; além do mais, que os bárbaros ocupam os melhores países do mundo, e são mais favorecidos pela fortuna do que os piedosos; fiquei muito abatido, não pude encontrar consolo nem mesmo nas Sagradas Escrituras, embora conhecesse a Bíblia do princípio ao fim. Talvez o demônio tenha tido o seu papel em tudo isso, pois eu freqüentemente tinha pensamentos rudes, os quais não irei mencionar aqui<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Naquele tempo Boehme, como outras pessoas, tomava sua personalidade terrestre por seu verdadeiro ser, pois ainda não havia aprendido a conhecer o Deus dentro de seu próprio coração; sentia assim, a insignificância de si mesmo, se comparado com a grandeza do poder universal de Deus manifestado na natureza. Mas, um dia, percebeu que o Deus universal e o Deus de seu coração eram um só Deus, e que sua personalidade própria não passava de um entre os milhões de instrumentos similares ou organismos, através dos quais Deus está manifestando Seu poder.

<sup>2</sup>O “demônio” e os “poderes das trevas” constituem a vontade ígnea perversa, com suas produções demoníacas, originando de Lúcifer, o “Dhyanchohan” do demônio; o maior dos anjos, antes de sua queda.

“Quando meu espírito, cheio de sofrimento, movimentando-se como que numa grande tormenta, sinceramente surgiu em Deus, carregando consigo todo o meu coração e minha mente, com todos os meus pensamentos e com toda a minha vontade; quando eu não podia mais parar de lutar contra o amor e a misericórdia de Deus, a menos que sua Benção descesse sobre mim – ou seja, a menos que Ele iluminasse minha mente com Seu Espírito Santo, para que eu pudesse compreender a Sua vontade e me livrar de minha dor, então a luz do Espírito rompeu das nuvens. Enquanto que em meu fervor, lutava poderosamente contra os portais do inferno, como se tivesse mais forças do que as que estavam em minha posse, desejando arriscar a própria vida (que teria sido insuportável, sem o auxílio de Deus); após duras lutas contra os poderes das trevas, meu espírito rompeu as portas do inferno, e penetrou a essência mais íntima da Divindade recém-nascida, onde foi recebida com grande amor, tal qual aquele oferecido por uma noiva ao receber seu amado noivo. As palavras não podem expressar a grande satisfação e triunfo que experimentei então; tampouco poderia comparar tal satisfação com qualquer outra coisa, senão com o estado no qual a vida nasce da morte, ou com a ressurreição do morto. Durante este estado, meu espírito imediatamente viu através de todas as coisas, e reconheceu à Deus em todas as coisas, até mesmo nas ervas e nas pragas, e soube o que era Deus e qual era a Sua vontade. Então, minha vontade cresceu rapidamente nessa luz, e recebi um forte impulso de descrever o estado divino.” (Aurora, XIX. 4)<sup>2</sup>.

Na verdade, ninguém pode entrar no reino do céu (quer dizer, no auto conhecimento espiritual e na alegria inexprimível) senão aquele que renasceu no Espírito; ninguém pode renascer a menos que morra inteiramente para todos os sentidos da vontade própria, deixando de ser uma pessoa e começando a ser pura alegria, puro conhecimento.

Perceber essa verdade; saber que uma personalidade limitada, sujeita às condições do tempo e do espaço, não pode abarcar a alegria e a sabedoria infinita, é evidenciar que todas as tentativas de adquirir a sabedoria divina, na medida em que se liga ao eu, não é bem sucedida. De fato, ninguém deve buscar o conhecimento espiritual com o propósito de render a si mesmo, mas deve procurar morrer com o Cristo, ou seja, tornar-se inteiramente um com a verdade; já não é ele quem vive, mas a verdade vive nele. Não se deve buscar o reconhecimento, a renovação ou a satisfação, mas orar para que seu conhecimento lhe seja arrancado de si, a menos que ele leve à glorificação de Deus nele. Em resumo, ele não deve desejar se tornar nada, mas deve ser o novo conhecimento, alegria, sabedoria e a glória. Boehme diz:

“Eu nunca desejei saber nada sobre os mistérios divinos, nem compreendo como posso busca-los ou encontrá-los. Tudo o que busquei foi o coração de Jesus Cristo (o centro da verdade), onde devo me ocultar e encontrar a proteção da temível cólera de Deus; peço a Deus sinceramente que me conceda o Seu Espírito Santo e a Misericórdia, que Ele possa me abençoar, conduzir e afastar de mim tudo o que nos separa, a fim de que eu não viva em minha vontade própria, mas na Dele. Engajado nessa busca e nesse desejo sincero, a porta me foi aberta, de modo que em um quarto de hora, vi e aprendi mais do que se estivesse estudado por muitos anos nas universidades.” (Cartas, XII 6,7).

“Não sou um mestre da literatura ou das ciências deste mundo, mas um homem de mente simples. Nunca desejei aprender ciência alguma, mas desde tenra idade busquei a salvação de minha alma, e descobrir como poderia herdar ou possuir o reino do céu. Encontrei em meu interior um poderoso contrarium, ou seja, os desejos pertencentes ao corpo e ao sangue; Ingressei numa árdua batalha contra a minha natureza corrupta, e com o auxílio de Deus, decidi superar a vontade demoníaca que havia herdado, vencê-la e penetrar totalmente no amor de Deus no Cristo. Daquele

momento em diante, resolvi considerar-me como um morto quanto a minha forma herdada, até que o Espírito de Deus tomasse forma em mim, para que Nele e através Dele, pudesse conduzir a minha vida. Isso era praticamente impossível, mas permaneci firme em minha sincera resolução, travando uma dura batalha contra mim mesmo. Enquanto buscava e lutava, com o auxílio de Deus, uma luz maravilhosa surgiu em minha alma. Era uma luz completamente estranha à minha natureza descontrolada; nela reconheci a verdadeira natureza de Deus e do homem, a relação existente entre eles, algo que nunca havia compreendido, e que nunca teria buscado”. (Tilk. 20-26).

A compreensão da verdade de que nada somos, mas que Deus é tudo, é o princípio da verdadeira fé, que forma a base do verdadeiro conhecimento e o primeiro passo no caminho do desenvolvimento espiritual.

Querer, desejar, saber, depositar a vontade, não fazer nada além do que Deus quer, deseja, sabe ou faz no homem e através do homem é a verdadeira resignação; é a mais profunda humildade para a mente carnal; é, ao mesmo tempo, a glorificação de Deus no homem, e portanto o estado mais elevado que se pode alcançar.

“Espero continuamente pelo meu Redentor, desejando me submeter inteiramente à Ele, seja o que quer que Ele faça. Se Ele quiser que eu saiba qualquer coisa, então quero saber; mas se Ele não quer, então não desejo saber. Nele coloquei a minha vontade, meu conhecimento, minha ciência, meu desejo e a minha realização”. (Cartas, VIII.60).

“Centenas de vezes já orei à Deus, implorando para que Ele tirasse de mim todo conhecimento, caso esse não servisse para a Sua glorificação e para o melhoramento das condições de meus irmãos, e para que Ele apenas me mantivesse junto ao Seu amor. Mas quanto mais eu oro, mais o fogo interno se inflama, e em tal estado de ignição registro meus escritos”. (Cartas, XII.60).

Só a iluminação interior da mente pela luz da Verdade eterna e nenhum outro estado ou condição, constitui a verdadeira teosofia. Não se trata de aprendizagem intelectual de qualquer espécie, nem de moralidade, nem em ser piedoso ou virtuoso, nem de pertencer à qualquer Igreja ou sociedade, nem em humanitarismo, ou em qualquer coisa que possa ser realizado pelo homem; *a teosofia é o auto conhecimento de Deus no homem*, a iluminação da mente pela luz do *Cristo*, a própria Verdade eterna. Não é um “ramo da teologia” como afirmam alguns, nem um sistema de pensamento, nem uma escola, onde segredos desconhecidos são revelados, mas trata-se da própria *sabedoria divina*, sem qualquer outra qualificação. Está muito além de qualquer concepção meramente humana, inconcebível ao intelecto racional, e, portanto não pode ser explicada. É o que há de mais secreto, o que não pode ser conhecido por ninguém, senão por aquele que a experienciou; aquele que vive inteiramente no reino da animalidade ou no intelecto especulativo, não acredita que tal estado seja possível; de fato, ele é inatingível para qualquer pessoa; pois aquele que a penetra, deixa de ser uma pessoa, exceto no que diz respeito à sua aparência e forma externa, ou seja, todo sentido de personalidade se perde, deixando-se de existir no campo de sua consciência interior.

Torna-se desnecessário repetir que este estado não pode ser penetrado pelo exercício da vontade própria do homem animal; nem pode ser produzido para ele através de algum estudo intelectual; não depende de sua condição social, educação, profissão, ou qualificações na vida, mas chega ao homem única e exclusivamente através da misericórdia e graça de Deus. Isso significa a presença da luz divina, presença que depende da própria presença. Boehme diz:

“Agrada ao Supremo revelar seus segredos através do tolo, olhado pelo mundo como sendo um nada; percebe-se que seu conhecimento não procede destes tolos, mas Dele. Portanto, peço que

considerem meus escritos como sendo os de uma criança a quem o Supremo manifestou Seu poder. Há tanto dentro deles, que nenhum tipo ou quantidade de argumentação ou raciocínio pode compreender ou alcançar; mas para os iluminados pelo Espírito, sua compreensão é fácil, e não passa de uma brincadeira de criança”. (Cartas, XV 10).

“O entendimento nasce de Deus. Não é produto de escolas onde a ciência humana é ensinada. Não condeno o aprendizado intelectual, e se eu tivesse obtido uma educação mais elaborada, com certeza isso seria uma vantagem para mim, quando minha mente recebia o dom divino; mas agrada à Deus, transformar a sabedoria deste mundo em tonteira, e dar Sua força ao fraco, a fim de que todas as coisas se curvem diante Dele”. (Forty Questions, XXXVII 20).

O intelecto racional nada tem haver com as percepções naturais, mas é usado para trazer as idéias recebidas da percepção clara da verdade numa forma requisitada; e como a mente está numa posição mais elevada do que a condição normal, é comum acontecer que ao retornar ao estado inferior ela não compreenda, e nem mesmo se lembre das idéias expressadas durante aquele intervalo.

“Digo isso diante de deus, e testemunho diante de Seu julgamento, onde todas as coisas devem aparecer, que no meu eu humano, nada sei do que devo escrever; mas quando escrevo o Espírito dita aquilo que devo escrever, e me mostra tudo com tão maravilhosa clareza, que nunca sei se tenho minha consciência neste mundo ou não. Quanto mais eu busco, mais eu encontro, estou continuamente penetrando mais profundamente; sempre penso que minha pessoa pecadora era muito inferior e indigna para receber o conhecimento de mistérios tão exaltados e elevados; mas em tais momentos, o Espírito levanta o seu estandarte, dizendo: “Olhe! Aqui debes viver eternamente e ser coroado. Por que estais aterrorizado?” (Cartas, II. 10).

“Algumas vezes posso escrever com mais elegância e com um melhor estilo, mas o fogo que queima dentro de mim, me impulsiona. Minha mão e minha caneta tentam seguir os pensamentos, da melhor forma possível. A inspiração vem como uma chuva abundante. Aquilo que alcanço, eu tenho. Se fosse possível alcançar e descrever tudo o que percebo, meus escritos seriam mais explícitos”. (Cartas, X45).

Compreendemos como essas palavras, que as obras verdadeiramente inspiradas são bem diferentes daquelas produzidas por meio comum; no primeiro caso, o visionário percebe as verdades que irá expressar, enquanto que no segundo caso o intermediário é ainda uma máquina inconsciente, ou sente uma inspiração sem conhecer a natureza da fonte de onde surgem.

Não se deve supor que uma pessoa, enquanto habitar um corpo físico, dependente, até certo ponto, das condições externas, poderia estar o tempo todo num estado espiritual superior, necessário para perceber a glória eterna do reino de Deus em sua plenitude; mas deve haver, necessariamente, um retorno do estado inferior de consciência. Boehme diz:

“Assim como o relâmpago surge no centro, e num momento desaparece novamente, o mesmo ocorre com a alma. Quando durante sua batalha ela penetra as nuvens, vê a face de Deus como um raio de luz; mas as nuvens do pecado logo se juntam à sua volta, encobrendo sua vista”. (Aurora, XI. 76).

“Parte da natureza da alma tem sua origem na natureza, parte em Deus. Na natureza há o bem e o mal; o homem, através de suas tendências pecadoras, tornou-se sujeito ao que é ígneo na natureza; sua alma tornou-se diária e a cada momento marcada pelo pecado. Portanto, o poder da alma de reconhecer a verdade eterna não é perfeita”. (Aurora, Prefácio, 100).

“Enquanto Deus me guia com Sua mão protetora, entendo aquilo que escrevi; mas quando Ele se oculta, não reconheço meu próprio trabalho; isso prova a impossibilidade de penetrar os mistérios de Deus sem o auxílio do Espírito Santo”. (Cartas, X. 29).

Se a mente carnal não pode compreender a linguagem do Espírito, como então poderia chegar a um verdadeiro reconhecimento da verdade através de seu próprio raciocínio? Tal raciocínio chega, na melhor das hipóteses, a uma opinião sobre o que a verdade não é, mas não a uma percepção do que ela é. Quem quiser compreender tais escritos, deve penetrar o espírito do autor. O raciocínio puro não irá ajudar.

“Esses escritos transcendem o horizonte do raciocínio intelectual, e seu significado interior não pode ser alcançado através da especulação e da argumentação; é preciso que a mente esteja num estado semelhante à Deus, iluminado pelo Espírito da Verdade”. (Cartas, XVIII. 9).<sup>3</sup>

“Se alguém deseja me seguir na ciência das coisas, das quais escrevo, que sigam os vãos de minha alma e não os de minha caneta.” (Three Principles, XXIV. 2).

Esse vão para as regiões da liberdade eterna é impossível para aquele que está amarrado com as correntes forjadas pela ilusão do “eu”; inatingível para aqueles que buscam um conhecimento de Deus, a fim de satisfazerem suas curiosidades, ou com algum outro objetivo egoísta.

“Acima de tudo, examine consigo mesmo, o propósito de conhecer os mistérios de Deus, e se estais preparado a empregar aquilo que receber para a glorificação de Deus e para o benefício do próximo. Você está pronto para morrer inteiramente para sua vontade terrestre e egoísta, e desejais, sinceramente ser um com o Espírito? Aquele que não tiver tais propósitos elevados, e busca apenas um conhecimento que satisfaça o seu eu, ou para ser admirado pelo mundo, não está apto a receber tal conhecimento”. (Clavis, II. 3).

Esse estado não é atingido sem dura batalha contra os poderes das trevas.

“Se alguém deseja me seguir, que não seja intoxicado pelos pensamentos e desejos terrestres, mas que seja cingido pela espada do Espírito, pois terá que descer à terrível profundidade, por não dizer ao meio do reino do inferno. É muito duro lutar contra o demônio entre o céu e a terra, por ele ser um poderoso senhor. Durante tais batalhas passei por experiências amargas, que encheram meu coração de dor. Frequentemente o sol desaparecia da minha vista, mas depois surgia novamente e quanto mais o sol se punha, mais lindo, claro e magnífico era o seu raiar”. (Aurora, XIII. 20).

Aquele que não deseja nada para si mesmo, a ele tudo será dado. O infinito não pode ser contraído, a fim de ser compreendido pela mente finita do homem; a mente do homem é que deve se expandir através do poder do Espírito, tornando-se consciente de sua infinidade e assim irá conceber a verdade infinita.

“O conhecimento espiritual não pode ser comunicado de um intelecto para outro, mas deve ser buscado no Espírito de Deus. Na verdade, os escritos teosóficos irão até mesmo transmitir ao intelecto, algum raio de reconhecimento; mas se o leitor for considerado indigno, por Deus, de ter a

---

<sup>3</sup> “Uma vez que compreendas o verdadeiro significado daquilo que escrevi, será libertado do conflito de opiniões e possuirás o auto conhecimento; mas, é claro que isso não ocorre pela mera leitura das Cartas, mas pelo poder vivo do Espírito de Cristo”. (Apologia).

luz divina inflamada em sua própria alma, então ele só ouvirá as inexprimíveis palavras de Deus”. (Cartas, IV. 8).

“Quem lê esses escritos e não pode compreendê-los, não deve colocá-los de lado, imaginando que nunca serão compreendidos. Deve buscar mudar a sua vontade, elevar sua alma à Deus, rogando-lhe a graça e a compreensão, e então ler novamente. Com certeza, irá perceber mais verdade do que antes, até que por fim o poder da vontade de Deus se manifeste nele, atraindo-o para as profundezas, para o fundamento supranatural – isto é dizer, na eterna unidade de Deus. Então ele irá ouvir as reais mas inexprimíveis palavras de Deus, que irão conduzi-lo através da radiação divina da luz celestial, mesmo com as formas mais grotescas da matéria terrestre, e daí novamente de volta para Deus; e o Espírito de Deus irá buscar todas as coisas nele e com ele”. (Clavis, Prefácio, 5).<sup>4</sup>

## **CAPÍTULO II**

### **A UNIDADE DE TUDO**

*“Somos todos um só corpo em Cristo e todos temos o Espírito de Cristo ao nosso alcance. Se, portanto, penetrarmos o Cristo, poderemos ver e conhecer todas as coisas pelo poder de Seu Espírito”.* (Forty Questions, XXVI. 5).

O que é finito não pode receber o infinito; aquilo que tem um começo não pode conceber aquilo que não tem começo nem fim. Quem já mediu o espaço? Ele tem um fim? E se tivesse, o que há além do limite do espaço? Mas se não há fim para o espaço, não nos perderíamos ao tentar penetrar a sua profundidade? Não podemos conceber o espaço infinito, mas podemos conceber as formas limitadas, que é o objetivo do espaço representado; ao descrevermos uma forma descrevemos o espaço num certo estado ou condição. Do mesmo modo, não podemos descrever o que existe eternamente em Deus, nem o eterno processo que ocorre continuamente na vida divina, senão falando como se houvesse um começo no tempo, usando termos terrestres, mesmo sendo estes inadequados para produzir uma concepção daquilo que não pode ser concebido pela mente terrestre, porque se encontra infinitamente acima de todas as coisas terrestres.

“Não posso descrever a totalidade da divindade como se fosse um círculo, porque Deus é imensurável; no entanto, a Divindade não é inconcebível ao espírito que repousa no amor de Deus. Tal espírito pode atingir a verdade eterna, de parte em parte e desta forma, acabará compreendendo a totalidade”. (Aurora, X. 26).

“Se tenho que tornar compreensível a geração eterna, a revelação ou a evolução de Deus, fora de Seu próprio ser sou obrigado a usar uma maneira diabólica (sabidamente errônea), como se a Luz eterna tivesse se inflama nas trevas, e como se a Divindade tivesse um princípio. Não posso instruí-los de outra forma, se pretendo que vocês adquiram uma concepção aproximada da Divindade. Não há nada primeiro e nada depois na geração e evolução, mas ao descrevê-la tenho que colocar uma coisa depois da outra”. (Aurora, XXIII. 17-33).

---

<sup>4</sup> Talvez isso também possa ser expresso nas seguintes palavras: Não é o intelecto mortal, mas a divindade no homem, que possui o conhecimento divino... Um homem que nada sabe de Deus, e que não tem fé em nada do que é divino, que poderia ser revelado nele, não pode possuir o auto conhecimento divino; mas se o homem, obediente à lei, entra num estado de harmonia e união com Deus, então Deus poderá ser revelado dentro dele e a mente, sendo penetrada pela luz do espírito divino, faz com que o homem participe do conhecimento da divindade. Desta forma, ele pode aprender tudo sobre todas as coisas nos três reinos; pois, o Espírito de Deus permeia o Todo. O conhecimento oculto, portanto, não consiste em juntar informações ou opiniões de livros e autoridades, mas seu fundamento é o reconhecimento da vontade divina no homem.

“Não pretendo dizer que a Divindade teve um princípio; só desejo mostrar como a Divindade revelou-se através da natureza. Deus não tem princípio no tempo; Ele tem um princípio eterno e um fim eterno”. (Signature, III. 1).

“A Divindade é um laço eterno, que não pode perecer. Ela gera a si mesma de eternidade em eternidade, e o primeiro ali é sempre o último, e o último o primeiro”. (Three Principles, VII. 14).<sup>5</sup>

Aquilo que está sujeito às condições do tempo concebe as coisas temporais; só o que é eterno no homem pode conceber a existência do eterno.

“Não podemos falar a língua dos anjos, mesmo se pudéssemos tudo pareceria como se estivéssemos falando sobre seres criados, para os habitantes deste mundo, e diante da mente terrestre se apresentaria como algo terrestre. Somos apenas parte do todo; só podemos conceber e falar de partes, mas não do todo”. (Threefold Life, II 66).

“Advirto ao leitor, que toda vez que falar da Divindade e de seu grande mistério, não compreenda o que digo como se pretendesse que fosse compreendido num sentido terrestre, mas tome isso de um ponto de vista elevado, num aspecto supra natural. Frequentemente sou forçado a dar nomes terrestres ao que é celeste, para que o leitor possa formar um conceito, e ao meditar sobre ele possa penetrar no fundamento interno”. (Grace, III 19).

Deus é auto existente, auto suficiente, Vontade infinita, e não tem origem. A Vontade, concebendo a si mesma, cria um espelho dentro de seu próprio ser. O mesmo ocorre no microcosmo do homem. Ao conceber o seu próprio ser o homem cria um espelho no qual “sente” o seu próprio ser, dando início à sua auto consciência e compreendendo sua existência como um ser individual.

“Dentro do não fundamento (que alguns escritores denominam de ‘Não-Ser’ – um termo sem nenhum significado) não há nada senão tranquilidade eterna, um eterno repouso sem começo e sem fim. É verdade que mesmo ali Deus tenha uma vontade, mas essa vontade não pode ser objeto de nossa investigação, já que qualquer tentativa de investigá-la produziria pura confusão em nossa mente. Concebemos essa vontade como constituindo o fundamento da Divindade. Ela não tem origem, mas concebe a si mesma em si mesma”. (Menschwerdung, XXI. 1).

“A Inteligência Divina é uma vontade livre. Ela nunca se origina do poder ou através do poder de qualquer coisa. Ela é ela mesma, e reside unicamente dentro de si, sem ser afetada por qualquer coisa, porque não há nada fora ou anterior à ela”. (Mysterium, XXIX. 1).

“A Liberdade Eterna possui a vontade, e é a vontade. Na vontade há um desejo de realizar ou um impulso de desejar alguma coisa. Não há nada além dessa vontade, para o que tal impulso pudesse ser dirigido. A vontade portanto vê em si mesma como na eternidade; ela vê o que é, e assim cria em si um espelho”. (Forty Questions, I.13).

Através desse reflexo eterno, ou Deus vendo a si mesmo, dentro de Si mesmo, a auto consciência divina, ou seja, o auto conhecimento de Deus, ou em outras palavras, a sabedoria divina, existe. A Vontade eterna, em seu aspecto de Pai, concebe eternamente de si, o aspecto de Filho e se re-expande como Espírito Santo. O mesmo processo, em menor escala, ocorre no microcosmo do homem: pois se ele se encontra, em si mesmo, penetrando o abismo infinito dentro

---

<sup>5</sup> Deus é imutável, e não tem começo no tempo; o “começo” refere-se apenas a manifestação de Seu poder na natureza. A natureza assemelha-se a uma roda que gira continuamente, onde formas, nas quais o poder de Deus se manifesta, nascem e morrem. A morte de uma forma é o nascimento de outra. Assim a vida nasce da morte; mas aquilo que produz vida e causa a morte é eterno.

de si, encontra na auto consciência de sua própria humanidade, o poder e a força, que ao se expandirem tornarão poderosa a sua vontade, podendo agir até à distância imensurável.

É dito que, quanto mais fundo mergulharmos, penetrando nosso próprio centro, mergulhando na fundação infundada de nossa própria alma, a ponto de nossa personalidade ficar completamente perdida; mais alto, seremos exaltados no reino do ser divino e universal.

“Deus é a vontade da sabedoria eterna, a sabedoria eternamente gerada Dele, em Sua revelação. Essa revelação ocorre através de um espírito ternário. Primeiro através da Vontade eterna, em seu aspecto de Pai; depois, através da Vontade eterna em seu aspecto de amor divino, o centro ou o coração do Pai; e finalmente através do Espírito, o poder que emana da vontade e do amor.” (Mysterium I. 2,4).

“O Pai é a vontade do não fundamento (Absoluto). Essa vontade concebe em si mesma o desejo de manifestar-se. Esse amor ou desejo é o poder concebido pela vontade ou Pai, dentro de si – ou seja, o Filho, coração ou morada (a primeira fundação dentro da não fundação ou não fundamento), o primeiro princípio dentro da vontade. A vontade é falada através da concepção de si mesma, e essa emissão da vontade em fala ou respiração é o Espírito da Divindade”.<sup>6</sup> (Mysterium, I.2).

“A primeira vontade inconcebível, sem qualquer origem, gera em si mesma o único e eterno Deus – uma vontade conceptível, sendo o filho da vontade sem causa, mas igualmente eterna com a primeira. Esta outra vontade é a sensibilidade e conceptibilidade da vontade primordial, pela qual aquilo que não é nada se encontra como sendo algo. Ao fazer isso, a vontade inconcebível sem causa, emerge o que encontrou eternamente, penetrando um estado de meditação eterna sobre seu próprio ser. A primeira vontade sem causa é chamada de Pai eterno; a vontade concebida e gerada do não fundamento é seu Filho congênito; a emissão da vontade insondável através do Filho concebido é o Espírito. Assim, a vontade única do Absoluto, através da concepção primeira, eterna e sem princípio, manifesta uma atividade ternária, mas permanece sendo uma vontade indiferenciada”. (Grace, I 5-12).

Esse reflexo eterno, ou Deus encontrando a Si mesmo em Si mesmo, pode ser chamado de imaginação divina. Ela é tão infinita como o Espírito trino, encontrando-se naquele espelho infinito da sabedoria divina, mas permanece um mero poder passivo com relação à vontade ativa. No mesmo sentido, a mente do homem não é o homem propriamente dito, e sua imaginação é ou deveria estar sujeita à sua vontade; um homem sem o poder de pensar ou imaginar é inconcebível, e não poderia existir como um ser humano.

“A primeira atividade em Deus é a contemplação divina ou sabedoria, pela qual o Espírito de Deus, com seus poderes exalados, atua como um poder único e uniforme. Não tem começo nem fim, mas é infinito, e seu poder formativo não tem limites”. (Grace, I. 14).

Deus, em seu aspecto de Pai ou vontade criativa, é, portanto o elemento ativo ou masculino na criação, enquanto que a divina sabedoria, a mãe, é o princípio produtivo passivo, desprovida de qualquer vontade própria, mas atuando inteiramente de acordo com a vontade do pai, que está nela. É verdadeiro que a vontade do Pai nada produziria se não fosse pela presença da mãe, em quem as formas estão envolvidas – ou, para expressar em outras palavras, Ele não poderia criar nada se não tivesse a sabedoria para tanto; mas toda a sabedoria no mundo não cria nada, a menos que se torne ativa através da vontade.

---

<sup>6</sup> A possibilidade de um ser conceber de si próprio é experimentada pelo seu despertar para uma consciência de seu próprio ser.

“A sabedoria coloca-se diante de Deus como um espelho ou reflexo, onde a Divindade vê seu próprio ser e todas as grandes maravilhas da eternidade, que não tem começo, nem fim, no tempo, cujo princípio e o fim são eternos. A sabedoria é uma revelação da Santíssima Trindade; isso não deve ser compreendido como se ela revelasse a si mesma à Deus, através de seu próprio poder ou escolha, mas o centro divino, o coração e essência de Deus, torna-se revelado nela. Ela é como um espelho da Divindade, e como qualquer outro espelho, simplesmente permanece quieta; ela não produz imagem alguma, mas simplesmente a concebe”. (Menschwerdung, I, 1, 12).

Aquilo que o Pai deseja conceder eternamente, a mãe deseja receber eternamente.

A vida é masculina, a terra ou a “matéria”, feminina. A terra não faz a semente crescer, mas a semente plantada na terra carrega consigo o poder de crescer; a terra simplesmente fornece o material que a vida na semente extrai da terra. Do mesmo modo, a mãe não cria o filho, mas fornece os materiais necessários ao espírito criativo existente na criança, o qual, antes de nascer, atrai do organismo da mãe tudo o que necessita; podemos comparar essa extração, ao modo como ela extrai o alimento do seio da mãe depois de nascer.<sup>7</sup>

“A sabedoria é a palavra revelada do poder divino, conhecimento e santidade, uma antítese da insondável unidade na essencialidade, onde o Espírito Santo forma uma imagem. Ela é passiva, mas o Espírito de Deus é ativo, como a alma no corpo”. (Clavis, V. 18).

Essa Trindade eterna é inconcebível quanto a seu aspecto de potencialidade espiritual, do mesmo modo que um fogo é inconcebível se não queima; mas assim como o fogo que queima se revela por meio da luz e do calor, o poder divino revela-se num aspecto ternário na natureza eterna.

“O Espírito ternário é uma unidade, um único ser; ou falando mais corretamente, não um ser, mas Razão eterna; conseqüentemente um mistério comparável à inteligência do homem, que também é incompreensível”. (Mysterium, I. 5).

“Deus em seu aspecto primitivo não deve ser concebido como um ser, mas como um poder ou inteligência constituindo a potencialidade para ser – uma vontade insondável e eterna, onde tudo está contido e que embora sendo tudo é *um*, mas desejoso de revelar-se e de entrar num estado de ser espiritual. Isso ocorre através do fogo no desejo do amor, ou seja, no poder da luz”. (Mysterium, VI 1).

“Não temos porque falar que Deus é três pessoas, nesse ponto, mas Ele é ternário em sua evolução eterna. Ele dá nascimento a Si mesmo na trindade; nesse desdobramento eterno continua sendo *um ser*, nem o Pai, nem o Filho, nem o Espírito Santo, mas unicamente a vida eterna ou Deus. A vontade ternária torna-se compreensível em Sua eterna revelação, só quando Ele revela a Si mesmo por meio da natureza eterna – ou seja, na luz através do fogo”. (Mysterium, VII 9 – 12).

---

<sup>7</sup> Os homens e mulheres terrestres são organismos masculinos e femininos, nos quais os elementos passivos e ativos da criação estão se manifestando em sua expressão externa. Todo homem tem em si elementos masculinos e femininos. Uma mulher em que apenas o princípio da vontade fosse ativo, sem a presença do pensamento, não seria mais do que um acúmulo de força cega. Um homem sem qualquer elemento feminino, ou seja, sem vontade, seria como um espelho cheio de imagens, mas incapaz de produzir qualquer coisa. A verdadeira mulher, no casamento ideal da alma, não tem outro pensamento senão o de seu marido; nem o verdadeiro homem faz qualquer outra coisa senão o que é compatível com o desejo de sua esposa.

Na tranqüilidade da liberdade eterna, o Pai ainda não aparece como um pai. Ele só aparece como pai quando está desejoso de criar, concebendo em Si a vontade de gerar a natureza em Si mesmo”. (Threefold Life, IV 64).

Não podemos conceber um homem sem qualquer tipo de corpo, nem um Deus universal sem uma natureza universal. A exata essência que constitui o “homem” é vontade e inteligência manifestando-se em uma forma humana. Deus só começa a existir como um ser quando se manifesta na natureza. É desta forma que Deus tem se revelado desde toda a eternidade; a causa desta auto revelação repousa primeiramente na vontade de Deus, na Trindade e na ânsia da sabedoria eterna.

“Sobre a eternidade não podemos falar de outra forma senão como de um espírito, pois tudo era espírito no princípio; mas esse espírito também tem se envolvido num ser, desde toda a eternidade”. (Menschwerdung I 2).

“Aquilo que é tranqüilo e sem ser, repousa em si mesmo, não contém as trevas, mas é uma felicidade lúcida, clara e calma. Isso é, pois a eternidade, sem nada mais, e significa acima de tudo Deus. Mas como Deus não pode existir sem um ser, Ele concebe em Si mesmo uma vontade, e essa vontade é amor”. (Threefold Life, II 75).

“A totalidade do Ser divino está num estado de contínua e eterna geração, comparável à mente de um homem, mas imutável. Os pensamentos nascem continuamente da mente de um homem, e deles surgem o desejo e a vontade. Do desejo e da vontade surge a ação, e as mãos realizam suas obras, de modo a se tornar substancial. Desta forma, a ação está com a evolução eterna”. (Three Principles, IX 35).

“No princípio, a vontade é fraca como um nada; depois, ela deseja e aspira a ser algo e a manifestar-se. Esse nada faz com que a vontade entre num estado de desejo; esse desejo é uma imaginação. A vontade observando-se no espelho da sabedoria faz com que sua própria imagem apareça no não fundamento, criando o fundamento em sua própria imaginação”. (Menschwerdung, II 1).

“A Sabedoria, a virgem eterna, a companheira de Deus para Sua honra e alegria, torna-se cheia de desejo de observar as maravilhas de Deus, contidas em si mesma. Devido a esse desejo, as essências divinas dentro dela tornam-se ativas e atraem o santo poder; é assim que a sabedoria entra num estado de ser permanente; sua inclinação repousa no Espírito Santo. Ela simplesmente movimenta-se diante de Deus com a finalidade de revelar as maravilhas de Deus”.<sup>8</sup> (Three Principles, XIV. 87).

A possibilidade da revelação de Deus, de forma corpórea ou externa, repousa no poder mágico divino, que existe dentro da própria vida divina. É o poder da vontade mágica de produzir aquilo que deseja.

“O poder mágico é o Espírito desejoso de ser. Não é essencialmente nada senão vontade, mas entra em existência. Este é o maior mistério; está acima da natureza e faz com que a natureza tome formas, segundo a forma de sua vontade. Ela introduz o fundamento no abismo do não fundamento, transformando o nada em algo. É a mãe da eternidade e da essencialidade de todos os seres. Nela estão contidas todas as formas dos seres. Não é o intelecto, mas atua segundo a vontade

<sup>8</sup> Assim, a sabedoria divina no homem não especula ou “extrai conclusões lógicas”, nem é dependente de conhecimento ou comunicação recebida de alguém; mas é o poder da verdadeira fê viva, ou seja, o poder do espírito do homem de alcançar as verdades espirituais existentes em seu próprio ser.

do intelecto. Não é a majestade, nem os poderes propriamente ditam, mas um desejo penetrando na natureza escura (matéria) e procedendo através da natureza escura no fogo, e através do fogo para a luz. Através deste poder mágico as maravilhas do número Três revelam-se através da natureza”. (Six Mystical Points, V. I – II).

“A corporalidade de Deus resulta de Sua essencialidade. Essa essencialidade não é espírito, mas é como se fosse uma impotência, se comparada com o poder onde o Três reside. Essa essencialidade é o elemento de Deus, onde está a vida, mas não a inteligência”. (Threefold Life, V . 53).

A tese pressupõe a antítese. No *Um* não há relação. Não pode haver consciência manifesta sem algo do que se tenha consciência, e sem aquilo que deve ser a consciência. Sem a natureza não poderia haver a liberdade da natureza; sem o positivo não haveria o negativo; sem a base obscura do fogo, não haveria luz.

“O *Um* não tem nada em si que poderia desejar; tal unidade tampouco poderia sentir o seu próprio ser. Isso só é possível num estado de dualidade”. (Theosophical Questions, III. 3).

“Se tudo fosse apenas *um*, esse *um* não poderia manifestar-se. Se não houvesse angústia, a alegria não poderia ser conhecida”. (Mysterium, IV. 22).

“Deus introduz Sua vontade na natureza, a fim de revelar Seu poder na luz e na majestade, para constituir um reino de alegria. Se não houvesse uma natureza originando-se na unidade eterna, não haveria nada mais do que a tranquilidade eterna. A natureza entra num estado de dor, a tranquilidade transforma-se em movimento, e os poderes tornam-se audíveis como as palavras”. (Grace, II . 16).

O *Um*, o “Sim”, é puro poder, e a vida e a verdade de Deus, ou o Deus propriamente dito; mas Deus seria irreconhecível a Si próprio, e haveria nele nenhuma alegria ou percepção, se não fosse pela presença do “Não”. Esse é a antítese ou o oposto ao positivo ou a verdade; ele faz com que a verdade torne-se revelada, o que só é possível por ser o oposto, onde o amor eterno pode se tornar ativo e perceptível”. (Theosophical Questions, III. 2)

“Se existe luz é porque existe fogo. O fogo produz a luz, e a luz é o fogo manifesto; ela recebe a natureza do fogo em si e reside no fogo”. (Mysterium, XL . 2)

“A alegria entra no estado de desejo com a finalidade de produzir um amor ígneo, um reino de alegria, que não poderia existir na tranquilidade”. (Signature, VI. 2)

“A majestade de Deus não se revelaria com todo poder, alegria e magnificência, se não fosse pela atração causada pelo desejo. Do mesmo modo, não haveria luz, se o desejo não fosse penetrante e obscurecedor, criando um estrado de trevas, que cresce até que ocorra a ignição do fogo”. (Grace, II. 14)

O bem relativo não pode existir sem o mal relativo, o mal não existe sem o bem. O fogo não pode existir sem a luz, assim como a luz não pode existir sem o fogo. Nenhuma multiplicidade é possível sem a unidade. Cada uma requer e deseja a outra.

“A Luz e as trevas são opostas, mas há entre elas um vínculo, de modo que nenhuma poderia existir sem a outra”. (Threefold Life, II. 86)

“Em Deus há dois estados, eternos e sem fim, a luz eterna e as trevas eternas. A luz é Deus, e nas trevas não haveria dor se não fosse pela presença da luz. A luz faz com que as trevas anseiem pela luz e com isso sofra a angústia”. (Three Principles, IX.30)

“A vontade emergindo do estado de unidade (ao assumir uma posição contra a unidade, desejando seu próprio ser) entra num estado de desejo; esse desejo é magnético, ou seja, interiorizador, mas a unidade como tal é exteriorizadora; ela deseja exprimir-se, a fim de tornar-se revelada. Tendo a vontade sido expressada do estado de unidade, deseja penetrar a si mesma, de modo a alcançar sensações na unidade, e para que com isso, a unidade possa alcançar a sensação na vontade”. (Theosophical Questions, III. 9)

“A vida-luz tem seu impulso e movimento próprio, assim como o fogo-vida; mas esse gera a primeira, que é o senhor da segunda. Se não houvesse fogo, não haveria nem luz, nem espírito; e se não houvesse espírito para soprar sobre o fogo, esse seria extinto e as trevas governariam. Nenhum dos dois seria nada sem o outro; ambos são dependentes um do outro”. (Forty Questions, I. 62).

Contudo, não há igualdade entre essa dualidade, porque a unidade é superior à multiplicidade, a liberdade é superior à natureza, a luz ao fogo; o elevado sempre governa o inferior.

“A vontade é como uma vida insensível, mas encontra o desejo, e querendo o desejo se constitui num ser. A vontade é superior ao desejo, pois embora o desejo seja uma causa excitante para a vontade, a vontade é uma vida sem uma causa e é também inteligência. É, portanto, senhor do desejo. Ela rege a vida do desejo e o usa como convém. Essa vontade-espírito eterna, sabemos ser Deus, mas a vida ativa do desejo é a natureza eterna”. (Inner Mystery, i I, III 2).

“Deus é desde a eternidade Poder e Luz, e é chamado Deus por causa disso, mas não de acordo com o espírito-ígnico. Quanto a esse, não falamos dele como Deus, mas como ‘a cólera de Deus’ e a parte de Seu poder que consome. A luz de Deus também possui a qualidade do fogo, mas em nela a cólera é transformada em amor; ódio e amargor doem numa humilde beneficência e doce desejo ou satisfação”. (Menschwerdung, i 5-16).

“A fonte do amor é uma detentora e mantenedora da corrente colérica, um superar do poder áspero, pois a brandura afasta o comando do poder duro e pungente do fogo. A luz da paz mantém as trevas aprisionadas e reside nas trevas. O poder rigoroso deseja unicamente o colérico e o aprisionamento na morte; mas a brandura emerge como um doce crescimento, ela desabrocha e supera a morte, dando a vida eterna”. (Threefold Life, II 92).

“Quando o amor revela-se na luz através do fogo, corre pela natureza e a penetra, como o brilho do sol penetra uma erva ou o fogo penetra o ferro”. (Clavis, VIII 36).

Para compreender o que foi dito acima, basta perceber tais coisas dentro de seu próprio ser. Para o intelecto especulativo permanecerão sempre um mistério.

Não é no tronco, na raiz, nos galhos ou nas folhas, mas somente na flor de uma planta é que se pode encontrar os germens que produz o fruto ou a semente do qual uma nova planta de qualidade similar possa crescer. Do mesmo modo, não é nas paixões do homem, nem em suas aquisições intelectuais, mas unicamente no florescimento espiritual de sua alma, onde existe o germe para o ser recém nascido capaz de obter consciência de sua própria imortalidade.

### **CAPÍTULO III**

## **AS SETE PROPRIEDADES OU QUALIDADES DA NATUREZA ETERNA<sup>9</sup>**

- |           |            |             |
|-----------|------------|-------------|
| <b>I.</b> | <b>II.</b> | <b>III.</b> |
|           | <b>IV.</b> |             |
| <b>V.</b> | <b>VI.</b> | <b>VII.</b> |

Quando o *Um* Eterno, em seu aspecto de Trindade e com referência à sabedoria divina, revelou-se nos sete planos de existência, essa revelação constituiu-se de sete raios ou estados da natureza eterna, comparável à escala setenária de cores, tons, substâncias químicas, etc.; todos são sete diferentes formas nas quais o *um* fundamental se manifesta. Destas sete formas ou estados fonte da natureza eterna, a primeira e a sétima referem-se ao Pai, a segunda e a sexta, ao Filho, a terceira e a quinta, ao Espírito Santo, enquanto que a quarta representa o equilíbrio no qual existe a divisão entre espírito e matéria.

“A Essência eterna, desejando revelar-se a si mesma (para obter auto consciência), teve que conceber em si uma vontade; mas como em si mesma não havia objeto para sua vontade ou desejo, exceto o Verbo poderoso, que na eternidade tranqüila não existia, os sete estados da natureza eterna tiveram que nascer ali. Daí procede então, de eternidade em eternidade, o Verbo poderoso, o poder, o coração e a vida da eternidade tranqüila e de sua sabedoria eterna”. (Threefold Life, iii 21).

“A primeira e a sétima qualidade devem ser consideradas como uma, assim como a segunda e a sexta, e também a terceira e a quinta; mas a quarta é objeto de divisão. A primeira refere-se ao Pai, a segunda ao Filho e a terceira ao Espírito Santo”. (Clavis, IX 75).

Através da manifestação destas sete qualidades da natureza eterna a infinidade do ser divino não se torna limitado; são apenas sete diferentes formas onde o poder de Deus está se manifestando, e a existência de cada uma destas sete propriedades depende da existência das outras.

Se falo dos setes estados da natureza eterna, não é para ser compreendido como se houvesse uma limitação da Divindade com relação ao objeto e medida. Seus poderes e sabedoria não tem fim, são imensuráveis e indizíveis” (Mysterium, VII.17).

“Não imaginem esses sete espíritos como as estrelas, vistas uma ao lado da outra no céu; todos são como que um espírito. Da mesma forma, o corpo do homem possui vários órgãos, mas cada órgão participa do poder dos outros”. (Aurora, X.40).

É no mesmo sentido que falamos da carne e do sangue, das artérias, veias e nervos de um corpo, todos contribuindo para a formação de um único organismo. Assim como uma gravura é formada por diferentes cores, onde cada uma tem sua própria individualidade, mas cuja soma total se faz necessária para a formação de uma gravura particular.

---

<sup>9</sup> Pergunta-se como é possível que Jacob Boehme soubesse algo sobre o processo espiritual invisível que ocorre no universo. A resposta é que o espírito do homem é um e universal, e aquele que conhece seu próprio ser divino, conhece todo o universo. Do ponto de vista espiritual, o universo cósmico procede no corpo da natureza universal são processos internos que ocorrem no organismo do homem macrocosmo, espelhado e eternamente repetido no microcosmo do indivíduo. A história do universo é a história de um homem.

“Assim como os órgãos do corpo do homem amam uns aos outros, o mesmo ocorre com os espíritos no poder divino. Não há nada senão ânsia, desejo e plenitude e cada um triunfa e regozija-se no outro”. (Aurora, IX.37).

São como sete raios vivos e conscientes contendo em si o raio incolor original, surgindo em sete diferentes tinturas, através de sua passagem pela “matéria”.

“Sabe-se que um único espírito não pode gerar outro, mas o nascimento de um espírito resulta da cooperação de todos os sete. Seis deles sempre geram o sétimo, e se algum deles estivesse ausente os outros não poderiam estar presente”. (Aurora, X.21).

“Todos os sete espíritos de Deus nascem um nos outros. Um dá origem ao outro; não há primeiro ou último. O último gera o primeiro, assim como o primeiro gera o segundo, o terceiro gera o quarto, até o último. Todos os sete são igualmente eternos”. (Aurora, X.2).

“Se às vezes descrevo somente dois ou três como ativos na geração de outro espírito, é devido à minha fraqueza, pois em minha mente degenerada não posso reter a impressão da ação de todos os sete em sua perfeição. Vejo os sete, mas quando começo a analisar o que vejo, não posso alcançar os sete, mas um de cada vez”. (Aurora, X 22).

As sete propriedades nunca são transformadas uma na outra; cada uma retém eternamente sua própria essencialidade específica. As relações que ocorrem entre elas tem a finalidade de uma glorificação mútua; assim, quando elas se encontram como correntes de uma doce harmonia, na natureza eterna de Deus, aparecem como luzes flamejantes de vida e alegria. Assim, a matéria nunca é transformada em espírito, mas é por ele iluminada e glorificada, enquanto o espírito obtém sua corporificação da matéria, sendo capaz de se manifestar.

Da mesma forma, a ignorância nunca é transformada em conhecimento, nem a morte em vida; mas uma pessoa ignorante pode se tornar sábia se iluminada pela luz da sabedoria, e um corpo em que a vida está inativa pode ser vivificado se a atividade da vida surgir ali.

“Cada um desses princípios é fortemente definido com relação à sua natureza; mo entanto, não há antipatia entre eles. Todos se regozijam em Deus, como um só espírito. Cada um ama o outro, e não há nada entre eles senão alegria e felicidade. A evolução desses princípios é um eterno *um*, e não qualquer outro”. (Aurora, X. 51).

“Quanto mais alto forem exaltados, e quanto mais inflamados, maior será a alegria deles no reino da luz”. (Mysterium, V.6).

“Cada qualidade do espírito deseja a outra, e quando ela adquire esse objeto, torna-se como se tivesse sido transformada na outra; mas sua própria qualidade não se perde, simplesmente se adapta à outra, e manifesta um outro tipo de angústia (consciência), mas ambas mantêm suas próprias qualidades especiais”. (Threefold Life, IV. 8).

Assim, as trevas são iluminadas pela luz, mas elas nunca se tornam luz, nem a luz pode se tornar trevas. A luz brilha eternamente nas trevas, mas as trevas não a compreendem.

“Cada uma dessas formas divinas de vida deseja governar; cada uma possui sua vontade própria. Ao contrário não haveria nem sensibilidade, nem perceptividade, apenas uma eterna tranquilidade. Nenhuma delas faz pressão, a fim de manifestar-se mais do que as outras, todas estão em perfeita harmonia”. (Stiefel, II. 348).

“Quando o quarto princípio penetra o primeiro, todos os espíritos misturam sua luz, triunfo e regozijo. Eles surgem uns nos outros, e envolvem cada um como num movimento circular; a luz no meio deles começa a brilhar, oferecendo-lhes a luminosidade. A qualidade áspera permanece oculta, como uma semente na fruta. Assim como uma maçã amarga ou azeda transforma-se, ao amadurecer sob o sol, adquirindo um sabor adocicado, ainda que mantenha as características que a constitui uma maçã, a Divindade retém suas próprias qualidades essenciais, mas elas se tornam manifestas de forma doce e agradável”. (Aurora, XIII 80).

“Todos os sete princípios são espirituais dentro da natureza eterna, e aparecem ali numa substancialidade transluzida, cristalina e clara”. (Grace, III 40).

“Os sete candelabros na Revelação de São João referem-se aos sete espíritos na Divindade, também as sete estrelas. Os sete espíritos estão no centro do pai, o seja, no poder do Verbo. O Verbo transforma a cólera em doce satisfação e lhe confere a forma de um oceano cristalino; ali os sete espíritos aparecem numa forma que queima, como sete tochas luminosas”. (Threefold Life, III 46).

Uma variedade de cores é necessária para fazer um quadro, para representar uma idéia, e embora a idéia representada pelas várias cores seja uma só, cada cor contém suas qualidades essenciais. Os vários órgãos do corpo humano manifestam vários poderes, no entanto, irão manifestar uma forma de vida. Cada planeta tem suas qualidades especiais, mas formam um só mundo. Da mesma forma, cada uma das sete formas permanece sendo o que é, mas suas manifestações diferem largamente, segundo os planos e condições sob as quais estão se manifestando.

*A Primeira Qualidade* começa quando Deus, com o propósito de revelar Sua majestade, permite que Sua natureza eterna contraia-se em si mesma; com isso é criado um estado de trevas e corporeidade.

“A primeira qualidade é o desejo. Ela pode ser comparada com a atração magnética, é a compreensibilidade da vontade. A vontade se concebe como algo. Por esse ato de impressão ou contração ela encobre a si mesma e se torna treva”. (Clavis, VIII. 38).

“Nesse estado não há vida ativa ou inteligência; trata-se meramente do primeiro princípio da substancialidade, ou o primeiro começo do transformar-se”. (Three Principles, VII . II).

Na eternidade, que está além da natureza, não pode haver trevas, porque não há nada que pudesse produzi-las. A vontade ao desejar, se contrai e se torna substancial. Assim, as trevas são criadas na vontade, enquanto que sem esse desejo não haveria nada senão tranquilidade eterna sem substancialidade”. (Forty Questions).

“O desejo é uma qualidade (contrativa) atraente, adstringente e ácida. É um poder ativo, e sem ele nada haveria senão tranquilidade. Ele se contrai e se preenche de si mesmo; mas aquilo que é atraído constitui nada mais do que trevas, um estado que é mais compacto que a vontade original, sendo essa tênue como um nada, depois se torna plena e substancial”. (Threefold Life, II. 12).

O poder contrativo do desejo, através do qual a vontade torna-se substancial, corpórea e intensa, é experienciada por todo aquele que sente o peso do sofrimento causado por um desejo não realizado que aflige sua alma, enquanto que a liberdade que procede do desejo, e conseqüentemente da prudência, oferece ao coração (a vontade) luz e elevação.

Simultaneamente ao aparecimento da primeira surge a Segunda Forma, chamada de movimento. Matéria e movimento são co-eternos, e nenhum deles pode existir sem o outro. Não haveria contração se não houvesse movimento; tampouco haveria expansão se não houvesse o desejo de contrair. Com o início da ação, começa a reação. Ocorre então uma dualidade de manifestação do eterno *Um*. Dessa dualidade de ação, tendo sua fonte no *Um*, resulta a manifestação da vida relativa.

“O movimento divide e atrai o desejo, causando a diferenciação, o que acaba despertando a verdadeira vida”. (Clavis, VIII.30).

“Disso resulta a sensibilidade na natureza, e aqui está a causa da diferenciação. A dureza (solidez) e o movimento da vida são opostos. O movimento rompe a solidez (expande) e através da atração, também causa dureza (contrai)”. (Tabuloe Princip., I.34).

“O Desejo, sendo uma forte atração, causa a liberdade etérea, que é comparável a um nada, para contrair e entrar num estado de trevas. A vontade primitiva deseja ser livre das trevas, pois deseja a luz. A vontade não pode reter essa luz, e quanto mais ela deseja a liberdade maior será a atração causada pelo desejo”. (Six Theosophical Points, i 38).

“Deve haver uma oposição, pois a vontade não deseja ser trevas, e este mesmo desejo causa as trevas. A vontade ama o excitação causado pelo desejo, mas não ama a contração e o obscurecimento. A vontade propriamente dita não se torna obscura, apenas o desejo que nela existe. O desejo está nas trevas, e, portanto uma grande angústia resulta dentro da vontade, na medida em que o desejo pela liberdade se fortalece, mas por esse desejo torna-se mais áspera e obscura”. (Forty Questions).

Eliphas Levi expressou uma verdade correspondente a isso dizendo: “A vontade realiza aquilo que não deseja”. Um desejo egoísta pelo céu derrota seu próprio objeto.

*A Terceira Qualidade*, chamada à existência através da ação e da reação do *Um* absoluto, chama-se sensação na existência; ou, em outras palavras, consciência absoluta, manifestando-se, torna-se relativa. Nada novo é criado com isso, apenas aquilo que já havia começado a existir. Essa consciência relativa é chamada por Boehme de “angústia”.

“A terceira qualidade, a angústia, é desenvolvida da seguinte maneira: a adstringência é fixa, o movimento é volátil; uma qualidade é centrípeta, outra centrífuga; mas como são um, e não podem se separar uma da outra (nem do seu centro) tornam-se como uma roda giratória, onde uma força para cima e a outra força para baixo. A solidez fornece substancialidade e peso, enquanto o “amargor” (desejo em movimento) fornece espírito (vontade de liberdade) e vida volátil. Tudo isso causa uma circulação dentro e para fora, sem no entanto, ter um destino. Aquilo que a atração do desejo faz com que se torne fixo, torna-se novamente volátil através da aspiração por liberdade. Ocorre então a grande inquietude, comparável a uma loucura furiosa, de onde surge uma terrível angústia”. (Mysterium, III. 15).

Na verdade, cada uma destas experiências ocorre dentro do eu, porque enquanto o homem estiver pregado à cruz da vida terrestre, haverá uma contínua batalha entre seus altos e baixos impulsos, ou entre suas aspirações ideais e seus interesses materiais.

“Quanto mais o primeiro princípio acumular sua aspereza, a fim de capturar o segundo princípio, maior a ação desse princípio, e mais forte é a fúria e a ruptura. O amargor recusa-se a ser

subjugado, mas a vontade (de onde se origina) o aprisiona fortemente, impedindo-o de seguir seu impulso. Ele luta para subir, a vontade para descer, pois a adstringência puxa para dentro, e se torna pesada. Assim, um luta para surgir, no alto, o outro para mergulhar, em baixo, sendo que nenhum dos dois atinge seu objetivo; com isso a natureza eterna torna-se como uma roda giratória”. (Menschwerdung, II. 4).

Essa batalha macrocômica tem sua contrapartida no microcosmo do homem. Há nele também, a contínua luta entre matéria e espírito, entre desejo e renúncia, entre o desejo de existência e a vontade daquela liberdade que não pode ser encontrada enquanto até mesmo o desejo de liberdade estiver em repouso.

Essas três primeiras formas ou qualidades, em que a atividade do Pai, do Filho e do Espírito Santo estão representadas, ou em outras palavras, através das quais a vontade e a inteligência revelam-se, recebem, também os nomes de “sal”, “sulfur” e “mercúrio”.

“Os três primeiros princípios não são Deus propriamente dito, apenas a Sua revelação. O primeiro destes três estados, sendo um princípio de toda força e poder, origina-se da qualidade do Pai; o segundo, sendo a fonte de toda atividade e diferenciação, surge da qualidade do Filho; e o terceiro, sendo a raiz de toda vida, origina-se na qualidade do Espírito Santo”. (Grace, VI. 9).

“Os antigos diziam que no sal, sulfúrio e mercúrio todas as coisas estão contidas. Isso não se refere tanto às coisas materiais, mas ao aspecto espiritual de todas as coisas, ou seja, ao espírito das qualidades de onde surgem as coisas materiais. Pelo termo “sal”, compreendiam o desejo metálico e agudo na natureza; “mercúrio” simbolizava o movimento e diferenciação do primeiro, através do qual cada coisa torna-se objetiva e entra em formação. “Sulfúrio”, a terceira qualidade, significava a angústia da natureza”. (Clavis, 46).

A verdadeira vida divina onde a substancialidade da Trindade divina é revelada, só é possível através da *Quarta Qualidade*, chamada de explosão ou fogo, cuja ignição é causada pelo desejo da natureza eterna e pela ânsia de liberdade eterna.

“O fogo é originalmente, trevas, aspereza, frio eterno e securo, e não há nada nele, senão uma fome eterna. Como então se transforma em fogo? O Espírito de Deus, em seu aspecto de luz eterna, vem em auxílio da fome-ínea. A fome origina-se da luz, porque quando o poder divino espelha-se nas trevas, essas se tornam cheias de desejo da luz, e esse desejo é a vontade (da natureza eterna). Mas a vontade ou o desejo na securo, não podem atingir a luz, consistindo então de angústia e súplica pela luz. Essa angústia e essa súplica persistem até que o Espírito de Deus entre como que um raio de luz”. (Three Principles, XI.45).

Esta “roda de Ignição” giratória é representada pela Cruz, a “Árvore da Vida”. Livre é o espírito do homem antes de entrar nesse vale de sofrimento, mas depois de entrar ele é pregado na cruz de seus próprios desejos pessoais. O próprio homem é a “Cruz”; ele cria a cruz para si, da qual não há liberação até que descubra a verdadeira Cruz espiritual, ao entrar no reino da luz através do poder do fogo, o que significa que seu espírito rompeu os laços da matéria e tornou-se novamente livre.

“A liberdade por meio da vontade eterna alcança as trevas, essa alcança a luz da liberdade, mas não pode retê-la. A vontade aprisiona-se pelo próprio desejo que há em si, tornando-se trevas. Dessas duas coisas, ou seja, da impressão de trevas e do desejo da luz ou liberdade, que é direcionado para as trevas, resulta o raio de luz nas trevas, a condição primitiva do fogo. Mas como a liberdade é um nada, e portanto inapreensível, não pode reter a impressão. Assim, a impressão

entrega-se à liberdade; essa, por sua vez, devora a natureza obscura da impressão. Assim, a liberdade governa nas trevas, e não é compreendida por ela”. (Signature, XIV. 22).

“A unidade eterna ou liberdade, per se, é de infinito amor e brandura, mas as três qualidades são ásperas, dolorosas e até mesmo terríveis. A vontade das três qualidades anseia pela unidade branda, e a unidade anseia pelo fundamento ígneo e pela sensibilidade. Assim, um penetra o outro, e quando isso ocorre o raio de luz aparece, comparável à chispa produzida pela fricção entre a pedra e o aço. É desta forma que a unidade retém a sensibilidade, e a vontade da natureza recebe a unidade suave. Assim a unidade torna-se uma fonte de fogo, e o fogo penetrado pelo desejo, uma fonte de amor”. (Clavis, IX. 49).

Assim, a luz conquista as trevas, sem destruí-las; a luz torna-se meramente vitoriosa, consumindo as trevas de forma análoga à assimilação do alimento pelo organismo, que conquista e consome o alimento através do fogo da vida.

“Quando o fogo e a luz espirituais são acesos nas trevas (tendo, contudo, queimado desde a eternidade), o grande mistério do poder e do conhecimento divino revela-se eternamente ali, porque no fogo todas as qualidades da natureza aparecem exaltadas na espiritualidade. A natureza permanece o que é, mas a sua expressão, ou seja, aquilo que ela produz, torna-se espiritualizado. A vontade obscura é consumida no fogo, expressando com isso o puro espírito-fogo, penetrado pelo espírito-luz”. (Clavis, IX. 64).

Quando essa grande revelação interna ocorre, os sentidos internos são abertos para a correta percepção da verdade espiritual. Não haverá então mais a necessidade de se tirar conclusões de qualquer tipo, com relação ao desconhecido, pois o espírito percebe aquilo que pertence à sua esfera do mesmo modo como uma pessoa enxerga as coisas externas.

“Observe como toda vida, no mundo externo, atrai para si o seu alimento. Irás reconhecer como a vida origina-se da morte. Não pode haver vida sem que aquilo de onde a vida se expressa, surja em suas formas. Todas as coisas tem que entrar num estado de angústia para reter o raio de luz, e sem isso não haverá ignição”. (Menschwerdung, II. 5).

Esse, então, é o princípio da manifestação de Deus como o princípio do fogo e o princípio da luz. A Divindade, como tal, a vontade da Trindade querendo sair do não fundamento para penetrar na Trindade, não é ainda um princípio, e não tem começo, mas é o próprio princípio de si.

“Se algo se torna àquilo que não era antes, isso não se constitui um princípio; um princípio está onde uma forma de vida e movimento começa, o qual não existia anteriormente. Desta forma, o fogo é um princípio, assim como a luz que nasce do fogo, mas que, contudo, não é uma qualidade do fogo, mas tem uma vida própria.” (Six Theosophical Points, II. I).

No fogo está a representação da divisão de dois aspectos nos quais Deus está se manifestando, ou seja, como Deus e como Natureza; também a divisão entre a vida doce no amor e a vida na cólera.

“Como o sol no plano terrestre transforma a amargura em harmonia, do mesmo modo age a luz de Deus nas formas da natureza eterna. Essa luz brilha dentro delas e fora delas; a luz incendeia as formas, a fim de que obtenham sua vontade e se rendam à ela completamente. As formas então, abandonam sua própria vontade e tornam-se como se não tivessem poder algum, desejando unicamente o poder da luz”. (Six Theosophical Points, V. 3).

Pela união do fogo e da luz o terceiro princípio conquista a substancialidade.

“Se a Divindade de acordo com o primeiro e segundo princípio é considerada apenas como um espírito, sem qualquer essencialidade concebível, há nela, contudo, o desejo de envolver um terceiro princípio, onde repousa o espírito dos dois primeiros princípios, onde se tornará manifestada como uma imagem”. (Six Theosophical Points, I. 25).

“O fogo recebendo em si a essência do desejo como seu alimento, a fim de poder queimar, fornece um espírito alegre e abre o poder da humilde essencialidade na luz”. (Six Theosophical Points, I.57).

“O fogo, atraindo para si a humilde essencialidade da luz, emana, através da cólera da morte, o humilde espírito que ali estava, o qual contém em si as qualidades da natureza”. (Tilk., I. 171).

Quando o poder da luz revela-se, manifesta sua atividade primeiro que nada na Quinta Qualidade, envolvida através das quatro precedentes como doce amor, ou um luminoso espírito-água.

“Os primeiros três princípios são meramente qualidades condutoras da vida; o Quarto é vida propriamente dita, mas o quinto é o verdadeiro Espírito. Toda vez que esse poder se envolve do fogo, vive em todos os outros e transformando-os em sua própria natureza doce, de modo que a dor e a inimizade não podem ser encontradas ali, de forma alguma”. (Tabuloe Principoe, I. 46).

“A *Quinta Qualidade* é o verdadeiro fogo-amor, que na Luz separa-se do fogo doloroso, e onde o amor divino aparece como um ser substancial. Ele tem consigo todos os poderes da sabedoria divina; é o tronco ou o centro da árvore da vida eterna, onde Deus, o Pai, revela-se em Seu Filho através do Verbo pronunciado”. (Grace, III. 26).

Na *Sexta Qualidade* os poderes divinos, ainda unidos, e, portanto indiferenciados e não manifestos na *Quinta*, tornam-se diferenciadas e audíveis.

“A Sexta forma da natureza eterna é a vida inteligente ou som. As qualidades estando num estado de equilíbrio na luz (a Quinta), agora se regozijam e tornam-se audíveis. Com isso, o desejo da unidade entra num estado de (consciência) querendo e atuando, percebendo e sentindo”. (Tabuloe Principoe, I. 48).

“Para constituir a vida audível, ou o som dos poderes, é necessário solidez e brandura, o compacidade, delgadeza e movimento. Para constituir o sexto princípio, portanto, se faz necessária a presença de todas as outras qualidades da natureza. A primeira forma fornece a aspereza, a segunda o movimento, através do qual a terceira divisão ocorre. O fogo transforma a aspereza da essência concebida ao consumi-la num ser espiritual, representando delicadeza e suavidade, e esta se forma num som, de acordo com as qualidades que contém”. (Mysterium, V. II).

Esse som, com certeza, não deve ser comparado aos sons audíveis terrestres.

“Na luz de Deus, no reino dos céus (a consciência do espírito), o som é muito sutil, doce e amoroso, de forma que se comparado com o barulho terrestre, é como uma perfeita quietude. No entanto, no reino da glória é, de fato, um som compreensível, e há uma linguagem ouvida pelos anjos – uma linguagem que só faz parte da natureza do mundo angélico”. (Mysterium, V. 19).

O *Terceiro Princípio* reaparece no *Sétimo*, e nisso consiste a “ressurreição da carne”.

“O *Sétimo Princípio* é a compreensão corpórea das outras qualidades. É chamado de “Sabedoria Essencial” ou “O Corpo de Deus”. O terceiro princípio aparece nas sete formas da natureza desde que eles tenham sido trazidos para a compreensibilidade no sétimo. Esse princípio ou estado de ser é santo, puro e bom, É chamado de eterno céu incriado ou de reino de Deus, e emerge do primeiro princípio, do obscuro mundo-fogo e do santo mundo-amor de luz flamejante”. (Grace, IV. 10).

“A Sétima forma é o estado de ser onde todas as outras manifestam sua atividade, como a alma no corpo. É chamada de Natureza, e também de eterna e essencial sabedoria de Deus”. (Tabuloe Principoe, I.49).

“O sétimo espírito de Deus é o corpo, que nasce dos outros seis espíritos, e nele todas as figuras celestiais tomam forma. Dele surge toda beleza, toda satisfação. Se esse espírito não existisse Deus seria imperceptível”. (Aurora, XI. I).

“A Sabedoria é a substancialidade do espírito. O espírito dela se reveste, como um ornamento, e assim se revela. Sem a sabedoria a forma do espírito não seria conhecida; ela é a corporalidade do espírito. Não se trata de um corpo de substância tangível, como os corpos dos homens, mas contém qualidades visíveis e substanciais que o espírito per se não possui”. (Threefold Life, V. 50).

Não há linguagem que possa descrever a beleza e o esplendor da sabedoria divina. O que quer que haja, de perceptível beleza magnificente nesse mundo terrestre, existe no mundo celeste num estado muito mais superior, em perfeição espiritual eterna.

“A linguagem terrestre é inteiramente insuficiente para descrever o que há de satisfação, felicidade e de amor contidos nas maravilhas internas de Deus. Mesmo se a Virgem Eterna as mostrassem em nossas mentes, a constituição do homem é muito fria e escura para ser capaz de expressar mesmo uma centelha sobre elas em sua linguagem”. (Three Principles, XIX. 90).

Tais imagens supraterestras tampouco são simples sombras ou criações da fantasia.

“Assim como a terra continua a produzir plantas, flores, árvores, metais e seres de várias espécies, um mais glorioso, forte e belo que o outro; e como no nosso plano terrestre uma forma aparece enquanto outras perecem, havendo um contínuo trabalho e envolvimento das formas, do mesmo modo a geração eterna com o santo mistério, continua ocorrendo com grande poder; em consequência dessa contorção de poderes espirituais, os frutos divinos aparecem um ao lado do outro, todos e cada um deles, numa radiação de belas cores. Tudo aquilo pelo qual estamos rodeados no mundo terrestre, não passa de um símbolo terrestre, que existe no reino celestial numa bela perfeição, num estado espiritual. Não existem ali meramente como um espírito, uma vontade ou um pensamento, mas numa substancialidade corporal, em essência e poder, e aparece inconcebível se comparado com o mundo material externo” (Signature, XVI. 18).

Essa beleza de sabedoria essencial e divina, a Virgem eterna, não produz por poder próprio; mas, pelo poder de Deus que atua nela. Ela propriamente dita não possui vontade própria.

“Não é a sabedoria, mas o Espírito de Deus, o centro ou o revelador. Como a alma está manifestando-se num corpo através da carne, e como a carne não teria poder algum se não fosse habitada por um espírito vivo, da mesma forma a sabedoria de Deus é a corporalidade do Espírito

Santo, através da qual ele adquire substancialidade, a fim de manifestar-Se. A sabedoria dá à luz, mas isso não seria possível se o Espírito não atuasse nela. Ela revela sem o poder da vida-fogo, ela não possui desejo ardente, mas sua satisfação encontra sua perfeição na manifestação da Divindade, e, portanto é chamada de virgem em castidade e pureza diante de Deus”. (Tilk., II 64).

A divina sabedoria só existe através da Trindade, e a Trindade só pode ser revelada ao formar a natureza eterna com seu próprio corpo.

“A luz e o poder do sol revelam os mistérios do mundo externo através da produção e crescimento de vários seres. Da mesma forma Deus, representando o Sol eterno ou o único e eterno Bem, não se revelaria sem a presença de sua natureza espiritual eterna, único lugar em que pode manifestar seu poder. Somente quando o poder de Deus se torna diferenciado e relativamente consciente, de modo que haja poderes individuais combatendo entre si durante seu jogo de amor, se abrirá Nele o grande, imensurável fogo de amor, através da aproximação da Santíssima Trindade”. (Grace, II.28).

O Pai, governando o primeiro princípio, o fogo, gera eternamente o Filho, a luz, através das sete formas da natureza eterna; e o Filho, revelando-se no segundo princípio como a luz, glorifica o Pai para sempre.

“A vontade eterna, o Pai, conduz Seu coração, Seu Filho eterno, pelo fogo, ao grande triunfo, ao Seu reino de glória”. (Grace, II. 21).

“Quando o Pai pronuncia Seu Verbo – ou seja, quando Ele gera Seu Filho – o que é feito contínua e eternamente, esse Verbo tem sua origem, em primeiro lugar, na primeira qualidade adstringente, onde se torna concebido. Na segunda qualidade ou qualidade doce recebe sua atividade; na terceira, se movimenta; no calor ele surge e acende o doce fluxo do poder e do fogo. Todas as qualidades são feitas para queimar pelo fogo aceso, e o fogo é por elas alimentado; mas esse fogo é só um, não muitos. Esse fogo é o verdadeiro Filho de Deus, que continua nascendo de eternidade em eternidade”. (Aurora, VIII. 8 I.).

“O Pai é o primeiro de todos os seres concebíveis, mas se o segundo princípio não se tornasse manifesto no nascimento do Filho, Ele não seria revelado. Assim, o Filho, sendo o coração, a luz, o amor e a bela e doce beneficência do Pai, mas sendo distinto Dele em Seu aspecto individual, entrega-se ao Pai reconciliado, amoroso e misericordioso. Seu nascimento ocorre no fogo, mas Ele obtém sua personalidade e nome pela ignição da luz clara, branca e suave, que Ele próprio é”. (Three Principles, IV. 58).

“O Filho nasce perpetuamente, de eternidade em eternidade, e brilha continuamente nos poderes do Pai, enquanto que esses poderes são continuamente gerados no Filho”. (Aurora, VII. 33).

O Espírito Santo, manifestando-se no terceiro princípio, emana eternamente do Pai e do Filho, é nele e com ele que surge o esplendor da majestade de Deus.

“O Pai Eterno manifesta-se no fogo; o Filho manifesta-se na luz do fogo; o Espírito Santo manifesta-se no poder da vida e no movimento que emana do fogo e da luz”. (Signature, XIV 34).

“O Espírito Santo revela a divindade na natureza. Ele estende o esplendor da majestade, a fim de que ele possa ser reconhecido nas maravilhas da natureza. Ele não é o esplendor

propriamente dito, mas seu poder; ele introduz esse esplendor da majestade na substancialidade, onde a Divindade é revelada”. (Threefold Life, IV. 82; V. 39).

Assim, a Santíssima Trindade está em todo lugar, manifestando-se através das sete qualidades da natureza eterna.

“Nós, Cristãos, dizemos que Deus é ternário, mas um em essência; isso é mal interpretado pelo ignorante ou pelo mal informado, pois Deus não é uma pessoa, exceto em Cristo. Deus é um poder gerado eternamente e o reino com todos os seres”. (Myst. Magn., VII. 5).

“Ele gera a si mesmo num aspecto ternário, e nessa geração eterna deve-se compreender uma única essência e geração; nem o Pai, nem o Filho; mas unicamente a Vida eterna, ou Deus”. (Myst. Magn., VII. II).

## **CAPÍTULO IV**

### **A CRIAÇÃO**

*Tudo o que vemos na natureza é verdade manifestada, apenas não somos capazes de reconhecer tal coisa, a menos que a verdade esteja manifestada em nós.*

Deus é a causa eterna, auto existente, universal, fundamental e suprema; glória inimaginável e absoluta, perfeição, bondade, beleza, magnificência e esplendor. Ele criou tudo de Si mesmo, já que não havia nada de onde se pudesse criar algo, senão Ele mesmo. Portanto, é lógico supor que os primeiros poderes criados por Ele, os que se encontravam mais perto, eram certamente espirituais e divinos; toda as existências inferiores mais remotas de Seu estado supremo pertencem a uma condição de criação mais “material”. O mesmo pode ser observado no homem. Seus pensamentos estão mais perto de seu centro espiritual e do seu eu, do que seus músculos e ossos, e o reino de sua alma está mais perto de seu espírito do que seu corpo material, e quanto mais santos forem seus pensamentos, mais ele será capaz de se comunicar com o Deus de seu interior. Boehme diz:

“Deus criou os santos anjos, não através de alguma substância estranha a seu próprio ser; Ele os criou de seu próprio ser, de Seu poder e sabedoria eterna”. (Aurora, IV. 26).

Verdadeiramente, se não havia nada além de Deus, significa que Deus é o Todo, e não há nada que não seja Deus. No entanto, aquelas criações de Deus, mais afastadas do centro divino, não são divinas, e, portanto não são Deus.

“É dito que Deus é tudo, que Ele está no céu e na terra, e também no mundo externo; tal afirmação é verdadeira, de certa forma; porque tudo se origina em Deus e de Deus. Mas de que serve essa doutrina, que não é uma religião? Tal doutrina foi aceita pelo demônio, que queria se manifestar e ser poderoso em todas as coisas”. (Tilk. I.140).

O Panteísmo pode satisfazer o racional, que está longe da percepção espiritual, mas o verdadeiro conhecimento divino não tem nada haver com o Panteísmo, nem com o Teísmo racional. Não se pode confundir os termos “Deus” e “mundo”. O universo não é idêntico a Deus, nem o espírito do homem é idêntico ao seu corpo. Nem mesmo o Cristo é idêntico a Deus, já que Ele tornou-se humano.

“O mundo externo não é Deus, e não será Deus em toda eternidade. O mundo é meramente um estado de existência onde Deus está manifestando a Si próprio. (Stief, II. 316)”.

Deus não é homem.

“Sempre haverá que se fazer uma distinção entre a Divindade e a humanidade, entre a vontade humana e a vontade de Deus”. (Stief, II. 95).

A lua não tem luz própria; ela simplesmente reflete a luz do sol. No entanto, a luz que vem da lua não é igual a do sol. Da mesma forma, a vontade e a consciência do homem derivam-se de Deus, mas tudo isso é humano e não divino.

“Se um homem diz a si mesmo: ‘Eu, o verbo vivo de Deus, realizo isso e aquilo, nessa santa carne e osso’, ele desonra o sagrado nome de Deus; Isso também vai contra a doutrina da Bíblia; pois, sempre que o intelecto de um homem foi escolhido para a profecia, o profeta não dizia: ‘Eu, Fulano de Tal, digo isso ou aquilo, mas ‘Assim fala o Senhor!’’. Isso significa que o Senhor fala nesse homem e através desse homem, que é Seu intermediário e Seu instrumento”. (Stief., I.84).

Um homem nunca poderá ser Deus; nem mesmo o Cristo em Seu aspecto humano, pretendeu tal coisa.

O Cristo nunca disse: “Eu, em minha humanidade, sou a voz de Deus, Falo como Deus, no Deus e com Deus, etc.”, mas dizia: “As palavras que pronuncio são do Pai, que vive em mim” - ou seja, que vive em minha humanidade ou eu natural”. (Stief, I.94).

Para o racional cego, Deus é um cego universal e um poder inconsciente; o deus existente na imaginação da mente pequena e sectária, também é pequeno; mas para o iluminado, seu Deus é um ser pessoal (individual), um Pai de amor, que reside em Sua santa onipotência, superior a tudo que possa ser concebido.

“Não imagine Deus como sendo um poder cego, existindo ou movimentando-se no céu ou além e acima do céu, desprovido de razão ou conhecimento, comparável ao sol, que gira em torno de sua órbita, emitindo luz e calor, sem se importar se isso beneficia ou não a terra e suas criaturas. Não! O Pai não é isso; mas Ele é onipotente, sábio, o Deus que tudo sabe; Nele mesmo, Ele é bom, generoso e misericordioso, alegre e regozija-se em si mesmo”. (Aurora, III. II).

“Se o leitor considerar a profundidade do céu, as estrelas, os elementos e a terra, não irá, com certeza, ver com seus próprios olhos, a Divindade pura e cristalina, embora Deus esteja ali, dentro de tudo isso; mas se você elevar seus pensamentos e direcionar sua mente a Deus, que em Sua santidade governa com o Todo, estará então penetrando o céu e alcançando o próprio coração sagrado de Deus”. (Aurora, XXIII. II).

Deus não está sujeito à lei da evolução, mas a lei tem seu fundamento em Deus. Deus como um Espírito, eternamente perfeito em si mesmo, não precisava criar, com o intuito de se aperfeiçoar. Não há ser que possa se aperfeiçoar através do próprio poder, ou de oferecer a si mesmo algo que está fora de seu alcance. O crescimento de uma planta e o desenvolvimento de uma alma humana requer a presença de um poder superior. Um Deus capaz de crescer pressupõe a presença de um Deus superior de onde pudesse extrair poder. Só aquilo que vem de cima pode surgir ali novamente, como está simbolizado pelo duplo triângulo entrelaçado.

“Antes da criação do céu, das estrelas, dos elementos e também antes da criação dos anjos, não havia nada senão a Divindade, reproduzindo a si mesma, doce e amorosamente, concebendo de sua própria imagem”. (Aurora, XXIII. 15).

Deus não fez o mundo a partir de algo intelectualmente conceptível ou a partir de algo que não fosse ele mesmo; tampouco o homem cria as imagens que constituem seus pensamentos a partir de algo que não seja sua própria mente. Antes da criação Deus encontrava-se em repouso (subjetivamente) como uma semente em Sua própria integridade e perfeição, comparável à imaginação de um homem cuja mente repousa no sono tranquilo, enquanto que o espírito divino nele é auto consciente.

“Não podemos dizer, verdadeiramente, que este mundo foi feito a partir de algo”. (Signature, XIV. 7).

“Não podemos supor racionalmente qualquer formação ou diferenciação existente no eterno *UM* da qual, ou de acordo com a qual (formação) algo poderia ser feito; pois se tal forma ou predisposição de fazer uma forma existisse, haveria de ter outra causa, além de Deus, de onde a forma resultaria, então haveria algo mais (outro deus) e não o *Um* e eterno Deus”. (Baptism, I.I).

“A criação nada mais é do que a revelação do Deus insondável e essencial, e tudo o que existe em sua própria evolução eterna, que não tem princípio, também está nessa criação. Mas a criação está para Deus, assim como uma maçã está para a árvore. A maçã não é a árvore, mas cresce pelo poder da árvore. Do mesmo modo tudo tem sua origem no desejo divino; o desejo é o que o faz entrar num ser. No princípio não havia nada para produzir o todo, exceto o mistério da geração eterna (evolução)”. (Signature, XVI.I).

“Imagine uma mãe (um ventre) contendo uma semente em si. Enquanto ela contém a semente como tal, esta pertence a ela, mas quando a semente torna-se uma criança então a semente não pertence à ela, mas é propriedade da criança. O mesmo ocorre com os anjos. Todos foram configurados a partir da semente divina; mas depois que isso foi feito, cada um possui seu próprio ser corpóreo”. (Aurora, IV. 34).

“A razão pela qual o Deus imutável criou o mundo é um mistério insondável; só se pode dizer que Ele o fez em seu amor”. (Hamberger).

Deus, sendo conhecimento puro, não necessita recorrer ao raciocínio, a fim de alcançar um objetivo; Ele é seu próprio sujeito e objeto, auto suficiente e eterno. Só se pode dizer que Ele cria porque é uma fonte de amor que flui continuamente, assim como o brilho do sol; pois Ele é uma fonte inesgotável de luz.

“Como é que Deus movimentou-se para produzir a criação, sendo Ele imutável, não se sabe, e qualquer tentativa de descobrir, só produziria confusão na mente”. (Menschwerdung, I.2,5).

“Não podemos dizer como é que aquilo que estava eternamente na essencialidade de Deus entrou em movimento, pois não havia nada que pudesse ter feito Deus se movimentar, e a vontade de Deus é eterna e imutável. Só podemos dizer que o Três estava desejoso de ter filhos de sua própria espécie”. (Forty Questions I. 273).

O mundo não poderia ser feito como é agora, diretamente do puro e divino estado de ser. Em seu aspecto material, o mundo é material, e não espiritual. Deus é imutável e independente das condições externas (que não existem para Ele); mas as manifestações de Seu poder mudam segundo as condições causadas por suas relações mútuas. Assim, a luz do sol permanece sempre a mesma, mas oferece várias nuances para as flores, de acordo com suas próprias qualidades individuais.

“Nenhuma criatura pode emanar do puro estado divino de ser, já que esse estado não tem causa, nem princípio e tampouco pode ser trazido a um princípio”. (Grace, VIII. 45).

“Com a luz e o coração de Deus, como tais, nada pode ser criado; porque, a luz é o fim da natureza e não possui qualidade. Portanto, ela não pode mudar ou tornar-se algo, mas permanece sempre a mesma na eternidade”. (Three Principles, X 41).

No entanto, é o Deus Trino que cria todas as coisas a partir da natureza eterna. Podemos dizer que o mundo, como o conhecemos, é constituído inteiramente de formas de calor, de movimento, de condições elétricas ou luz, etc. Tudo isso é verdade no que se refere às relações que nos tocam. Todos esses poderes são apenas modos de modificação de um poder primordial e originalmente divino, ou seja, a vontade de Deus atuando em Sua própria e eterna sabedoria.

“O Deus Trino e eterno criou todas as coisas através do Verbo, de Seu próprio Ser, ou seja, de Seus dois aspectos ou qualidades: a natureza eterna, a fúria ou cólera, e de Seu amor, através do qual, a cólera ou ‘natureza’ era pacificada. Assim, Ele tudo criou, fazendo com que tudo adquirisse uma existência”. (Stief. II. 33).

“O Pai, sendo a vontade primordial, pronuncia todas as coisas através do Verbo, do centro da liberdade; mas a emissão do Pai através do Verbo é o espírito do poder, e esse espírito dá forma àquilo que foi falado, a fim de que apareça como um espírito”. (Threefold Life II. 63).

Esse poder mágico, ou “Verbo”, tem estado com Deus desde a eternidade, e como tal é Deus e o “Cristo” em seu aspecto divino puro.

Não existe tempo algum em que “Deus adormece” ou perde Sua auto consciência; tampouco a idéia de criar vem até Ele de alguma influência exterior; mas Deus sustenta o universo desde toda eternidade em Sua sabedoria como um espelho, e pelo ato da criação Ele projeta na objetividade (por assim dizer) a imagem existente subjetivamente Nele. Ou seja, é a natureza e não Deus que repousa durante as noites da criação, do mesmo modo que o corpo do homem repousa, enquanto seu espírito permanece auto consciente em sua própria esfera.

“A sabedoria é uma imaginação divina, onde as idéias dos anjos e almas foram vistas na eternidade; não como criaturas reais e substanciais, mas não essencial como as imagens num espelho”. (Clavis, X.5).

“A semelhança de Deus, tendo sido vista na sabedoria de Deus desde toda eternidade, e na qual Deus criou o Homem, era sem vida e sem substancialidade antes do princípio dos tempos deste mundo. Era um mero reflexo da imagem onde Deus viu como Ele seria numa imagem”. (Stief, II. 123).

“O Homem não existe desde a eternidade; mas apenas como uma sombra de uma imagem, onde Deus em Sua sabedoria soube de todas as coisas desde a eternidade, no espelho de Sua própria sabedoria”. (Stief, II 143).

A vontade de Deus é uma só; mas através de sua ação na natureza eterna uma enorme quantidade de poderes divinos são produzidos. As idéias existentes na mente universal são inumeráveis, e, portanto, há a possibilidade de inumeráveis diferentes formas virem à existência pela ação da vontade divina. Não há, portanto, nada perfeito além da Divindade, e conseqüentemente existem em todos os planos seres de diferentes estados de perfeição, e capaz de tornar mais perfeito por meio da vontade de Deus, que é a lei da evolução.

“As espécies e criaturas são tão variadas quanto os pensamentos eternos na sabedoria de Deus”. (Three Principles IX.37).

“Como os poderes divinos são múltiplos, inumeráveis, há uma diferenciação de idéias e uma diferença entre os anjos; em consequência disso alguns aparecem como reis ou governantes e outros como servos”. (Theosophic Questions V. 9-12).

“Como não há nada perfeito exceto a Árvore divina, conseqüentemente todas as coisas diferem uma das outras; do mesmo modo, os anjos possuem diferentes qualidades”. (Threefold Life V.90).

Esses “anjos” (bons ou maus) vivem em poderes conscientes existentes na natureza. Nem o poder de Deus, nem qualquer anjo, ou demônio ou criatura de qualquer espécie, pode ter qualquer existência fora da Natureza, ou seja, fora do obscuro campo-ígneo, a vontade de Deus, de onde tudo nasce.

“Nenhum espírito criado pode existir sem o mundo-ígneo. Até mesmo o amor de Deus não existiria, se a cólera de Deus, ou o mundo do fogo, não existisse Nele; pois a cólera ou o fogo de Deus é a causa da luz, força, poder e onipotência. (Stief. II. 4)”.

“A cólera (o fogo) é a raiz de todas as coisas e a origem de toda vida; nela está a causa de toda força e poder, e dela emanam todas as maravilhas (manifestação de poder). Sem aquele fogo não haveria consciência, mas tudo seria um mero nada”. (Three Principles XXI. 14).

“Nenhum ser pode nascer a menos que tenha em si o triângulo ígneo, ou seja, as três primeiras formas naturais”. (Grace, II. 38).

Toda forma é um produto ou manifestação de um poder que a constrói. Sem a presença desse poder não haveria manifestação; tampouco pode qualquer forma exercitar ou conhecer tal poder exceto aquele que nela existe.

Portanto um ser incapaz de qualquer emoção seria incapaz de elevar-se acima da esfera das emoções; um ser sem energia para cometer o mal, não teria energia para alcançar o bem.

A fundação de onde surgem todos os poderes e idéias é eterna; mas os seres criados possuem um início no tempo.

“Tudo existe desde toda eternidade, mas apenas como idéias, não como coisas existentes corporalmente. Somente espíritos incorpóreos existiam (como idéias) na eternidade, como num mundo de magia, onde uma coisa contém a outra na potencialidade”. (Forty Questions XIX.7).

“A criação dos anjos tem um princípio, mas não aquele dos poderes, de onde foram criados. Esses poderes são co-eternos com o princípio eterno”. (Mysterium, VIII. I).

“Na eternidade, na Vontade eterna, havia uma natureza, mas ela existia ali apenas como um espírito, e sua essencialidade não estava manifesta exceto no espelho daquela Vontade, ou seja, na sabedoria eterna”. (Signature, XIV. 8).

“O *mysterium magnum* é o *Caos* de onde se origina o bem e a mal, luz e trevas, vida e morte. É o fundamento ou ventre de onde emanam almas, anjos e todos os tipos os outros tipos de

seres, e onde estão contidos como numa causa comum, comparável à uma imagem que está contida num pedaço de madeira antes que o artista a corte”. (Clavis, VI 23).

Na alma do homem existe, potencialmente, todo o universo – céu e inferno, Deus e o demônio, anjos e espíritos, a totalidade dos reinos infernal, terrestre e celeste, com todos seus poderes e essências; mas a menos que esses poderes se tornem manifestos como formas (seres criados num plano terrestre, astral ou espiritual), não podem ter existência reconhecível aos sentidos internos do homem.

A criação foi um ato da vontade livre de Deus, não induzida por nenhuma causa inferior. A vontade de Deus não seria divina se não fosse livre. Ela é a lei e, portanto não está sujeita à “lei natural”. Ou a lei dos mecanismos. A criação ocorreu pelo desdobramento da natureza eterna de Deus, por onde, através de Seu amor ativo ou desejo, fez com que aquilo que havia Nele meramente como um espírito (subjétivamente) tornasse substancial e corporal (objetivo).

“O mundo criado existia antes do *mysterium magnum*, pois todas as coisas encontravam-se numa condição espiritual na sabedoria, como numa contínua atividade ou luta de amor. A Vontade única concebeu essa forma espiritual no Verbo, e permitiu a inteligência (a consciência separada, ou seja, a qualidade azeda e adstringente), agir sem restrição, a fim de que cada poder pudesse entrar ou se construir numa forma de acordo a essa própria qualidade específica”. (Grace, IV. 12).

“A Mente eterna está sempre desejosa de poder, e o poder é a adstringência, e a adstringência é a contração, atração, ou o Fiat eterno, que cria e torna corporal aquilo que a Vontade eterna deseja em sua própria benevolência. A Vontade deseja através do Fiat agudo, trazer para a substancialidade (tornar objetivo) aquilo que mantém na Sabedoria eterna”. (Three Principles XIV.74).

Assim, o espírito divino no homem, através de seus pensamentos, traz os poderes que existem em seu microcosmo para formas que são objetivas para ele, e que formam o mundo alma em que ele reside.

A criação só poderia se tornar realmente completa através da atividade de todos os sete espíritos divinos. De certa forma, não era Deus, a Causa primordial, que diretamente criou o mundo, mas os *elohims* ou “poderes” criaram o mundo, através do poder recebido da causa fundamental.

“O universo com todos os seus seres foi criado da natureza eterna, dos sete espíritos da natureza eterna”. (Threefold Life III.40).

“Sempre que algo nasce da Essência divina, é trazido para a forma, não meramente por um espírito, mas por todos os setes”. (Aurora, X.4).

“Quando a Divindade movimentou-se, com o propósito de criar um mundo, movimentou suavemente a qualidade adstringente, contraindo-a no divino *sal-nitre*”. (Aurora, XIII. 94).

Na formação dos seres, seus próprios espíritos co-operam com o Espírito universal. A Vida universal não produziria uma árvore, com os quatro elementos, se não houvesse uma semente contendo as qualidades necessárias para crescer como árvore. No entanto, pela expressão ‘seu próprio espírito’, não compreenda como se esses espíritos fossem algo essencialmente diferente de Deus. Eles são meros centros individuais, que recebem seu poder da Fonte universal do amor.

“Originalmente o espírito é um fluxo mágico ou uma explosão de fogo, que deseja a substancialidade, ou seja, a forma. Essa é então causada pelo desejo, e continua a corporalizar o espírito, e o espírito passa a ser chamado de ser criado”. (Tilk. I 186).

Todo ser humano tem em si a capacidade de criar, mas nem todos possuem esse poder desenvolvido. Qualquer um pode imaginar, mas nem todos são artistas para trazer os objetos de sua imaginação a uma forma objetiva externa, numa pintura ou escultura. Do mesmo modo, todos possuem poderes malignos e benignos, mas nem todos têm a força espiritual suficientemente desenvolvida para criar deles formas conscientes e vivas.

“O centro de cada coisa é espírito, coexistindo com o Verbo. A separação (diferenciação) de algo (através da qual esse algo se distingue do resto) está na qualidade de sua vontade, através da qual assume uma forma ou estado de ser de acordo com seu próprio desejo essencial (predominante)”. (Cartas, XLVII. 5).

“Ainda hoje, o ato de criação continua, e não terá fim até a chegada do Julgamento de Deus. Então, aquilo que cresceu na santa árvore da vida irá separar-se das ervas e espinhos”. (Three Principles XXIII.25).

“Se Deus irá ou não criar algo mais de Sua vontade, após o fim desses tempos, não é perceptível pelo meu espírito, pois ele não vai além do próprio centro onde habita, e ali é o paraíso e o reino do céu”. (Principles, IX. 41).

## **CAPÍTULO V**

### **OS ANJOS**

*“Se desejas ouvir o Espírito Santo, manifestado pela boca de outro, é preciso primeiro que tu mesmo penetres com tua vontade no espírito de santidade”.*

*Jacob Boehme.*

É inútil tentar penetrar as especulações históricas a fim de descobrir se as doutrinas de Jacob Boehme, com relação ao que transcende o poder da razão do homem são verdadeiras ou não. A lógica nunca preencherá o lugar da percepção; esta só nos ensina o que algo não pode ser, mas não nos permite ver o que é. A única forma de nos convenceremos da existência de um estado divino e de poderes divinos é, pelo auxílio divino, buscar os poderes que Jacob Boehme descreve dentro de cada um de nós. Se formos bem sucedidos, então conheceremos a Santíssima Trindade e os arcanjos; enquanto isso, uma reflexão sobre as doutrinas de Boehme pode servir para destruir as concepções errôneas que nos impedem de ver a verdade como ela existe em nosso interior.

Deus (a vontade primordial divina) ao tornar-se objetivo a Si mesmo, constituindo-Se assim um ser criado, assumiu um aspecto ternário que deu origem a três diferentes poderes divinos auto conscientes chamados “arcanjos”, representando as três faces da Santíssima Trindade. Os anjos ou poderes são chamados Michael, Lúcifer e Uriel.

“Deus, constituindo a Si mesmo um ser criado, assumiu o aspecto de um ser com relação à sua trindade; e como essa trindade é o mais elevado e grandioso em Deus, Ele também criou três princípios de anjos (reflexos divinos de Sua própria imagem), superiores a todos os outros”. (Aurora, XII 88).

“Michael representa Deus o Pai. Ele não era Deus, o Pai propriamente dito; mas há entre os seres criados (os anjos) um que representa Deus, o Pai. O círculo ou espaço onde ele e seus anjos são criados é o seu reino; ele é um filho amado de Deus, uma alegria para seu Pai. Não o compare com o coração ou a luz de Deus, que está na totalidade do Pai, e o qual não tem começo nem fim, assim como o Pai. Esse príncipe é um ser criado, e como tal tem um princípio; mas ele está em Deus o Pai, e se curva a Ele no amor. Portanto, ele usa sobre sua cabeça a coroa da honra, poder e força, e a não ser o próprio Deus em Sua trindade, não se pode encontrar nada no céu que seja maior, ou mais bonito ou poderoso que ele”. (Aurora, XII 86).

“Assim como Michael fora criado segundo o tipo e a beleza de Deus o Pai, Lúcifer fora criado segundo o tipo e a beleza de Deus o Filho, unido à Ele em amor; seu coração repousava no centro da luz, como se fosse o próprio Deus”. (Aurora, XII 101).

“O terceiro rei, Uriel, é formado segundo o tipo e o caráter do Espírito Santo. Ele é um magnífico e belo príncipe de Deus, também unido em amor com os outros príncipes, como num só coração”. (Aurora, XII III).

Do três resulta o sete, segundo uma lei que se manifesta eternamente em todos os planos da existência. Há sete qualidades ou propriedades reveladas na vida de Deus; há sete qualidades naturais, assim como sete anjos elevados além dos três principais, dos quais se seguem inumeráveis subdivisões de anjos e espíritos, ocupando diferentes posições na escada da progressão eterna.

Esses “anjos”, “tronos” e “domínios” também são encontrados na mitologia Hindu, sob nomes diferentes. É preciso ter em mente que “mitos” não são “fábulas”. Os mitos são representações de atualidades revestidas de uma forma fabulosa. Seu âmago é verdadeiro, mesmo que a casca que a reveste seja uma ilusão.

“Há sete qualidades principais no Poder divino, de onde o centro de Deus nasce; da mesma forma há alguns poderosos príncipes angélicos criados, cada um, de acordo com sua qualidade principal, sendo um regente no exército ao qual pertence. Cada um deles está ao lado de seu rei ou arcanjo, o comandante de outros anjos subordinados”. (Aurora, XII 7).

“Deus também chamou à existência outros príncipes dos anjos, correspondendo a sete espíritos, tais como Gabriel, Rafael, etc.” (Aurora, XII 88).

“É preciso considerar especialmente sete divisões elevadas principais em três hierarquias, de acordo com a fonte das sete qualidades da natureza, cada uma destas formas culminando em um trono”. (Grace, X 24).

Embora esses poderes auto conscientes ou anjos sejam diferenciados, cada classe e cada indivíduo possuem características próprias específicas, no entanto, todas se originam de uma raiz comum, e enquanto permanecem fiéis ao seu Criador, estarão unidas pelo mais poderoso amor e harmonia, misturando-se uma com as outras como os timbres que constituem um grande acorde na criação.

“Os anjos possuem entre si uma única vontade-amor. Nenhum deles inveja o outro por causa de sua beleza, se reconhecem ente si como os espíritos de Deus. Eles amam uns aos outros, e nenhum deles sequer imagina superar o outro em beleza; cada um se regozija na beleza e na graça do resto”. (Aurora, XII 17).

“Quando os espíritos de Deus surgem em sua glória divina, não podem estar amarrados de forma a evitar que se misturem uns com os outros, e os anjos não se limitam pela localidade em que residem. Os espíritos de Deus surgem perpetuamente uns dentro dos outros, e em sua geração eterna, desfrutam de uma contínua troca de amor. Assim, os santos anjos movimentam-se uns nos outros e vão juntos em todos os três reinos, de onde cada um recebe de outro, beleza de forma, graça e virtude, felicidade suprema; mas cada um mantém a posição que lhe pertence (seu centro de gravidade) que em seu aspecto, como um ser criado, lhe fora transmitido como sua própria propriedade especial”. (Aurora, XII 57).

Todos os anjos foram criados a partir do fogo e da luz; cada um deles é, portanto, um ser completo, tendo em si todas as sete qualidades em vários estágios de desenvolvimento. Na evolução do sétimo, a parte corporal é formada, porque a terceira qualidade reaparece na forma da sétima. Esse reaparecimento da terceira na sétima qualidade constitui a “ressurreição da carne”. Não num corpo morto e putrefato, mas na alma viva é que ocorre a ressurreição.

“Quando Deus criou os anjos, o príncipe do fogo e da luz se manifestou. Seu espírito ou vida-angústia (consciência) tem sua origem no fogo. Ele foi então passado pela luz, tornando-se ali a angústia do amor, através da qual a cólera foi extinta”. (Menschwerdung, i 3-10).

“Todos os anjos foram criados no primeiro princípio, formados e corporificados pelo Espírito em movimento e iluminados pela luz de Deus”. (Three Principles, IV 67).

“Desde toda eternidade a luz de Deus era clara, doce e graciosa; mas quando Deus movimentou-se para criar, a *matrix* (o fundamento), com suas qualidades, amarga, ácida, obscura e ígnea, tornou-se manifesta; os anjos foram criados desta *matrix* para a luz, tornando-se corpóreos pelo Espírito em movimento”. (Aurora, V 24).

“Cada anjo possui em si o poder dos sete espíritos primitivos”. (Aurora, XII 8).

“O corpo dos anjos, ou seja, sua apreensibilidade, origina-se dos sete espíritos, e os espíritos geradores de poder naquele corpo são os sete espíritos”. (Aurora, XVI 15).

O corpo dos anjos é o espírito da natureza incorporado, o que inclui os sete outros espíritos. Eles geram a si mesmos naquele corpo; o mesmo ocorre na Divindade”. (Aurora, III 30).

Se o mundo terrestre que conhecemos é corpóreo para nós, tendo sido lançado na objetividade pelo poder da Vontade divina, atuando sobre as imagens existentes no seio da sabedoria eterna, não há razão para que a mesma Vontade não chamasse à existência, da mesma maneira, um mundo celeste, suprasensual e supraterrrestre, cujo objetos serão tão reais e corpóreos para seus habitantes como os objetos de nosso mundo são corpóreos para nós.

“Há uma vida superior à vida neste mundo, na eternidade. O espírito deste mundo (a mente terrestre) não pode conceber a sua natureza. Ela contém em si todas as qualidades desta vida terrestre, mas não em essências inflamadas como no último. Verdadeiramente, ela também contém um fogo, e muito poderoso, mas que queima de forma diferente; ele é doce, humilde e sem dor; ele não consome, mas causa majestade e esplendor vivo, seu espírito é puro amor e alegria”. (Threefold Life, VIII. I).

“No céu, no mundo espiritual, existem as mesmas qualidades do mundo terrestre; mas elas não se encontram manifestadas de forma tão furiosa (grosseira), mas num estado superior, assim como as trevas estão absorvidas pela luz”. (Mysterium, X..7).

Da mesma forma que os olhos do cego são incapazes de enxergar as coisas do mundo exterior, aqueles cujas percepções espirituais ainda não foram abertas, são incapazes de perceberem o que existe no mundo interior.

Existem produtos objetivos no mundo celestial, que aparecem ali como “natural”, como os nossos aparecem no plano terrestre; mas como o mundo celeste é muito mais refinado, glorioso e belo do que o mundo terrestre, esses produtos também são superiores a qualquer outro que possa ser encontrado sobre a terra.

Os poderes celestes, através de suas interações, geram arbustos e árvores, onde cresce o belo e amoroso fruto da vida. Da mesma forma, através desses poderes, surgem ali várias flores de cor e beleza celestiais e de odor maravilhoso; isso ocorre de forma similar no pervertido vale de trevas terrestre, onde várias espécies nascem de árvores, arbustos, flores e frutos; assim como a terra produz maravilhosas pedras, prata e ouro. Todas essas formas externas são símbolos da geração celeste. A Natureza trabalha diligentemente com a terra inerte e degenerada, a fim de produzir formas e espécies celestes; mas ela produz unicamente frutos de morte, de trevas, amargos, frios e demoníacos.

No céu não há tal morte, árvores de madeira dura, como na esfera terrestre, mas crescimento espiritual. No entanto, não falamos simbolicamente, mas de plantas reais e verdadeiras e isso deve ser tomado no sentido literal”. (Aurora, IV.10).

Os objetos existentes no mundo ideal, perfeito e real, estão muito acima daqueles existentes no mundo externo, assim como concepções ideais de um grande gênio, estão acima do que ele possa executar com suas mãos.

O reino, primeiramente governado por Lúcifer, envolveu nossa terra e toda a profundidade do céu estrelado. Os reinos de Miguel e Uriel são iguais ao primeiro em amplitude e existem além do céu estrelado.

O que Boehme afirma sobre a amplitude dos reinos de Miguel e Uriel, não deve ser tomado no sentido terrestre e externo. O reino de Lúcifer, antes de sua rebelião, era imaterial tal como os outros; foi só depois da rebelião que descendeu para a materialidade e para as relações terrestres para com o espaço”. (Hamberger).

“Toda a localidade do mundo, as profundezas da terra e acima da terra, até o céu e o próprio céu criado, que vemos com os nossos olhos, mas que, no entanto, não podemos compreender com nossos sentidos, todo esse espaço é um reino, onde Lúcifer era o governador antes de sua queda; mas os outros dois reinos, o de Miguel e Uriel, existem além do céu criado (espaço) e são iguais ao primeiro reino”. (Aurora, VII.7).

“Os anjos são instrumentos de Deus, no governo do mundo, e não só glorificam a natureza celeste que governam, mas também dominam o mundo terrestre e suas regiões individuais”.

Eles governam o mundo segundo o princípio da sabedoria divina, manifestada neles e através deles, e não como o homem, segundo seus conceitos, esperteza e política. Eles executem a vontade de Deus, e não a vontade própria.

“Deus, o eterno *Um*, rege todas as coisas através da atividade dos anjos. O poder e a ação são de Deus; os anjos, Seus instrumentos”. (Theosophical Questions, VI.7).

Eles estão repletos da vontade divina, e, portanto seus pensamentos tornam-se efetivos por causa desta vontade, e não desaparecem como as fantasias superficiais dos homens, alimentadas por sua vontade própria imaginária.

“Quando a melodia celeste dos anjos começa a ser ouvida, estará surgindo com o divino salitre, vários mundos de crescimento, figuras e cores magníficas”. (Aurora, XII.24).

“Cada país possui seu espírito guardião principal com suas legiões. Do mesmo modo, há anjos governando os quatro elementos – fogo, água, ar e terra”. (Mysterium, VIII. 9).

Se o homem conhecesse as maravilhas do mundo espiritual que o cerca, e no qual enxergará quando acordar do sono da vida eterna, tornando-se auto consciente no espírito, seu interesse por assuntos dessa existência mundana diminuiria consideravelmente. Tal conhecimento, no entanto, só cabe àqueles capazes de penetrar o estado interior, e não tem nada haver com os sonhos visionários que revela os produtos de sua própria fantasia.

Saint Martin diz: “Lá” (no mundo superior) “não é como no obscuro lugar no qual habitamos, onde os sons só podem ser comparados com sons, cores com cores, e uma substância somente com aquilo que está diretamente ligado à ela. Lá todas as coisas estão mais relacionadas entre si. Lá a luz é sonora; a melodia produz luz; as cores tem movimento, pois estão vivas, e os objetos são ao mesmo tempo sonoros, transparentes, móveis e podem penetrar uns nos outros”.

A crença no anjo guardião não é uma fábula. O homem está cercado pelo bem e pelo mal, pela auto consciência e por poderes invisíveis que podem influenciá-lo para o bem ou para o mal. Sua alma é o campo de batalha onde ocorre o combate entre anjos e demônios, e o homem é livre para tomar partido tanto de um como de outro, como está maravilhosamente escrito no Bhagavad Gita. As más influências são facilmente atraídas se permanecermos meramente passivos ao seu poder; mas o espírito de santidade não pode nos penetrar, a menos que o que não for sagrado for expulso. Nessa batalha contra o mal, os anjos estão sempre prontos para auxiliar os homens de forma invisível, contra as tentações dos “demônios”, desde que ele deseje receber tal auxílio.

A natureza externa deste mundo não compreende a natureza do céu. Elas são comparadas entre si, assim como são comparadas a vida e a morte. Não podemos ver os anjos segundo a natureza externa, nem eles podem estar conosco eternamente; ao contrário, eles residem em nós internamente. Sempre que lutamos contra o mal, eles afastam seus ataques, tomando sob sua proteção a alma que aspira o que é sagrado”. (Aurora, XIX. 30).

“Saiba que o demônio sempre luta com os anjos. Quando a alma do homem está segura em Deus, então o demônio deseja entrar, mas ele é impedido, não podendo realizar a sua vontade. Sempre que a alma imagina, fazendo com que surjam os desejos luxuriantes, ocorre a vitória do demônio”.<sup>10</sup> (Threefold Life, XIV.13).

“Cada princípio é atraído pelo conhecimento e sentimentos semelhantes em seu próprio ser. Os princípios existentes na periferia atuam sobre seus princípios correspondentes no centro. Amor atua sobre amor, ódio sobre ódio; o bem é atraído pelo bem e o mal pelo mal. Se não há desejo mal ativo no homem, as influências malignas não podem criar raízes em seu coração. O demônio é a mais pobre de todas as criaturas. Ele não pode mudar uma folha de árvore sem que a cólera esteja presente”. (Theosophical Points V. 15).

<sup>10</sup> Portanto, nenhum homem pode resistir ao demônio, com sucesso, lutando com ele no mesmo nível, ninguém pode superar as tentações no final, a não ser se posicionando acima delas.

O homem sem princípio algum, não saberia nada; sempre há um certo princípio nele que reconhece seu princípio correspondente na natureza. Um homem sem amor não pode saber o que é amar. Ninguém pode reconhecer o Cristo, ou por Ele ser reconhecido, a menos que tenha o Cristo em sua própria alma.

A vontade própria, ou seja, a vontade de Deus pervertida num ser criado, é a vida-fogo desse ser e a causa de sua angústia. Todos os anjos foram criados originalmente da luz, mas para continuarem ali tinham que entregar a Deus sua vida-fogo, e não levantar sua vontade própria contra o Senhor.

“Cada anjo que deseja viver na luz e poder de Deus deve abandonar o egoísmo da dominação do fogo no desejo; deve render a si e tudo o que lhe pertence à vontade de Deus; deve morrer com relação à sua vontade própria e desdobrar-se na luz do amor, como um fruto do amor divino, a fim de que a vontade-espírito (a vontade espiritual) de Deus comande sua vida”. (Stief. 11. 49).

“O demônio era um anjo; seu dever era colocar sua imaginação (fé) na luz de Deus. Nesse caso teria recebido a substancialidade divina em sua imaginação e sua luz permaneceria luminosa. A fonte fogo teria permanecido naquela essência e qualidade; ele teria permanecido um anjo”. (Tilk I. 187).

Assim, aqueles que buscam o conhecimento intelectual, desprezando a base do verdadeiro conhecimento de Deus, serão as vítimas de seus próprios conceitos, transformando-se em demônios.

No reconhecimento do bem e do mal repousa a liberdade de escolha. Esse conhecimento é apreendido através da quarta forma. Se essa qualidade despertar no ser, esse ser terá condições de ir em frente, em direção ao bem ou ao mal absoluto até que a órbita seja alcançada, onde a ação de um ou de outro pare de agir. Enquanto esse limite não é alcançado, um ser pode até penetrar a divina vontade-amor, ou voltar-se para a direção oposta, afundando-se nas mais baixas qualidades da natureza.

“No raio de luz, a quarta forma da natureza, está a origem da vida, ela contém a perfeição na constância do fogo. Aqui, no objeto da divisão, nasce o espírito, que pode voltar e penetrar com sua imaginação em sua mãe, o mundo de trevas, ou ir em frente, e através da morte afundar-se na angústia do fogo, e explodir na vida. O espírito é livre, e, portanto cada um desses dois caminhos estão dentro de sua escolha”. (Theosophical Pointd, VII. 2).

Cada ser é livre e responsável somente de acordo com o grau de seu conhecimento; não se trata do conhecimento intelectual, mas aquele que é o resultado das experiências de seu espírito – sua “consciência”.

“No princípio do fogo está o ponto de virada. Ali a vontade pode mover-se na direção que escolher. Se desejar o ‘Nada’, ou seja, liberdade, deve se sacrificar ao fogo, e afundar na morte daquele princípio.<sup>11</sup> Então o Pai, a vontade Eterna para a natureza, irá colocá-la na vontade do Filho; onde pela causa que aquele ser se entregou, irá receber *tudo*; mas não para sua própria honra, mas para a glorificação e poder de Deus. Quando isso é realizado, Deus em tal homem é a sua vontade e a sua realização, e seu fogo torna-se uma luz e um espelho cristalino; mas se ele não

---

<sup>11</sup> Desejar o “Nada” não significa tornar-se inconsciente de todas as coisas, como um homem quando vai dormir, mas significa “contentamento”, um estado de repouso e felicidade perfeito encontrado na auto consciência do ser e na posse do Todo.

desejar que assim seja, mas desejar ser ele mesmo um mestre, e possuir a multiplicidade para seu próprio ser, então irá penetrar a severa adstringência, o mundo de trevas, e não poderá conduzir-se em seus princípios acima do fogo, ou melhor, só alcançará o raio de luz. Ele permanece nas trevas, porque só a liberdade fora da natureza pode oferecer a luz e a claridade”. (Theosophical Points, VII. 6).

A quarta forma é o objeto de divisão após a morte do corpo, e o centro da conscientização estará tanto com a parte elevada ou inferior, de acordo com a preponderância do bem ou do mal. A consciência elevada penetra a luz; a consciência inferior continua a existir em seu próprio fogo-inferno e sofrimento auto criado. Deus “redime” o homem redimindo a Si mesmo dos elementos animais do homem, aos quais ele está amarrado durante a vida terrestre da personalidade.

Lúcifer poderia ter mantido seu estado de vida celestial; foi por vontade própria que se rendeu à cólera da natureza.

“A vida da criatura eterna era em seu princípio inteiramente livre, porque estava em temperatura harmoniosa e apropriada. Os anjos foram criados pelo céu, e mesmo se o mundo de trevas, com o reino da fantasia estivessem contidos ali, era numa condição latente, e não manifesta. Pela ação da vontade livre nos anjos caídos o mundo das trevas tornou-se objetivo neles; porque estavam inclinados para a fantasia (especulação), e conseqüentemente essa tomou posse deles, surgindo em essência”. (Grace, IV. 45).

Não se deve pensar que o Rei Lúcifer não poderia ter permanecido o que era. Ele tinha diante de si a luz da majestade, da mesma forma que os outros anjos tronos. Se ele tivesse contemplado ali, teria permanecido um anjo; mas como agiu segundo sua vontade própria e egoísta, é agora um inimigo do amor de Deus, e de todos os santos anjos”. (Menschwerdung, I 217).

Ele conhecia a vontade de Deus, e mesmo assim agiu em oposição à ela; ele não só se tornou um idiota, mas também um demônio.

O reino da ilusão existe desde a eternidade, e foi a causa da queda dos anjos; ele apresentou as condições sem as quais uma queda do estado angélico não teria ocorrido; mas Lúcifer penetrou esse reino por livre e espontânea vontade, sem coerção”. (Grace, VI. 2).

“Lúcifer tinha consigo o fogo e a luz. Ele era livre. Por que então imagina (projeta sua consciência) no fogo? A luz e o poder de Deus não o atraiu ao fogo, mas a cólera da natureza sim. Por que seu espírito consente? (Menschwerdung, I. 5).

O brilho ígneo, que era forte em Lúcifer, o incitou. Do mesmo modo que as trevas (matéria) quis se tornar criada (objetiva) nele”. (Mysterium Magnum, IX . 9).

A própria beleza divina, e o auto poder e autoridade com a qual Lúcifer era investido, o incitou na tentativa de elevar-se acima de Deus, ao invés de entregar-se à Ele em humildade<sup>12</sup>; foi assim que ele simulou a atividade de seus espíritos de origem (princípios latentes) de forma não natural.

“Quando o corpo majestoso de Lúcifer tornou-se corporificado (organizado) e seus espíritos (princípios ou qualidades) começaram a ser qualificados e gerados (desdobrados), o raio de luz da vida surgiu em seu coração, e o espírito foi do coração de volta para todas as veias de seu corpo

<sup>12</sup> A verdadeira humildade não consiste em auto-humilhação, mas no completo sacrifício do eu inferior, através do qual o poder e a majestade de Deus revela-se no homem.

(que estava se organizando), inflamando todos os sete espíritos. Assim, ele permaneceu um rei divino, em transparência transcendente”. (Aurora, XIV . 4).

Sua condição pode ser comparada àquela de um homem que usa os poderes que lhe foram concedidos, a fim de capacitá-lo a surgir no reino de Deus para alimentar suas próprias paixões.

“Quando Lúcifer viu que era tão bonito, e quando percebeu seu nascimento elevado, e grande poder, o espírito que ele havia gerado em si (ou seja, sua própria vontade livre) manifestou-se e desejou triunfar sobre o divino nascimento, e exaltar-se acima do coração de Deus”. (Aurora, XIV. 13, 32).

“Quando Lúcifer encontrava-se em tal forma majestosa, em tão alta glória, ele deveria ter se movimentado em Deus, assim como Deus se movimentava nele; mas isso ele não fez, pois depois que seus espíritos de origem foram tomados por tão gloriosa luz, foram preenchidos por tanta satisfação, que se revoltaram contra o direito natural (a lei), e desejaram uma qualificação ainda maior, mais magnificente e suprema do que o próprio Deus. Ocorreu então, que a qualidade adstringente contraiu sua essência a um tal estado de solidez que a água doce que ali existia se secou. Simultaneamente, o raio de luz ficou tão claro, que se tornou intolerável aos espíritos emergentes; isso porque o raio de luz foi até a qualidade adstringente de forma tão terrível, como se quisesse explodi-los repentinamente com grande satisfação”. (Aurora, XIII. I. 16).

Não se deve pensar que Deus criou uma dor especial a fim de punir a Lúcifer por sua presunção pecaminosa; O próprio Lúcifer inaugurou um inferno para si ao voltar-se contra Deus e excitar as qualidades naturais inferiores.

“Deus não criou um inferno ou um estado especial de sofrimento para atormentar as criaturas que dele desertaram; mas tão logo os demônios deixaram a luz e tentaram governar através do poder do fogo sobre a beatitude no coração de Deus, no mesmo momento foram para fora de Deus, penetrando as quatro qualidades inferiores da natureza eterna. Com isso, foram mantidos aprisionados no abismo do inferno”. (Threefold Life, II.53)<sup>13</sup>.

O demônio não se afeta com nenhuma dor que venha de fora, mas (a causa de todo sofrimento) está dentro dele. Esse é o inferno tal como foi criado, e a luz de Deus é sua eterna desonra, porque ele é o inimigo de Deus, e não está mais na luz de Deus”. (Three Principles, IV. 36).

O fundamento do inferno existia desde a eternidade; contudo, não estava manifestado, mas oculto até se tornar desperto”. (Theosophical Questions, XV.I).

“Os quatro princípios inferiores sem a luz eterna são o abismo, a cólera de Deus, e inferno. A luz desses princípios é o terrível raio de luz, onde devem despertar a si próprios”. (Threefold Life, II. 50).

“O áspero e severo desejo movimentou-se em Lúcifer, despertando a dor e o desejo de angústia. Assim a bela estrela encobriu sua própria luz e pereceu, e sua legião atuou da mesma forma”. (Mysterium, IX.10).

A legião de Lúcifer não poderia ter atuado de outra forma, pois era a sua vontade atuando neles. Eles eram partes de Lúcifer.

---

<sup>13</sup> O inferno é criado no homem pelo despertar de suas qualidades inferiores, por onde adquire auto consciência e vontade própria, recusando-se a obedecer a vontade divina no homem.

Todas as formas da natureza estão guerreando furiosamente umas contra as outras em Lúcifer, num estado de implacável animosidade. Elas geram nele um monstro negro e orgulhoso, ao invés de um filho de Deus, unido com Ele no amor.

“Se os espíritos que surgiam (em Lúcifer) tivessem interagido pacificamente e segundo a vontade de Deus, teriam gerado um filho, o qual seria como o Filho de Deus e seu amado irmão; mas quando surgiram num estado de absoluta ignição, geraram um filho triunfante, auto planejado, que, de acordo com a primeira qualidade, era duro, áspero, frio e escuro; e de acordo com o segundo princípio, de uma aparência ígnea, ardente e amarga. O som nele era um duro som-fogo, e no lugar do amor havia um inimigo orgulhoso. Assim, na sétima forma da natureza apareceu um monstro orgulhoso que fantasiou estar acima de Deus, como não havia outro igual. O amor esfriou; o coração de Deus não podia mais tocar esse ser pervertido. Sempre que aquele coração, cheio de benevolência e graça, movimentava-se para encontrá-lo, o coração do monstro aparecia escuro, frio, duro e ígneo”. (Aurora, XIII. 40-47).

“A qualidade adstringente foi a primeira assassina, ao perceber que o ser gerava uma bela luz, ela se contraiu de forma ainda mais dura do que quando Deus a criou. A segunda qualidade, a segunda assassina, partiu com grande força para a qualidade adstringente, como se quisesse transformar seu corpo em pedaços. O calor ou o terceiro espírito assassino matou sua mãe, a água doce. O som surgiu tão furioso que soou como um trovão; pretendia com isso, provar sua própria nova divindade; o fogo surgiu como um terrível raio de luz. Assim, o corpo todo se transformou num vale escuro; não houve conforto, nem ajuda. O amor transformou-se em inimigo, e o anjo da luz tornou-se um escuro demônio de trevas”. (Aurora, XIV. 19-25).

Assim como os santos se tornam identificados com Deus, o fraco pode tornar-se identificado com o demônio. Ambos são uma encarnação daquele princípio que assegurou a auto consciência em si.

“Lúcifer ao conceber uma vontade inteiramente oposta ao divino e ao pretender colocar seus próprios produtos no lugar das formações de Deus, fez com que, não só Deus, mas também os anjos puros, especialmente Miguel e suas legiões, dele se separassem”.

“Lúcifer viu a criação e conhecia seu fundamento. Portanto, ele também quis ser um deus, e governar em todas as coisas pelo poder do fogo. Ele quis trazer para a forma seus próprios pensamentos, e não aquilo que o Criador desejou. Assim, tornou-se um inimigo de Deus, e desejou destruir o que fora formado pela ação de Deus com o propósito de colocar em seu lugar seus próprios efeitos e figurações”. (Theosophical Questions, X.I).

Quando Lúcifer abandonou a harmonia de Deus, o santo nome de Deus separou-se dele e permaneceu em sua própria unidade; mas Lúcifer permaneceu nas qualidades do fogo central, o qual havia despertado em si”. (Theosophical Questions, X.6).

“O reino escuro da fantasia e a criatura que está constituída pelos anjos caídos, são uma coisa só, uma vontade, um ser; e como essa vontade rebelada não quis residir e governar sozinha na fantasia, mas quis governar também no santo poder, onde apareceu de imediato, o santo poder repeliu-o para fora de si e se ocultou, logo em seguida – isso quer dizer, o céu interior se fechou, fora de seu próprio estado, a fim de que ele não visse a Deus. Assim é que morreu para o reino da boa vontade”. (Grace, IV. 46).

“Quando Lúcifer provou ser tal tirante e corruptor de tudo o que era bom, todo o exército

dos céus se voltou contra ele, que também se voltou contra todas as coisas. Então, a batalha começou, e o arque-príncipe Miguel com suas legiões lutou contra ele, e o demônio com suas legiões, nada conquistaram; ele foi afastado de sua posição como alguém que fora conquistado”. (Aurora, XVI. 9).

A separação de Lúcifer do mundo da luz foi total, e não local no senso comum da palavra.

O mundo da luz nada sabe sobre os demônios, e os demônios nada sabem sobre o mundo da luz exceto que já pertenceram à ele”. (Theosophical Points, V. 2).

“O céu está no inferno, e o inferno está no céu, e, no entanto, nenhum deles está revelado ao outro. Mesmo se o demônio estivesse viajando por muitos milhares de quilômetros, a fim de chegar ao céu, ele permaneceria sempre no inferno. Assim, os anjos não enxergam as trevas; eles só enxergam a luz do poder divino; mas os demônios só enxergam as trevas da cólera de Deus”. (Mysterium, VIII. 28).

Todo ser encontra-se naquele estado que constitui sua própria consciência.

O ser demoníaco ainda não adquiriu a plenitude de seu desenvolvimento. A existência do mundo terrestre, em cujas partes demoníacas os espíritos malignos residem e operam, é um obstáculo para esse desenvolvimento.

Enquanto o homem perde seu conhecimento de Deus, perde correspondentemente seus poderes para o mal. Um homem não pode tornar-se um demônio completo antes de adquirir o conhecimento divino e poderes correspondentes.

“Como os demônios, levados pela concepção e devassidão, incendiaram-se a si próprios, foram completamente expulsos da geração da luz, e não podem concebê-la ou compreendê-la em toda eternidade. No entanto, a habitação de Lúcifer ainda não está completada, porque em todas as coisas nesse mundo ainda há amor e cólera residindo juntas, batalhando uma contra a outra. Aquelas coisas ou seres ainda não perceberam a luta da luz, mas somente a luta das trevas”. (Aurora, XVIII.32).

“O ser demoníaco ainda não está totalmente manifestado; os demônios ainda terão que esperar por um julgamento maior. O sol e a água ainda mantêm seus reinos ocultos no dia do acerto de contas, é por isso que eles tanto temem o dia do julgamento”. (Theosophical Questions, XIII.15).

“Há sempre dois reinos (estados a serem distintos nos elementos) em um reino o amor emanado de Deus, e no outro Sua cólera. Os demônios residem unicamente no reino da cólera, onde estão encerrados com a noite eterna, e não podem entrar em contato com os bons poderes dos elementos”. (Theosophical Questions, XIII. 7).

Os espíritos maus são especialmente inimigos do homem; mas eles não o fazem mal algum se sua vontade está direcionada para o divino, e se ele não permite ser capturado pelo desejo demoníaco.

Nenhum homem, exceto aquele que está regenerado no espírito, é livre e é seu próprio mestre. Sempre há influências divinas ou diabólicas atuando através dele; mas ele está imbuído de certa quantidade de razão divina para escolher uma ou seguir a outra.

“Se nos lançarmos no desejo terrestre, seremos por ele capturado, e a angústia do abismo

será o nosso senhor. Mas se pelo poder de nossa vontade nos elevarmos acima deste mundo, então o mundo da vida irá capturar nossa vontade, e Deus será nosso Senhor”. (Theosophical Points, VI.5)

“Que nenhum homem pense que está no poder do demônio arrancar de seu coração as obras produzidas pela luz. Ele nem pode vê-las e nem compreender o que são. Portanto, mesmo se na mais externa geração, o demônio se enfurece e causa tempestade, enquanto você não transferir os produtos da cólera para a luz do seu coração, sua alma será salva de ser prejudicada pelo demônio, pois ele é cego e surdo na luz”. (Aurora, XIX.97).

Lúcifer antecipou a miséria que estava atraindo sobre si; mas seu conhecimento era apenas uma “ciência”, ou seja, não era uma condição plenamente realizada por sua experiência; tinha mais um caráter teórico do que um real auto conhecimento, e tendo perdido o poder espiritual da fé que poderia auxiliá-lo a manter sua posição, essa “ciência” não foi suficiente para evitar sua queda. Mais que nada, ele estava curioso por conquistar algo inteiramente novo.

“Quer dizer que Lúcifer não sabia sobre o julgamento de Deus e sobre a queda? Sim, ele sabia muito bem; mas esse conhecimento não estava em seu “sentimento” (ele não o percebeu como uma experiência real); o que ele possuía era apenas uma ciência, um conceito intelectual”. (Mysterium, IX.9).

“Lúcifer sabia que não era Deus, também conhecia a extensão de seu poder; mas ele quis uma experiência totalmente nova, ele quis ser maior que Deus, elevando seu poder acima de todos os reinos, e de toda Divindade”. (Aurora, XIV. 14).

Deus também sabia, em Sua sabedoria eterna, que a queda de Lúcifer aconteceria.

“Na eterna sabedoria, ou melhor, dizendo, na natureza eterna, a queda do demônio (e também do homem) fora prevista antes da criação do mundo”. (Three Principles, IX.22).

“A imagem do ser criado foi vista na sabedoria, com seus aspectos de cólera e amor. Aqui também o Espírito de Deus, emanando eternamente da luz e do fogo do Pai, previu a queda, ou seja, que essa imagem, moldada num ser corporal, seria atraída pela cólera, e perderia seu esplendor divino”. (Stief. III. 58).

Embora Deus tenha previsto aquela queda, no entanto, ela não tinha como ser evitada.

“Pode ser que se pergunte: Por que Deus não restringiu Lúcifer do desejo maligno? Mas como isso poderia ser feito? Se esse ser de fogo fosse levado ainda mais para a humildade e para o amor, sua luz gloriosa se manifestaria ainda mais para ele, e sua ígnea vontade própria cresceria ainda mais com isso. Deveria Ele educá-lo punindo-o? O Objetivo de Lúcifer já era o de excitar em si a fundação mágica, e brincar com o centro das qualidades”. (Mysterium, IX.14).

Lúcifer queria conhecer as trevas, e não tinha nenhum desejo pela luz. O homem deve conhecer o mal, a fim de perceber o bem, após isso ele se volta para o bem; mas como todas as coisas buscam seu princípio correspondente, aquele em quem o mal se tornou soberano irá permanecer no mal.

Observe um cardo ou uma urtiga. Quando mais recebem a luz do sol e o poder, mais ferimentos causarão. Assim, se Deus derramar Seu amor no demônio, os produtos deste serão a raiva e o ódio”. (Grace, IV.37).

O fim do tormento<sup>14</sup> infernal é inconcebível. Tal fim envolveria ou uma mudança no orgulho de Lúcifer para humildade, ou uma destruição de toda a obra da criação.

“Se Lúcifer quiser novamente se tornar um anjo, terá que extrair novamente da unidade e do amor de Deus; seu fogo-vida terá que ser consumido pelo amor, transformado-se em humildade; mas isso o fundamento infernal (a vontade) nos demônios recusa a permitir”. (Theosophical Questions, VII.5).

A essência demoníaca, tendo um fundamento eterno, não pode perecer, a menos que toda a criação deixe de existir e a natureza eterna em sua própria graça seja extinta. Mas nesse caso o reino da alegria também se perderia”. (Theosophical Questions, V.3).<sup>15</sup>

## **CAPÍTULO VI**

### ***A RESTAURAÇÃO DA NATUREZA E A GERAÇÃO DO HOMEM***

“Falar sobre o céu e o nascimento dos elementos, não é falar de coisas que estão longe ou que são estranhas a nós, mas daquilo que está ocorrendo dentro de nosso próprio ser; não há nada mais perto de nós do que esse nascimento, pois é como se estivéssemos falando de nossa própria mãe. Falar do céu é falar de nosso lar, de nosso lugar próprio, onde a alma iluminada pode ver, mesmo que esse lugar esteja oculto aos olhos do corpo”. (Principles, VII. 7).

A consideração Mosaica sobre a criação, nunca pretendeu ser uma história sobre a criação do mundo desde o princípio, mas é uma história de renovação ou restauração do mundo natural anteriormente governado por Lúcifer, lançado à desordem e convulsão, por causa de seu afastamento de Deus.

“Antes dos tempos da cólera, havia no lugar desse mundo as seis fontes espirituais, gerando a sétima de forma suave e doce, como ainda acontece no céu, e não crescia ali nem sequer uma gota de cólera. Tudo o que existia era luz e transparência, sem a necessidade de outra luz, pois a fonte do amor com o coração de Deus estava iluminando tudo. A natureza era então muito etérea, e tudo permanecia num grande poder. Mas tão logo se deu o início da guerra dos demônios orgulhosos, tudo tomou uma outra forma e modo de ação. A luz se extinguiu na geração externa; conseqüentemente, o calor tornou-se aprisionado na corporalidade, não podendo mais gerar sua própria vida. Por causa disso, a morte penetrou a natureza e a natureza se degenerou. Uma nova criação da luz se fez necessária, sem o que a terra teria permanecido na morte eterna”<sup>16</sup>. (Aurora, XVII. 2 IV.15).

“Tudo na natureza tinha que florescer e renascer basta observar os minerais, pedras, árvores, grama, ervas e animais de todos os tipos, todas essas fundações eram perecíveis e impuras aos olhos de Deus; no entanto, Deus pretendia extrair deles no final dos tempos, seus corações e seus frutos, e separá-los da cólera e da morte, então aquilo que tinha que ser regenerado desabrocharia

<sup>14</sup> A palavra “tormento” não significa necessariamente “dor”, mas “consciência”. O “demônio” não sofre enquanto está em seu elemento próprio.

<sup>15</sup> Aquilo que se tornou auto consciente no mal não pode ser transformado em bem sem que primeiro se torne inconsciente de seu próprio ser maligno; mas se o ser é totalmente mal, a morte completa também evitaria a possibilidade de se tornar consciente do bem.

<sup>16</sup> “Lúcifer” não deve ser considerado como um ser separado dentro deste mundo, mas como um poder penetrando a totalidade do universo visível, no mesmo sentido em que o universo pode agora ser considerado o corpo do homem espiritual universal.

eternamente, carregando novamente os frutos celestiais fora e além da localidade deste mundo”<sup>17</sup>. (Aurora, XXIV.25).

“O mesmo salitre (a base material ou fundação), que no tempo da ignição da cólera pereceu na morte, é elevado no raio de fogo, na regeneração. Não que tenha se tornado algo novo, mas apenas adquiriu outra forma de corporalidade, que no momento se encontra num estado de morte” (sua existência é relativa, como a matéria bruta)”<sup>18</sup>. (Aurora, XXII.80).

Os espíritos expulsos produziram um estado de ignição na natureza. Deus então, reuniu a essência da natureza e afastou a possibilidade de alcançarem aqueles poderes, colocando um basta na insolência daqueles espíritos através da água<sup>19</sup>.

“Os espíritos expulsos ainda se encontravam na qualidade do pai, e, portanto acenderam a qualidade da natureza através da imaginação, de modo que a substância transformou-se em terra e pedras, e o doce espírito da água num céu incandescente. Depois disso ocorreu a criação deste mundo”. (Menschwerdung, I. 2-8).

A criação não poderia ocorrer enquanto todos os elementos encontravam-se num estado de revolução; somente depois que “O Espírito de Deus movimentou-se sobre as águas da profundidade” é que o Verbo divino pode tomar forma.

“Quando o Verbo eterno se movimentou, por causa da malícia de Lúcifer, e a fim de expulsar esses parasitas demoníacos de sua residência, rumo as trevas eternas, a essência se compactou (coagulou). Deus não queria mais deixar os poderes manifestados sob o comando de Lúcifer, no lugar em que reinava como um príncipe, e fez com que penetrassem um estado de coagulação, guspindo-os em seguida para fora de ali”. (Mysterium, X.13).

“Nisso consiste a queda de Lúcifer; ele despertou a mãe do fogo e quis governar sobre a benevolência, no coração de Deus. Esse fogo é agora seu inferno; mas esse inferno foi capturado por Deus através do céu, ou seja, a mãe da água. Pois enquanto a localidade desse mundo dera para queimar por conta própria, Deus movimentou-se para criar, e criou a água. Disso resultou o oceano e a insondável profundidade aquosa. Foi o que ocorreu em Sodoma e Gomorra, pois quando o pecado era grande e o demônio habitava ali, desejando manifestar seus poderes, Deus permitiu que o príncipe desse mundo acendesse aqueles cinco reinos, para ali ser senhor e ter sua morada. Deus pensava em destruir seu orgulho; Ele fez com que a água chegasse até lá, e desta forma extinguiu sua glória”.<sup>20</sup> (Threefold Life VIII. 24).

Através de Sua vontade criativa, cheia de amor, Deus fez com que surgisse a luz; Ele direcionou o poder das trevas para as profundezas. Assim, quando a alma do homem surge para a liberdade eterna, os poderes das trevas desaparecem no abismo que está abaixo.

“A cólera não tocou o coração de Deus, mas o amor benevolente emanou de Seu coração, penetrando a mais externa geração da cólera, extinguindo-a. Ele disse: ‘Que haja a Luz’”. (Aurora, 85).

<sup>17</sup> Em outras palavras, a tendência do princípio espiritual é espiritualizar e iluminar todas as coisas, tornando-se ativo onde quer que se encontre.

<sup>18</sup> No mesmo sentido, o poder de uma semente de se desenvolver em uma árvore pode permanecer latente por muitos anos até que as condições para sua manifestação se façam presentes.

<sup>19</sup> Assim o fogo da paixão é subjugado no homem pela “água” da vida eterna destilada da humildade, a qual batiza a alma e tranquiliza os elementos turbulentos.

<sup>20</sup> Isso vai mostrar as relações íntimas existentes entre os mundos espiritual e material. Há uma água “material” e uma “espiritual”, as duas são manifestações de um elemento.

“Ao dizer: ‘Que haja a Luz’, o santo poder concebido juntamente com a cólera, movimentou-se, fazendo com que o poder do demônio fosse completamente extraído dele, em sua essência”. (Mysterium, XII. 14).

“Assim, as trevas permaneceram na qualidade da cólera, na substância da terra e em toda profundidade desse mundo; e na substância da luz, a luz da natureza do céu, ou seja, da quinta essência, surgiu aquilo do que a constelação foi criada. Essa essência está em todo lugar, na terra e acima da terra”<sup>21</sup> (Aurora, XII. 15).

Através dessa nova criação da luz, uma nova vida começou a se espalhar por todo lugar; mas essa criação, de acordo com o número de espíritos divinos ativados pela luz, só chegou a um estado de perfeição no sétimo dia.<sup>22</sup>

“Quando Deus pronunciou: ‘Que haja a Luz’, a essência, o ser dentro da qualidade da luz, não se movimentou apenas na terra, mas em toda a profundidade, com grande poder; com isso, o sol foi criado no quarto dia, quer dizer, foi aceso”. (Mysterium, XII.13).

“Quando Deus se movimentou para criar esse mundo, não foi só uma parte que se movimentou, enquanto a outra repousava, mas tudo se movimentou ao mesmo tempo”. (Aurora, XXII. 122).

“Esse movimento durou seis dias e seis noites, quando todos os sete espíritos de Deus estavam em geração móvel e completa; o coração de todos os espíritos e o salitre da terra também giraram seis vezes dentro da grande roda”. (Aurora, XXI. 123).

“As obras do dia referem-se as sete qualidades; seis delas pertencem ao atual regimento, mas a sétima, ou a essencialidade, é aquela em que as outras repousam; pois essas qualidades foram pronunciadas por Deus e tornaram-se visíveis”. (Mysterium, XII. 2).<sup>23</sup>

No segundo dia a separação ocorreu no poder da luz, separação entre a água imaterial interior e a material externa; o firmamento (aquilo que é firme) foi colocado no meio, entre elas.

“A água da vida separou-se da água da morte, de tal forma que no tempo deste mundo elas encontram-se unidas como o corpo e a alma. Mas o céu, tendo sido feito da parte do meio da água, é como um abismo entre os dois, de modo que a água concebível é a morte, mas a inconcebível é a vida”. (Aurora, XXI. 7).

“A água sobre a terra é um ser mortal e degenerado, como a própria terra. Essa água material, contida na geração mais externa, foi separada da água inconcebível”. (Aurora, XX. 27).

“A água acima do firmamento está no céu, e a água abaixo do firmamento é a água material”. (mysterium, XII. 24).

“O firmamento é a conexão entre tempo e eternidade. Deus o chama ‘céu’, e faz uma

<sup>21</sup> O mesmo ocorre com o coração do homem quando sua mente se torna iluminada pela luz da sabedoria divina que surge do centro divino dentro dele.

<sup>22</sup> O sétimo “dia” para o nosso planeta é sempre, e, no entanto ainda não chegou, pois os seis dias pertencem ao tempo e o sétimo à eternidade.

<sup>23</sup> Os seis “dias” são as atividades das sete formas da natureza eterna, a sétima é o centro delas ou repouso, ou ainda a “temperatura”. Na sétima “Deus” aparece como o “Cristo”. (See Grace, III 39).

distinção entre as águas; isso indica que o céu está no mundo, mas o mundo não está no céu”. (Mysterium, XII. 23).

Assim, a mente do homem é a conexão entre o estado celeste e terrestre. O céu e a felicidade podem estar em sua mente, mas a mente não pode estar no céu exterior.

As águas materiais e espirituais não estão separadas uma da outra de forma externa, ou segundo a localidade, mas onde quer que haja a água material, há também a água espiritual, essa vem para auxiliar a primeira.

“Quando observo a água exterior, sou forçado a dizer: ‘Aqui, na água de baixo do firmamento, está contida a água de cima do firmamento’. Mas o firmamento é o meio, a ligação (linha divisória) entre tempo e eternidade, de modo que nenhuma das duas é a outra. Aos olhos externos, ou deste mundo, só vejo a água abaixo do firmamento, mas a água acima do firmamento é aquela que Deus instituiu para o batismo da regeneração em Cristo”. (Mysterium, XII. 26).

“Toda água deste mundo encontra-se degenerada, portanto, a água superior deve vir em auxílio da terra, extinguindo seu fogo e apaziguando-a, a fim de que a verdadeira água possa nascer”. (Aurora, XX. 33).

A inspiração divina deve vir em auxílio do pensamento material, para permitir o nascimento dos pensamentos celestes.

No terceiro dia, a essência aquosa e ígnea, o firmamento do céu e a terra, entraram novamente em conjunção, nasceram as ervas, plantas e árvores, e ao mesmo tempo formou-se o ouro, a prata e minerais de vários tipos.<sup>24</sup>

“No segundo dia, Deus separou o mercúrio ígneo do aquoso, e chamou o ígneo de firmamento do céu. Então, no espírito da natureza externa originou-se a espécie macho e fêmea, ou seja, no Mercúrio ígneo o masculino e no aquoso o feminino”. (Clavis, 86).

“No terceiro dia, o Mercúrio ígneo e o aquoso entraram novamente em conjunção e mistura, foi então que o salitre deu origem às ervas, plantas e árvores”. (Clavis, 88).

“Após Deus ter colocado o céu entre o amor e a cólera, para manifestar o discernimento, ocorreu que no terceiro dia o amor penetrou as trevas através do céu. Então o velho e mortífero corpo começou a se movimentar e a sentir a angústia da geração; pois o amor é ardente e inflama a fonte do fogo, e esse causa uma fricção na qualidade fria e adstringente da morte rígida, até que no terceiro dia a qualidade adstringente tornou-se aquecida, e a terra amarga tornou-se móvel. (Aurora, XXV.29).

“Quando a luz contida na água doce penetrou o espírito amargo, o raio de luz, inflamando-se na água, na qualidade morta, dura e amarga, provocou um movimento em todas as coisas, surgiu a mobilidade (a vida) na existência, não somente no céu acima da terra, mas também na terra. A vida começou a ser gerada em todas as coisas, e a terra produziu as plantas, ervas e árvores; dentro da terra se formaram a prata, o ouro e os metais de vários tipos”. (Aurora, XXI. 132; XX. 6).

Como a luz só podia ser ativa na essência corrupta, não havendo outra, os produtos formados ali eram de um tipo misto metade bom, metade mal.

<sup>24</sup> Há o número da forma, portanto o terceiro “dia”, e através do terceiro princípio, três formas dimensíveis (não pode haver outra) vieram (e continuam vindo) para uma existência objetiva.

“Quando a luz apareceu novamente no exterior, não concebível, o Verbo fez surgir a vida da morte, e o salitre corrupto produziu frutos novamente; mas isso tinha que ocorrer em certa relação com o estado depravado existente na cólera, e como a produção dos frutos veio da terra, tinham que ser bons e maus”. (Aurora, XXI 19).

Antes da ignição do sol e das estrelas, a natureza repousava como que num estado de morte, e as formações de que dela procediam eram desprovidas de vida, do poder de produção e crescimento.

“Até o terceiro dia depois da ignição da cólera de Deus no mundo, a natureza permaneceu na ansiedade, e era um vale de trevas na morte; mas no terceiro dia, quando a luz das estrelas começou a se acender na água da vida, a vida rompeu a morte, e uma nova geração teve início”.(Aurora, XXIV. 41).

“Há na terra, acima de tudo, a qualidade amarga. Esta contrai o salitre e solidifica a terra, tornando-a um ser corporal, formando corpos de vários tipos, tais como rochas, metais e múltiplas raízes. Na ocasião desta formação, não há vida que permita o crescimento e a expansão. Mas quando o calor do sol age sobre o solo, várias formações prosperam e crescem na terra”. (Aurora, VIII. 41).

Da mesma forma, o elemento material e terrestre no homem, não tem o poder de tornar-se superior à sua própria natureza. Isso não é possível, senão pelo poder do Espírito Divino.

A luz eterna de Deus brilhou nas trevas deste mundo e inflamou o calor no firmamento, ou céu, e do fogo surgiu a luz, ou seja, o sol e o céu estrelado.

“Depois que o céu foi feito, para a distinção entre a luz de Deus e o corpo corrupto deste mundo tudo mudou; o mundo corrupto era uma vale de trevas, sem luz, onde todos os poderes encontravam-se capturados, como que na morte; era uma situação muito difícil, até que se tornasse iluminado no meio de todo o corpo. Mas quando isso ocorreu o amor na luz de Deus rompeu aquele céu da divisão e acionou o calor”. (Aurora XXV 68).

“Deus, a luz eterna e a vontade eterna, brilha nas trevas e as trevas capturaram a vontade (recebeu sua atividade). Nessa vontade surgiu a ansiedade, e nela está o fogo, e no fogo a luz. Assim, as estrelas foram produzidas do fogo; o sol, do poder dos céus”. (Three Principles VIII. 22).

Tudo isso ocorre de forma correspondente durante a regeneração espiritual do homem.

Por esse intermédio, a Sabedoria divina manifestou-se, não de forma inteiramente pura e, portanto, não permanente e imutável; a manifestação ocorreu como num espelho claro, conduzindo o demônio de volta para as profundezas das trevas.

“No quarto dia, Deus criou de Sua sabedoria eterna, o senhor do terceiro princípio (o mundo visível), o sol e as estrelas. Vê-se aqui claramente a Divindade e a sabedoria eterna de Deus, como num espelho claro. Esse ser, visível diante de nossos olhos, não é Deus propriamente dito, mas um Deus no terceiro princípio, que irá finalmente retornar ao seu éter e ter um fim”. (Three Principles VIII.13).

“Deus fez uma sólida fundação (firmamento) chamada ‘céu’, entre a geração mais externa e mais interna, entre a Divindade clara e a natureza corrupta, através da qual deve surgir o querer de

cada um de ir para Deus. Sobre essa fundação é dito que mesmo os céus não são puros diante de Deus, mas no dia do julgamento a cólera será arrancada de lá”.<sup>25</sup> (Aurora, XX.41).

“No tempo da criação de uma nova luz, o sol foi despertado nesse mundo tornado corrupto por Lúcifer, o que afastou o esplendor do demônio. Ele foi enclausurado nas trevas como um prisioneiro, entre o reino de Deus e o reino deste mundo; ele não tem mais o que governar nesse mundo, exceto na Turba, onde a cólera e a fúria de Deus estão despertadas”. (Menschwerdung, I. 2).

O sol foi revelado através da alma do mundo, e é feito através das influências das estrelas. Assim o sol da Sabedoria divina no homem está representando o conhecimento coletivo que o homem reuniu de suas experiências, tendo como base sua própria auto consciência divina. Sem essa auto consciência em Deus, todas as suas aquisições intelectuais são meras vaporizações condenadas ao desaparecimento.

“No sol do mundo externo, e através dele, Deus despertou um rei, ou como chamaria simbolicamente, uma divindade natural, junto com seis conciliadores, para serem seus assistentes, ou seja, o sol e os seis outros planetas, pronunciados das sete qualidades do lócus (lugar ou centro) do sol. O sol recebe seu esplendor da tintura do mundo ígneo e o mundo da luz, sendo manifestado como um ponto revelado com relação ao mundo de fogo”. (Mysterium, XIII. 16).

“Na morte, no centro, no corpo ou ainda na substância corporal da terra, Deus despertou a tintura, com seu brilho, esplendor e luz, onde está contida a vida da terra; mas na profundidade acima do centro Ele deu o sol, que é uma tintura de fogo, e que com seu poder, alcança a liberdade fora e além da natureza, e de onde a natureza recebe seu esplendor. Ele é a vida de todo o círculo das estrelas, e todas essas estrelas são Seus filhos. Não que ele contenha suas essências, mas a vida deles surgiu de seu centro, no princípio”. (Threefold Life IV. 27).

“O sol é o coração de todos os poderes nesse mundo, e está configurado segundo os poderes de todas as estrelas, enquanto que, por outro lado, ele ilumina e vivifica todas as estrelas e poderes neste mundo”. (Aurora, VII 42).

Assim, o princípio divino no homem alimenta o intelecto com luz e vida, do mesmo modo que o sol reflete sua luz sobre a lua. Um intelecto desertado de Deus irá perecer depois que sua força acumulada for exaurida. Só aquilo que Deus reconhece em nós continua permanente.

“O sol está no meio das profundezas, ou seja, na luz ou no coração das estrelas, extraído de todos os seus poderes pelo poder de Deus, trazido para a forma. Portanto, ele é a luz clara de tudo, e pelo seu brilho e calor acende todas as estrelas, cada um de acordo com sua própria e especial qualidade e poder”. (Threefold Life VII.40).

“Não que chamando o sol de centro queremos dizer que todas as estrelas originaram-se de um ponto central, chamado ‘sol’. O sol é o centro dos poderes das estrelas, a causa pela qual se movimentam em sua essência. Ele desenvolve seus poderes e coloca seu poder dentro delas, esse poder constitui seu coração”. (Mysterium XI.32).

Os sete planetas tornaram-se objetivos através do sol, segundo a correspondência com as sete formas da natureza.<sup>26</sup>

<sup>25</sup> O homem julga a si mesmo. Ele irá movimentar o fiel da balança segundo a sua consciência. O dia do julgamento aparece quando os espíritos julgadores despertam dentro dele.

<sup>26</sup> Todos os filósofos iluminados do passado falavam apenas de sete planetas, e se aceitarmos a possibilidade da percepção espiritual e concordarmos que esta percepção era verdadeira, então não poderia haver mais do que sete

“Assim como o sol é o coração da vida e origem de todos os espíritos no corpo deste mundo, Saturno é o princípio de toda corporalidade e tangibilidade. Desta forma, seu princípio e descendência não vêm do sol; sua origem é a intensa, azeda e severa ansiedade de todo corpo deste mundo”. (Aurora, XXVI I).

“Quando a luz se acende, o poder conquistado na adstringência torna-se Mercúrio”. (Three Principles, VIII 24).

“O Mercúrio é agitador, barulhento e retumbante; mas ainda não possui a verdadeira vida. Essa se origina no fogo. Assim, ele deseja a essência tempestuosa e penetrante, para fazer com que surja o fogo, que é Marte”. (Threefold Life IX 78).

“Quando o sol se inflamou, o terrível raio de fogo saiu da localidade do sol para uma região superior como um furioso rompimento de relâmpago, que se torna Marte. Este é um tirante, um elemento de atrito, aquele que coloca em movimento todo o corpo do mundo, para que toda vida tire dele sua origem”. (Aurora, XXV 72).

“Tão logo os espíritos de movimento e de vida, através da ignição da água, surgiram da localidade do sol, a brandura, sendo a base da água, penetrou e envolveu com o poder da luz, numa direção inferior, do modo da humildade, o que trouxe à existência o planeta Vênus”. (Aurora, XXVI 19-33).

“Quando o terror ígneo fora capturado pela luz, esta, através de seu próprio poder e sendo uma vida doce e de exaltação, elevou-se ainda mais das profundezas, até chegar no lugar duro e frio da natureza. Ali permaneceu, e deste poder veio à existência o planeta Júpiter” (Aurora, XXV 76-82).

“A sétima forma é a Lua, onde estão contidas as qualidades das seis formas. Ela é, por assim dizer, o ser corpóreo das outras formas, os quais lançam nela todos seus desejos através do Sol. Ou seja, aquilo que no Sol é espiritualidade, torna-se corpóreo na Lua”. (Signature, IX 24).

Depois que o mundo das estrelas começou a existir, a vida sideral apareceu pelo poder deste mundo das estrelas, ou seja, aqueles organismos vivos foram produzidos, representando “estrelas de vários elementos”.

“O firmamento do céu, feito do meio das águas, é uma geração que penetrou através da geração congelada e externa, quer dizer, através da morte, trazendo à tona a vida sideral, tais como animais, homens, pássaros, peixes e vermes”. (Aurora, XX. 60).

“Depois de Deus ter desenvolvido as estrelas e os quatro elementos, foram produzidas as criaturas em todos esses quatro elementos, tais como pássaros na constelação do ar, peixes na constelação da água, animais e seres de quatro patas na constelação da terra e espíritos na constelação do fogo”.<sup>27</sup> (Mysterium XLIV I).

Essas criaturas receberam seus espíritos das estrelas, ou melhor, do espírito deste mundo,

---

planetas originais em nosso sistema solar, e os dois que sobram podem ser olhados como excrescência, ou sombras, o que apareceria com a influência maléfica de pelo menos um deles, o que os astrólogos conhecem bem.

<sup>27</sup> Para detalhes explícitos com relação aos habitantes do mundo elemental, veja Paracelsus. A existência de tais seres ficará mais compreensível se lembrarmos que o universo é uma unidade organizada, e que cada forma ali, seja visível ou invisível a nós, nada mais é do que uma expansão relativa da manifestação da consciência que reside no Todo.

mas o corpo recebeu da terra. Segundo a predominância da forma aquosa ou ígnea, surge o sexo oposto.

“Pelo poder de Seu Verbo, o Fiat, Deus fez com que todos os seres surgissem da matriz da natureza no quinto dia, cada um segundo suas qualidades; os peixes na água, os pássaros no ar, e outros animais sobre a terra. Eles receberam sua corporalidade da fixidez (rigidez) da terra, e seu espírito do Spiritus Mundi”. (Grace, V 20).

“Todas as criaturas, foram criadas da vida de baixo e da vida de cima. A matriz da terra forneceu o corpo e as estrelas, o espírito”. (Threefold Life XI 7).

“Como o espírito das estrelas, ou o espírito na forma-ígnea, pelo poder de sua duração, misturou-se com o da água, de uma única essência surgiram duas essências. Uma, a masculina na forma ígnea, e a outra, a feminina na forma aquosa (estado)”<sup>28</sup>. (Three Principles VIII. 43).

Finalmente, o homem foi criado, e dele deveria surgir um exército celeste, e no devido tempo seu rei, no lugar do expulso Lúcifer.

“Deus quis criar um exército angélico. Para tanto, criou Adão, que deveria gerar de seu próprio corpo, criaturas de sua mesma espécie; mas no meio tempo, deveria nascer do corpo de um homem o Rei de todos os homens; Ele deveria tomar posse do novo reino como um governante destes seres criados, no lugar do degenerado e banido Lúcifer”<sup>29</sup>. (Aurora, XXIV 18).

O homem, contudo, deveria superar os anjos (em perfeição), pois era para ser uma imagem completa da glória divina, enquanto que os anjos foram criados apenas a partir de dois princípios.

“Adão deveria ser um perfeito símbolo de Deus, criado da Magia eterna, a substância de Deus; ele era para ser algo feito do nada, do espírito – o ideal – para um corpo”. (Menschwerdung I.5).

“Os anjos são criados de dois princípios, mas a alma com o corpo da vida exterior é criada de três princípios. Portanto o homem é superior aos anjos, contanto que permaneça em Deus”. (Forty Questions I 263).

“Nós seres humanos somos um mistério maior do que os anjos, e devemos superá-los na sabedoria celeste. Eles são chamados de fogo, iluminados pela luz de Deus, mas nós contemos a grande fonte da humildade e do amor, que se eleva com a santa essencialidade de Deus”<sup>30</sup>.

<sup>28</sup> Tudo isso não se aplica unicamente a seres visíveis, mas também àqueles existentes em outros planos da criação, e que, portanto não podem ser vistos com nossos olhos. Há seres elementais femininos e masculinos, acordes maiores e menores na música, forças positivas e negativas em todos os departamentos da natureza, desde o espiritual até o plano mais espiritual. Em todas as criaturas a vontade é o elemento feminino, executor e corporificador; a imaginação é o elemento masculino, direcionador e superintendente.

<sup>29</sup> Com relação “àquilo do que o homem foi formado”, Theophrastus Paracelsus diz: “É um extrato de todos os seres que existem no céu e sobre a terra, das almas e de todas as coisas, criaturas, espíritos, elementos e mentes atraídos a um foco através do centro espiritual residindo em cada forma. É a quinta essência de todas as coisas; o homem é um microcosmo, diferindo do macrocosmo apenas porque as coisas que constituem o macrocosmo aparecem numa outra imagem, ordem ou forma. No macrocosmo encontram-se todas as potências e qualidades que existem no universo, ativo ou latente. Sua substância terrestre é da terra, suas faculdades mentais, da mente universal, sua sabedoria mundana, da luz da natureza; mas a sabedoria divina em nele, pertence à Deus”.

<sup>30</sup> No estudo da “anatomia” e da “psicologia” do homem interior, será necessário lembrar que, para tratarmos com a antropologia e a cosmologia de um ponto de vista espiritual, precisamos livrar nossas mentes todas as concepções vulgares do que normalmente é chamado de “matéria”, por aquela ciência que lida meramente com as aparências

(Menschwerdung, I 5).

O homem encerra os três princípios: o princípio das trevas ou do fogo, de onde origina sua alma; o princípio da luz, de onde origina seu espírito e o terceiro princípio, que é o elemento básico de seu corpo.

“Na vida do homem há três estados que devem ser distinguidos um do outro - primeiro, o mais interno, ou seja, Deus eternamente oculto no fogo; segundo, a parte do meio, que desde a eternidade permanece como uma imagem ou semelhança nas maravilhas de Deus, comparável a uma pessoa que se vê no espelho; terceiro, essa imagem viva que recebe ainda um outro espelho na criação, onde se observou, ou seja, o espírito do mundo externo, ou o terceiro princípio, que também é uma forma (estado) do Eterno”. (Threefold Life, XVIII. 4)

“As trevas no homem que deseja a luz, é o primeiro princípio; o poder da luz, o segundo; e o poder desejante que atrai e se torna pleno (substancial), e onde o corpo material cresce, é o terceiro princípio”. (Three Principles VII 26).

“A alma, ou o primeiro princípio, é encontrada no fogo da natureza eterna; o espírito, ou o segundo princípio tem sua raiz na luz; e o corpo é o terceiro princípio, ou a substancialidade do mundo visível”<sup>31</sup> (Tabuloe Principoe, 65).

Adão deveria governar toda a natureza, portanto, seu corpo foi extraído de todos os poderes do mundo externo; mas o terceiro princípio, assim como o primeiro, surgiu nele sujeito ao segundo, a luz.

“Se vocês observarem seu próprio ser e o mundo exterior, e o que está ocorrendo ali, descobrirão que vocês são esse mundo exterior, com relação ao ser externo. Vocês são um pequeno mundo formado a partir do grande mundo, e sua luz externa é um *caos* do sol e das constelações de estrelas. Se assim não fosse, vocês não seriam capazes de enxergar através da luz do sol”.<sup>32</sup> (Mysterium, II. 5).

“Se um homem, como imagem de Deus, deve governar os peixes, aves, animais e toda a terra, assim como as essências de todas as estrelas, então ele deve ser parte dos três, pois cada espírito só pode governar em sua mãe, onde tem sua origem”. (Mysterium, XIV 8).

“O homem terrestre tinha em sua constituição o reino deste mundo, mas os quatro elementos (separados) não governavam sobre ele; eles encontravam-se em um, e a ordem terrestre das coisas encontrava-se oculta no homem. Ele deveria viver no estado celeste, e embora tudo estivesse em movimento (vivo) dentro dele, no entanto ele governava a angústia terrestre (consciência externa) através da qualidade celestial (consciência interna) do outro (segundo) princípio, para manter o domínio sobre o reino das estrelas e dos elementos através da qualidade paradisíaca”. (Menschwerung I 2).

O homem deve elevar não só sua imaginação, mas sua vontade, acima de tudo o que é

---

externas, devemos observar todas as coisas como manifestações de uma consciência universal, atuando sobre planos internos e externos da existência, enquanto que a forma visível nada mais é do que uma aparição passageira.

<sup>31</sup> O homem é feito de vontade e imaginação; em outras palavras, “fogo” e “luz”. A manifestação do fogo e da luz (pensamento) produz aquilo que aparece a nós como “substância” ou “forma”.

<sup>32</sup> Não é o “homem” no sentido abstrato que reconhece qualquer coisa. É sempre um certo princípio, que se torna ativo nele, que reconhece sua própria contraparte na natureza externa, quando ele entra em contato com esse princípio. Só aquele em que há luz pode ver a luz; só o elemento do amor pode sentir o amor; só a divindade no homem pode conhecer Deus no homem e através do homem.

terrestre, sensual ou meramente intelectual, se deseja ser um poder no reino do Espírito. É desta forma que o ideal torna-se real para ele.

“O corpo de Adão (o corpo etéreo do homem aborígine) foi criado dos quatro elementos da natureza externa, e das estrelas (da essência das estrelas), por meio do Fiat eterno. Desta forma, ele estava em posse da essencialidade terrestre e divina; mas a terrestre estava na divina como que consumida ou impotente (latente). A substância ou a matéria da qual o corpo foi feito ou criado também continha o primeiro princípio em si, mas não estava em movimento”. (Menschwerdung, i 3, 15).

“Como Deus reside em Si mesmo e penetra todas as Suas obras, incompreensíveis a si próprias, e sem Ser afetado por nada, do mesmo modo Sua imagem (homem) originou-se do puro elemento. Ele também foi criado neste mundo; mas o reino deste mundo não era para compreendê-lo, mas ele governaria poderosamente neste mundo através das essências do elemento puro”. (Three Principles, XXII 15).

A expressão que Deus criou o homem de um monte de barro, não deve ser compreendida de outra forma senão que Deus, através do desejo, extraiu todas as qualidades terrestres.<sup>33</sup>

“Se Moisés diz que Deus criou o homem de um monte de barro, e que soprou nele o sopro da vida, não se deve compreender com isso que Deus tenha atuado de maneira pessoal – como se fosse um homem tomando um punhado de barro para fazer um corpo; mas o Fiat, ou seja, o desejo do Verbo, estava contido no modelo do homem percebido eternamente, que permaneceu no espelho da sabedoria, e que extraiu os Ens (o princípio) de todas as qualidades da terra (matéria) num corpo, e essa era a quinta-essência feita dos quatro elementos”. (Grace, V. 27).

Mas a essência da alma, estando enraizada naquele todo, não se tornou manifesta no homem antes que Deus a despertasse pelo sopro de Sua palavra.<sup>34</sup>

“Os espíritos originais, no todo, não podiam ser imediatamente inflamados pela alma, pois a alma era apenas uma semente no todo, oculta no coração de Deus em seu céu, até que o criador expandisse o todo pelo Seu sopro. Então os espíritos originais inflamaram a alma, fazendo com que corpo e alma vivessem imediatamente. A alma realmente possuía sua vida antes que o corpo existisse; mas ela encontrava-se no coração de Deus, oculta no todo e no céu, e nada mais era do que uma semente santa, um centro de poder em Deus”. (Aurora, XXVI. 126).

A alma do homem não manifesta a vida divina enquanto o Espírito de Deus movimenta-se apenas na superfície e não na profundidade.

## **CAPÍTULO VII**

### **HOMEM**

“Deus criou o homem à Sua própria imagem. Masculino e feminino (em um) Ele o criou”.

---

<sup>33</sup> Portanto, Theophrastus Paracelsus diz: “O homem natural é feito do mundo, e não o mundo feito do homem. Ele é filho da natureza, e possui todas as qualidades de sua mãe, nada mais, nada menos. Mas o verdadeiro homem espiritual é um filho de Deus. A sabedoria natural não é divina, mas a sabedoria divina está acima de tudo”.

<sup>34</sup> E assim, neste mesmo dia, cada pessoa que ainda não começou a ser regenerada no espírito, encontra-se na mesma condição de Adão antes que o Espírito de Deus nele soprar. A alma do homem assemelha-se a uma semente contendo a potência da imortalidade consciente, num estado inconsciente. Não há nada imortal no homem, exceto Deus, e pelo despertar daquilo que é divino em si, o homem alcança a autoconsciência de sua própria imortalidade.

O Homem em seu aspecto cósmico é um ser bem superior ao “homem” descrito em livros de antropologia, anatomia, etc. Tais ciências externas lidam apenas com o corpo material grosseiro do homem terrestre externo, enquanto que o corpo essencial do homem macrocósmico e microcósmico, está além da observação externa. No estudo do homem como ser cósmico há três sujeitos a serem considerados, embora sejam apenas três facetas de um aspecto único. Esses três sujeitos são: Deus, a Natureza e o Homem; nenhum deles pode ser compreendido em sua essência interna sem a compreensão dos outros dois. A ciência externa, a “filosofia natural” e a teologia tendem a separá-los. Todas se referem ao homem como um ser separado, distinto e independente da natureza, e a natureza como algo independente do homem; de Deus eles nada sabem e consideram o poder divino, causa de toda vida, algo externo à natureza e ao homem, como se estivesse além de seu alcance. Por essa razão, o “homem” da ciência moderna tornou-se um ser não natural, sem nenhum objeto concebível para sua existência; a natureza é para ele um organismo envolvido pela flexão, sujeita a nenhuma outra lei senão àquela que funciona mecanicamente. Os poderes divinos, espirituais, criativos e ocultos no homem e na natureza estão totalmente afastados do campo da percepção “racionalista”.

O homem, como um todo, pode ser concebido como um ser planetário, uma auto consciência, esfera luminosa de extensão inimaginável; no momento, a esfera mental do homem, de fato, não tem limites definidos; ela alcança tão longe quanto seus pensamentos forem capazes de ir. Ele foi criado com o propósito de ser a imagem de Deus. A glória de Deus residia nele, e ele encontrava-se tomado pela luz do amor divino.

No homem tudo está contido: Deus, o Cristo, os anjos, os reinos celeste e terrestre e os poderes do inferno. Fora dele não é nada daquilo que ele concebe; não há como conhecer nada senão aquilo que está em sua mente. Nenhum deus ou demônio, nenhum espírito, seja qual for seu poder, pode atuar com o homem, a menos que penetre a sua constituição. Só aquilo que existe nele, tem existência para ele.

Sem a percepção desse fato, os mistérios da religião permanecerão incompreensíveis. Pode ser interessante e fantástico especular sobre os diferentes deuses e hostes celestiais que formam os Panteões das várias nações, mas tal estudo não constitui conhecimento real. Só quando as percepções espirituais do homem se desenvolverem e ele se ater ao conhecimento divino do ser, então conhecerá o Cristo e todos os poderes celestiais; aquele que agregar esses poderes irá formar o reino de Deus existente dentro de si mesmo.

“O espírito de Deus reside de eternidade em eternidade unicamente no céu, ou seja, em Sua própria essência, no poder da majestade. Quando ele foi soprado na imagem de um homem, surgiu o céu no homem; pois, Deus quis revelar-Se no homem, como numa imagem criada à Sua própria semelhança, e manifestar as grandes maravilhas de Sua sabedoria eterna”. (Stiefel, I. 36).

“Simultaneamente à introdução de Sua divina imagem, Adão recebeu também a palavra viva de Deus (inteligência espiritual) para fornecer alimento à sua alma”. (Menschwerdung, I 3 24).

“Deus criou Adão para (desfrutar) a vida eterna, no Paraíso, num estado de perfeição paradisíaca. O amor divino iluminava o seu interior, assim como o sol ilumina o mundo” (Stiefel, I. 36).

“No Paraíso existe a vida perfeita, sem distúrbios, e o dia perpétuo; o homem paradisíaco é

claro como um vidro transparente, plenamente penetrado pela luz do sol divino”.<sup>35</sup> (Signature, XI.51).

Seu corpo aparece luminoso, porque sua substância terrestre foi absorvida na essência celeste. Ele irradia uma luz pura e divina.<sup>36</sup>

“A corporalidade santa interior do elemento puro penetrou os quatro elementos e manteve consigo o Limo da terra, ou seja, o corpo sulfúrico (terrestre) exterior, como num estado de absorção; este corpo estava realmente presente, mas do mesmo modo que as trevas habitam na luz, não podendo manifestar-se, por causa da luz”. (Mysterium, XVI. 6).

“Todas as qualidades do corpo santo e interior, juntamente com as qualidades externas, encontravam-se no homem primordial sintonizadas em uma só harmonia. Nenhuma delas vivia em seu próprio estado de desejo; o desejo de cada uma estava na alma, onde a luz divina manifestava-se. A luz divina irradiava através de todas as qualidades, produzindo nelas uma temperatura equilibrada e harmoniosa”. (Mysterium, XVI. 5).

“O homem interior mantinha o homem exterior aprisionado em si mesmo e o penetrava tal qual o ferro incandescente é penetrado pelo fogo, de forma que parece ser ele o próprio fogo. Mas quando o fogo se extingue, então o ferro negro e duro se manifesta”. (Mysterium, XVI 7).

“O elemento puro penetra o homem externo e subjuga os quatro elementos; além do mais, o poder do calor e do frio estava na carne. Mas, como a luz de Deus brilhava ali, estavam numa harmonia equilibrada, de forma que nenhuma delas se manifestava diante da outra. Assim, Deus o Pai, é chamado de Deus colérico e ciumento, um fogo consumidor; Ele é realmente tudo isso com relação as suas qualidades; mas destas qualidades nada se torna manifestado na Sua luz”. (Stiefel, XI 75).

“O homem primordial ainda fixo no Paraíso, encontrava-se num estado tal como o tempo está diante de Deus e Deus no tempo. Assim como o tempo é um mero espetáculo diante de Deus, a vida externa do homem era um espetáculo diante do homem santo e interior, a verdadeira imagem de Deus”. (Mysterium, XVI 8).

No mesmo sentido, o Bhagavad Gita diz que o verdadeiro eu, o Deus, Atma, ou “Cristo”, não é um participante, mas um mero espectador naquilo que se refere às ilusões externas.

“O corpo interior era um lugar onde a Divindade podia habitar, uma imagem da divina substancialidade. Naquele corpo, a alma tinha a sua brandura, e seu fogo havia se tornado brando, pois ela havia recebido o amor e a brandura de Deus”. (Tilk. I 233).

Devido a essa semelhança com Deus, a vontade e os pensamentos de Adão eram como que uma única coisa. Sua mente era pura, simples, infantil, sem sofisticação e devotada à Deus; ele não precisava de nenhum espetáculo sobre o desconhecido, pois tinha o poder de perceber o que queria saber. Ele desfrutava da percepção das coisas divinas e terrestres.<sup>37</sup>

<sup>35</sup> O termo “Paraíso” significa um estado de pureza, inocência e felicidade, mas não necessariamente conhecimento. O homem tem que aprender a conhecer o mal a fim de poder perceber o bem.

<sup>36</sup> Sua vontade e seus pensamentos eram puros, portanto, seu espírito (a união da vontade e do pensamento) manifestou-se na formação de uma forma luminosa e pura, sem o peso dos elementos materiais grosseiros que formam no presente os corpos dos seres humanos. Então, como agora, seu corpo era o produto de seus próprios pensamentos.

<sup>37</sup> Uma prova lógica só é útil enquanto formas cegas com relação à natureza de algo. Depois que este algo se torna parte de nós e a conhecemos através dos sentidos, nenhuma outra prova de sua existência será necessária.

“A mente de Adão era inocente como a de uma criança, brincando com as maravilhas de seu Pai. Não havia nele nenhum auto conhecimento da vontade demoníaca, nenhuma avareza, orgulho, inveja, raiva, mas um puro desfrutar do amor”. (Threefold Life, XI 23).

“Quando Adão foi criado no Paraíso, sua alma queimava como uma chama de óleo puro. Portanto, sua percepção era celestial, e sua inteligência superava e compreendia coisas além da natureza”. (Signature, VII. 2).

“O homem interior permanecia no céu; suas essências estavam no Paraíso; seu corpo era indestrutível. Ele conhecia a linguagem de Deus e dos anjos, e a linguagem da natureza, como se pode perceber ao vermos Adão dando nomes a todas as criaturas, cada uma segundo sua própria essência e qualidade”. (Quarenta Questões, IV 7).

“Adão, depois de ter sido criado por Deus, encontrava-se no Paraíso num estado de satisfação, glorificação e beleza, pleno de conhecimento. Deus então, trouxe diante dele, como senhor do mundo, todos os animais, a fim de que os observasse e desse um nome a cada um, segundo a essência e poder específico. Adão sabia que ele estava dentro de cada criatura, e deu a cada um seu nome apropriado. Deus pode ver nos corações de toda as coisas, e o mesmo podia ser feito por Adão.”<sup>38</sup> (Three Principles, X 17).

Neste estado de ser-deus, Adão tinha poder sobre todas as coisas; pois todas as coisas existiam nele e ele em todas as coisas, e nada podia causar-lhe qualquer dano externo. Para expressar em outras palavras, todas as coisas existiam subjetivamente em sua mente, e agora existem em nossas mentes, mas essa mente era seu corpo, onde o centro de sua consciência estava, ali estava sua “forma”.<sup>39</sup>

“Sendo Deus um Senhor de todas as coisas, o homem no poder de Deus deveria ser o senhor deste mundo”. (Menschwerdung, i 4, 7).

“A alma no poder de Deus penetra todas as coisas, e é poderosa sobre tudo, como o próprio Deus; pois ela vive no poder de Seu coração”. (Three Principles, XXII 17).

“Assim como o ouro é incorruptível no fogo, o homem não estava subjugado a nada, somente ao Deus Único que nele habitava e Se manifestava pelo poder de Seu ser santo”. (Mysterium, XVI 12).

“Todas as coisas estavam sujeitas a Adão; seu governo estendia-se do céu à terra, a todos os elementos e estrelas, pois o poder divino estava nele manifestado”<sup>40</sup> (Mysterium, XVI 2).

“A vontade-espírito do homem penetrava todas as criaturas, sem ser injuriada por nenhuma delas, pois nenhuma podia alcança-la. Nenhuma criatura pode apreender o poder e a luz do sol em sua vontade própria, mas deve permanecer passiva para ser penetrada por ela; esse era o caso da vontade-espírito do homem”. (Grace, VII 2).

<sup>38</sup> Adão encontrava-se em harmonia com a criação; ele era um com a natureza. Portanto, podia experimentar os sentimentos de todos os seres na natureza em si mesmo, expressando-os apropriadamente.

<sup>39</sup> O homem ainda se encontra naquele lugar em que está sua consciência; mas como seu corpo físico é muito grosseiro para seguir os movimentos de seus pensamentos, o corpo torna-se inconsciente sempre que sua consciência se concentra em outro lugar.

<sup>40</sup> Este era o Homem divino, a partir de quem o mundo foi criado, enquanto que o homem natural é um produto do mundo.

“Antes de sua queda, o homem podia governar o sol e as estrelas. Tudo estava em seu poder<sup>41</sup>. O fogo, o ar, a água e a terra não podiam subjuga-lo; nenhum fogo o queimava, nenhuma água o afogava, nenhum ar o sufocava; tudo o que vivia o temia”. (Threefold Life, XI 23).

“Nenhum calor, frio, doença, acidente ou medo algum podia tocá-lo ou terrificá-lo. Seu corpo podia passar pela terra e pedras sem que nada fosse quebrado; pois um homem que fosse subjogado pela natureza terrestre, ou que pudesse ser quebrado em pedaços, não seria eterno”.<sup>42</sup> (Menschwerdung, I 2 13).

Do mesmo modo, aquela natureza que o rodeava, chamada de Éden, era iluminada pela luz celeste, o que a tornava exaltada à magnificência paradisíaca.

“Adão encontrava-se no Paraíso, ou seja, na temperatura. Ele encontrava-se numa certa localidade, a saber, onde o mundo santo estava florescendo pela terra e gerando os frutos do Paraíso”. (Grace, V.34).

“‘Éden’, quer dizer a localidade, mas ‘Paraíso’ é o fluxo ou a vida de Deus na harmonia divina”. (Cartas, XXXI 28).

“No Paraíso, a substância do mundo divino penetrou a substância pertencente ao tempo, comparável ao poder do sol penetrando uma fruta que cresce na árvore, dotando-a de qualidades que a tornava linda à vista e boa ao paladar”. (Mysterium, XVII 5).

“Assim o santo mundo divino era predominante nos três princípios da qualidade humana, e havia um acordo igual, sendo que nenhum inimigo ou vontade oposta estava manifestado entre os princípios”<sup>43</sup>. (Mysteium, XVII 20).

Havia no Paraíso todos os produtos que encontramos no mundo terrestre, mas num estado etéreo e de beleza supernatural. Contudo, essa beleza paradisíaca não estava manifestada em todas as partes do mundo.

“No Paraíso há plantações, assim como neste mundo, mas não com a mesma tangibilidade. Lá o Céu está no lugar da terra, a Luz de Deus, no lugar do sol e o Pai Eterno no lugar do poder das estrelas”. (Three Principles, IX 20).

“O Paraíso não é algo corpóreo ou tangível num sentido terrestre, mas sua corporeidade e tangibilidade são como a dos anjos. Trata-se de uma substância clara, visível, como se fosse material, e é realmente ‘material’, mas formada apenas do poder, sem qualquer adição de matéria terrestre, e é, portanto, perfeitamente transparente”. (Three Principles, IX 18).

“O mundo tangível ou natureza, antes da cólera de Deus, era tênue, etéreo, amoroso e claro, de modo que os espíritos originais pudessem olhar através de todas as coisas e nelas penetrar. Não havia ali nem terra, nem pedras, não havia a necessidade da luz criada, tal como é agora; mas a luz foi gerada em todas as coisas no meio de cada coisa, e tudo se encontrava na luz”. (Aurora, XVIII 29).

<sup>41</sup> Porque todas as coisas estavam em sua própria vontade, em si mesmo.

<sup>42</sup> Este Adão celestial não morreu, mas ainda existe em todos nós; mas por conta de nosso estado de degeneração, causada pela atração dos princípios inferiores, esquecemos de nossa própria natureza divina.

<sup>43</sup> Foi o próprio estado em que Adão pensava e sentia o que criou um Éden para ele, e assim cada ser humano cria seu próprio Paraíso.

“Todo o mundo seria um só Paraíso se não tivesse sido corrompido por Lúcifer. Mas como Deus sabia que Adão iria cair, produziu em um só lugar, onde o homem pudesse encontrar uma morada apropriada e ali fosse fortificado”. (Mysteium, XVII 7).

“Deus viu e sabia que o homem iria cair, por isso o Paraíso não floresceu e gerou frutos em todo o mundo por meio da terra, embora estivesse manifestado em todo lugar, mas apenas no Jardim do Éden, onde Adão foi tentado, é que ele se tornou revelado em sua total magnificência”<sup>44</sup>. (Cartas, XXXIX 28).

Por tudo isso, o homem, embora tenha sido dotado de grande esplendor pelo Criador, ainda não havia desfrutado da verdadeira similitude de Deus.<sup>45</sup>

“Em Adão estava manifestado o reino da graça, a vida divina, porque vivia na temperatura (harmonia) das qualidades, mas ele não sabia que Deus estava revelado nele. Do mesmo modo sua vontade-própria não sabia o que era bom, pois até então não havia experimentado mal algum. Como poderia haver qualquer satisfação se nenhuma dor era conhecida?” (Grace, IX 15).

“A alma encontrava-se em sua própria essência na eternidade, mas como algo criado, foi formada para representar a imagem de Deus no momento da criação do corpo. No entanto, ela não é, per se, a verdadeira imagem, mas apenas um fogo essencial para a sua produção”. (Tilk. i 8 I).

“A alma do homem, soprada por Deus, é do Pai Eterno; mas ela ainda não apreendeu o nascimento do Filho, onde é o fim da natureza, e de onde nenhum ser criado emana”. (Three Principles, IX 13).

O homem só pode conquistar a real similitude de Deus e perfeita beatitude através de uma vontade decisiva de colocar sua vontade no Filho, como Coração ou Luz do Pai.

“Deus possui a eterna e imutável vontade para gerar Seu Coração e seu Filho, e assim a alma deveria colocar sua vontade imutável no coração de Deus. Então ela estaria no céu e no Paraíso, desfrutando da felicidade inexprimível de Deus o Pai, a que Ele desfruta no Filho; a alma ouviria então as palavras inexpressíveis no coração de Deus”.<sup>46</sup> (Three Principles X 14).

“Adão foi concebido no amor de Deus e nasceu neste mundo. Tinha posse de uma substancialidade divina e sua alma era de vontade, o primeiro princípio, a qualidade do Pai. Essa vontade deveria ser dirigida, juntamente com sua imaginação, no coração do Pai, ou seja, no Verbo e no Espírito do amor e da pureza. A alma humana reteria então, a substância de Deus no Verbo da Vida”. (Menschwerdung, i 10 2).

“A alma viva, desde a vontade eterna do Pai, foi soprada no homem, e essa vontade não tem

<sup>44</sup> Esse Paraíso (Deva-loca ou Devachan) é descrito nos livros orientais como uma “ilusão”; para seus habitantes não é uma ilusão maior do que o sonho chamado “existência terrestre” é para nós. Ao contrário, ele é muito mais permanente e belo do que este mundo terrestre.

<sup>45</sup> Ele não pode desfrutar da similitude com Deus, pois não possui o auto conhecimento divino. Para obter esse conhecimento do eu, ele tinha que provar da árvore do auto conhecimento do bem e do mal, e então retornar a seu estado divino original.

<sup>46</sup> Isso a alma não pode realizar buscando ao Filho ou ao Coração de Deus em algo fora de sua esfera própria; o exterior é um lugar não relacionado à alma. Portanto, o significado das palavras: “Deves adorar um único Deus”, é “Não debes ter fé em nenhum outro Deus exceto aquele que está buscando revelar-Se em sua consciência, e não adorar algum ídolo estranho, como os muitos que existem na imaginação dos homens”.

outro propósito senão o de dar à luz ao Seu único Filho<sup>47</sup>. Foi desta vontade que Deus o pai infundiu no homem, e essa é a alma eterna do homem. A alma deve colocar sua vontade regenerada na vontade eterna do Pai, no coração de Deus. Então irá receber o poder de Seu coração e também Sua luz eterna e santa, onde surge o Paraíso, o reino celestial e a alegria eterna”. (Three Principles XXVI 16).

“Se a alma mergulha sua vontade na humildade, ou seja, na obediência de Deus, torna-se uma fonte do coração de Deus, recebe o poder divino e todas as suas essências tornam-se angélicas e deleitosas. Suas essências ásperas também se tornam úteis, aparecendo-lhe mais humildes e úteis do que se tivessem sido inteiramente doce e humilde desde sua origem”. (Three Principles XIII 31).

Estava em seu poder decidir, e ele encontrava-se livre para tanto, pois não havia nele apenas o princípio da luz, mas também o princípio-fogo; não apenas percepção, mas vontade.

“A luz e o poder da luz é um desejo, e quer possuir a nobre imagem feita à semelhança de Deus, porque foi criada para o mundo da luz. O mundo das trevas ou a cólera aguda deseja o mesmo, pois o homem tem todos os mundos em si, e há uma grande batalha ocorrendo dentro dele. Aquele princípio com o qual ele se identifica em seu desejo e vontade, é o que o governará”. (Tilk i 38 I).

“Sendo a alma essencial e sua substância um desejo, fica claro que está em dois tipos de Fiat. O primeiro é sua própria propriedade-alma; o outro pertence ao segundo princípio, emanado da vontade de Deus na alma. A alma deseja Deus, a fim de se tornar Sua imagem e semelhança; esse desejo de Deus atua como um Fiat em seu próprio centro; pois o desejo de Deus quer possuir a alma. Por outro lado, ela própria deseja possuir o centro no poder do fogo, onde a vida da alma se origina”. (Eye, VII).

“A vontade da alma é livre, e ela pode mergulhar no nada de si mesma e se conceber como o nada, quando irá despontar como um ramo da árvore da vida divina, e provar do amor de Deus; ou poderá em sua vontade-própria surgir no fogo e desejo de se tornar uma árvore separada”.<sup>48</sup> (Forty Questions II. 2).

Existia no homem também o terceiro princípio, onde reside o desejo sensual. Ele não estava dotado deste princípio para se render a ele, mas para que pudesse introduzi-lo na luz de Deus e glorificá-lo através desta luz.<sup>49</sup>

“O Homem era uma individualidade mista, destinada a ser uma imagem de acordo com o mundo interior e também de acordo com o mundo exterior; mas como o símbolo de Deus, deveria governar com a consciência interior sobre a consciência exterior”. (Menchwerdung i 3 13).

“Quando o homem permanece em uma ordem harmoniosa, de modo que não deixa um mundo dentro do outro, é então a semelhança de Deus; mas a imagem ou o espelho do mundo da

<sup>47</sup> Deus sendo uma unidade, não tem outra vontade ou objeto em vista, além de dar nascimento a Seu Filho, ou seja, a manifestar Seu Verbo pronunciado, em forma de sabedoria no homem.

<sup>48</sup> A vontade espiritual do homem é livre; nem tanto a vontade do homem semi-animal, pois a liberdade depende da extensão do conhecimento. Quando o conhecimento do homem torna-se divino, então sua vontade será livre, totalmente livre.

<sup>49</sup> O homem necessita do elemento material (animal) a fim de se dotar da força para se elevar sobre ela, pelo poder de Deus. O homem pode ser relacionado como um deus crucificado num animal. O deus lhe proporciona sabedoria, o animal a força. É preciso superar o animal em nós pelo poder da sabedoria divina. Aquele que não tem nada para superar não pode alcançar vitória. Não podemos nos elevar acima de algo enquanto não atingirmos seu ponto mais elevado.

luz deve necessariamente ser introduzida no mundo externo”. (Six Theosophical Points, VI 12).

“Não se pode permitir que a constelação (influências astrais) do macrocosmo governe o homem; ele possui em si sua constelação própria (o espírito, a idéia), capaz de sintonizar-se à harmonia do alto e à evolução do mundo divino”. (Cartas, i 8).

“Todo o desejo do homem deveria ser colocado na luz; então a luz teria se mostrado em suas essências e desejo, preenchendo todas as coisas como se fosse uma só vontade”. (Tilk, i 542).

“A alma de Adão poderia ter governado poderosamente sobre o princípio externo, caso tivesse entrado novamente com sua vontade no coração de Deus, na palavra do Senhor”. (Forty Questions IV 2).<sup>50</sup>

Havia um plano através do qual o esplendor paradisíaco deveria ser continuamente espalhado e acrescentado sobre a natureza terrestre, e todos os tesouros ocultos da natureza deveriam ser revelados, sendo o homem um instrumento desta realização.

“O mundo externo também é de Deus e pertence à Deus; o homem foi criado ali, para que pudesse trazer novamente o externo para o interno; o fim para o princípio”. (Cartas, XI 18).

“Adão também foi criado na qualidade externa, para manifestar em formas e executar em obras aquilo que havia sido percebido na sabedoria eterna”. (Menschwerdung, i 4).

“O Homem foi criado no Paraíso, que brotou sobre a terra, e da terra do paraíso foi criado o corpo de Adão, pois ele era um senhor da terra; ele estava destinado a revelar as maravilhas da terra. Se esse não fosse seu propósito, Deus o teria dotado de um corpo angélico; mas nesse caso o ser substancializado com suas qualidades maravilhosas não seria revelado”.<sup>51</sup> (Menschwerdung, II 12).

Mas enquanto que em Adão todos os três princípios encontravam-se originalmente em unidade e harmonia, algo o atraía exteriormente, de forma poderosa, não só o coração de Deus, mas também o demônio e o reino do mundo terrestre.<sup>52</sup>

“O homem permanecia nos três princípios, que se encontravam em igual concordância dentro dele, mas não fora dele; pois o mundo de trevas tinha um desejo diferente daquele do mundo de luz; da mesma forma, o mundo externo tinha um desejo diferente daquele do mundo de trevas e do mundo de luz. Assim, a imagem de Deus estava entre os três princípios, onde todos em seu desejo eram condutores àquela imagem. Cada um deles queria se manifestar em Adão, para tê-lo em seu próprio regimento ou como governador, e para manifestar suas maravilhas através dele”. (Mysterium, XVII 34).

“Tudo atraía Adão e queria tomar posse dele. O coração de Deus queria tê-lo no Paraíso e nele residir, dizendo: ‘Ele é a minha imagem e semelhança’. O reino da cólera o queria, e dizia: ‘Ele é meu, pois foi emanado de minha fonte, da mente eterna das trevas. Eu estarei nele, e ele viverá em meu poder; Através dele manifestarei grande e forte poder’. Finalmente, o reino do mundo disse:

<sup>50</sup> Seria uma tolice preocupar-se com o que Adão deveria ou não deveria ter feito. Isso significa que nós que temos “Adão” dentro de nós devemos penetrar, com nossa vontade, a vontade de Deus.

<sup>51</sup> Se o homem primordial nunca houvesse caído de seu estado puramente espiritual e tivesse “se recusado a criar”, nunca teria aprendido a conhecer as maravilhas da criação, a revelação do terceiro princípio. O mundo externo, como o conhecemos, foi criado pela queda de Adão.

<sup>52</sup> O “demônio” significa a vontade espiritual pervertida. Se ela é pervertida num ser pessoal, então se transforma num demônio pessoal.

‘Ele é meu, pois carrega a minha imagem; ele vive em mim e eu nele; ele deve ser obediente a mim, pois tenho todos os meus membros (órgãos) nele e ele tem seus membros em mim, e eu sou maior do que ele. Ele deve ser meu servo e manifestar meu poder e maravilhas’” (Three Principles, XI 33).<sup>53</sup>

Adão, fazendo um uso pervertido da liberdade que lhe foi concedida, permitiu que suas qualidades inferiores fossem despertadas para um desejo demoníaco, ou seja, o desejo pelo mundo terrestre, que está dividido em si mesmo.

“No homem primordial, antes da queda, as qualidades para a diferenciação e auto satisfação estavam em igual poder-vontade, e o desejo de cada uma era introduzido na unidade de Deus. Isso provocou a inveja do demônio e ele enganou as sete qualidades da vida, despertando nelas um desejo pervertido, persuadindo-as de que eram boas, e que se tornariam sábias, se as qualidades de cada uma de acordo<sup>54</sup> com sua espécie, entrasse em harmonia própria, e que nesse caminho o espírito provaria e reconheceria o bem e o mal”. (Tabuloe Principoe, 68).

“A alma de Adão apaixonou-se pela criação da palavra formada em sua diferenciação, sem a conscientização do poder de distinção, ela entrou na concupiscência, na diferenciação”. (Grace, VI 33).

“A alma queria conhecer como seria se a temperatura se separasse, ou seja, se dividisse, como o calor e o frio, a umidade e a secura, a dureza e a moleza, o azedo e o doce, o amargo e o salgado; ela queria provar estas e as outras qualidades separadamente, embora isso tivesse sido proibido a Adão, por Deus”.<sup>55</sup> (Grace, III 34).

Devido a esse desejo pervertido, cresceu nele a árvore da tentação, onde as qualidades terrestres, como tais, tornaram-se manifestadas.<sup>56</sup>

“O espírito de Adão buscava o fruto terrestre, pertencente à natureza da terra corrupta, portanto a natureza formou para ele uma árvore semelhante à terra corrupta; pois Adão era o coração na natureza; desta forma, ele auxiliou na formação dessa árvore, da qual desejava comer”. (Aurora, XVII 20).

“A árvore da tentação cresceu pelo poder da fome de auto conhecimento do bem e do mal. Não se pode dizer que se tratava de alguma outra espécie de produto, diferente do resto das árvores; a diferença é que estava manifestado ali o desejo terrestre de consciência do bem e do mal; enquanto que as outras árvores e plantas encontravam-se penetradas pelo santo e paradisíaco Mercúrio, de modo que as qualidades estavam em igual harmonia; o calor e o frio não estavam manifestados de forma separada”.(Stiefel II. 80).

<sup>53</sup> Deus (Cristo), natureza e o demônio (Anticristo – ou seja, o Cristo pervertido) buscam a autoconsciência no homem. A inconsciência no homem, portanto, está mudando continuamente e na realidade não é propriamente sua. Apenas quando o princípio do bem e do mal se tornarem conscientes no homem, e ele se identificar com eles, é que irá conhecer seu verdadeiro eu impessoal. Só assim é que o homem torna-se um agente livre e responsável.

<sup>54</sup> Era seu desejo que as qualidades inferiores se tornassem conscientes em si mesmo, cada uma segundo sua própria natureza.

<sup>55</sup> Essa é a diferença entre a vida no estado terrestre e celeste da natureza; a primeira é diferenciada em formas, sendo que cada qual ama viver na inconsciência de seu próprio ser ilusório, ou seja, num estado de isolamento e separação, desfrutando de suas próprias qualidades; enquanto que no estado celeste os poderes individuais se relacionam, cada um vivendo, por assim dizer, na não consciência e desfrutando de si na vida do outro, enquanto que tudo luta por uma unidade e repouso em si, como uma árvore, cujos muitos galhos e folhas recebem sua vida de um tronco comum.

<sup>56</sup> Essa “árvore da tentação” ainda está crescendo em cada ser humano, como se nota no “Adão” alegórico. As qualidades inferiores no homem, ainda lutam por manifestações externas, e não podem ser superadas de outra forma senão pela elevação do homem sobre elas, penetrando as mais elevadas.

“Na árvore do auto conhecimento do bem e do mal havia as qualidades em maldição, como acontece agora, ou seja, cada uma delas estava manifestada em si mesma, buscando preponderar. Elas saíram de sua harmonia, e desta forma todos os três princípios estavam manifestados naquela árvore, separadamente. Portanto, Moisés (sabedoria) a denomina árvore do conhecimento do bem e do mal”. (Mysterium, XVII 15)

O surgimento da árvore da tentação não é algo de se admirar, já que Adão era dotado de grandes poderes e de uma forma terrestre como proteção contra os poderes do inferno.<sup>57</sup>

“A Razão (o raciocínio do homem) diz: ‘Por que Deus permitiu que Adão extraísse a árvore da tentação da terra, através de sua imaginação?’ O Cristo diz: ‘Se você tiver fé do tamanho de uma semente de mostarda, e disser à montanha: mova-se para o mar; assim será feito’. A alma-espírito (alma espiritual) foi produzida da onipotência divina, do centro da natureza eterna, onde todos os seres foram criados. Por que então não seria ela poderosa? Ela era uma centelha de fogo emanada do poder de Deus, mas depois de ter sido reunida num ser criado (individualizada como um organismo) deu passagem a seu próprio desejo egoísta, rompendo-se com o todo, causando corrupção em si mesma. O poder da alma, antes da invasão da vaidade, era tão grande que não podia ser subjugado a nada; o mesmo ocorreria agora, hoje mesmo, se a compreensão não tivesse sido retirada”. (Mysterium, XVII 41).

“A previsão divina reconheceu que o demônio estava preste a separar a humanidade, introduzindo-a no desejo demoníaco; portanto, Deus colocou diante dela a árvore da vida e a do conhecimento do bem e do mal; com isso deu-se início à ruptura (morte) do corpo externo. Ele assim o fez para que o homem buscasse o centro do mundo de trevas”<sup>58</sup> (Mysterium, XVII 38).

Primeiramente Adão pertencia ao mundo celestial e à eternidade; mas agora, a imagem de Deus enfraqueceu-se nele; ele afundou-se no estado terrestre, e conseqüentemente na impotência e no sono.

“Uma pessoa razoável perceberá facilmente que não haveria sono em Adão enquanto ele permanecesse na imagem de Deus, pois naquele tempo ele era uma imagem como nós seremos na ressurreição dos mortos. Não necessitaremos então dos elementos, nem do sol, nem da lua, nem de sono algum; nossos olhos estarão abertos para ver a glória de Deus, sempre e eternamente”. (Three Principles XII 17).

“A imagem de Deus não dorme. Nela não há tempo. Com o sono, o tempo se manifesta no homem. Ele adormeceu no mundo angélico, e despertou relativamente para o mundo externo”.<sup>59</sup> (Mysterium, XIX 4).

“Após Adão ter sido dominado, a tintura, onde a bela virgem havia habitado previamente, tornou-se terrestre, fraca e frágil. A fonte poderosa da tintura, de onde a Virgem tinha seu poder, sem ser subjugada ao sono, deixou Adão e foi para seu próprio princípio”. (Three Principles, III 8).

<sup>57</sup> É evidente que o homem só pode adquirir conhecimento de algo se der atenção a ela. Ao fazê-lo, ele direciona para este algo a sua consciência. A consciência do homem torna-se centrada nos princípios inferiores que constituem o mundo sensual, e com isso perde seu lugar e centro de gravidade no Supremo. Se não fosse por essa atração que o mundo material exerce sobre o homem, ele teria afundado ainda mais, abordando o mal absoluto, o reino de Lúcifer.

<sup>58</sup> “Adão teria caído no abismo insondável do inferno se além do estado celeste, o qual, em conseqüência de seu pecado, tornou-se pervertido num estado infernal, a região terrestre não existisse” (Hamberger).

<sup>59</sup> Deus (autoconsciência divina) nunca dorme; só a natureza no homem é o que o adormece e o desperta alternadamente. Nenhum homem encontra-se totalmente despertado e autoconsciente enquanto não encontrar seu próprio Deus.

“Assim Adão tornou-se vítima da magia, e sua magnificência se foi. Sono significa morte e entrega. O reino terrestre o conquistou e o dominou”. (Menschwerdung, I 5).

“Depois que o brilho do espírito deste mundo conquistou Adão, ele caiu no sono. Então seu corpo celeste tornou-se carne e sangue, e seu forte poder tornou-se rígidos ossos. A Virgem Celeste partiu para o éter celeste, para o princípio do poder”.<sup>60</sup> (Three Principles, XIII 2).

Essa impotência deveria ser um meio de salvação para Adão; além do mais, foi lhe dado a mulher terrestre, no lugar da Virgem Celeste, que dele se afastou.<sup>61</sup> Isso foi feito para evitar que ele atingisse uma profundidade de degradação ainda maior.<sup>62</sup>

“Quando Adão deixou Deus e penetrou o egoísmo, Deus permitiu que um grande sono caísse sobre Adão. Se não fosse por estas circunstâncias, ele poderia, em todo seu egoísmo, ter até mesmo se tornado um demônio, pelo poder do fogo”.<sup>63</sup> (Stiefel ii 363).

“Quando o demônio viu que a luxúria residia em Adão, ele agiu ainda mais poderosamente sobre o Salitre em Adão, e o infectou mais fortemente. Era tempo de Deus construir-lhe uma esposa, quem mais tarde faria com que o pecado fosse cometido, aquela que comeu do fruto do pecado. Ao contrário, se Adão houvesse comido da árvore antes da mulher ter sido feita dele, teria sido bem pior”. (Aurora, XVII 21)

Portanto a mulher (espiritualidade) é, e sempre será a salvadora do homem.

A mulher foi extraída de todos os poderes de Adão. Relativamente à sua substância, ela foi formada de uma “costela” que naquele tempo, ainda não havia se degenerado a um osso.

“Eva foi extraída de Adão, não como um mero espírito, mas inteiramente substancial. Poderia se dizer que Adão recebeu uma fenda, e que a mulher está carregando o espírito, a carne e o osso de Adão”.<sup>64</sup> (Three Principles, XIII 14).

“A razão diz: ‘Se Eva foi feita da costela de Adão, ela deve ser bem inferior ao homem’. Isso não é verdadeiro; o Fiat em seu aspecto de atração aguda (a primeira qualidade), tomou-a de todas as essências e qualidades de cada poder de Adão”.<sup>65</sup> (Three Principles XIII 18).

“O corpo de Adão ainda não havia recebido ossos e substâncias provenientes dos ossos. Isso

<sup>60</sup> A “história de Adão” nada mais é do que a história da humanidade como um todo. Sua verdade pode ser reconhecida por todo aquele capaz de um auto-exame.

<sup>61</sup> Tendo Adão perdido a capacidade de reconhecer a verdadeira mulher, a virgem eterna em si, foi necessário que tivesse um objeto substitutivo externo, ao qual pudesse ser atraído, a fim de simular seu poder de amar; poder que poderia ter desaparecido, sem esse objeto, ou que o teria degradado ainda mais ao voltar-se para o desejo por seres ainda mais inferiores na escala de evolução.

<sup>62</sup> De tal degradação pode ter resultado a tribo de monges descendentes de homens aborígenes. (Veja a “Doutrina Secreta”, de H.P. Blavatsky).

<sup>63</sup> O “salitre” significa o elemento material ígneo no homem, onde residem suas atrações sensuais; em outras palavras, sua kama-rupa.

<sup>64</sup> A mulher é feita de essências mais refinadas e espirituais do que o homem; por essa razão a mulher, até mesmo hoje, é mais refinada e intuitiva do que o homem; a organização do corpo e também da mente do homem é no geral mais grosseira e material; ele raciocina onde a mulher percebe. Nem todos os elementos femininos foram retirados do homem, por ocasião da criação da mulher. Se o homem não tivesse tais elementos, ele seria um bruto. Nem poderia uma mulher ser visível, tangível e associada ao homem se não tivesse os elementos materiais e grosseiros de Adão em sua organização.

<sup>65</sup> Foi uma parte dos elementos mais elevados e celestiais que deixaram “Adão” na ocasião da criação de “Eva”.

só ocorreu quando Eva provou da maçã, oferecendo-a a Adão para que dela provasse. É verdade que a infecção e a morte terrestre já se encontravam nele como uma tendência e uma doença mortal, mas os ‘ossos’ e as ‘costelas’ ainda eram poder e força, e assim Eva foi criada desse poder ou força que (mais tarde) se tornaria costela”.<sup>66</sup> (Three Principles XIII 13).

Eva não foi mal formada. Ela vivia com Adão no Paraíso; mas a pura semelhança de Deus não estava ali com nenhum dos dois.

“Não havia má formação em Eva, sua forma era amorosa; no entanto, ela também carregava os sinais (da corrupção), e não podia ser mais nada além de esposa de Adão. Ambos ainda estavam no Paraíso, e se não tivessem provado do fruto, mas tivessem se voltado para Deus, mudando a imaginação, eles teriam permanecido no paraíso”. (Three Principles XIII 36).

“Adão e Eva ainda tinham uma consciência paradisíaca, mas ela encontrava-se misturada com o desejo terrestre. Eles estavam nus, e tinham órgãos animais para procriação; mas eles não sabiam disso, nem tampouco se envergonhavam, pois o espírito do grande mundo ainda não tinha obtido o governo sobre eles antes de terem provado do fruto terrestre”. (Menschwerdung I 6 15).

“Ninguém pode afirmar que Eva, antes de ter contato com Adão, tinha sido uma virgem pura e casta, porque, tão logo Adão acordou de seu sono, ele a viu ao seu lado. Ele prontamente imaginou nela (apaixonou-se por ela). Ele a tomou para si e disse: ‘Esta é carne de minha carne e osso de meu osso. Ela se chamará mulher, pois foi extraída do homem. Do mesmo modo, Eva começou a colocar sua imaginação em Adão, e cada um acendeu o desejo do outro. Onde está então a pura castidade e virgindade? Isso não é animal? A imagem externa não se tornou animal?’<sup>67</sup> (Forty Questions, XXXVI 6).

Deus ordenou a humanidade que não provasse dos frutos da árvore da tentação; mas o demônio pensou em induzi-los a desobedecer ao mandamento; eles foram, mais que nada, induzidos a fazê-lo pelo espírito do mundo e pelo seu próprio desejo pervertido.

“O santo Verbo de Deus, após a Trindade da Divindade insondável, concedeu à inteligência ígnea da alma o mandamento: ‘Não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal; se assim o fizerem irão morrer na imagem de Deus, no mesmo dia’. Quer dizer, ‘a alma ígnea irá perder sua luz; a mortalidade, qualidade do mundo de trevas, do centro dos três primeiros princípios, irá se aproximar e se manifestar na árvore, engolindo o Reino de Deus’” (Grace, VI 17).

“Quando Adão e Eva encontravam-se no Paraíso como homem e mulher, ainda em posse de uma essência celeste, ainda que misturada (com materialidade), o demônio não podia suportar, pois sua inveja era grande. Então, depois que Adão foi trazido à queda e privado de sua forma Angélica e viu que Eva era sua esposa, o demônio pensou que eles pudessem gerar filhos no Paraíso e lá permanecerem. Ele se convenceu de seduzi-los a comer do fruto proibido, a fim de que com isso se tornassem terrestres”. (Menschwerdung, i 7).

“Adão foi incitado pelo poder da árvore, que também estava com ele, de modo que uma

<sup>66</sup> É bom lembrar que no tempo de Jacob Boehme, desacreditar nas alegorias da Bíblia, mesmo que em seu aspecto alegórico ou exterior, era considerado um crime, e que suas explicações seriam incompreensíveis e inaceitáveis se não correspondessem àquelas encontradas na Bíblia.

<sup>67</sup> A mulher, em todos os departamentos da vida, é uma serva do homem. Até mesmo a mulher mais degradada pode ser uma serva de um homem ainda mais degradado, ao manter vivo nele o sentimento por um ideal – um ideal inferior, é verdade, mas que o impede de afundar ainda mais, e que pode se tornar mais refinado. A missão da mulher de salvar o homem só termina quando ele encontra a virgem celeste em si mesmo.

luxúria infectou a outra. Ele também foi incitado pelo espírito do grande mundo, sua força foi subjugada”.(Three Principles, XI 40).

Com o propósito de seduzir a humanidade, o demônio colocou-se especialmente à serviço da serpente, símbolo vivo da árvore da tentação; ele fez com que o homem imaginasse que comendo do fruto proibido, se tornariam semelhantes à Deus.<sup>68</sup>

“O demônio introduziu sua imaginação venenosa na qualidade humana. Daí resultou no homem o ardente desejo de provar do bem e do mal e de viver na vontade-própria; quer dizer, sua vontade deixou a harmonia da unidade e foi para a multiplicidade das qualidades. O demônio, através da serpente, representou à ele que seria como Deus, e que seus olhos se abriam; isso realmente ocorreu na queda, de modo que agora ele reconhece, prova, vê e sente o bem e o mal”<sup>69</sup> (Mysterium XVII 37).

“O demônio misturou mentiras e verdades, e disse aos primeiros seres humanos que seriam como Deus. Ele deixou isso claro, segundo o primeiro princípio da cólera; mas sobre o paraíso ele nada falou”. (Three Principles XVII 96).

“A substância da serpente, seu aspecto celestial, era um grande poder, assim como havia um grande poder no demônio, pois ele era um príncipe de Deus. Desta forma, ele introduziu sua esperteza e mentiras num forte estado de vontade, a fim de que a humanidade se iludisse e o visse como se fosse seu próprio Deus”. (Mysterium XX 16).

“A imaginação do demônio envenenou a substância da serpente, a fim de que essa, em consequência da divisão de seus poderes, estava em unidade paradisíaca, adquirisse a formação de uma serpente. A serpente passou a ser usada como seu instrumento”.<sup>70</sup> (Cartas, XXXIX 21).

“A serpente era um símbolo vivo da árvore da tentação. A árvore da tentação encontrava-se num poder mudo e a serpente num poder vivo e a serpente uniu-se à árvore, sendo de sua própria natureza”.<sup>71</sup> (Mysterium, XX 20).

Depois que Adão introduziu seu desejo pervertido em Eva. Ela foi a primeira a ser seduzida a se afastar de Deus.<sup>72</sup>

“A luxúria originou-se em Adão, mas esse desejo pervertido encontrou existência na mulher”. (Stiefel, II 375).

“Eva buscava o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, mas havia a proibição diante dela, e ela temia à Deus, e não queria atuar contra a proibição. Então o demônio penetrou a substância e a esperteza da serpente, transformando esse poder e artimanha, de modo que Eva pudesse ver e saber que a serpente era bastante astuta e ágil. Ela se apegou à árvore proibida, e esta não a danificou; mas ela olhou para a serpente e se apaixonou por sua esperteza e astúcia, também

<sup>68</sup> A “serpente” é a luz astral cujo invólucro e tentações emaranham a vontade do homem.

<sup>69</sup> O mal deseja sempre entrar no coração do homem silenciosamente e como um verme, até que a alma fique envolvida como no invólucro de uma serpente.

<sup>70</sup> A serpente não é propriamente o demônio, mas o demônio é a vontade maligna que faz com que a serpente se movimente.

<sup>71</sup> Não há um mortal que não tenha a serpente enrolada em sua árvore da vida, durante sua existência terrestre.

<sup>72</sup> Se a mulher representa a vontade e o homem o poder intelectual da humanidade, como um todo, é natural que a vontade fosse seduzida pelo desejo antes que o intelecto seguisse sua trilha. Se o intelecto fosse seduzido primeiro, teria sido separado da “mulher”, e o homem teria se tornado um tolo esperto, um maníaco intelectual, um cientista astuto, mas sem espiritualidade, sem alma ou fé – um “materialista”.

pela sua agilidade a artimanha, e ela quis provar da árvore. A serpente aconselhou que ela assim procedesse através do som e da voz do demônio, fingindo que sua astúcia e esperteza originavam-se da árvore”. (Mysterium XX 22).

“O demônio disse-lhe que o fruto não iria prejudicá-la, mas que os olhos de sua compreensão se abririam, e ela seria como Deus. Ela pensou que seria bom ser uma deusa e consentiu. Ao consentir, caiu da harmonia, da paz e da fé divina, penetrando com seu desejo na serpente e na astúcia, o desejo e a vaidade do demônio”.<sup>73</sup> (Mysterium, XX 25).

Enquanto o demônio desejava diretamente o fogo-vida, o homem primeiramente, só desejava as coisas terrestres, mas com isso o brilho do orgulho começou a surgir.

“O demônio penetrou o fundamento ígneo com a sua imaginação, mas Adão penetrou a qualidade aquosa”. (Signature, VII 4).

“Ao contrário de Lúcifer, Adão não desejou realmente despertar o primeiro princípio; seu desejo era mais o de provar do bem e do mal, ou seja, a vaidade da terra”. (Mysterium, XVIII 31).

Na parte externa da alma originou-se o brilho terrestre das qualidades múltiplas; mas na sua parte ígnea interior originou-se o brilho pelo orgulho, o desejo de conhecer o bem e o mal, e de ser igual à Deus”.<sup>74</sup> (Mysterium, XVIII 300).

Assim, o primeiro ato do grande drama terminou, e um deus se tornou homem. No segundo ato Ele surge novamente em direção ao Seu estado divino primordial, não mais inocente e ignorante demoníaco, mas escolarizado pela experiência, conhecedor e sábio, um conquistador da “matéria”, um verdadeiro Senhor de tudo.

## **CAPÍTULO VIII**

### **A NATUREZA OU O TERCEIRO PRINCÍPIO**

“O ímpio busca Deus fora de seu próprio ser; os sectários buscam um Cristo pessoal na história; o homem de Deus e o verdadeiro Cristão conhecem Deus e o Cristo dentro de sua própria alma”.

“Certamente acreditamos num Cristo pessoal e histórico; mas somente depois que Cristo se tornar pessoal dentro do homem é que ele irá perceber a verdadeira natureza e vocação de Jesus, o filho de Iahweh”. Johannes.

A imagem de tudo o que já existiu estava na luz quando Deus começou a criar um novo mundo. O mundo externo, ao qual Adão tornou-se sujeito em consequência de sua degradação, tem sua origem na natureza eterna de Deus e seu protótipo em Sua sabedoria, onde estava espiritualmente contido desde o princípio. Podemos comparar o mundo externo à imagem vista numa tela, sobre a qual é projetada a luz de uma lanterna mágica. As imagens representam o

<sup>73</sup> O verdadeiro “pecado” só começa quando se conhece o demônio. Um mero desejo maligno não constitui um “pecado” se é que o desejo não seja o consentimento do intelecto.

<sup>74</sup> Quanto mais o homem busca o objetivo de sua existência nas coisas externas e sensuais, mais perde a vontade de sua fé espiritual ou o ponto de gravidade de seu próprio centro divino ou Deus. Ele se torna experiente nas coisas externas e superficiais, e perde de vista o que é real e divino. Seu conhecimento externo, que a final é apenas imaginário, já que lida apenas com ilusões passageiras, desperta seu orgulho e auto-conceito; ele começa a firmar sua personalidade contra a imortalidade; torna-se cruel, egoísta e passional; e a menos que seja redimido pelo despertar da espiritualidade dentro de si, acabará despertando em seu interior o “fundamento ígneo”, o princípio do mal, o “demônio”. Ao invés do Cristo, Lúcifer será revelado em nele.

mundo, as figuras no slides o éter, e a luz propriamente dita é o Espírito de Deus.

“O terceiro princípio, espírito e tormento deste mundo, estava oculto desde a eternidade na natureza eterna; ele foi revelado pelo espírito de luz-flamejante na sabedoria de Deus e na tintura divina. Então a divindade movimentou-se de acordo com a natureza da mãe produtiva, surgiu então, o grande *Mysterium*, contendo tudo que está no poder da natureza eterna. Isso, contudo, era apenas um *Mysterium* e não tinha semelhança a nenhum ser criado. Ali tudo estava junto (misturado), como uma nuvem de poeira”.<sup>75</sup> (*Menschwerdung* i I 10).

“Se considerarmos corretamente a criação deste mundo e o espírito do terceiro princípio, ou o espírito do grande mundo com suas estrelas e elementos, encontramos ali as qualidades do mundo eterno como que num estado de mistura; onde Deus quis manifestar as maravilhas eternas até então ocultas, trazendo-as para uma existência objetiva”. (*Six Theosophical Points* II 6).

“Tendo nascido (vindo à objetividade), o mundo externo faz para si um novo *principium* ou começo. A geratriz temporal é uma reprodução da geratriz eterna; o tempo origina-se na eternidade e mesmo aqui a eternidade, com suas produções maravilhosas, aparece em seus poderes e capacidades, numa espécie de forma e molde temporal”.<sup>76</sup> (*Mysterium* VI 10).

Nesse mundo externo chamado terceiro princípio, dois poderes se manifestam – o poder santo e divino e o poder das trevas. O último é o preponderante.

“O terceiro princípio, ou o mundo elemental visível é uma espécie de produto do primeiro e segundo princípios, produzidos pelo movimento e respiração do poder divino e da vontade divina. Nisso está figurado o mundo espiritual segundo a luz e as trevas, e trazido a uma condição criada (objetiva)”. (*Tabuloe Principoe*, 5).

“O mundo externo foi soprado do mundo santo e do mundo de trevas. Ele é, portanto, bom e mal, amor e cólera; mas, comparado com o mundo espiritual, não passa de uma fumaça ou neblina”. (*Mysterium* III 10).

“A palavra movimentou o Fiat em todas as formas da natureza eterna, na harmonia com o mundo de luz e o mundo das trevas; assim, o desejo da qualidade dos dois mundos passaram a existir. Isso fez com que o bem e o mal tivessem sua origem na essencialidade, e através disso foi criado o mundo visível externo, com as estrelas e elementos como uma vida particular”. (*Stiefel*, i 31).

“Esse mundo terrestre está baseado no mundo das trevas, e se o bem não estivesse também corporificado ali, não haveria outro feito senão o do mundo das trevas; mas isso é evitado pelo poder divino e pela luz do sol”.<sup>77</sup> (*Six Theosophical Points*, IX 17).

“Esse mundo está enraizado no bem e no mal, e não pode haver um sem o outro. Mas o grande infortúnio de tudo isso, é que o mal é preponderante; a cólera é maior que o amor, e isso devido ao pecado do demônio e do homem, que excitou a natureza por seus desejos pervertidos, de

<sup>75</sup> A consciência externa estava oculta na consciência interna, do mesmo modo que uma árvore está oculta em uma semente.

<sup>76</sup> Encontramos a mesma lei fundamental em todos os departamentos da natureza. Um novo mundo é apenas um “ponto nebuloso”, uma poeira de matéria cósmica, na medida em que não tenha formado um centro organizado. Da mesma forma, o homem assemelha-se a uma “névoa” de extensão ilimitada, do qual só a parte organizada (o corpo físico) é visível; e assim, o homem só começa a existir como ser espiritual quando o Espírito universal toma forma em sua alma.

<sup>77</sup> O sol visível no céu é a manifestação exterior de um poder espiritual invisível. Como a luz do sol visível seca os pântanos e destrói as impurezas, assim a luz do sol espiritual opõe-se às más influências que surgem do plano astral.

modo que o mundo encontra-se poderosamente qualificado na cólera, atuando como um veneno dentro do corpo”.<sup>78</sup> (Mysterium, XI 15).

Que as trevas tenham obtido tanto poder neste mundo não é culpa de Deus, isso se deve a Lúcifer, que corrompeu a criação primordial; como consequência da queda de Adão, Lúcifer se encontra agora ainda mais capaz de atuar segundo o elemento obscuro da natureza.<sup>79</sup>

“Dentro de toda natureza há uma contínua luta, batalha e consumação, de modo que este mundo pode ser verdadeiramente chamado de ‘vale de dor’, cheio de problemas, perseguições, sofrimentos e trabalho; pois, quando o espírito da criação foi para o meio, teve que formar o mundo do meio do reino do inferno” (Aurora, XVIII 112).

“A natureza, até o dia do julgamento, tem duas qualidades inerentes; uma é amorosa, celestial e santa; a outra, colérica e demoníaca. A qualidade boa trabalha com grande diligência a fim de produzir bons frutos sob a influência do Espírito Santo; do mesmo modo, a qualidade demoníaca trabalha com o propósito de produzir frutos demoníacos, recebendo poder e incitamento do demônio”. (Aurora, Preface X 10).

“O demônio reside neste mundo, infectando continuamente a natureza externa; mas ele tem seu poder somente na cólera, no desejo amargo”.<sup>80</sup> (Menschwerdung, i 2, 4).

Deus age com o santo poder de seu mundo interno contra o poder de corrupção de Lúcifer, mas o mundo externo não é modificado com isso, em sua própria essência particular.<sup>81</sup>

“O mundo interno, o mundo de luz, habita no mundo externo, o qual recebe poder do primeiro. A luz floresce no poder externo, mas esse poder nada sabe sobre ele”. (Six Theosophical Points VI 2).

“Os poderes da eternidade trabalham através dos poderes do tempo, como o sol que brilha através da água, enquanto que a água não apreende o sol, mas somente recebe o calor; ou, como o fogo, que brilha no ferro, mas o ferro continua sendo ferro”. (Mysterium XII 20).

“O mundo espiritual está oculto no mundo elementar visível, e atua através dele; através do separador, ou da alma do mundo exterior, ele se amolda em todas as coisas, de acordo com o caráter e qualidade de cada coisa; mas o ser visível recebe o invisível não em seu próprio poder, nem o que é externo se transforma em algo interno; o poder interno simplesmente toma forma ali, como podemos observar no crescimento das plantas, árvores e nos metais”. (Contemplations III 19).

“Vemos que a terra tem uma grande fome e desejo pelo poder e luz do sol; da mesma forma,

<sup>78</sup> A Natureza existe no homem universal, e ele é existente nela. A Natureza recebe sua consciência do homem, e como a vontade nele tornou-se tingida por maus desejos, então a Natureza – o produto de sua imaginação – também foi tingida pelo mal.

<sup>79</sup> Nem o Cristo, nem “Lúcifer”, nem o ‘Anticristo’ está, como considera a interpretação vulgar, fora da alma do mundo, mas trata-se de um poder ativo dentro dele, do mesmo modo que a doença de um homem não existe fora de seu próprio corpo, mas dentro dele.

<sup>80</sup> Se não fosse pela sedução de Lúcifer e pela queda de Adão, o homem primordial teria permanecido para sempre na bem-aventurada ignorância das qualidades inferiores, num estado espiritual, do qual não poderia desfrutar completamente, porque não conhecia seu oposto, a saber, o sofrimento. Assim, o demônio trouxe sofrimento para o mundo, e é, portanto o bem-feitor do homem; sabendo que o homem aprende pela experiência ele as proporciona, e este não se torna absorvido pelo demônio, senão que o conquista.

<sup>81</sup> Se não fosse pela onipresente e superior presença do bem, não haveria possibilidade do homem conquistar seus desejos malignos. Esse bem absoluto é o UM, sem o qual o DOIS (o bem e o mal relativo) não poderia existir.

o ser externo anseia pelo interior. Com isso ele recebe a forma do último como uma luz e poder, sem, contudo, ser capaz de alcançar o espírito interior propriamente dito; pois o espírito não habita no exterior, mas tem posseção de seu próprio ser em seu próprio estado interior”<sup>82</sup> (Six Theosophical Points, VI 9).

Deus exercita esse poder especialmente através do sol, que sendo uma verdadeira imagem do coração divino do amor, ilumina todo o mundo visível, e restringe a cólera do mundo de trevas.

“A Divindade, a luz divina, é o centro de toda vida, e como na manifestação de Deus o sol é o centro da vida”. (Signature, IV 17).

“Deus o Pai gera amor através de Seu coração, e o sol simboliza o coração eterno de Deus, que dá toda sua força a todos os seres e existência”. (Signature, IV 39).

“Deus deu ao mundo externo a luz, soprando Seu poder através dos raios de Sua luz, e com o sol e a lua governa com as coisas deste mundo. As estrelas tomam a luz do sol e da lua, da radiação se derrama de Sua luz, e por meio dessa mesma luz Deus ornamenta a terra com belas plantas e flores e torna belo tudo que vive e cresce”. (Prayer, XLVII).

“Este mundo possui um Deus natural que lhe é próprio, o sol; mas ele toma sua existência do fogo de Deus, e este da luz de Deus. Assim, o sol oferece seu poder aos elementos, e os elementos dão sua força as criaturas e eras da terra”. (Six Theosophical Points, V. 13).

“O abismo do inferno está neste mundo, e o sol é a causa única da existência da água, e do fato da profundidade acima da terra ser amorosa, prazerosa, branda e deleitosa”. (Threefold Life VI 36).

“Tudo o que é poderoso na essência do mundo santo está oculto na cólera e na maldição de Deus na qualidade do mundo de trevas; mas floresce através do poder do sol e da luz da natureza externa através da maldição e da cólera”.<sup>83</sup> (Mysterium, XXI 8).

Como o sol governa sobre todo o mundo terrestre, ele está presente em essência e poder em todo lugar deste mundo.

“O sol não é tão diferente da água; a água possuía a qualidade e a essência do sol. Sem isso a água não receberia sua luz. Embora o sol seja um corpo que possui uma forma, sua essência também está na água, mas não manifestada. De fato, reconhecemos que o mundo como um todo é um sol, e que seu lugar seria em todos os lugares se Deus quisesse inflamá-lo e torná-lo manifesto, pois toda existência começa na luz do sol”<sup>84</sup> (Seis Pontos Teosóficos), VI 10).

“Se Deus inflamasse a luz através do calor, todo o mundo seria sol manifestado, pois o poder

---

<sup>82</sup> A terra, como qualquer outro corpo cósmico, é uma forma de manifestação da vontade, e possui uma sensação própria. Cada parte da terra busca o pleno desfrutar dos beneficentes raios solares; ao atingir o meridiano ela ficaria como que paralisada, como que em adoração muda e louvor à glória do orbe celeste, mas ela é impulsionada por aquelas partes que a seguem. Assim, cada parte envolve a luz do sol, alternadamente, e mergulha novamente nas trevas uma vez durante a revolução diária de nosso planeta.

<sup>83</sup> O mundo é o corpo do homem universal; o sol espiritual é seu coração, e a luz é o símbolo de sua imaginação (ou fantasia). O verdadeiro significado dos ensinamentos de Boehme, como aqueles da Bíblia, só serão compreendidos se deixarmos de olhar o cosmos do nosso ponto de vista limitado e pessoal, e ao nos tornarmos identificados com o TODO em nossa consciência, percebendo que o TODO é o nosso EU.

<sup>84</sup> Notem que na época de Boehme não era do conhecimento geral que o sol tivesse uma atmosfera de hidrogênio, nem que a água era composta por oxigênio e hidrogênio, o gás mais combustível.

do sol está em todo lugar, e antes da existência do corpo do sol toda a localidade do mundo brilhava da mesma forma como o sol agora se apresenta, mas não tão insuportável, mas de forma branda e deleitosa”.<sup>85</sup> (Aurora, XXV 63)

Os planetas também são governados pelo sol, de onde recebem seu poder; os planetas, por sua vez, transmitem esses poderes aos objetos terrestres.

“O sol é o centro da constelação (sistema solar) e a terra é o centro dos elementos. Ambos, se comparados, são como espírito e corpo, homem e mulher. Mas a constelação possui uma outra mulher, onde lança sua substância, ou seja, a lua, esposa de todos os planetas, mas especialmente do sol”.<sup>86</sup> (Mysterium XI 31).

“Como as estrelas, cheias de desejo, atraem para si o poder do sol, do mesmo modo o sol também penetra poderosamente as estrelas, de modo que recebem sua luz do poder do sol. As estrelas enviam novamente seu poder inflamado, como produto próprio, aos elementos”. (Grace, II 26).

Mas como as estrelas têm sua origem no mundo da luz e no mundo das trevas, não só o bem, mas o mal que existe no mundo terrestre procede delas.

“Com a criação da constelação o bem e o mal se manifestaram, pois neles está manifestado o poder ígneo e colérico da natureza eterna, assim como o poder do santo mundo espiritual, como uma essência soprada. Assim, há muitas estrelas escuras que não podemos ver, e há muitas estrelas brilhantes que podemos ver”.<sup>87</sup> (Mysterium, X 36).

“O bem e o mal em todas as coisas vem das estrelas; e como as criaturas sobre a terra estão mergulhadas em suas qualidades, o mesmo ocorre com as estrelas”. (Aurora II 2).

“Tudo o que vive e existe é despertado e trazido à vida pelas estrelas, pois elas não são apenas fogo e água, mas também possuem dureza e maciez, amargura e doçura, todos os poderes da natureza e tudo o que está contido na terra”. (Threefold Life VII 46).

“A constelação é a causa das artes e da ciência, assim como de toda ordem e harmonia neste mundo, pois desperta as árvores e metais, permitindo que cresçam. Na terra estão todas as coisas contidas nas estrelas; a constelação inflama a terra, e tudo isso junto é senão um espírito”.<sup>88</sup> (Threefold Life, VII 48).

---

<sup>85</sup> A mesma doutrina se aplica à luz do espírito. O espírito de Cristo está em todo lugar; mas não está manifestado em todas as pessoas. Pouco serviria ao cego conhecer a luz pelo que se fala. Pouco serviria ao “Cristão” se conhecesse um Cristo histórico, e não pudesse conceber a glória e a majestade do Atma Buddhi em sua própria alma. Boehme diz: “A luz e o poder de Cristo surge em Seus filhos, no fundamento interior e ilumina todo o curso de sua vida. Nesta fonte de luz encontra-se o Reino de Deus no homem. Aquele que não o possui, não pode trazê-lo para dentro de si através de algum credo, opiniões ou teorias; mas, se o possui, então desta fonte irão surgir muitas correntes de puro amor”. (Communion V 18).

<sup>86</sup> Assim, a mente do homem, sendo a constelação de estrelas, pensamentos e poderes mentais em que vive, recebe sua luz do sol divino que brilha no centro de seu próprio ser. Há pensamentos dos quais somos conscientes e outros que permanecem ocultos, até serem chamados pelo poder que repousa no espírito do homem.

<sup>87</sup> Isto também é mencionado no Esoteric Buddhism de Sinnett. As idéias possuem sua revolução regular no mundo mental, comparável aos planetas no céu. Eles surgem e desaparecem do horizonte mental do indivíduo e também do horizonte da humanidade como um todo, segundo as leis cósmicas.

<sup>88</sup> Para perceber a natureza da relação existente entre o macrocosmo e o microcosmo, é necessário que o homem aprenda a perceber sua própria existência como um ser macrocômico. Sem tal percepção prática, um estudo meramente teórico de tais mistérios torna-se difícil, e de pouca serventia.

Em suas relações com a terra e elementos, as estrelas atuam como a parte mais elevada, viva e, por assim dizer, como poder masculino.

“As estrelas são a quinta-essência, na quinta forma dos elementos, e por assim dizer, a vida dos quatro”. (Threefold Life, VII 45).

“O céu estrelado governa em todas as criaturas como se estivesse em sua própria propriedade. Esse céu é o homem, e a ‘matéria’ ou a forma aquosa, é sua mulher, que dá a luz ao que o céu cria”.<sup>89</sup> (Three Principles VII 33).

“O superior deseja o inferior e vice-versa. A fome daquilo que está acima é direcionado poderosamente para a terra, e a fome da terra busca aquilo que está acima. Assim, se compararmos um ao outro, são como corpo e alma, ou como homem e mulher, gerando filhos”. (Grace V 19).

Mas é preciso compreender que há uma vida distinta na terra. Isso está provado por seus produtos, também pelo seu desejo pelo sol, em consequência do que ela está sempre girando.<sup>90</sup>

“Se você observar a terra e as pedras irá reconhecer que há uma vida ali; pois, se assim não fosse, não haveria nem ouro, nem prata, nem ervas, nem grama”. (Aurora, XIX 57).

“Cada existência deseja a outra. A que está acima, deseja a que está abaixo; a que está abaixo deseja a que está no alto. Desta forma, a terra anseia as estrelas e o *espiritus mundi*, de modo que não tem paz”. (Clavis, 110).

“A terra está girando porque possui dois fogos, o fogo frio e o quente, e aquilo que está embaixo sempre deseja elevar-se em direção ao sol, porque a terra recebe espírito e poder unicamente do sol. Portanto, ela está girando. O fogo, seu desejo de luz, a faz girar, pois ela deseja ser inflamada e ter vida própria. Tendo, contudo que permanecer na morte, até que deseje e atraia a vida que está acima, abrindo seu centro para sempre receber a tintura e fogo do sol”.<sup>91</sup> (Threefold Life XI 5).

Os quatro elementos são realmente apenas qualidades do verdadeiro elemento único, oculto atrás dos quatro elementos externos.

“Aquilo que chamamos de quatro elementos, de fato não são elementos, mas meras qualidades do elemento único e verdadeiro”. (Three Principles, XIV 54).

“A quinta-essência é uma substância paradisíaca no mundo celestial, mas encerrada no mundo externo; ou seja, não aprisionada ali, mas apenas invisível”. (Clavis Specialis).

“Fogo, ar, água e terra foram produzidos do centro da natureza, e consistem na inflamação de uma substância. Desde que essa ignição ocorreu, eles apareceram em quatro formas, chamadas de ‘elementos’; mas eles ainda são interiores e na verdade só existe um elemento. Não há quatro

<sup>89</sup> Todas as formas materiais nada mais são do que expressões de idéias, amoldadas em formas pelo pensamento e que crescem e se tornam objetivas pelo poder da vontade inerente em todas as coisas.

<sup>90</sup> Só há uma vida universal, mas sua ação torna-se diferenciada e modificada em cada forma individual segundo as suas qualidades. Portanto, a vida universal torna-se ali uma vida separada e distinta, não diferenciada em essência, mas em qualidade, das outras formas. A expressão externa que resultada da ação desta vida individual constitui a personalidade.

<sup>91</sup> Se o mundo todo é uma manifestação de consciência, não pode haver nada absolutamente inconsciente nele. Cada coisa possui seu estado próprio de consciência, mas não que seja, necessariamente, autoconsciente ou ciente de suas próprias qualidades. Se assim fosse, o mundo seria um inferno.

elementos no céu, mas apenas um; mas os quatro estados estão contidos ali”. (Threefold Life V 105).

Desta base supraterrrestre surgiram os elementos terrestres externos. O primeiro a ser separado foi o fogo, depois o ar, água e finalmente o elemento terra.<sup>92</sup>

“Do fogo origina-se o ar e do ar a água e da água a terra; ou seja, uma substância que é de natureza terrestre; os elementos são meramente uma manifestação externa do elemento eterno interior e um fumaça inflamada do último”. (Mysterium, VII 19).

Os elementos tendo sido emitidos de sua unidade original desejam fortemente uns aos outros, mas ao mesmo tempo há disputa e luta entre eles.

“Os quatro elementos são apenas qualidades de um elemento indiferenciado. Portanto há uma grande ansiedade e desejo entre eles. Eles constituem interiormente um só princípio, e, portanto desejam instintivamente uns aos outros, sendo que cada um busca o princípio interior no outro”. (Clavis 106).

“Os quatro elementos surgiram do elemento único, que possui uma única vontade; eles existem agora num único corpo, havendo entre eles muita luta e disputa. O calor está contra o frio, o fogo contra a água; o ar está contra a terra e cada um causa a morte e o rompimento do outro”. (Signature XV 4).

Em muitos dos produtos da terra –por exemplo, em muitos minerais – a verdadeira essência parece estar totalmente oculta na morte; mas em outras, especialmente nos metais nobres e pedras preciosas, ainda manifestam seu brilho.<sup>93</sup>

“Pode parecer estranho para a mente racional, se observarmos a terra com suas pedras sólidas e sua aparência áspera e dura, que grandes pedras tenham sido criadas, sendo em parte inúteis e muitas vezes um obstáculo para as criaturas deste mundo”. (Mysterium X I).

“A consciência terrestre corrompeu a celeste, e a primeira tornou-se a Turba da última. Da mesma forma, o Fiat fez a terra e as pedras a partir da essencialidade eterna”. (Menschwerdung I 9).

“Mas na terra encontramos ainda uma outra tintura oculta que é como a celeste, especialmente nos metais preciosos”.<sup>94</sup> (Six Theosophical Points, VI 2).

“O ouro está intimamente ligado á substancialidade divina ou corporeidade celestial. Isso seria visto se pudéssemos dissolver o corpo morto do ouro e o tornássemos volátil, espírito ativo, mas isso só é possível através do poder de Deus”.<sup>95</sup> (Signature III 39).

“Pelo que se sabe sobre pedras preciosas, granada oriental, delfins, rubis, ônix, etc. elas tem sua origem lá onde o raio de luz surgiu no amor. Esse raio nasce na humildade, e é o coração no centro dos espíritos. É por isso que tais pedras são tão singelas, graciosas e, ao mesmo tempo, tão

<sup>92</sup> A mesma ordem deve ser observada no microcosmo do homem. Primeiro vem o desejo, de natureza ígnea; depois a idéia, que ainda é aérea e indefinida, mas que se torna concreta como um pensamento com a ajuda do elemento aquoso, e por fim, resulta o ato ou a corporificação material.

<sup>93</sup> No reino mineral, as pedras preciosas podem ser comparadas ao olho, no reino animal, já que este é considerado o espelho da alma, ou seja, da qualidade interior.

<sup>94</sup> Todas as formas são expressões dos poderes espirituais originais, e as qualidades de tais poderes estão mais manifestadas nas pedras preciosas do que em qualquer outra substância material.

<sup>95</sup> Por esta razão se requer a posse do poder divino para a prática da alquimia. Trata-se de uma ciência divina e não meramente “natural”.

poderosas”.<sup>96</sup> (Aurora, XVIII 17).

O que ocorre no mundo mineral, também ocorre no mundo vegetal e animal. Ali, os poderes da morte também penetraram todas as coisas; mas também existem formações que mostram uma relação com o paraíso.

“Antes da queda, o paraíso florescia por todas as árvores e frutos que Deus criou para o homem. Mas quando a terra foi amaldiçoada, essa maldição penetrou todos os frutos, tornando todas as coisas boas e más. Houve morte e podridão em tudo o que anteriormente encontrava-se na única árvore, chamada de árvore do conhecimento do bem e do mal”. (Threefold Life IX 15).

“Os frutos da terra não estão inteiramente na cólera de Deus, pois a palavra incorporada, sendo imortal e imperecível, estava florescendo novamente no corpo da morte, produzindo frutos do corpo mortificado da terra”. (Aurora, XXI 24).

“Alguns animais, especialmente os mansos, estão intimamente relacionados ao elemento único; outros, principalmente os ferozes, estão mais relacionados com os quatro elementos”. (Three Principles, XVIII 10).

“Há animais peçonhentos e vermes crescendo da qualidade colérica, formados depois do centro do mundo de trevas. Eles amam habitar unicamente nas trevas, e se escondem da luz. Além do mais, há muitas criaturas formadas pelo *spiritus mundi* a partir do reino da fantasia, tais como macacos, certos animais e pássaros, que adoram pregar peças, atormentar e perturbar outras criaturas, de modo que um é inimigo do outro, e estão sempre brigando. Por outro lado, há também criaturas boas e delicadas, feitas segundo modelos do mundo angélico, tais como os animais mansos e os pássaros: entre eles, contudo, encontra-se também os de má qualidade”. (Grace, V 20)<sup>97</sup>.

Em cada coisa externa está oculto algo eterno e inapreensível, que emerge novamente de forma etérea fora do corpo degradado da substância terrestre.<sup>98</sup>

“Em cada coisa externa há duas qualidades, uma que se origina do tempo e outra da eternidade. A primeira qualidade ou temporal está manifestada, a outra, oculta”. (Signature, IV 17).

“Nos seres deste mundo encontramos em todo lugar dois seres em um – primeiro, um ser eterno, divino e espiritual e depois um que tem um princípio, que é natural, temporal e corruptível. O desejo soprado, ou seja, o amor do poder divino pela natureza, de onde a natureza e a vontade-própria se originaram – busca livrar-se da vontade natural pervertida, e está destinada, no final dos tempos, a ficar livre da ilusão adquirida, e a ser trazida para uma natureza clara e cristalina”. (Contemplations, I 30).

“Observem a árvore. Externamente possui uma casca grossa e áspera, parecendo morta e incrustada; mas o corpo da árvore possui um poder vivo, que se rompe através da casca seca e dura gerando vários novos corpos, galhos e folhas, todos enraizados no corpo da árvore. Isso ocorre em todas as casas deste mundo, onde a luz santa de Deus parece ter se extinguido, porque foi atraída pelo princípio deste mundo, portanto parece morta, embora ainda exista em Deus. Mas o amor

<sup>96</sup> Quanto ao verdadeiro significado e poderes mágicos das pedras preciosas veja “In the Pronaos of the Temple of Wisdom”.

<sup>97</sup> Quanto à descrição dos elementais que habitam o plano astral veja Paracelso.

<sup>98</sup> O ser espiritual é aquele que não está sujeito à dissolução da forma física, mas “reencarna” periodicamente; ou seja, ele cria novamente para si outras formas nas quais pode encontrar, até certo ponto, uma expressão exterior. (Compare Mysterium Magnum. 29,45).

sempre e sempre rompe esta mesma casa de morte, gerando galhos celestiais e santos nesta grande árvore, enraizada na luz”. (Aurora, XXIV 7).

Todas essas formações externas procedem da vida-fogo por meio da tintura e da qualidade oleosa, espiritual, que manifesta seu poder e atividade em contraste com os elementos.<sup>99</sup>

“Cada coisa é como um fogo. Contudo, a tortura do fogo não é uma vida verdadeira, mas a tintura que se origina do fogo”. (Threefold Life VIII 18).

“Como o espírito está em uma coisa, assim é a tintura, pois a tintura emana do espírito e é sua luz”. (Three Principles, XIII 45).

“Onde existe um desejo, existe um fogo, pois o fogo deseja substancialidade, a fim de ter algo para consumir. Ele não pode fazer para si qualquer substancialidade, mas faz uma tintura e essa tintura produz a substancialidade”. (Threefold Life VIII 33).

“A tintura produz todas as cores, porque introduz a qualidade do fogo e da luz na água. Assim, ela também transforma água em sangue”. (Six Mystical Points, i 5).

A qualidade oleosa está nas pedras, metais, ervas, árvores, animais e homens. A qualidade mortal está na terra, na água, no fogo, no ar. Essas quatro qualidades são, de fato, como um corpo morto; mas o óleo ali é como uma luz ou uma vida, de onde resulta o desejo ou o crescimento, o desabrochar desta qualidade mortal. A qualidade oleosa não podia, contudo ser uma vida se não fosse uma ansiedade da morte. A última faz surgir a primeira, tornando-a móvel, porque a qualidade oleosa deseja fugir da ansiedade e dali se manifestar, e assim o crescimento ocorre. A morte deve ser a causa da vida e do movimento”. (Signature, VIII 5).

A aparência externa ou signatura das coisas é um símbolo do que realmente são em sua essência interior ou do princípio preponderante em seu caráter, aqui se encontra a base da linguagem da natureza.

“Todo o mundo visível externo, em todos os seus estados, é um símbolo ou figura do mundo espiritual interno. Aquilo que uma coisa realmente é em seu interior está refletido em seu caráter externo”. (Signature, IX I).

Aquele princípio que no espírito de sua ação é superior ao resto grava seu caráter principalmente sobre o ser corpóreo, e as outras qualidades são adições secundárias a ela, como se pode observar em todas as criaturas vivas”. (Signature, IX 4).

A forma interna caracteriza o homem, também em sua face. O mesmo se pode dizer dos animais, ervas e árvores. Tudo é marcado externamente com aquilo que é internamente e essencialmente. Pois o ser interno trabalha continuamente para se manifestar exteriormente. Assim cada um tem sua própria boca a fim de se revelar, e aqui está baseada a linguagem da natureza, através da qual cada coisa fale a partir de sua própria qualidade, e represente aquilo do qual pode ser útil e bom”. (Signature, i II – 17).<sup>100</sup>

## **CAPÍTULO IX**

<sup>99</sup> Em outras palavras, cada coisa é uma expressão do poder-vontade. A vontade por si só, contudo, não constitui sua verdadeira consciência; essa resulta da ação da vontade sobre a imaginação.

<sup>100</sup> Veja “Magic, White and Black”.

## GERAÇÃO

“Que cada Brâmane considere atentamente toda a natureza, visível e invisível, como existindo no Espírito Divino. Pois, quando ele contempla o universo infinito no Espírito Divino, não pode entregar seu coração à iniquidade”. Manu.

Deus envolve o centro da luz em Si mesmo, de eternidade em eternidade; da mesma forma, há na alma do homem um desejo de penetrar o segundo princípio e de viver na luz de Deus.<sup>101</sup>

“A alma em sua substância é um fluxo mágico de fogo da natureza de Deus, o Pai. A alma é um desejo ardente pela luz. Assim, Deus o Pai, deseja seu coração, o centro de luz, de forma muito forte e desde toda a eternidade; Ele a gera em Sua vontade desejante, da qualidade do fogo”. (Four Complexions, II).

“Deus também produz o segundo princípio em Seu amor, de onde gera, de eternidade em eternidade Seu coração e verbo eterno, e o espírito inflama o elo da natureza, e a torna luminosa no amor e na vida de Seu coração, pelo poder da luz. Da mesma forma, a alma do homem deseja penetrar o segundo princípio e manter sua ânsia no poder de Deus”. (Threefold Life, i II-13).

Mas se a alma, como tem sido o caso de Adão, não rende sua vontade a Deus, a idéia divina não se extermina, mas torna-se inativa no homem.

“A alma possui as sete qualidades do mundo espiritual interior (modificadas) segundo a natureza; mas o espírito não tem qualidade alguma; ele está fora da natureza e na unidade de Deus. Através de sua natureza ígnea, o espírito se manifesta na alma, pois é a verdadeira semelhança de Deus, uma idéia através da qual o próprio Deus age e reside, providenciando que a alma penetre com seu desejo em Deus, rendendo-Lhe a sua vontade. Se isso não ocorre, então essa idéia, ou espírito, permanece mudo e inativo, como uma pintura no espelho que some e não tem substância, como foi o caso de Adão em sua queda”. (Tabuloe Principoe, 66).

“Não se deve supor que o Ego celestial do homem se tornou um nada. Ele permaneceu com ele, mas em sua vida (pessoal) ficou como que um nada. Estava oculto em Deus e inconcebível ao homem, sem vida (manifestada)”. (Mysterium XX 28).

“A essência da alma, que emana da vontade insondável, não morreu. Nada pode destruí-la. Ela permanece para sempre um vontade livre. Mas perdeu o estado divino, onde queimava a luz de Deus e o fogo de Seu amor. Não que esse amor havia se tornado um nada, embora isso tenha ocorrido na alma criada (não manifestada) e inconsciente; mas o santo poder, ou seja, o espírito de Deus, que era a vida ativa ali, tornou-se oculto” (Grace, VI 2).

Se a alma permitir que sua verdadeira luz e vida sejam extintas, então ela segue naturalmente o poder oposto ao seu, o princípio da cólera, que se torna perceptível (consciente) na alma.<sup>102</sup>

“Como o verbo ou o coração de Deus tem sua origem na luz da majestade, na tintura-fogo

---

<sup>101</sup> É o princípio da luz no homem que o faz buscar a luz, e para deseja-la é preciso manifesta-la. Se o homem fosse algo inteiramente diferente de Deus, e conseqüentemente não tivesse nada de divino em si, ele seria um ateu, incapaz de conceber a justiça ou a verdade, e não teria qualquer desejo ou compreensão sobre o que é divino.

<sup>102</sup> Na proporção em que a vontade do homem não seja controlada pela razão, ela se torna irracional e segue seus impulsos inferiores.

eterna do Pai, o mesmo ocorre com a imagem da alma. A verdadeira imagem de Deus reside na luz da alma-fogo, e a alma ígnea tem que extrair essa luz da fonte-amor em Deus, e render sua vontade própria a Deus. Se a alma assim não o faz, mas imagina em si mesma, em suas formas ásperas ou estados condutores da tortura-fogo (paixão) e não na fonte do amor, a auto tortura surgirá de seu azedume, dureza e amargura, e a imagem de Deus será engolida na cólera (do fogo escuro)". (Eye XIII 15).

"A alma é *per se* um fogo-tortura, e contém em si o primeiro princípio, a acidez áspera, que tem por seu objeto o fogo. Se deste nascimento (evolução) for extraída da alma a humildade e o amor de Deus, ou se ela tornar-se fortemente contaminada pela matéria (desejo material grosseiro) ela permanecerá sendo uma dureza severa, consumindo-se e, no entanto, gerando continuamente nova ânsia em sua vontade própria". (Menschwerdung, i 2).

Assim, o homem afastando-se de Deus, atraiu a Sua cólera, abrindo o reino do inferno, e agora ele forma em si figuras demoníacas.<sup>103</sup>

"Depois que Adão perdeu sua imagem bela e pura, sua alma permaneceu apenas na qualidade do Pai, ou seja, na natureza eterna, a qual, aparte da luz de Deus, é uma cólera e um fogo consumidor". (Tilk i 285).

"A queda abriu no homem uma porta para a cólera de Deus, conhecida como, inferno. As garras do demônio se abriram; o reino da ilusão fora criado". (Grace, VII 7).

"Se investigarmos a substância da alma e suas essências, veremos que é o que há de mais áspero no homem; ela é ígnea, ácida e amarga. Se ela perde inteiramente a virgem do poder divino que a acompanha, e da qual a luz de Deus (na alma) nasce, então começa a ser um demônio". (Three Principles, XIII 30).

"Depois que o homem penetrou o reino da satisfação egoísta, afastando sua vontade de Deus, começou a produzir figuras infernais, tais como a mentira, a blasfêmia e a maldição". (Prayer, 53).

"Nós, pobres filhos de Eva, temos que sentir em nós mesmos, num grande sofrimento, pesar e miséria, como que a cólera nos movimenta, guia e atormenta, a ponto de não mais caminharmos junto ao amor de Deus, mas, cheios de veneno, inveja, assassinio e animosidade, perseguimos uns aos outros, denunciando, desonrando e maldizendo, desejando morte e todo tipo de mal uns aos outros, apreciando a miséria do outro". (Tilk I 4).

"Aquilo que as pessoas maliciosas deste mundo fazem, dentro de sua malignidade e falsidade, também é feito pelo demônio no mundo das trevas". (Six Theosophical Points, IX 18).

"Cada pessoa causa sofrimento a uma outra, sendo, portanto, o seu demônio". (Threefold Life, XVII 10).

<sup>103</sup> Usando outras palavras, podemos dizer que a vontade do homem cessa de agir com sua própria natureza elevada, ou seja, a virgem celeste da sabedoria divina, onde seu poder estava unido à doçura, e tornou-se ativa nos elementos inferiores e animais de sua constituição, de modo que a paixão bruta tomou o lugar da vontade divina auto-consciente. Essa vontade animal produz imagens animais correspondentes em sua alma.

Deus, contudo, tem dado ao homem proteção, para que ele não se torne um demônio tão facilmente; Ele assim o fez fazendo com que o homem penetrasse a vida terrestre externa.<sup>104</sup>

“Deus fez a alma penetrar a carne e o sangue, a fim de que não pudesse ser, tão facilmente, receptiva à cólera. Assim, (durante a existência terrestre) ela aprecia a si mesma no espelho do sol, e está satisfeita em sua essência sideral”. (Six Theosophical Points, VII 19).

“Não foi por nada que Deus soprou nas narinas de Adão o espírito externo, a vida externa. Adão teria se tornado um demônio, tal como Lúcifer, mas o espelho externo evitou tudo isso”. (Forty Questions XVI 2).

“Muitas almas, com sua malignidade, se tornariam demônios em uma hora se a vida externa não evitasse, de modo que sua completa ignição não pode ocorrer”. (Forty Questions, XVI 12).

“Através da análise de nós mesmos descobrimos que, no geral, o espírito externo (nossa natureza humana) é muito útil. Muitas almas se tornariam corruptas se o espírito animal não mantivesse o fogo capturado e apresentasse o fogo-espírito terrestre, a ocupação animal e a satisfação, com as quais podem se divertir até obter novamente um lapso de sua nobre imagem, e começar a buscá-la novamente”. (Forty Questions XVI 10).

“Se a matéria deste mundo (o imaginário da natureza externa) fosse rompida, como será um dia, no futuro, a alma permaneceria na morte eterna, nas trevas. A bela criatura (a imagem viva) seria capturada pelo reino do inferno, e o demônio triunfaria sobre ela”. (threefold Life, VIII 38).

Como a alma do homem tornou-se capturada pelo espírito deste mundo, e como permitiu que sua tinta a penetrasse, as qualidades terrestres necessariamente surgiram em si (tornaram-se preeminente ativa).<sup>105</sup>

“A pobre alma de Adão foi feita cativa pelo espírito e princípio deste mundo, e permitiu que sua tinta nela penetrasse”. (Threefold Life, VIII 63).

“Aquilo que a imaginação do espírito penetra se torna expresso na forma corporal através da impressão do desejo espiritual. Portanto, Deus ordenou a Adão, quando ele ainda estava no Paraíso, para não se alimentar, com sua imaginação, da árvore do conhecimento do bem e do mal, para que não mergulhasse no sofrimento e na morte, morrendo para o reino do céu, como tem ocorrido atualmente”.<sup>106</sup> (Baptism i 22).

“A qualidade terrestre, que se encontrava no Paraíso numa condição não manifestada, manifestou-se através do desejo da alma. Disso resultou o calor e o frio, a vida-veneno de toda adversidade, a supremacia do corpo, de modo que a bela imagem do Céu e do Paraíso desapareceu de vista”. (Stiefel. II 83).

Os corpos dos primeiros seres humanos eram de uma natureza celeste; mas em consequência do ato de comer do fruto proibido, tornaram-se terrestres e materiais.

<sup>104</sup> Se a imaginação do homem não fosse excitada pelas representações pictóricas que os objetos do mundo que o cerca chama em sua mente através dos sentidos externos, mas se sua mente estivesse ativamente restrita a formar imagens através de seu poder próprio, sua vontade ígnea, de onde o reconhecimento de sua noiva divina desapareceu, o tornaria autoconsciente no mal. Por essa razão o ascetismo, sem a sabedoria divina leva à aquisição dos poderes da magia negra.

<sup>105</sup> O homem tornou-se um organismo onde os poderes da natureza estão atuantes, e ao identificar-se com a natureza ele começa a desfrutar e a sofrer com ela.

<sup>106</sup> A constituição do homem assemelha-se a um jardim, onde todas as espécies de sementes, boas e más, são semeadas. Aquelas que ele cultiva ou permite que cresça se tornarão predominante em nele.

“Deus deu ao homem um corpo constituído de poder puro e essencial, depois deu a natureza da alma, que se comparada com a grosseira substância terrestre, pode ser considerada como sendo um corpo espiritual”. (Mysterium, XVI 3).

“Os corpos dos primeiros seres humanos eram celestiais, mas quando comeram do fruto terrestre, absorvendo-o em seus corpos a temperatura separou-se, e o corpo terrestre manifestou-se de acordo com todas as qualidades”. (Grace, VII 5).

“Quando Eva alcançou a árvore e arrancou o fruto, ela o fez através do *limus* terrestre e através da vontade da alma, que desejou o conhecimento do centro da natureza. Ao realmente comer do fruto, a essência de seu corpo, ou seja, a essência humana, tomou a essência na árvore”<sup>107</sup>. (Mysterium XX 29).

Foi assim que o homem perdeu a vida na eternidade, ficando sujeito à morte.<sup>108</sup>

“Não podemos dizer que o homem, no princípio, estava enclausurado no tempo. No Paraíso estava envolvido na eternidade. Deus o criou à Sua imagem; mas quando caiu, ficou sujeito à limitação do tempo”. (Grace VII 51).

“O tempo tem um começo e um fim, e como a vontade, com seu desejo, permite ser rodeada pelo guia temporal, o corpo morre e perece da mesma forma”. (Signature, V 9).

“Após a queda, o homem com seu corpo interior passou a viver somente no tempo; o ouro precioso da corporeidade celestial que deveria tingir, penetrar e abençoar o corpo externo perdeu sua cor”.<sup>109</sup> (Signature V 8).

Além do mais, os poderes da vida animal tomaram tanto espaço no homem, tornaram-se tão preponderantes nele, que em sua essência externa tornou-se um animal.<sup>110</sup>

“O homem não era como os animais, criados do bem e do mal, (da substância meramente terrestre). Se ele não tivesse se alimentado do bem e do mal não haveria nele o fogo e a cólera; mas agora ele também possui um corpo animal”. (Aurora, XVIII 109).

“Antes do pecado a imagem celestial penetrava totalmente o homem externo, revestindo-o com o poder divino. O elemento animal não estava manifestado nele; mas quando a imagem, formada da essência celestial, empalideceu e desapareceu, então a pobre alma, formada do primeiro princípio, viu-se rodeada pelo corpo animal, nua, despida”. (Mysterium XXI 15).

<sup>107</sup> Se “Eva” não tivesse arrancado o fruto da árvore do conhecimento por “Adão”, ou seja, se ele não o tivesse desejado meramente em sua imaginação, mas o tivesse arrancado por si mesmo, entrando ali com sua própria vontade ígnea, as conseqüências seriam ainda mais desastrosas para ele. O homem universal (Adão) teria se tornado um demônio, ao invés de um ser humano semi-animal.

<sup>108</sup> Isso não significa que o verdadeiro, divino homem imortal perdeu sua imortalidade; mas o homem em seu aspecto de ser humano tornou-se inconsciente de sua imortalidade, e busca agora uma prova externa a fim de se convencer de que haja algo imortal em si.

<sup>109</sup> Quanto mais do homem se identificar com o corpo e com os princípios inferiores, mais do homem irá morrer. Aquela parte do homem que se identifica com a parte imortal interior, torna-se imortal. O homem não deveria, portanto, se identificar em pensamento e vontade com os elementos inferiores em sua constituição, mas empregar os poderes de sua constituição para o desenvolvimento de sua espiritualidade.

<sup>110</sup> Como todo o reino animal existe no homem macrocosmo, do mesmo modo as formas representativas ou germens de todos os animais existem na alma animal do homem microcósmico, e eles crescem e se tornam predominante, segundo seus desejos ou tendências animais predominantes. Eles são os elementais que tomam posse do homem descrente e o torna subserviente de sua vontade.

“Após Adão e Eva terem comido da árvore do conhecimento do bem e do mal, logo ficaram envergonhados, porque em suas formas etéreas surgiu uma forma animal grosseira, feita de carne comum, ossos duros e partes animais. O ser animal engoliu o estado celeste e surgiu neles como que uma criatura estranha a sua verdadeira natureza, da qual não tinham conhecimento até então”. (Mysterium, XXIII I).

“Que ninguém pense que o homem antes da queda possuía órgãos animais de reprodução, e nem partes corporais como tem agora. Tais impurezas não existem na Santíssima Trindade, nem no Paraíso; Isso pertence à terra. Originalmente, o homem foi criado um ser imortal e santo, como os anjos”. (Three Principles, X 7).

“Foi através da queda do homem, com relação ao corpo externo, que ele se tornou o animal dos animais; ou seja, ele se tornou a imagem animal de Deus, onde a palavra de Deus tornou-se manifestada de uma maneira terrestre. Desta forma, ele passou a ser o mestre e rei de todos os animais; mas, no entanto, apenas um animal, dotado de um intelecto mais elevado do que as meras formas animais”. (Grace, VII 6).

Os sentidos do homem também adquiriram uma natureza animal e terrestre, de modo que ele não é mais capaz de perceber Deus e aquilo que é divino.<sup>111</sup>

“Quando o homem deixou o Paraíso penetrando uma nova geração, a saber, o espírito deste mundo, na qualidade do sol, planetas e elementos, então sua percepção paradisíaca se extinguiu”. (Three Principles, XIV.2).

“A serpente (do desejo) disse a Eva: ‘Você não irá morrer, mas teus olhos serão abertos, e você será como Deus’. Que seus olhos se abriram, é verdade; contudo, seus olhos celestiais se fecharam”.<sup>112</sup> (Stiefel i 44).

A vontade e a mente do homem foram capturadas pelo espírito deste mundo, e são agora mantidas por um dos elementos, o que é provado pelo poder dos temperamentos.

“A alma penetrou com Adão uma habitação estranha, ou seja, o espírito deste mundo. Há, de fato, quatro habitações nas quais aquela jóia preciosa está aprisionada. Destas quatro, há sempre uma especialmente manifestada na pessoa, não as quatro, de acordo com os quatro elementos que se encontram dentro do homem; um deles sempre predomina na vida da pessoa. Esses quatro estados, formas ou temperamentos são conhecidos como: colérico ou bilioso, sanguíneo, fleumático ou linfático e o melancólico ou nervoso. No temperamento colérico está manifestada a natureza e qualidade do fogo; no sanguíneo, a do ar; no fleumático, a da água e no melancólico, a qualidade do elemento terra”. (Four Complexions, i.6).

A satisfação e o desejo do homem estão agora voltados contra o divino e direcionados para o que é terrestre e animal.

“A imagem Angélica no homem tornou-se inteiramente destruída tanto para com a mente

<sup>111</sup> Se o homem verdadeiramente percebesse seu próprio estado divino, não haveria poder que o paralisasse contra sua vontade em seu corpo semi-animal. Ele seria o deus que no curso dos tempos aspira a ser.

<sup>112</sup> No mesmo sentido, quanto mais nos apegarmos às atividades meramente externas, mais estaremos nos arriscando a perder o poder do verdadeiro reconhecimento da verdade interna, e por essa razão, normalmente encontramos o mínimo de espiritualidade e intuição entre os eruditos. Quanto mais fecharmos nossos olhos e especularmos, menos seremos capazes de ver.

quanto para com os sentidos, como podemos observar plenamente; tanto os sentidos como os pensamentos estão moldados por uma vontade animal, e é muito difícil para eles alcançar um estado de amor a Deus e a justiça”. (Grace, vii 36).<sup>113</sup>

“Depois da queda, as criaturas (elementais) obtiveram poder no homem e nele se manifestaram. Há pessoas que vivem na qualidade de uma serpente, cheias de astúcia e malícia venenosa; outras vivem na qualidade de um sapo ou cachorro, urso ou lobo; uns podem ter em si a qualidade de algum animal bom e manso. Todos os homens possuem externamente a forma humana, mas dentro da qualidade encontra-se um animal”.<sup>114</sup> (Grace, VII 3,4).

O presente método de reprodução animal do homem teve sua origem na queda; isso se prova através de Eva, projetada de Adão, posteriormente, e também pelo senso de vergonha herdado, com relação aos órgãos de geração.

“Se Deus houvesse criado o homem para esta vida animal, doentia, de pavorosa perversão, corruptível e terrestre, Ele não o teria colocado no Paraíso. Se Sua intenção original fosse que a humanidade se procriasse como os brutos, Ele os teria feito homem e mulher desde o princípio”. (Mysterium, XVIII 5).

“A pobre alma degradada envergonha-se de possuir órgãos animais de geração, e do modo em que a fecundação ocorre. Será que todos não sentem isso? Se tivéssemos sido criados como bestas em Adão, porque teríamos vergonha de nossa bestialidade? Por que a alma sente vergonha da monstruosidade de seu corpo externo e de seu método animal de procriação?” (Tilk i 608).

Se não tivesse ocorrido pecado, o homem, sendo a imagem de Deus, e, portanto possuindo o poder de criar, produziria seus semelhantes a partir de seu próprio ser, sem a existência de sexos distintos.

“A soma de toda humanidade constitui o Adão único e original. Deus o criou único, e deixou com ele a produção de outros seres. Ele deveria ter entregado sua vontade inteiramente a Deus, e com Deus gerado outros homens em conformidade e a partir de si mesmo”. (Mysterium, lxxi 31).

“Adão era uma completa imagem de Deus, macho e fêmea, não separados, mas puro como uma casta virgem. Ele tinha em si o desejo (poder) do fogo e da luz, a mãe do amor e da cólera, e o fogo dentro dele amava a luz, recebendo dela quietude e beneficência; enquanto que a luz amava o fogo como sendo a sua vida, do mesmo modo que Deus, em Sua qualidade de Pai, ama o Filho e o Filho ama o Pai”. (Stiefel, ii 35 I).

“Adão era marido e esposa em uma individualidade. Contudo, não se deve pensar que foi uma mulher no sentido comum da palavra, mas como poder virginal, puro e casto. Isso quer dizer, ele tinha em si a *tintura* ou espírito do fogo, e também o da água, e amava a si mesmo e a Deus. Ele

<sup>113</sup> Se os sentidos do homem fossem educados para amar aquilo que é verdadeiro e divino, então o reino interno se abriria a essa percepção, e o homem conheceria as coisas “supra-sensuais”.

<sup>114</sup> Cada caráter a ser expresso, encontra sua expressão em uma certa forma. Todos os animais neste mundo são encarnações de certo caráter, e do mesmo modo, as qualidades do homem animal são expressas em sua alma animal (no plano astral) em formas animais correspondentes. A afirmação de Jacob Boehme que vemos acima não é, portanto, uma simples figura de linguagem; mas a alma animal de cada ser humano assemelha-se a uma coleção de animais selvagens, composta de diferentes animais, que podem ser visto por aqueles que possuem o dom da percepção astral, e segundo a qualidade da vontade do homem, em quem vivem estes animais, alguns ficam doentes e morrem, enquanto que outros nascem e crescem. As condições destes animais elementais na constituição do homem são algumas daquelas causas de suas doenças corporais das quais a ciência médica moderna ignora.

podia gerar num estado virginal e procriar através de sua vontade e a partir de sua própria substância, sem qualquer dor ou laceração”. (Threefold Life, ii 24).

“Se o homem tivesse resistido à tentação um ser humano teria nascido do outro, do mesmo modo que Adão em seu estado virginal fora projetado na objetividade como um ser humano e imagem de Deus, porque aquilo que é do eterno também pode procriar (multiplicar) de acordo com a lei da eternidade”. (Threefold Life, XVIII 7).

Esses descendentes do homem teriam emanado uns dos outros, e um superaria o outro em qualidades e dignidade diante de Deus.<sup>115</sup>

“É desnecessário saber se caso o homem tivesse permanecido em seu estado original, todos os (futuros) indivíduos seriam produtos de um indivíduo, ou se seriam produzidos uns dos outros; mas buscando na profundidade, no centro, penso que um surgiria do outro. No curso do tempo teriam diferido em qualidades; alguns cresceriam e chegariam a ser maiores que outros, como é o caso agora, em que os homens não são iguais, mas uns tem mais gênio e inteligência que outros”. (Menschwerdung, i 5,4).

Mas agora, depois dos poderes gerativos, primeiramente reunidos no homem, aparecem num estado de separação em machos e fêmeas, cada sexo busca no outro uma criança a ser gerada, e deseja fortemente unir-se ao outro.<sup>116</sup>

“No princípio da criação tudo nasceu de um ser; a separação dos sexos ocorreu mais tarde. Portanto, cada sexo deseja fortemente o outro, como se observa no processo de procriação”. (Three Principles, VIII 40)

“Há agora uma forte atração sexual nas criaturas. O espírito masculino busca o filho amado na fêmea, e o feminino o busca no masculino”. (Three Principles, VIII 44).

“A mãe-água deseja ardentemente a mãe-fogo, e busca pela criança do amor. Do mesmo modo, a mãe-fogo busca a criança na mãe-água, fazendo com que ambos os sexos possuem um forte desejo de se misturar com o outro”. (Three Principles, VIII 42).

Esse desejo, em que os dois sexos queimam com relação um ao outro, é uma abominação diante de Deus; mas se for governado por amor conjugal ordenado e afetuoso, é pacientemente tolerado pelo Senhor.<sup>117</sup>

“A coabitação sexual conjugal não é pecadora, pois está de acordo com a natureza humana. É incitado pelo poder da natureza, e tolerado na paciência divina pela alma espiritual”. (Stiefel, II 409).

“A luxúria, contudo, sem ser enobrecida pelo amor conjugal afetuoso, é meramente um desejo animal e pecaminoso; se alguém procura no casamento unicamente a gratificação sexual, não é superior a um animal”. (Three Principles, XX 64).

<sup>115</sup> Esse é o caminho pelo qual as “personalidades” mencionadas no Gênesis foram “geradas”.

<sup>116</sup> Tendo a “mulher” surgido do homem, sua maneira de reprodução se tornou necessariamente animal e externa, e continuará sendo assim até que o verdadeiro casamento divino ocorra, através do qual a vontade do homem torna-se novamente uma com a deusa da sabedoria.

<sup>117</sup> Cada sexo procura no outro aquilo que é deficiente, e, portanto, do ponto de vista espiritual, todo “amor” sexual pode ser considerado como uma manifestação de egoísmo.

“Cuidado, ó homem, veja lá como usa o desejo animal sexual! É uma abominação diante do Senhor (o Ser divino no homem), esteja dentro ou fora do casamento legalizado; mas o verdadeiro amor e a fidelidade legítima oculta o desejo diante da vista de Deus”. (Three Principles, XX 65).

“Se um casal gera filhos, a imaginação ou desejo deles (durante o ato sexual) não é santo, e a nobre parte da alma envergonha-se disso. Há até animais que se envergonham deste ato. Mesmo em seu melhor aspecto a performance é desagradável diante da santidade daquilo que é divino, pois foi causado pelo pecado em consequência da degradação do primeiro homem, mas sendo pacientemente submetido por aquilo que é divino no homem, porque é uma necessidade de seu presente estado animal”<sup>118</sup> (Stiefel, II 396).

É um erro supor que uma pessoa é descendente de outras meramente no que se refere à sua forma corpórea. A alma humana é da mesma forma gerada naquela ato. Se o coração estivesse ausente nem o corpo viria à existência.<sup>119</sup>

“A alma não é toda vez criada nova e soprada no corpo, mas reproduzida de acordo com a lei natural humana, como um galho que cresce do tronco da árvore, ou como um grão ou semente que é plantada. Assim, a alma é plantada para que possa crescer e ser um espírito e corpo”.<sup>120</sup> (Forty Questions, X 4).

“As almas dos homens, juntas, são como uma única alma, pois todas foram geradas de uma alma”.

“A alma é a causa da existência de todos os membros necessários para a vida do homem, pois sem a alma nenhum órgão chegaria à existência para viver na vida do homem”. (Three Principles XIV 14).

“O coração é a verdadeira origem da alma, e no sangue interior do coração (a vontade) está a alma, o fogo, enquanto que na *tintura* a alma é seu espírito (sua luz); o espírito flutua sobre o coração, e comunica-se ao corpo e a todos os órgãos”. (Forty Questions, XI 3).

Se através de um ato conjugal a alma é gerada, há nele algo de natureza paradisíaca.<sup>121</sup>

“Enquanto Adão permanecia no amor de Deus, e a mulher (o princípio feminino) nele era uma virgem casta, a *tintura* do fogo (nele) poderia ter experimentado muita satisfação no abraço da tintura da luz contida (nele); mas o corpo externo presente não é digno de desfrutar de tal relacionamento com o reino do deleite, onde a vida da alma é semeada. Somente as essências externas, que se originam (diretamente) do Eterno, são capazes de participar de tal felicidade; o

<sup>118</sup> “Pecado” é aquilo que constitui uma desobediência contra a vontade de Deus, que é também a lei da natureza. Aquele que resiste à lei da natureza sem ser capaz de elevar-se acima de sua própria natureza animal comete um crime contra a natureza, e, portanto contra Deus. Mas se nos elevamos acima de nosso plano animal a regiões mais elevadas de sentimentos e pensamentos, então não mais seremos afetados pelas leis que governam aquela natureza animal, e nenhuma resistência será necessária, já que os desejos da carne não afetam o espírito que não está identificado com a carne.

<sup>119</sup> Aqui Jacob Boehme evidentemente se refere à alma humana, o Mana, e não ao Buddhi, ou alma espiritual, que se obscurece a cada nova encarnação.

<sup>120</sup> A alma espiritual no homem tem sua origem em Deus, e suas qualidades individuais são reunidas do desabrochar de suas experiências em encarnações passadas. Mas a alma humana e animal são produtos das influências astrais e mentais atuando através dos corpos dos pais; enquanto a forma material visível é feita de elementos da terra.

<sup>121</sup> Os prazeres sensuais mais elevados que os seres humanos podem eventualmente desfrutar é experienciado por eles durante o ato nupcial; mas como esse ato constitui o exercício do poder mais elevado que ainda se encontra no domínio do homem, ou seja, o poder de criar um ser como ele próprio, este ato não deveria ser substituído por motivos inferiores, como a satisfação de desejos sensuais.

animal externo satisfaz apenas um desejo animal, e nada sabe do deleite das essências (espirituais). Se, contudo, as tinturas (externa e interna) se misturam, há ali algo (uma sensação) pertencente ao Paraíso; mas a essência terrestre (luxúria) logo se mistura ali”. (Menschwerdung, I 7,6).

“O desejo de conjunção nos homens e mulheres resulta da separação da tintura do fogo e da luz em Adão. Esses princípios em sua própria essência são ainda mais nobres e puros que a carne. É verdade que agora estão separados, e não contêm a verdadeira vida; mas estão cheios de desejo por aquela vida verdadeira, e quando se encontram novamente na unidade de todos os seres, despertam a verdadeira vida para qual seu desejo está direcionado. Querem ser novamente o que eram na imagem de Deus quando Adão era homem e mulher”<sup>122</sup> (Stiefel, II 388).

“Quando as duas tinturas se juntam em uma, a qualidade do reino eterno da alegria, o desejo mais elevado e sua plenitude, manifesta-se. Se isso pudesse ser feito na pureza, sem a mistura daquilo que causa desgosto, então tudo seria santo; mas mesmo o enxofre (o elemento terrestre) da semente é uma causa de desgosto aos olhos da verdadeira santidade”. (Stiefel, II 402).

Durante o ato conjugal ocorre uma interação divina; mas também há influências procedentes do mundo terrestre e satânico. Mais especial é a natureza da criança, dependendo da qualidade de seus pais.<sup>123</sup>

“A vontade chamada à ação, durante o ato conjugal é ternária. Primeiro surge entre os pais da criança o desejo animal que se mistura, e durante essa mistura o centro do amor se abre, mesmo se tivessem insatisfeitos um com o outro. Esse amor participa nas qualidades de um elemento, e esse elemento com o paraíso; mas o paraíso está diante de Deus”. (Three Principles, XV 30).

“Por outro lado, a semente externa também possui sua própria essência, que participam das qualidades dos elementos externos. Esses elementos externos participam das qualidades dos planetas externos, e estão conectados com a cólera e a malícia externa; estas estão conectadas com o abismo do inferno, que pertence aos demônios”. (Three Principles, XV 31).

“Se um galho cresce de uma árvore, sua forma se aproxima a da árvore. Assim, se uma mãe gera uma criança, essa é formada em sua própria imagem”. (Forty Questions, V I).

“Uma árvore má não pode produzir bons frutos. Se os dois pais são maus e estão no poder do demônio, uma alma inclinada ao mal será semeada. Seria bom que os pais lembrassem disso. Eles guardam dinheiro para seus filhos, mas se pudessem provê-los de uma boa alma, isso seria bem mais útil”<sup>124</sup> (Forty Questions, X 7-9).

<sup>122</sup> No macho está representada especialmente a essência ígnea (a vontade ou a obstinação), na fêmea, a essência da luz (espiritualidade ou brandura). As distinções sexuais, contudo, não pertencem exclusivamente aos corpos externos, mas ao homem interior, do qual o homem externo nem sempre é uma imagem correta, porque há outros fatores além da entrada de sua verdadeira alma, em sua formação. Portanto ocorre, algumas vezes, que o sexo do corpo externo não parece corresponder àquele do homem interno. Vemos pessoas do sexo masculino, aparentemente habitadas por uma alma feminina, com tendências e gostos femininos, e vice-versa; em tais pessoas ocorrem, algumas vezes, manifestações aparentemente inexplicáveis de perversidade sexual.

<sup>123</sup> É preciso lembrar que a constituição do homem não é o resultado da ação de um só princípio, mas de três, manifestando-se nas sete qualidades da natureza eterna, em sete diferentes formas, e que, portanto, seu corpo externo não é a expressão de um único princípio, mas de três. Seu espírito pertence a uma fonte mais interna, sua alma de um mundo interno, seu corpo de uma natureza externa.

<sup>124</sup> A falta de palavras nas línguas modernas para expressar fatos internos de modo compreensível conduz a uma contínua confusão de termos. Assim, o termo “alma” não se refere aqui à alma divina que se origina diretamente de Deus, nem àquela parte do homem que reencarna (o Karana Sarira), mas ao “homem interior” (o *manas* e o *Karana*

“Na medida em que cada um dos pais possui a essencialidade de Deus conectada em sua alma, a semente não será introduzida na *Turba*; pois o Cristo diz: ‘Uma boa árvore não pode produzir maus frutos’.” (Forty Questions, X 5).

Cada alma é um ser individual, portanto uma criança nascida de maus pais pode voltar-se novamente à Deus e vice-versa.<sup>125</sup>

“Ainda que uma alma seja um galho da árvore, ela é, no entanto, um ser individual. Portanto, uma criança depois que nasce, tem uma vida própria, e o centro da natureza está dentro de seu próprio poder”. (Forty Questions, VI 2).

“Mesmo que uma criança tenha bons pais, pode mais tarde entrar na *Turba*. Do mesmo modo, uma criança nascida de maus pais pode se converter através de sua imaginação, e penetrar o Verbo do Senhor. Isso raramente ocorre, mas é possível. Deus não se desfaz de nenhuma alma, a menos que a própria alma se perca. Cada alma julga a si mesma”. (Forty Questions, X 6-8).<sup>126</sup>

## CAPÍTULO X

### O CRISTO

*“O elemento interno que sustenta todo o corpo deste mundo tornou-se o eterno corpo de Cristo; pois, a Divindade em sua totalidade, na palavra e coração de Deus, penetrou ali na eternidade; e a mesma Divindade tornou-se um ser criado; mas tal criatura pode estar em todo lugar, como a própria Divindade”. (Princ. XXIII 20).*

“Sem o especial auxílio divino, a humanidade teria caminhado para a perdição eterna, por conta do pecado”.<sup>127</sup> (Hamberger).

“Adão teria se perdido eternamente se o coração de Deus com a palavra da promessa, não tivesse penetrado sua alma, despertando a esperança espiritual que o manteve”. (Forty Questions, viii 5).

*Sarira inferior*). A menos que se tenha em mente a distinção entre esses vários aspectos do homem, estaremos sempre sujeitos a tomar as folhas da árvore da vida pelos galhos, e os galhos, pelo tronco, e o tronco, pela raiz.

<sup>125</sup> Cada alma constitui um indivíduo, mas não uma parte independente da árvore da vida. O tronco (Cristo) permanece, mas as folhas (personalidades dos homens e mulheres), caem. Os galhos (os espíritos humanos individuais) crescem de ano em ano, e pelo poder da seiva que recebem através do tronco, produzem novas folhas (personalidades) a cada primavera. Assim, não é o Cristo, ou seja, o divino, mas o homem que reencarna; nem tampouco reaparecem folhas idênticas sobre a mesma árvore, mas o espírito do homem (seu Manas superior) através do poder de Cristo (o Atma-Buddhi) produz novas personalidades em quem estão expressas o poder que os espíritos recebem de Deus).

<sup>126</sup> Cada alma é receptiva a influências boas e más, mas especialmente àquelas que são predominantes em sua própria natureza. Se uma alma vai ou não herdar o desejo ou poder de superar o mal em sua própria constituição, ou se vai tornar-se mais inclinada ao mal, dependerá do Carma adquirido por ela em encarnações anteriores.

<sup>127</sup> Isso não quer dizer que um Deus extra-cósmico preocupa-se ou “estuda” um meio de salvar a humanidade; mas, o “Coração” de Deus movimentou-se, porque seu próprio amor fez com que se movimentasse.

“Deus é ternário em Seu aspecto pessoal, e quis movimentar-se três vezes, de acordo com cada um desses aspectos, mas não na eternidade. O primeiro movimento ocorreu no centro da natureza no Pai, a fim de criar os anjos, e através deles o mundo. O segundo movimento ocorreu na qualidade do Filho, fazendo com que o Coração de Deus se fizesse Homem, e isso não acontecerá novamente na eternidade; caso ocorra será unicamente através desse único Homem (universal) (Divindade e Humanidade), que é Deus, manifestando a Si mesmo, através de muitos e em muitos. Pois, a terceira vez, e no fim do mundo, Deus irá movimentar-se em nome (qualidade) do Espírito Santo, quando o mundo retornará ao Éter (Akasa), e sua vontade morta ressuscitará”. (Threefold Life, VII 22). Isso talvez possa ser expresso em outras palavras: No primeiro impulso tornou-se ativa a vontade latente, no segundo movimento, a sabedoria ou a luz latente e no terceiro movimento ou impulso, o terceiro princípio passará do estado latente para a atividade.

“Se o princípio divino do amor ainda não impregnasse toda a natureza neste mundo terrestre, e se nós pobres seres criados não tivéssemos conosco o guerreiro na batalha, com certeza pereceríamos no horror do inferno”. (Aurora, XIV 104).

Deus desejou ajudar a humanidade<sup>128</sup> com sua infinita misericórdia.

“Deus deseja que toda a humanidade seja salva. Ele não deseja a morte do pecador, mas que ele se transforme, e volte-se novamente para Deus, encontrando Nele a vida”. (Three Principles, Preface, I 6).

“A razão (superficial) representa Deus como um ser sem misericórdia, ensinando que Ele lançou sua cólera sobre o homem, e o amaldiçoou com a morte, pois descobriu no homem a desobediência. Não se deve acreditar nisso. Deus é amor e bondade. Nele não há pensamento de raiva. O homem estaria bem se não tivesse punido a si mesmo”. (Three Principles, X 24).

Não havia outro modo de salvar a humanidade, a não ser que o Filho ou a Luz de Deus nela penetrasse.<sup>129</sup>

“Quando a alma afastou-se da Luz de Deus e penetrou o espírito deste mundo, deu-se início ao tormento do primeiro princípio. Ela viu e sentiu que não estava mais no reino de Deus, até que o coração de Deus veio e se colocou entre ela e o reino divino, possibilitando-o penetrar ali e regenerar-se”. (Three Principles, IX 6).

“Não havia outra salvação para a imagem divina no homem a menos que a divindade se movimentasse de acordo com o segundo princípio, ou seja, de acordo com a luz da vida eterna, e pelo poder do amor reascendendo a substancialidade (da alma) que estava aprisionada na morte”. (Menschwerdung, i II 22).

“A alma separou sua vontade da vontade do Pai e penetrou na luxúria desta vida. Não haveria outra forma de redenção, exceto que a vontade pura do Pai penetrasse outra vez em sua substância trazendo-a novamente ao estado que ocupava primeiramente, de modo que sua vontade fosse novamente direcionada para o coração e luz de Deus”. (Three Principles, XXII 67).

“Para auxiliar a alma, o coração de Deus com sua luz, e não o Pai propriamente dito, tinha que penetrá-la, pois no Pai ela já estava de qualquer modo; mas encontrava-se afastada da entrada para a geração do coração (o início da auto consciência divina) de Deus, e seus desejos estavam direcionados para o mundo externo”.<sup>130</sup> (Three Principles, XXII 68).

<sup>128</sup> Se tal acontecimento ocorreu há 1900 anos ou em qualquer outra data cabe aos historiadores descobrirem. Em todos os eventos, os relatos da Bíblia são uma descrição da redenção do mundo da ignorância espiritual, através da entrada de um raio da luz de Deus, e da mesma forma da regeneração espiritual do homem. A Igreja “Cristã” externa, com sua ritualística, está baseada em uma pessoa da história Judaica, que morreu e deixou seus poderes nas mãos do clero. A religião do Cristo vivo está baseada no reconhecimento de um processo eterno ocorrendo no macrocosmo da natureza e no microcosmo do homem. Para o Cristão “liberal” que se baseia na razão externa, Jesus de Nazaré, quer tenha Ele existido ou não, representa um homem ideal, cujo exemplo e palavras ensinou as virtudes dos homens. Para a percepção interna daquele que enxerga, Ele é uma espécie de personificação do *Logos* divino no homem.

<sup>129</sup> Deus nunca saiu do homem universal, nem Sua luz extinguiu-se nele. Em seu aspecto macrocômico o “re-entrar” daquela luz pode ser comparada a um raio de luz no centro de um corpo penetrando a periferia. Em seu aspecto microcômico, isso se compara à vida dando poder ao sol, despertando a vida num organismo individual.

<sup>130</sup> O verdadeiro Cristo não é, portanto, um “Adepto”, um “Mahatma”, um Reformador, uma pessoa mortal, nem qualquer coisa que se difere de Deus, mas ele era Divino, manifestando-se na Humanidade, e com isso salvando a humanidade como um todo, e cada pessoa individual considerada separadamente da ignorância e do sofrimento, seja a

As preparações para esta redenção já haviam sido feitas antes da criação deste mundo, já que o nome de *Jesus* estava incorporado no homem.<sup>131</sup>

“O nome de Jesus incorporou-se na tintura da alma no Paraíso, quando Adão caiu, e mesmo antes de Adão ser criado; como Pedro menciona em sua primeira carta (I.20), dizendo que nós havíamos sido beneficiados em Cristo, mesmo antes da fundação do mundo” (Menschwerdung. I 8 I).

“O nome Jesus foi incorporado na imagem da eternidade como um futuro Cristo, a fim de que pudesse se tornar um redentor dos homens, e da morte da cólera pudesse regenera-los em puros seres do poder paradisiaco e divino”. (Stiefel, II 74).

“A palavra que Deus pronunciou com relação ao poder que esmagaria a cabeça da serpente, era uma centelha de luz do divino coração de Deus, e ali o Pai, desde a eternidade, viu e elegeu a humanidade. Nesta centelha de luz-amor divino todo o mundo deveria viver, e Adão já se encontrava ali quando ocorreu sua criação, como foi expresso por Paulo (Ep. I 13), dizendo que o homem foi eleito no Cristo antes que a fundação deste mundo fosse estabelecida”. (Three Principles, XVI 107).<sup>132</sup>

Enquanto Adão não deixou de ser semelhante a Deus, o Redentor dentro dele não se fez perceptível. Contudo, isso ocorreu imediatamente depois da queda.<sup>133</sup>

“Desde toda eternidade estava o nome de Jesus em amor imóvel no homem como a imagem de Deus. Mas quando a alma perdeu a luz, então o Verbo pronunciou o nome de Jesus naquilo que era móvel; nas enfraquecidas insígnias da substância do mundo celeste”.<sup>134</sup> (Grace, VII 34).

“Antes da queda, Adão recebeu a luz divina de *Iahweh*, ou seja, do Deus único, onde se encontrava oculto o nome de *Jesus*. Mas durante o tempo do sofrimento, quando a alma caiu, Deus manifestou o tesouro de Sua glória e santidade, e por meio da viva voz do Verbo, Ele incorporou-Se com o fogo divino na imagem eterna, representando o estandarte da alma, o qual ela seguiria como a um guia. Mas se ela não fosse capaz de penetrar ali, sendo como morta com relação a Deus, o *sopro divino* a penetraria, advertindo-a a interromper sua atividade maligna, a fim de que sua voz voltasse a ser ativa na alma”. (Grace, VII 32).

“Assim que Adão manifestou em si o centro da cólera, Deus instituiu oposição ao demônio, e manifestou nele o poder que esmaga a cabeça da serpente, o qual, anteriormente, quando o pecado ainda não havia aparecido, encontrava-se oculto (latente) no poder de Deus, e em Jesus como o amor de Deus, na unidade divina”. (Stiefel, II 161).<sup>135</sup>

humanidade ou um indivíduo, O recebe (a luz) em si. A redenção das trevas espirituais depende da presença do poder redentor da luz espiritual dentro das próprias trevas.

<sup>131</sup> Como o futuro Homem regenerado, o segundo Adão estava oculto no primeiro Adão, da mesma forma, o nome de Jesus estava oculto no nome de *Iahweh*, sendo esse O Próprio Homem Universal.

<sup>132</sup> Cristo (Atma-Buddhi) foi a Divindade na Humanidade, não poderia haver outro Redentor senão Ele, porque o homem não pode ser salvo da mortalidade, a menos que se torne imortal; tampouco pode se tornar imortal a menos que se torne divino. (“Aquele que é impuro não pode entrar no reino da pureza”). A razão pela qual o *Logos* divino, em seu aspecto de “Cristo” ou Redentor, não é tratado como coisa, mas como Ele, evidentemente se explica pelo fato de que o Verbo, tornando-se humano no homem, assumiu naturalmente as qualidades do homem.

<sup>133</sup> Não havia como a voz da consciência falar em “Adão”, enquanto ele não tivesse agido contra a Lei.

<sup>134</sup> Desde toda eternidade havia no homem latente o poder de tornar-se divino; mas esse poder não agiu enquanto não havia uma causa que o incitasse. Tal causa foi criada pelo segundo movimento da vontade fundamental (de Deus).

<sup>135</sup> “Jesus” significa “Sabedoria”. Sabedoria divina é amor.

O poder do futuro Redentor manifestou-se, em primeiro lugar, em Eva.<sup>136</sup>

“A expressão interior do demônio, a que lhe deu origem, ocorreu em Adão enquanto ele ainda era homem e mulher, sem ser nem um nem outro, mas uma imagem de Deus. De Adão penetrou em Eva, que começou a pecar. Ocorreu então a expressão interior de Deus, primeiro em Eva, como mãe da humanidade, e através dela se opôs à consciência do pecado que havia começado a se manifestar em Adão”. (Grace, VII 47).

“Não é na tintura do homem, que representa a essência ígnea, que a palavra da promessa desejou incorporar-se, mas na tintura da luz, no centro virginal, quem Adão, geraria magicamente, na substância celeste da santa geratriz porque na tintura da luz a alma-essência ígnea era mais fraca do que na natureza ígnea do homem”. (Mysterium, XXIII 43).

“Não foi através da tintura-fogo de Adão que esse evento ocorreu, mas em e através da tintura-luz de Adão, onde o amor estava queimando, que se separou dele para constituir a mulher, a mãe de toda a humanidade. Foi nela que a voz de Deus prometeu introduzir novamente a viva e santa substância do céu, e gerar de forma nova e no poder divino a enfraquecida imagem de Deus que estava contida ali”.<sup>137</sup> (Grace, VII 18).

Contudo, isso não ocorreu em seu corpo terrestre, mas em sua essência celeste, que por causa do pecado havia se enfraquecido.

“Quando Deus disse: ‘Eu colocarei inimizade, e a semente da mulher esmagará a cabeça da serpente’, então a santa voz partiu de Iahweh para a enfraquecida substância celestial da mulher com o propósito de introduzir ali um novo estado celestial e vivo, e conquistar a inflamada cólera de Deus através do mais exaltado amor divino, fazendo com que a monstruosidade e seu desejo fosse inteiramente morto e exterminado”. (Mysterium, XXIII 29, 37).

“A voz de Deus, falando a Eva, penetrou a semente da mulher; mas a verdadeira mulher era a virgem eterna, e essa virgem tornou-se revelada pelo poder da voz falando a ela em nome de Jesus, nome que se desenvolveu de Iahweh, e prometeu que quando o tempo se completasse, a santa e celeste essência-amor, seria novamente introduzida na imagem enfraquecida”.<sup>138</sup> (Grace, VII 33).

De Eva, o Salvador como uma encarnação manifestaria na plenitude do tempo, o poder bem aventurado radiado e expandido sobre toda a humanidade.<sup>139</sup>

“Deus falou na imagem de Adão, enfraquecida com relação à sua vida divina, Sua palavra santa, ‘A semente da mulher esmagará a cabeça da serpente’. Pela ação desta voz a alma destituída recuperou a vida divina, e essa mesma voz (consciência interna) foi perpetuada de homem a homem como o pacto da misericórdia”. (Grace, VII 16).

<sup>136</sup> A mulher sendo no geral mais refinada, mais submissa e intuitiva do que o homem é também mais receptiva ao germe da verdadeira espiritualidade.

<sup>137</sup> Se uma pessoa é do gênero feminino ou masculino, é sempre em seus elementos femininos (nas faculdades intuitivas, e não na vontade ígnea), que o poder divino e redentor da luz-amor manifesta-se primeiro.

<sup>138</sup> A “semente da mulher” é o princípio feminino universal, a imagem celeste que encontra seu reflexo e representação na mulher terrestre. Por essa razão a mulher é mais bela do que o homem. A beleza no masculino resulta da presença do princípio feminino, da beleza combinada com sua força. A força (rigidez) sem a suavidade (harmonia) não pode ser bela.

<sup>139</sup> “Eva” significa a mulher celeste, o veículo do espírito divino, onde a vontade divina se movimenta, num aspecto terrestre.

“O Cristo foi perpetuado em todos os homens como uma centelha brilhante da luz divina, de acordo com a qualidade da imagem verdadeira e como uma potencialidade (ou semente do ser imortal), mas, é claro que não na carne externa do mundo terrestre, mas dentro do segundo princípio”. (Stiefel, II 318).

“A palavra que tinha sido incorporada na semente de Eva perpetuou-se de homem a homem em sua parte celestial como um som (consciência) ou centelha da divina e santa luz ígnea, até o tempo em que Maria foi despertada, quando o tempo do cumprimento do pacto havia chegado e as portas da câmara fechada foram abertas”.<sup>140</sup> (Mysterium, XXIII 31).

Esse evento não poderia ter ocorrido antes, por causa da grande corrupção da alma humana, mas nas mentes daqueles que desejavam submeter-se à misericórdia divina, tal poder resistiu a Satã, e chegou a despertar profetas entre eles.

“Cristo permaneceu em Adão e Eva como um mistério divino, e não tomou substância divina em neles. Ele permaneceu sem movimento até chegar o tempo (de Sua manifestação); só então Ele movimentou-se na semente da mulher”.<sup>141</sup> (Stiefel, 448).

“A semente da mulher recebeu sua unção através do movimento do nome de Jesus, somente em Maria, mas não em Adão, Abel, Enoque, Noé, Isaac, Jacó e Davi. Os antigos profetas não conheciam o Cristo em sua semente, nem que Ele havia movimentado-se dentro de sua semente carnal, mas somente dentro de seu espírito e alma, no desejo de fé (conhecimento espiritual).<sup>142</sup> (Stiefel, II 453).

“A alma (astral) de Adão e Eva e de todos os seres humanos encontrava-se ainda muito bruta, não maleável e impregnada pelo primeiro princípio. Portanto o Verbo e a esmagadora da cabeça da serpente não tomaram forma dentro de suas almas; mas ficou na mente daqueles dispostos a se renderem a tal trabalho, opor-se aos demônios e ao reino do inferno”. (Three Principles, XVIII 26).

“Os santos de Deus sendo profetas, e profetizando no espírito de Jesus, falavam objetivando o pacto, ou seja, a partir do Verbo prometido, que se movimentou novamente na carne; isso é dizer

<sup>140</sup> Jesus de Nazaré representa a encarnação, personificação e frutificação do Logos divino no homem. Da mesma forma, Maria representa a personificação da virgem-mãe celeste, o reino celeste universal que fornece as condições necessárias para o desenvolvimento da divindade na humanidade.

<sup>141</sup> É óbvio que, como Homem Universal tornou-se mais e mais diferenciado em Suas formas externas como poderes individuais ou seres humanos, o poder original contido Nele deve ter permanecido em todos os Seus sucessores; mas como deve haver milhões de sementes de uma planta enquanto que apenas uma delas encontra as condições necessárias para crescer em perfeição, da mesma forma que o Atma se encontrava em todos os seres humanos, mas não ativo em sua natureza material, enquanto que em Maria ela é representada como tendo começado a se movimentar e a se tornar incorporado numa forma visível, manifestando-se externamente e para fora como uma encarnação do poder divino. Se aplicarmos as regras expostas na Doutrina Secreta, o aparecimento do Cristo, ou seja, a encarnação do Verbo divino, ou o despertar da Divindade na Humanidade, teria que ocorrer durante a quarta raça no quarto “round”.

<sup>142</sup> “Adão” é o tronco da árvore, representando a humanidade. É o homem primordial, ou a coletividade dos primeiros “seres antropóides” (espíritos), de um tipo etéreo.

“Abel” e “Caim” são os dois galhos da árvore.

“Caim” representa o reino sensual, externo; “Abel” o supe-natural, ou seja, o reino transcendental.

“Enoque” significa o exalar da vida e o reconceber da vida dentro de si mesma, tal como se constitui a contemplatividade.

“Noé” o fim no princípio; o “Verbo” que entra do fim no princípio.

“Isaac” é o protótipo do reino da graça.

“Jacó”, o surgimento e a consolidação da vontade espiritual proveniente da vontade ígnea.

“Davi”, o poder da graça surgindo da submissão da vontade pessoal à vontade divina. (Veja Mysterium Magnum).

que, o Verbo estava contido dentro da imagem interior enfraquecida, e se desdobrou e indicou ao homem exterior o que aconteceria com ele no futuro, quando se manifestaria, destruindo ali a morte e a repugnância resultante da batalha que ocorre nas formas de vida”.<sup>143</sup> (Stiefel 385).

Como nossos progenitores (quanto ao aspecto terrestre) eram governados pela razão externa, Eva acreditava que dando à luz a Caim, a esmagadora da cabeça da serpente já viria ao mundo.<sup>144</sup>

“Ouça e veja qual era o desejo de Adão e Eva antes e depois da queda. Eles desejaram o reino terrestre e a mente de Eva estava direcionada para as coisas terrestres. Quando ela deu à luz a Caim, disse: ‘Eu tenho o Homem, o Senhor’. Ela pensou que ele era aquele cujo calcanhar esmagaria a cabeça da serpente, afastaria o demônio. Ela não pensou que deveria morrer quanto a sua vontade carnal, terrestre e falsa e renascer na vontade divina. Tal vontade (egoísta) ela carregaria com sua semente, e Adão, da mesma forma, resultando a vontade na essência-alma.<sup>145</sup> A árvore produziu um galho de sua própria natureza, pois os pensamentos de Caim tiveram a mesma propensão, tornando-se senhor desta terra. Quando Caim viu que Abel era maior do que ele no amor de Deus, sua vontade animal livre surge com o propósito de matar Abel, pois ele preocupava-se apenas com a possessão do mundo externo, e de ser seu senhor, enquanto Abel procurava apenas o amor de Deus”. (Mysterium, XXVI 23).

Como uma antítese de Caim, um outro filho nasceu de Adão; Abel, não era tanto uma imagem de sua terrenalidade, mas de sua essencialidade celeste, que havia sido restaurada a certo ponto, pela misericórdia divina.<sup>146</sup>

“Depois da queda, Iahweh pronunciou o nome de Jesus em Adão numa vida real; ele o manifestou no ser celeste, enfraquecido por conta do pecado. Em consequência desse pronunciamento, houve um despertar da morte espiritual ou do estado de morte, onde Adão havia mergulhado; um desejo divino foi novamente despertado, era o princípio da fé. Esse mesmo desejo separou-se da qualidade do falso desejo, formou uma imagem e Abel veio à existência; mas Caim era o produto da qualidade da alma de Adão, de acordo com sua luxúria terrestre”. (Grace, IX 101).

Assim, Abel no contexto geral, e especialmente por causa de sua morte forçada, representava uma espécie de antítese do Redentor.

“Com relação ao seu estado humano externo, Abel também foi pecador; mas em seu interior o mundo angélico e a imagem do Paraíso, floresciam. Então o homem interior colocou seu calcanhar sobre o monstro-serpente do falso desejo, e por outro lado, o monstro-serpente mordeu o calcanhar de sua vontade Angélica” (Mysterium, XXVIII 2).

“O assassinato do corpo externo de Abel, por Caim, simboliza que o homem externo tem que ser mortificado na cólera de Deus. A cólera tem que matar e consumir a imagem externa que cresceu na cólera, mas de sua morte surgiu a vida eterna”. (Mysterium, XXVIII 14).

“Abel, representando uma antítese do Cristo, que sofreu a morte pela humanidade, havia que

<sup>143</sup> O “Cristo”, a luz, existia ali essencialmente, mas não substancialmente. Era um estado de sentimento, mas não de compreensão. Isso poderia ser comparado ao calor num corpo, que torna o corpo quente, mas não luminoso, até que ocorra a ignição.

<sup>144</sup> “Eva”, a alma do mundo, ainda não havia se tornado espiritualmente iluminada o suficiente para produzir um ser divino.

<sup>145</sup> “Eva imaginou que em Caim ela havia produzido Iahweh, o futuro Rei do mundo externo; do mesmo modo, os apóstolos acreditaram que o Cristo iria estabelecer um reino externo”. (Three Principles, XX 50).

<sup>146</sup> Deve-se lembrar que estes nomes alegóricos não se referem aos homens como indivíduos, mas a estados da mente universal.

passar pela morte sem ter produzido ramos ou frutos; pois o fruto que Cristo havia que gerar era a árvore da humanidade; essa tinha que renascer no espírito, e não gerar novos ramos da velha árvore. Assim, Abel, como a antítese do Cristo, não tinha que produzir novos ramos de suas entranhas”. (Mysterium, XXIX 22)

No lugar de Abel, Adão produziu um terceiro filho, Sete, em quem se perpetuaria a linhagem de geração da qual o Salvador nasceria na carne.<sup>147</sup>

“Adão, através de sua Eva, produziria ainda um novo ramo da árvore da vida, um filho, cuja imagem poderia ser similar e semelhante à Adão, chamado Set (uma raça); nele um raio da vontade-amor está preservado dentro da vontade ígnea; tal raio ainda se encontrava aprisionado pela essência do mundo externo, a casa corrupta (matéria que mais tarde se tornaria) carne”. (Mysterium, XXIX 24).

“Com Sete, a linha do pacto foi perpetuada; nela o Cristo viria a se manifestar com relação a árvore da humanidade”. (Mysterium, XXIX 26).

A misericórdia do Senhor também foi mostrada a Caim. O Senhor o protegeu contra seus inimigos demoníacos, a fim de que pudesse arrepender-se.<sup>148</sup>

Caim temia que os espíritos (elementais) que o haviam influenciado a cometer assassinato o matassem. Para evitar isso, Deus decretou que quem quer que tire a vida de Caim seria punido eternamente através das sete qualidades do mundo das trevas”. (Mysterium, XXIX 55, 58).

“Pelo mandamento: ‘Sobre aquele que matar Caim a vingança será setenária’, o terrível vingador, o abismo do inferno, foi afastado de Caim, a fim de que ele não fosse vítima do desespero. Caim afastou-se de Deus, mas, no entanto, o reino dos céus estava diante dele para permitir que voltasse e penetrasse o arrependimento. Deus não quis rejeitar Caim, apenas seu assassinio fraco e sua falsa crença”. (Three Principles, XX I).

Caim e seus descendentes, contudo, preferiram se entregar às ocupações e desejos mundanos, enquanto que a geração de Sete penetrou a contemplação divina.

Caim foi feito de carne e sangue e não compreendeu as palavras sobre morte eterna; mas estando seguro de que ninguém o mataria, tornou-se novamente satisfeito, voltando-se para as artes terrestres; não só para a agricultura, mas também para o trabalho com os metais”. (Three Principles, XXI 5).

“Dos descendentes de Caim resultaram as artes como uma maravilha da sabedoria divina atuando na natureza e através da natureza, mas em Sete o Verbo entrou em contemplação espiritual”. (Mysterium, XXX 2).

Os descendentes de Noé – Sem, Ham e Jafé – representam as tendências mentais das três principais raças da humanidade antes do dilúvio.<sup>149</sup>

“Depois que o primeiro mundo terrestre da qualidade humana se afundou no dilúvio, sua forma tornou-se reconstituída em Noé e em seus três filhos”. (Mysterium, XXIV 30).

<sup>147</sup> “Set” é um raio de luz-amor emanando da vontade ígnea. (Mysterium Magnum, XXIX 24).

<sup>148</sup> Se “Caim”, ou seja, a “igreja” externa tivesse sido aniquilada, não haveria progresso futuro ali. A destruição do intelecto colocaria um fim em todos os prospectos do que se tornaria espiritual.

<sup>149</sup> “Sem”, o exalar do poder divino.

“Sem representa o mundo da luz; Jafé, o mundo do fogo, onde a luz é visível. Jafé representa também uma imagem do Pai, Sem a do Filho; mas Ham é uma imagem do mundo externo”. (Mysterium, XXXI 10).<sup>150</sup>

Destas direções fundamentais resultam os diferentes destinos destas raças, tais como já haviam sido previstos por Noé.

“A configuração de Sem desceu sobre Abraão e Isaac, pois o Verbo do pacto foi manifestado e continha em si o som; mas a configuração de Jafé passou pela sabedoria da natureza no reino da natureza, e daí originou-se os gentis (povo intelectual, mas não espiritual) que deram atenção (proeminentemente) à luz da natureza (coisas naturais). Assim, Jafé, ou seja, a alma destrutiva, aprisionada, pertencente à natureza eterna, vivia entre as “cabanas” de Sem, quer dizer, dentro do pacto, pois a luz da natureza vive na luz da graça, constituindo uma forma ou um estado concebido da luz informada de Deus. A linha descendente de Ram encobriu o homem animal, formado do *Limus* da terra, onde está a maldição, de onde surgiu a raça sodomita semi-animal, que não presta atenção nem na luz da natureza nem na luz da graça, no pacto”. (Mysterium, XXXIV 14).

“Noé disse: ‘Louvado seja o Deus de Sem, e Jafé deve viver nas cabanas de Sem’. Pela expressão ‘Deus de Sem’, compreende-se o Verbo santo no pacto, e como se manifestaria, de modo que os Jafitas ou gentis, aqueles que viviam apenas pela luz da natureza, chegariam à luz da graça, manifestada em Sem, penetrando assim a ‘morada de Sem’ e passariam a viver ali. Mas Ham, o espírito da luxúria carnal, deveria tornar-se um servo dos filhos da luz, segundo sua qualidade, porque os filhos de Deus o forçariam a se tornar submisso à Ele, afastando sua desprezível vontade própria”<sup>151</sup> (Mysterium, XXXIV. 31).

O nome de Abraão não tinha um significado terrestre, neste e em outros aspectos, ele era uma espécie de antítipo de Cristo.<sup>152</sup>

“O grande nome que Deus deu a Abraão em sua semente, não era para ser tomado num sentido terrestre; Abraão era sobre a terra como um estrangeiro, possuindo nenhuma principalidade ou reino. Era para ser na semente prometida e abençoada, um estranho sobre a terra, e assim

<sup>150</sup> Com relação às alegorias da Bíblia Boehme diz:

“A Palavra escrita é apenas um instrumento através do qual o Espírito conduz. O Espírito deve estar vivo na forma literal. Sem isso não pode haver mestre divino, mas apenas mestres das letras; apenas contadores de histórias”. (Regeneration, VIII 6).

“Só o Cristo é o Verbo de Deus, ensinando através de seus filhos e membros, o caminho da verdade. O Verbo literal é meramente um guia e um símbolo, uma testemunha para ilustrar e representar objetivamente ao homem o que Cristo fez (e está fazendo) por nós; a fim de que possamos dali extrair e conceber a fé; mas é preciso entrar com nosso desejo na Palavra viva, no próprio Cristo, e realizar ali nosso próprio nascimento”. (Mysterium, XXVIII 53).

“Babel não gosta de ouvir que o próprio Cristo deve ser o próprio mestre dentro do espírito humano. Eles invocam a Palavra escrita, dizendo que se eles a ensinam o Espírito será derramado. Claro! Tudo Bem! Concordo. Se a Palavra é ensinada no espírito e poder de Cristo, isso ocorrerá”. (Mysterium XXVIII 51).

<sup>151</sup> Aqueles são os favorecidos de Deus em quem vive a luz de Cristo, e não aqueles que exclamam: “Senhor! Senhor! Usando o nome de Cristo em vão, enquanto o demônio ocupam suas almas. Boehme diz:

“Todos os seres são criados do Pai. O Pai está em tudo e mantém todas as coisas. Ele dá vida e substância a todos. O Filho está no Pai e confere poder e luz a todas as coisas. Ele é nossa luz, e sem Ele não podemos conhecer à Deus. Como podemos então, dizer algo sobre Ele? Se desejarmos falar Dele verdadeiramente, devemos falar a partir de Seu Espírito, porque Ele dá o testemunho de Deus”. (Threefold Life, XI 90).

<sup>152</sup> “Abraão”, uma coleção de pessoas, ou seja, de mentes, em quem a espiritualidade se tornou manifesta. (Veja Mysterium Magnum, XLI I).

assemelhar-se ao Cristo, cujo reino também não era deste mundo”.<sup>153</sup> (Mysterium, XXXVII 23).

No entanto, os filhos de Abraão representam a mesma antítese de Noé e Adão.

“Isaac não foi feito inteiramente de essência celeste, mas de ambas, ou seja, da essência Adâmica de Abraão e da palavra concebida da fé, ou a substância do Cristo; mas Ismael tinha apenas a natureza própria de Adão, de acordo com a qualidade corrupta, e não da palavra concebida da fé, que estava atuando com força superior sobre Isaac”.<sup>154</sup> (Mysterium, XL 13).

O mesmo pode ser dito sobre os filhos de Isaac, onde está plenamente representado uma imagem do primeiro e segundo Adão, e a conquista final do primeiro pelo segundo.

“Tanto Esaú como Jacó, além das suas raças descendentes, originaram-se de uma semente. O primeiro, procedendo unicamente da natureza Adâmica, era o maior, comparável ao primeiro homem que Deus criou em sua própria imagem; imagem que se tornou corrupta e morta com relação a Deus. O outro (Jacó) também procedeu da mesma natureza Adâmica; mas nesta natureza encontrava-se o reino da graça na essência da fé, constituindo um conquistador. Mesmo que o último fosse inferior, segundo a natureza Adâmica, no entanto, Deus estava (mais) revelado em Jacó, de modo que o maior deveria servir e se subjugar ao menor. Não é mostrado que Esaú tenha se subjugado a Jacó, mas a história representa-nos um símbolo espiritual, mostrando como o reino da natureza no homem deveria subjugar-se e submeter-se em humildade ao reino da graça; mostra como se tornaria inteiramente submerso na humildade divina, e como desta humildade se tornaria regenerado”. (Mysterium, LII 29).

“De Esaú segue-se Jacó como a imagem do Cristo, concebido na essência da fé e assegurando-se no calcanhar de Esaú. A imagem Adâmica criada por Deus havia primeiro que nascer e viver eternamente, mas não em seu estado animal e grosseiro de existência. Com a expressão ‘Jacó apegando-se ao calcanhar de Esaú’, está simbolizado que o outro Adão, ou seja, o Cristo, deveria nascer depois do primeiro Adão, e alcança-lo por trás, atraindo-o de volta da direção de sua vontade própria para a primeira matriz, onde a natureza originou-se, a fim de que renascesse”. (Mysterium, LII 37).

“Esaú nasceu de pais santos, e representava uma imagem da natureza corrompida somente com relação ao seu estado de separação. Deus separou também a imagem do Cristo da mesma semente dos pais de Esaú (assim como Jacó), e a colocou diante dele, como um contraste para seu

<sup>153</sup> Isso mostra, mais uma vez, que a concepção de Boehme sobre estes processos e poderes intracósmico não tinha nada em comum com as visões estreitas do “Cristianismo” ortodoxo, que vêem nas personificações Bíblicas nada mais do que homens e mulheres terrestres.

<sup>154</sup> Essas representações dos poderes intracósmico, personificados na Bíblia são encontradas nas teogonias “pagãs”, embora sob diferentes nomes.

“Os santos em seus ensinamentos e escritos não usavam as mesmas palavras, mas o que ensinaram e escreveram saíram de um único espírito”. (Three Principles, XXVI 19).

“O Espírito de Cristo em Suas criancinhas não está preso a uma certa forma, de modo que Ele não poderia dizer nada além do que aquilo que se encontra nos escritos dos apóstolos; mas como o Espírito encontrava-se livre nos apóstolos, e como eles não usavam todos as mesmas expressões, mas todos ensinavam em um único espírito e fundamento, cada um era influenciado a seu modo pelo Espírito para falar, assim como o Espírito de Cristo ainda fala através de Suas criancinhas, sem precisar de uma fórmula preparada previamente sobre a palavra literal, mas a palavra em si lembra o espírito do homem sobre o que está contido na letra”. (Mysterium, XXVIII 52).

“Não se surpreendam que a razão se manifeste por diferentes formas, por caminhos diferentes, e que os filhos de Deus não falem todos a mesma língua, nem usem as mesmas palavras. Cada um fala a partir da sabedoria da mãe, cujo número não tem começo nem fim. Seu objetivo é o coração de Deus, onde todos se encontram. Esse é o teste pelo qual se deve saber se o espírito fala a partir de Deus ou do Demônio”. (Threefold Life, V 73).

“Isaú”, grosseiro, natureza sensual. (Mysterium Magnum, IV).

irmão (Esaú). Além do mais, Jacó, através de seu dom e humildade excitou a grande compaixão em Esaú; portanto não se pode condenar a Esaú”.<sup>155</sup> (Grace, IX 121).

Mais importante que estas oposições são aquelas dos descendentes de Jafé, pois escolheram para si falsos deuses dos poderes da natureza, e foram guiados por eles através dos oráculos.

“A idolatria dos gentis consistia no abandono do Deus único e no voltar-se para a geração mágica da natureza, selecionando falsos deuses dos poderes da natureza”.<sup>156</sup> (Mysterium, XI 6).

“Os gentis adoravam o sistema planetário e os quatro elementos; eles tinham o conhecimento de que esses regiam a vida externa de todas as coisas. Assim, através da palavra concebida intelectualmente penetravam a igualmente a palavra concebida e formada (manifestada). Por outro lado, o espírito da palavra formada da natureza tornou-se parte deles, sendo que um intelecto passava para o outro. O intelecto humano movimentou a inteligência com a alma do mundo externo tão longe o desejo deste permitiu, e através desta inteligência (que reside na *luz astral* ou mente do mundo externo) o espírito profético para fora do Espírito de Deus indicando a eles, como que nos tempos futuros a palavra formada da natureza externa se manifestaria na construção e na destruição dos reinos, etc. Fora desta alma do mundo, os gentis recebiam respostas através de suas imagens e ídolos, porque a fé que introduziram neles tão fortemente, os movimentavam; esta não foi, portanto, uma total obra do demônio, como”. supunham aqueles que, nada sabendo sobre os mistérios, tornam o demônio responsável por tudo, enquanto ignoram até mesmo o que Deus e o diabo são”. (Mysterium, XXXVII 10-13).

Aqueles gentis que levavam uma vida pura e sem culpa, chegavam a um conhecimento dos símbolos das coisas celestiais através da habilidade de enxergar no espelho da natureza externa.<sup>157</sup>

“Os gentis ficaram com sua magia própria. Aqueles que deixaram o desejo da corrupção e penetraram a luz da natureza, porque não conheciam à Deus, mas que, no entanto, viviam na pureza, eram filhos da vontade livre, e neles o espírito da liberdade desenvolveu grandes maravilhas, como pode ser visto nas obras da sabedoria que deixaram”. (Terrestrial and Celestial Mysterium, VIII.9).

“Nos gentis altamente intelectualizados na luz da natureza o santo reino interior estava espelhado; a verdadeira inteligência divina estava fechada e eles captassem apenas um reflexo exterior; no entanto, na restauração de todas as coisas, quando o véu será removido, viverão na cabana de Sem”. (Mysterium, XXV 24).

Não apenas nos Israelitas (raças espiritualmente despertadas), mas também nos gentis (raças que viviam num plano mais material) estava ativo o poder do Redentor (o Verbo), que havia sido pronunciado em Eva, e por este intermédio, também em toda humanidade.

“Adão surgiu de um único Deus, penetrou uma individualidade uma ignorância, levando

<sup>155</sup> Evidentemente todas essas alegorias Bíblicas representam processos cósmicos que realmente ocorreram na história do mundo. É, por assim dizer, a genealogia da Humanidae, onde a Divindade tornou-se manifestada na plenitude dos tempos.

<sup>156</sup> Os “pagãos”, então, parecem ser aquelas raças pré-históricas que cultivavam artes mágicas.

<sup>157</sup> “Os mistérios da natureza não estavam tão profundamente ocultos para aqueles povos (pré-históricos) como estão para nós, pois eles não estavam tão profundamente ocultos (imersos) na materialidade e no pecado. Portanto eles conheciam a relação entre as formas paradisíacas (etéreas) da natureza e suas corporificações. Conheciam as qualidades e a verdadeira natureza, não só dos animais, mas também das plantas e dos minerais. O próprio homem era o coração de todos os seres, e ele os criou. Ele podia, portanto, dar a cada um dos seres um nome apropriado, como se ele próprio estivesse neles, experienciando (e sentindo) suas condições em si mesmo”. (Three Principles, XXI 8).

todos nós para esta ignorância (ou mal-entendido); Surgiu então a graça, procedente do mesmo e único Deus, que se oferece a todo aquele que se julga ignorante, sejam gentis ou Judeus”. (Mysterium, LXX 78).

“Os gentis não eram daquela semente de Abraão com a qual Deus fez um pacto; mas o primeiro pacto, a palavra pronunciada na misericórdia, era como uma fundação neles. Portanto, diz Paulo (Rom. IX 24), que Deus não havia chamado e eleito meramente os Judeus em seu pacto, mas também os gentis no pacto de Cristo, e que Ele chamou de “Meu Povo” e Meus “Bem-amados” aqueles que não O conheciam, e que, não O conhecendo, não eram seu povo num sentido externo. A proposição da graça, que havia se incorporado através do pronunciamento no Paraíso, após a queda, estava contida neles, e por causa disso Deus os chamou de bem amados. Somente os filhos da cólera podem ser exceção, porque neles a incorporação do nome de Jesus não ocorre, somente a incorporação da cólera. Essa, no entanto, nunca estende-se sobre a totalidade das raças, mas meramente sobre aqueles indivíduos entre elas que são como a praga entre o milho”.<sup>158</sup> (Grace, X 24).

Antes que o Redentor aparecesse na carne, Seu poder reconciliador e abençoado era repartido pelo homem através de sacrifícios.

“Antes da encarnação de Cristo a humanidade redimia-se através da palavra incorporada em nome de Jesus. Aqueles que direcionavam sua vontade em Deus e para Deus receberam a palavra da promessa, porque a alma foi aceita. Assim, toda a lei relacionada ao sacrifício nada mais é do que um antítipo da humanidade de Cristo. Aquilo que o Cristo fez como homem, quando através de seu amor reconciliou a cólera divina, foi feito (simbolicamente) através do sangue dos animais. A palavra da promessa estava no pacto, e no meio tempo Deus concebeu uma figura (símbolo), e pelo poder do pacto fez com que fosse reconciliado simbolicamente, pois o nome de Jesus estava no pacto, e através da imaginação reconciliou a fúria e a cólera da natureza do Pai”. (Menschwerdung, I 7 12).

“Os sacrifícios eram símbolos do objeto o qual Deus havia proposto a Si mesmo. A imaginação divina enxergou através do objeto do pacto, o sangue animal, enquanto Israel realizava o sacrifício. O homem havia se tornado terrestre, e, portanto Deus colocou diante de Si o objeto para um pacto de misericórdia, a fim de que Sua imaginação não penetrasse a consciência terrestre do homem, e que Seu fogo-cólera não fosse inflamado pela materialidade e pecados da

---

<sup>158</sup> Tudo indica que o verdadeiro Cristianismo, não depende do grau de instrução do indivíduo dentro da teologia, nem da submissão a certo credo ou crença, nem da participação de determinadas cerimônias, mas depende de ser penetrado por aquele princípio do amor e da sabedoria que constitui o Cristo.

É deplorável observar a revolta e tormenta do mundo, a blasfêmia e a denúncia, sempre que os dons de Deus se manifestam na natureza, de diferentes formas, como se não tivessem todos as mesmas qualidade de conhecimento. O que o homem pode tomar para si que não seja nele gerado? Não é uma questão de escolha (a qualidade de sua compreensão), mas assim como o seu céu (constituição mental), Deus revela-se à ele”. (Cartas, I 14).

“Não devemos perseguir uns aos outros por causa dos dons recebidos, mas nos regozijarmos no amor de um pelo outro, vendo que a sabedoria de Deus é tão inexaurível, e devemos, através disso, pensar no futuro, e o que seria de nós se todo conhecimento fosse manifestado por apenas uma única alma”. (Grace, XIII 21).

“Se houvessem mil pessoas bem preparadas por Deus, regeneradas no Espírito de Cristo, reunidas, e se cada uma delas possuísse seu dom próprio e autoconhecimento em Deus, todos seriam um na raiz de Cristo, e cada uma desejaria nada mais do que o amor de Deus em Cristo; Deveria cada um dos discípulos se exaltar acima de seu próprio Mestre? Se somos um corpo em Cristo, porque deveríamos disputar o alimento uns com os outros? Se a boca que deseja alimenta-se, todos os membros recebem força, e cada um tem seu próprio trabalho de desenvolver as maravilhas de Deus. Não usamos todos uma única e mesma expressão, mas temos todos um único espírito em Cristo. A cada um é dado aquilo que deve desenvolver em Deus, a fim de que os grandes mistérios de Deus se manifestem, e as maravilhas que encontram-se em Sua sabedoria, desde a eternidade, sejam reveladas”. (Threefold Life, XVI 24).

humanidade”.<sup>159</sup> (Tilk. I 289).

Essa reconciliação (ou acordo) certamente não resultaria de um ato meramente externo de sacrificar animais, mas através da fé que o acompanhava. Essa fé necessitava de uma ação ou forma externa, na qual pudesse ser concebida.

“Todo sacrifício sem fé e desejo divino é uma abominação diante de Deus, e não alcança o portão da glória divina; mas se o homem penetrar ali com o poder da fé, renderá ao ato sua vontade livre e seu desejo, e através desta instrumentalidade, penetrará a vontade livre e eterna de Deus”. (Mysterium, XXVII 13).

“Por que os irmãos (Caim e Abel) desejaram fazer sacrifício a Deus, sendo que o pacto só é encontrado no sincero desejo pela misericórdia de Deus, na oração e no convencimento do próprio homem da necessidade de abandonar sua vontade própria e demoníaca, da necessidade de transformar e arrepende-se e de trazer sua fé e esperança para a misericórdia de Deus? A vontade livre da alma é tênue como um nada; ainda que seu corpo (material) esteja envolvido por algo (substancial), sua essência concebida e própria encontra-se num estado de falso desejo, devido ao pecado. Se, então, essa vontade livre, com seu desejo (acompanhada pelo) deve atuar em direção a Deus, terá, em primeiro lugar, que se projetar de seu próprio algo ilusório, e toda vez que de lá se projetar, estará nua e impotente, e novamente dentro do nada original. Se a vontade deseja penetrar em Deus, deve morrer para seu próprio egoísmo e deixar o (eu) ilusório; toda vez que a vontade abandona o eu, fica como que nada e não pode agir, lutar ou realizar nada. Se a vontade deseja mostrar seu poder, deve estar dentro de algo onde possa conceber e formar a si mesma, como é o caso da fé; pois, se há uma fé ativa, então essa fé deve conceber algo (ter algum objeto) onde possa agir. Até mesmo a vontade livre de Deus concebeu a si mesma (tem como objeto) o mundo espiritual interno, através do qual atua. Assim, a vontade livre da alma do homem, tendo sua origem no abismo (a vontade incognoscível e primordial), deve conceber a si mesma em algo, a fim de manifestar-se e movimentar-se diante de Deus”. (Mysterium, XXVII. I 4-6).

A substância impura e terrestre da vítima seria destruída pelo fogo, mas esse fogo não era de uma espécie terrestre e sim celeste.<sup>160</sup>

“O espírito do homem foi emanado de Deus, e partiu de Deus (o Eterno) através dos tempos; no temporal, tornou-se impuro. Agora, é preciso deixar essa impureza, e através do sacrifício penetrar novamente em Deus”. (Mysterium, XXVII 34).

“O corpo de Adão foi criado do *Limus* da terra, e também do *Limus* do céu da santidade; mas o *Limus* do céu, onde a vontade livre poderia conceber-se numa forma celeste e assim mover-se, agir, pensar e orar diante de Deus estava enfraquecido em Adão, e, portanto, os dois irmãos inflamaram (sacrificaram) os frutos da terra. Caim trouxe dos frutos da terra (matéria), mas Abel trouxe do primogênito seus rebanhos (do espírito), e isso foi inflamado através do *fogo*”. (Mysterium, XXVII 7).

“Um intermediário animal, chamado de a carne dos animais, deveria estar no santo fogo(-vontade) de Moisés, porque o homem havia adquirido uma natureza animal, de modo que, a

<sup>159</sup> Certamente um Deus espiritual e interno não aceitaria outro sacrifício senão espiritual e interno. Os animais no homem, a serpente da inveja, o pavão da vaidade, o touro da vontade própria, etc, tinham que ser sacrificados, a fim de que Deus se manifestasse na alma purificada. Qualquer sacrifício externo poderia ser, na melhor das hipóteses, um mero símbolo do sacrifício interno.

<sup>160</sup> Tais sacrifícios animais ainda ocorrem, sempre que o homem mata seus desejos sensuais e os sacrifica no altar de sua alma. Então os símbolos animais em sua luz astral são destruídos pelo fogo mágico de sua vontade espiritual.

natureza animal, através do fogo-cólera do Pai, fosse consumida, e para que o fogo-amor pudesse inflamar o fogo da alma humana, através do desejo introduzido na vítima. Assim, o desejo de Deus no Verbo, percebeu o desejo do homem através do fogo, pois no fogo (divino) a vaidade animal na vontade do homem, havia sido consumida, através da cólera, e a vontade humana purificada, com a graça paradisíaca incorporada, penetrou como um doce odor no fogo-amor de Deus”. (Communion, I 31).

“Embora madeira e animais haviam sido usados nos sacrifícios, o fogo usado ali não fora produzido por meios externos, mas originado da mais elevada *tintura* da fundação paradisíaca. Esse fogo santo consumiu as vítimas através da imaginação e inflamação de Deus, e assim, a vontade humana, introduzida ali e que ainda estava inclinada à condição terrestre, foi (e ainda é) purificada no fogo e redimida do pecado. A grosseria dos elementos havia de ser consumida, e desta consumação pelo fogo deveria emanar a imagem espiritual, bela, pura e verdadeira, criada em Adão; a qual, enquanto contida no fogo da cólera divina, não podia aparecer em sua clareza através desse fogo santo”. (Batismo, II 2 16).

O homem tinha que penetrar, com a mente, esse fogo santo, onde estava representada a luz do Cristo e também a reconstituição do homem ao seu estado de ser, reunindo-se assim com Deus.

“Nos tempos do Antigo Testamento o acordo pelo sacrifício aconteceu através do fogo santo, que era um símbolo da cólera de Deus. que haveria de consumir o pecado junto com a alma. A qualidade do Pai na cólera estava manifesta nesse fogo, e a qualidade do Filho, no amor e na humildade introduziu-se na cólera. Eles sacrificaram a carne dos animais, mas introduziram a imaginação e oração na graça de Deus”. (Baptism, I 2, 23).

“Havia uma qualidade animal, a alma animal, originária dos planetas, anexada à mente do homem, em conseqüência da qual sua vontade e oração não eram puras diante de Deus, portanto o fogo-cólera de Deus consumiu esta vaidade animal dos homens através do sacrifício; mas a concebida imagem da graça seguiu com a oração para o fogo santo. Assim, os filhos de Israel foram reconciliados com Deus e libertados de seus pecados de forma espiritual, e com relação a futuros, porque o Cristo estava por vir, tomar o estado humano e penetrar em Deus como um sacrifício para o Seu fogo-cólera, transformando a cólera em amor”.<sup>161</sup> (Baptism, II 25).

“A vítima, a madeira, a fumaça, tudo era terrestre, assim como o homem era terrestre, no que se refere ao seu corpo externo; mas depois que o objeto sacrificial fora inflamado (pelo fogo mágico) tornou-se de natureza espiritual, pois da madeira surgiu o fogo, que recebeu e consumiu o objeto. Desta consumação resultou a fumaça do fogo, seguida pela luz, e essa luz foi o símbolo em que a imaginação do homem e a de Deus, produziram uma conjunção”. (Mysterium, XXVII 29 – 30).

“Deus desejou cheirar (durante o sacrifício) nada além do que a vontade do homem, ou seja, a vida humana, a qual, antes do tempo deste mundo encontrava-se dentro da palavra de Deus – não ainda como um ser criado, mas como um poder, soprado na imagem criada. Isso é o que foi “cheirado” por Deus através do sacrifício e na essência de Cristo ou a graça, comunicada ao homem e foi o que reajustou a vontade por meio da graça no fogo resultante da combinação do fogo-vida humano e do fogo-amor divino, constituindo assim um verdadeiro sacrifício do pecado e da restituição, porque o pecado foi sacrificado ao fogo da cólera divina, para que ali fosse consumido”. (Communion, I 32).

<sup>161</sup> Se a luz da sabedoria, o Filho, penetra a vontade ígnea, o Pai, faz com que o Filho se torne um com o Pai, e a cólera do Pai torna-se reconciliada e transmutada naquela luz que é amor.

“Os sacrifícios dos filhos de Deus, especialmente os primeiros pais depois de Adão, nada mais foram do que símbolos, representando como a alma (animal) fora sacrificada no fogo-cólera de Deus e transformada em um fogo-amor; ou seja, ela teve que penetrar um estado de morte e morrer com relação à vontade própria, para que seu falso desejar fosse consumido e para que pudesse emanar numa luz clara, através do fogo e pela graça não comunicada, para com isso penetrar um novo nascimento; não obscuro, mas claro e radiante. Além do mais, tudo isso demonstrou como o veneno introduzido na alma pela serpente tinha que ser eliminado, com a separação da fumaça e do fogo, a fim de que o fogo aparecesse como um esplendor claro e radiante, e não mais aprisionado (latente), como no caso da madeira (antes de ser inflamada). Assim, os filhos de Deus representaram o processo de regeneração através do sacrifício do fogo, e imaginaram o esmagador da cabeça da serpente no fogo; imaginaram como, no fogo da alma, Ele transformaria o fogo-cólera de Deus num fogo de luz e amor, e como o inimigo se separaria da alma, e como a alma se transformaria num anjo através da morte do Cristo e da penetração do amor de Deus nesse fogo”. (Baptism, I 2 10).

Assim, os fiéis “Israelitas” (os filhos da luz) receberam, com o pacto abençoado e na carne do sacrifício, simbolicamente, a carne e o sangue de Cristo.

“A alma, ou seja, a boca da fé dentro da alma, provou a doce e divina graça na hora do sacrifício, não como uma substância, mas no poder (espiritualidade) e no conhecimento antecipado de realizações futuras, quando aqueles poderes se tornariam manifestos na carne. Assim, o corpo comeu do pão e da carne abençoados, onde encontrava-se o poder da graça, ou seja, a imaginação do pacto. Desta forma, os “Judeus” comeram da carne de Cristo e beberam Seu sangue, simbolicamente, pois o poder ainda não havia se tornado carne e sangue; mas eles desfrutaram da palavra da graça que mais tarde tornou-se humano”. (Communion, I 34).

“A carne animal sacrificada ao Senhor e mais tarde comida, fora santificada pelo homem, porque a imaginação de Deus penetrou ali, e, portanto Moisés a chamou de carne santa, e havia também um pão santo”. (Communion, I 33).

## **CAPÍTULO XI**

### **ENCARNAÇÃO – A VIRGEM CELESTE**

A doutrina da encarnação de Cristo ou do despertar do germe do auto conhecimento divino no homem, é tão grande, que é impossível formar uma concepção sobre o assunto enquanto tivermos um ponto de vista sectário ou pessoal e estreito. Se desejarmos sentir o poder do Redentor universal dentro de nosso coração, devemos permitir que nossa mente se expanda e envolva em nosso amor tudo o que é divino, nobre e ideal na humanidade.

Considerando o conteúdo do capítulo que segue, recomenda-se ter em mente a grande máxima oculta, de que “o que está acima é como o que está embaixo”, e que tudo o que está acima tem sua parte correspondente embaixo; de modo que, o grande processo que ocorre no macrocosmo produz um processo correspondente no plano microcômico, e aquilo que existe eternamente no céu (o plano espiritual) busca a corporificação e a correspondência nas formas terrestres. É bom lembrar, também, que o complemento só é alcançado com o reaparecimento do terceiro princípio no sétimo, isto é, pela espiritualização da matéria e pela aquisição da forma. Um ser ou poder pertencente a um plano inteiramente ideal não pode produzir nenhuma reação direta no estado material grosseiro da existência, assim como uma árvore não cresce da idéia de uma árvore existente na mente, é preciso uma semente material ou um grão que sirva como foco material para a

atração e distribuição dos princípios materiais. Pelas mesmas razões foi necessário que o *Logos*<sup>162</sup> realmente se fizesse carne e penetrasse o estado humano, a fim de produzir uma mudança radical e fundamental na vontade da humanidade ao iniciar uma nova atividade de luz e amor exatamente em seu centro ou coração. Esse processo é bela e alegoricamente descrito no Novo Testamento.

Na configuração da pessoa do Redentor há que se distinguir três fatores: a geração eterna do Filho de Deus, Seu nascimento como Homem celestial, e finalmente, Seu ser encarnado como pessoa terrestre<sup>163</sup>.

“O Cristo é maior do que todos os anjos do céu, porque Ele possui um corpo humano celestial; Ele possui também a noiva celestial eterna, a virgem da divina sabedoria, e, finalmente, a Santíssima Trindade em Sua possessão. Em verdade, podemos afirmar que Ele é uma individualidade na Santíssima Trindade no céu, um verdadeiro homem no céu, e um eterno rei neste mundo, um senhor do céu e da terra”. (Three Principles, XXII 86).

“O Verbo, ou a segunda pessoa na Divindade, tem estado no Pai por toda eternidade, e ao encarnar na humanidade, não mudou sua natureza, tornando-se uma outra coisa, mas permaneceu no Pai, em seu centro e lugar, como tem sido por toda eternidade. A outra (segunda) formação, ocorreu de forma natural, na ocasião da anunciação pelo anjo Gabriel<sup>164</sup>, quando a virgem disse ao anjo: ‘Que seja feita a tua vontade’. A plenitude deste Verbo foi efetuada no elemento celestial, como foi a criação do primeiro Adão antes da queda. A terceira formação ocorreu simultaneamente a segunda, de uma só vez, assim como uma semente terrestre é semeada enquanto uma criança cresce”. (Three Principles, XVIII 45).

“O santo Espírito de Deus formou a substancialidade Angélica, celestial em um só elemento, através da virgem; mas os planetas e elementos deste mundo formaram o homem externo, conferindo-lhe um corpo natural e uma alma exatamente igual a dos outros seres humanos, ambos em uma só pessoa. De modo que, cada forma possuía seu próprio estado particular de percepção e sensação, e o estado divino não se misturou a tal fórmula (com a forma terrestre) a fim de que a primeira diminuísse e permanecesse o que era (antes que a encarnação ocorresse), e se transformasse no que não era (através da encarnação), mas sem qualquer separação, diferenciação ou divisão do ser divino. Desta forma, o Verbo permanece no pai, o ser criado do santo elemento permaneceu diante do pai, e o estado natural humano ocorreu neste mundo, no ventre da virgem Maria”.<sup>165</sup> (Three Principles, XX 86).

<sup>162</sup> O *Logos* está em todo lugar, e não tem sua entrada proveniente de qualquer localidade externa. Da mesma forma, o corpo do sol está em todo lugar, embora manifeste sua luz apenas em uma localidade no céu.

<sup>163</sup> Toda discussão sobre a natureza de Cristo prova apenas que os que discutem não são cristãos, pois se fossem verdadeiros seguidores do Cristo, teriam o Cristo vivo dentro deles, conheceriam Sua verdadeira natureza. Os desentendimentos dos “Cristãos” com relação ao Cristo surgem porque O consideram como algo externo e incompatível com a natureza humana; nenhuma pesquisa teórica relacionada a esse mistério irá chegar a um resultado satisfatório. O único modo de este assunto ser solucionado, de uma vez por todas, é que aqueles que tenham dúvidas sobre a divindade de Cristo, consigam elevá-Lo de Sua tumba dentro de suas próprias almas, quando então será revelado.

“Cada um deseja ser um filho de Deus em seu conhecimento, mas a desobediência e a falta de fé são enormes de um povo para outro. A crença de que o Cristo uma vez nasceu e morreu por mim e ressuscitou da morte, não faz de mim um filho de Deus. O demônio também sabe disso, mas não lhe serve de nada. Devo me revestir no Cristo, através do desejo da fé; devo penetrar a Sua obediência, Sua encarnação, Seu sofrimento e morte; Devo ressuscitar Nele e adotar a obediência de Cristo. Só assim posso ser um Cristão, e de nenhum outro jeito”. (Mysterium, Li. 43).

<sup>164</sup> “Gabriel” um anjo ou Deus do som, um espírito fonte, interno. (Aurora, XII 86).

<sup>165</sup> Não há dúvidas que a lenda da descida do redentor é a descrição de um processo astrológico; mas essa teoria, longe de negar a encarnação da sabedoria divina numa forma humana, a confirma; isso porque aquilo que acontece no macrocosmo produz efeitos correspondentes no microcosmo. No homem é o sol, a lua, as estrelas, e todo o zodíaco. No microcosmo encontra-se representado cada parte do macrocosmo em seu aspecto material e espiritual. Quando o

Aqueles que não consideram a Cristo como pessoa, e proclamam que Maria era uma virgem eterna, não nascida de pais terrestres, erram.<sup>166</sup>

“No que se refere à Sua divindade, Ele certamente não é um ser criado; mas no que se refere ao Seu estado celeste, quando diz que veio do céu e que ainda estava no céu, Ele é as duas coisas, uma criatura na natureza humana, e um ser inciado sem a humanidade”. (Cartas, II 54).

“Alguns afirmaram que a virgem Maria não era um ser terrestre, nem filha de Joaquim e Ana, porque o Cristo é denominado a semente da mulher, portanto, teria que ter nascido de uma completa virgem celeste. Se assim o fosse, de nada serviria para nós pobres filhos de Eva, já que somos terrestres e carregamos nossas almas em tabernáculos terrestres”.<sup>167</sup> (Menschwerdung, i.8 I).

“Dizem que Maria era uma virgem eterna da Santíssima Trindade, e que dela nasceu o Cristo; pois, segundo Seu próprio testemunho, Ele não veio da carne e do sangue, mas do céu. É verdadeiro o que nosso Senhor disse, que veio de Deus e a Deus retornaria, e que ninguém iria para o céu exceto o Filho do Homem, vindo do céu e estando no céu; mas assim dizendo, falava, evidentemente, de Seu aspecto humano, e não meramente de Sua divindade; pois o Deus eterno não poderia ter sido Filho do Homem, nem um filho do homem poderia surgir da Trindade; foi possível redimir o homem através de uma alma alheia, trazida do céu, onde se satisfiz a necessidade da penetração e crucificação de Deus em nossa forma (humana)”.<sup>168</sup> (Three Principles, XXII, 6I).

Se Cristo trouxe com Ele uma alma alheia proveniente do céu, e não tomou uma alma humana de Sua mãe Maria, Ele teria sido um estranho para nós, e não teria se tornado nosso Redentor.

“Não é verdade, como dizem alguns, que o Cristo tenha tomado uma alma para Si do Verbo na eterna virgem Maria, de modo que Cristo viria de Deus e a alma em Sua natureza humana tivesse um princípio”. (Mysterium, LVI 19).

“O Cristo não é só uma semente que veio do céu, sem possuir nenhuma outra qualidade recebida do homem exceto uma cobertura humana (corpo). Se Ele não possuísse uma natureza humana, não seria o Filho do Homem, nem seria meu irmão”. (Tilk i. 245).

“A alma de Cristo é uma criatura como a nossa própria alma, e Ele a recebeu da humanidade e no corpo de Maria. Portanto, nos regozijamos eternamente de que a alma de Cristo seja nossa irmã e de que o corpo de Cristo seja nosso corpo no homem regenerado”. (Three principles, XXIII 30).

“O que me ajudaria se Cristo houvesse trazido com Ele uma alma estranha? Nada! Mas regozijo-me de que Ele tenha introduzido minha alma no santíssimo Ternário. Posso dizer, verdadeiramente: ‘A alma de Cristo é minha irmã, e o corpo de Cristo o alimento de minha alma’”(Three Principles, XXII 78).

homem vê o sol externo erguer-se no mundo exterior, o sol surge em nele, fornecendo alegria a seu coração. Cada indivíduo, como também a humanidade como um todo, pode se tornar um demônio ou um deus encarnado.

<sup>166</sup> O Cristo, ou o *Logos* Universal, não é uma personalidade no sentido usual do termo, mas se torna pessoal se personificado no homem. Da mesma forma, a virgem celeste está personificada na mulher, do mesmo modo que a luz do sol torna-se individualizada numa flor, num diamante ou pedra preciosa.

<sup>167</sup> “Fora de um corpo o espírito não pode permanecer em sua perfeição, pois assim que ele se separa do corpo perde seu governo. O corpo é a mãe do espírito. No corpo o espírito nasce, e recebe aí seu poder e sua força. Se ele é separado do corpo, ainda permanece um espírito, mas perde seu poder governante”. (Aurora, XXVI 50).

<sup>168</sup> E a divindade no homem continua a ser crucificada até que a vontade própria esteja morta e o Cristo esteja em Sua luz própria.

Se o Cristo procedesse unicamente de uma virgem terrestre, não teria vindo de cima, e não teria sido puro.

“O Cristo disse aos Judeus: ‘Eu sou de cima, mas vocês são de baixo; Eu não pertencço a este mundo, mas vocês pertencem a este mundo’. Se Ele houvesse se humano num tabernáculo terrestre, e não numa virgem casta, celestial e pura, tal como Maria se tornou em consequência de ter sido abençoada, Ele seria deste mundo”. (Menschwerdung. I 9, 20).

“Tudo o que nasce da carne e do sangue deste mundo é impuro, e uma virgem pura não pode nascer nesta carne e sangue corruptos; mas o Cristo foi recebido e nasceu sem pecado, de uma virgem pura”.<sup>169</sup> (Three principles, XXII 36).

Segundo a carne externa, Maria descendeu de Joaquim e Ana, mas ela era também a filha do pacto, e como tal foi abençoada (penetrada) pela virgem da sabedoria.<sup>170</sup>

“Maria foi gerada da semente de Joaquim e Ana do mesmo modo que os outros seres humanos são gerados; mas foi abençoada entre as mulheres, de modo que nela a virgem eterna revelou-se”. (Threefold Life, VI 72).

“Maria, em quem o Cristo tornou-se homem, foi verdadeiramente a filha de Joaquim e Ana, segundo a carne externa, gerada a partir de suas semente; mas quanto a vontade, era a filha do pacto da promessa, o objeto do pacto, onde o mesmo se realizou”. (Menschwerdung, I 8 2).

“A virgem pura e imaculada em quem Deus nasceu está diante de Deus e é uma virgem eterna. Ela era pura e sem culpa antes mesmo que o céu e a terra fossem criados; essa virgem pura incorporou-se em Maria, de modo que lhe conferiu um novo ser dentro do elemento santo de Deus. Portanto, ela foi abençoada entre as mulheres, e Deus estava com ela, como foi dito pelo anjo”. (Three Principles, XXII 38).

A virgem celeste não se tornou terrestre em Maria, nem a penetrou mecanicamente, de fora; a virgem celestial onipresente revelou-se (desdobrou-se) dentro do ser mais íntimo de Maria.<sup>171</sup>

“Não podemos dizer que a virgem celeste ao penetrar Maria tornou-se terrestre por ordem de Deus, mas dizemos que a alma de Maria tomou posse da virgem celeste, e esta adornou sua alma com a coroa pura do santo elemento, um ser humano regenerado, puro; ali Maria recebeu o Salvador do mundo, e deu à luz a Ele neste mundo”. (Three Principles, XXII 44).

<sup>169</sup> O Cristo nunca pode nascer ou ser revelado em uma alma impura. Para que a regeneração ocorra na alma, ela precisa ser uma virgem imaculada, não tendo relações com nenhum deus externo, mas executar a vontade de Deus que habita em si.

<sup>170</sup> “Ana” é o nome caldeu para a luz astral (veja “A Doutrina Secreta”).

“Na língua da natureza o nome ‘Maria’ significa ‘salvação deste vale de sofrimento’.” (Principles, XVIII 37).

Nenhum homem pode ser salvo sem a graça de Maria, ou seja, sem a presença daquilo que nele é nobre, exaltado, salvador e santificador.

“A razão humana nada pode compreender sobre o reino de Cristo, nem sobre Sua pessoa ou obra, porque o testamento de Cristo é celeste, e a razão humana é terrestre; essa segue o Cristo no tempo, enquanto que Ele só pode ser encontrado na eternidade”.

“Todo desentendimento é causado pelas circunstâncias de que o céu em que o Cristo está sentado à direita de Deus não é compreendido, e porque não se sabe que está neste mundo, e que esse mundo tem sua raiz no céu. Eles estão um no outro, como o dia e a noite”. (Batism, i).

<sup>171</sup> A alma espiritual não se torna uma alma animal no homem; nem é a primeira uma entidade separada a ser colocada na segunda; mas, como as vibrações da luz despertam vibrações correspondentes no éter que está nas trevas, a harmonia divina existente na alma espiritual do universo desperta uma harmonia correspondente na alma do homem.

“Nenhuma outra mulher, desde o tempo de Adão, tornou-se revestida pela virgem celeste exceto Maria; isso ocorreu na alma-princípio, e não na carne terrestre”. (Forty Questions, XXXVI 12).

Maria recebeu a insígnia celeste que era desconhecida da natureza, e que também era desconhecida dela, como mulher, ou seja, recebeu a virgem celeste, que por sua vez recebeu o Verbo do pai Eterno”. (Three Principles, XXII 43).

Através desta revelação ou estado de êxtase, o Verbo foi capaz de tomar o estado humano em Maria, e assim a virgem celeste, enfraquecida em Adão tornou-se nela novamente forte e substancial.

“O Verbo da promessa, que era para os judeus uma espécie de antítipo, ou como uma imagem no espelho, onde o pai colérico imaginou e onde extinguiu Sua cólera, começou a se movimentar essencialmente, como se não tivesse se movimentado desde a eternidade; pois, quando o anjo Gabriel trouxe a Maria a mensagem de que teria um filho, e quando ela expressou seu desejo dizendo: ‘Que seja feita a tua vontade’, o centro da Santíssima Trindade movimentou-se; isso quer dizer que, a virgindade eterna perdida por Adão, se abriu nela, no Verbo da vida. O fogo do amor divino no ser de Maria, na essência virginal corrompida em Adão, fora novamente restaurado”. (Menschwerdung, i 8, 3. 4.).

“O Verbo, que permaneceu na virgem da sabedoria circundado pelas maravilhas eternas, saiu do grande amor e penetrou novamente a nossa imagem, destruída em Adão, tornando-se humano em Maria em consequência da benção” (Forty Questions, XXXVI 10).

“A virgem eterna, não tendo substância, penetrou também a encarnação e assim a verdadeira alma fora recebida das essências de Maria. Desta forma, a virgem eterna veio à substancialidade, pois recebeu a alma humana em si”. (Threefold Life, VI 75).

Maria não podia, por poder próprio, colocar-se em tal êxtase celestial, que chegou à ela por graça divina e no poder do Espírito Santo.

“O verdadeiro ser da humanidade, que havia morrido e desaparecido (tornou-se latente) em Adão, despertou-se novamente para a vida em Maria; ela tornou-se altamente exaltada, como o homem antes da queda. Nada disso ocorreu por seu próprio poder, mas pelo poder de Deus. Se o centro de Deus não houvesse se movimentado dentro dela, ela não teria sido diferente de todas as outras filhas de Eva”. (Menschwerdung, i 8. 5.).

“Maria é chamada de virgem pura e santa apenas com referência à virgem celeste que dela tomou posse, e a revestiu do puro elemento do paraíso. Maria não se apoderou deste estado por poder próprio, como se nota quando o anjo lhe diz: ‘O Espírito de Deus cairá sobre ti e serás revestida pelo poder Supremo; Assim sendo, o Santíssimo que de ti nascerá será chamado de Filho de Deus’.” (Three Principles, XX 41).

“As palavras do anjo, ‘O Espírito de Deus cairá sobre ti, e serás revestida pelo poder do Supremo’, significa: O Espírito Santo abrirá o centro fechado interno, na semente moribunda e a Palavra de Deus penetrará com substancialidade vivificante e celestial naquela que se encontrava enclausurada na morte, tornando-se com ela uma só carne”.<sup>172</sup> (Three Principles, XXII 41).

<sup>172</sup> Talvez, a mesma idéia poderia ser alcançada através das seguintes palavras: A harmonia divina subjacente à ordem da natureza original, lançada em confusão pela ação de uma vontade má dentro das sete qualidades da natureza eterna,

É certo que a alma do Redentor só pôde provir de Maria por ela ter tido um caráter cheio de humildade e de acordo à vontade de Deus; mais certo ainda é que espiritualmente desfrutava de um alto estado de glorificação, contendo as qualificações necessárias para se tornar a mãe do Redentor.

“A primeira coisa que uma criança (no ventre) recebe é a *tintura* de sua mãe. O mesmo aconteceu com o Cristo. Quando o anjo anunciou à Maria a futura encarnação de Cristo, foi a vontade da mãe, e a *tintura* que receberam o *Limbus* de Deus que a impregnou e passou a lhe pertencer. Se, então, a alma da criança está na Santíssima Trindade, não pensam vocês que sua luz gloriosa ilumina maravilhosamente a mãe, e que esta mãe coloca, corretamente, seus pés sobre a Lua<sup>173</sup>, ao ser exaltada acima de tudo o que é de natureza terrestre? Ela deu à luz o Redentor do mundo sem nenhum contato carnal, e dela originou-se o corpo que atraiu todos os membros, ou seja, os filhos de Deus em Cristo, os filhos da Luz”. (Three Principles, XVIII 93-98).

Maria, contudo, não foi deificada. Apesar de sua grandeza, foi só através de seu Filho que se tornou perfeita e herdou o céu.<sup>174</sup>

“A Palavra prometida por Deus no jardim do Éden veio a florescer na vida-luz da virgem; e quando o anjo Gabriel, por ordem do pai, veio a dar a ela um impulso, através da mensagem, a palavra penetrou um elemento da virgem casta, mas não inteiramente em sua alma e corpo a ponto de deificar uma pessoa”. (Three principles, XVIII 89).

“A virgem Maria alcançou uma grande perfeição, como a estrela da manhã, que é mais gloriosa que as outras estrelas. Ela alcançou a perfeição e a beleza através de seu Filho, Jesus Cristo”. (Three Principles, XVIII 88).

“A virgem Maria não se tornou deificada. O próprio Cristo diz: ‘Ninguém vai para o céu exceto o Filho do Homem, que veio do céu e está no céu’. Todos os outros devem alcançar o céu através dele. O Cristo é o seu céu, e o Pai é o céu de Cristo”. (Three Principles, XVIII 89).

O reino externo deste mundo não se separou da virgem; mas perdeu seu poder sobre ela. A qualidade de sua vida interior se comunicou ao seu corpo físico.

“Quando Deus movimentou-se em Maria como Seu desígnio, ela foi então altamente abençoada, e nesta benção do Redentor ela se tornou impregnada. Ora, sabe-se que a semente do homem comunica suas qualidades ao corpo. Quando a vida divina penetra a essência da semente (poder) de Maria, seu corpo todo, que então envolvia o corpo da imagem (divina), tornou-se abençoado e vivificado por este maravilhoso movimento de Deus. O reino externo deste mundo não foi com isso separado de Maria, ela ainda estava aprisionada ali; mas a *tintura* de seu sangue tornou-se iluminada com a *tintura* divina; ou seja, com a *tintura* da semente; comunicando suas qualidades à forma corpórea”. (Tilk i. 331).

criou um centro de harmonia na alma de Maria, que se expandindo dali para o exterior, resultando em toda sua natureza harmoniosa e espiritual.

<sup>173</sup> A luz solar da sabedoria (autoconhecimento e autopercção) é superior a tudo o que é meramente imaginário, fantasioso e ilusório. A Sabedoria vê a ilusão, mas não é capturada por ela.

<sup>174</sup> Nenhuma alma pode se tornar divina ou deificada por mera contemplação a Deus como se Ele fosse algo alienado à ela. Deus tem que se tornar substancial e corporificado na alma. O simples idealista se satisfaz ao apreciar em sua imaginação a beleza de um ideal, mas não o incorpora. O tão chamado “realista” se satisfaz com aquilo que acredita ser real, e não adquire nada melhor do que aquilo que já possui. O verdadeiro Cristão, ou seja, o ideo-realista, busca compreender o ideal, a fim de que ele se torne uma parte de si mesmo.

“A alma de Maria foi envolvida pela substancialidade vivificante divina, não com relação à sua natureza terrestre, mas segundo sua natureza celeste, de modo que o estado terrestre nada mais era do que um complemento de seu ser. Sua alma, com o Verbo da vida que nela se tornou humano, passaria com ele através da morte e da cólera do Pai para a consciência celeste, e assim sua natureza humana externa tinha que morrer com relação à vida terrestre, para poder viver em Deus. Mas como ela havia sido abençoada, e havia carregado em seu ventre o objeto do pacto, aquilo que era celestial consumiu sua parte terrestre”. (Menschwerdung, i 9, 18).<sup>175</sup>

O Salvador tinha que receber as essências terrestres de Maria; Ele se tornou um homem terrestre nela, da forma convencional.<sup>176</sup>

“A virgem continha o Cristo, assim como uma mãe contém seu filho. Ela lhe deu as essências naturais, assim como havia herdado de seus pais; O Cristo recebeu as essências de sua carne e de seu sangue no elemento, e tornou-se ali uma alma viva”. (Three Principles, XVIII 90).

“O Verbo vivo que habitava a virgem eterna atraiu para si a carne de Maria, ou seja, as essências corporais de Maria, e assim cresceu ali, em nove meses, um ser humano completo, com alma, espírito e carne”. (Threefold Life, VI 79).

“A vida de Cristo não começou a se movimentar imediatamente, no momento da concepção, nem de qualquer forma sobrenatural, isso ocorreu no momento natural apropriado, da mesma forma que os filhos de Adão. Em nove meses cresceu para ser um ser humano completo, e nasceu como todos os outros filhos de Adão. Ele poderia ter nascido magicamente, mas se isso tivesse ocorrido ele não estaria neste mundo de forma natural”. (Menschwerdung, I 10).

Em Cristo, como o filho de Maria, estavam unidos os três princípios, mas sem se misturarem um com os outros, de modo que, apesar de Seu corpo terrestre, Ele permaneceu livre do pecado.

“Cristo em Maria aceitou os três princípios, mas em ordem divina, e não misturados, como foi o caso de Adão, quem, através da imaginação, introduziu o reino externo no reino interno, na alma-fogo, em consequência do que a luz foi extinta. Ele (Cristo) tinha em Si a alma-essência, ou o primeiro princípio, a substância da imagem do segundo princípio, e finalmente a forma externa, ou seja, o terceiro princípio”. (Tilk i 336).

“O Cristo tomou de Maria a *semente* interior, enfraquecida em Adão, e à ela foi anexada a semente externa da carne, mas elas não se misturaram, nem estavam separadas; mas eram, uma para a outra, como Deus, que habita na terra, ainda que o mundo não seja Deus”. (Stiefel, II 204).

“O Cristo não produziu através de seu corpo externo pecado ou desonra. Não, isso não pode ser; mas Ele tomou para Si, como um peso, o pecado que herdamos de Adão, e o qual Ele carregaria como se fosse Adão, ainda que não fosse Adão”. (Stiefel, ii 499).

“O Cristo não tomou para Si a vaidade concebida e despertada (egoísmo) que o demônio introduziu na carne através de sua imaginação, e a qual impeliu a carne ao pecado; mas Ele tomou as formas de vida despertadas (princípios), as quais havia surgido de um estado de harmonia, cada uma em seu próprio desejo. Ele tomou para si nosso pecado e doença, a morte e o inferno; mas com

<sup>175</sup> O Manas torna-se absorvido no Buddhi.

<sup>176</sup> “Deus também vive no homem”. (Threefold Life, XI 106). Cada ser humano (se não for um descrente) carrega Deus, o Cristo, o Espírito Santo, a Virgem Maria, juntamente com o anjo Gabriel e todos os outros anjos e espíritos em si. É, portanto, inútil buscar tudo isso na história. Não podemos encontrar nada disso em lugar nenhum, exceto em nós mesmos.

a única finalidade de tingi-los com Seu amor, através de seu sangue celeste, o qual havia derramado em nossa natureza humana externa, e isso transformaria o inferno em céu, e introduziria as qualidades humanas novamente em harmonia divina”. (Regeneration, iii. II).

A essência mais interna do Senhor, o Verbo eterno, nunca se misturou com Seu corpo terrestre; ela nem mesmo se misturou com Sua alma humana.<sup>177</sup>

“Deus revelou-se na semente externa (princípio) de Maria, pois o Cristo não se diferenciou, enquanto esteve sobre a terra, de outros seres humanos, em forma, substância ou aparência externa. Naquela semente externa Ele não tomou a divindade; Sua forma externa era mortal, e através disso ele anulou a morte”. (Stiefel, ii 203).

“O Cristo atraiu verdadeiramente para Si as essências humanas enquanto no corpo da virgem Maria, e desta forma tornou-se nosso irmão. Mas as essências humanas não podem apreender Sua divindade eterna; só o novo homem, nascido em Deus, é disso capaz, assim como o corpo apreende a alma”. (Three Principles, XXII 48).

“A alma e o Verbo não são *um* ou um ser. A alma nasce do centro da natureza, das essências, e pertence ao corpo, pois surge das essências do corpo, e atrai o corpo para si; mas o Verbo pertence ao centro da majestade, e atrai a majestade para si”. (Threefold Life, VI 83).

O Verbo e a alma não se encontram separados, lado a lado; a alma é penetrada e iluminada pelo Verbo.<sup>178</sup>

“A alma e o Verbo não estão lado a lado, como duas pessoas, mas o Verbo penetra a alma e do Verbo brilha a vida-luz; a alma, contudo, permanece livre. Um ferro quente e vermelho encontra-se nela preto e obscuro, mas o fogo a penetra, para que se torne luminoso. Não há transformação no ferro propriamente dito; o ferro continua sendo ferro e o calor continua sendo calor; um é livre com relação ao outro, e um não é o outro; Assim a alma tem sido mergulhada no fogo da divindade, a fim de que a divindade possa penetrar e iluminar a alma, e ali habitá-la e concebê-la, embora a alma não possa conceber a divindade; no entanto, ela não é transformada. A divindade concebe a alma e a dota do poder da majestade”. (Threefold Life, VI 83).

O Cristo não se tornou humano meramente na Virgem Maria, mas também de forma celestial ilimitada.

“Enquanto o Cristo viveu sobre a terra Sua forma externa era limitada como nossos próprios corpos, mas o homem interno era imensurável”. (Three Principles, XXIV 88).

“O Verbo tornou-se humanidade em toda parte; ou seja, houve uma revelação da substancialidade divina onde quer que nossa humanidade eterna exista. Devemos existir na mesma

<sup>177</sup> O espírito divino, ou seja, a consciência espiritual de cada indivíduo sobre a terra, nunca foi, é ou será aprisionado, encarnado ou reencarnado, ou absorvido em qualquer mente material ou pessoa. Ele permanece para sempre no céu, ou seja, em seu próprio estado celeste. A mente e o corpo são apenas reflexos da luz do espírito conforme ele “brilha” na “matéria”. O verdadeiro Homem está no céu; sua sombra caminha sobre a terra.

<sup>178</sup> Quando falo do Cristo homem, e do Deus trino e homem que Ele é, faço uma distinção entre a criatura humana, que veio de nós seres humanos, e a Divindade trina, a palavra revelada do poder e da onipotência. Não que estejam separados um do outro, mas o espírito de Deus é mais elevado do que o ser ao qual o Espírito dá nascimento em sua palavra soprada. Não digo que o doce e amado Cristo é o homem, mas a santa luz do sol na chama do amor no homem; pois quando vejo um santo homem Cristão parado ou andando, não digo “Aqui está ou caminha o Cristo”, mas digo “Aqui está e caminha um homem Cristão em quem brilha o sol de Cristo”. (Stief. 421).

substancialidade corpórea na eternidade, onde existe a virgem de Deus, e devemos nos revestir com a virgem, pois o Cristo dela Se revestiu”. (Menschwerdung, i 8, 12).

“Todo o mundo angélico é a substancialidade do Cristo segundo Sua essencialidade celeste, ‘criada’ segundo a personalidade da humanidade, mas fora disso Ele é incriado e eterno”. (Cartas, XII 56).

A corporeidade ilimitada e celeste de nosso Redentor é incompreensível para o intelecto racional; Ao mesmo tempo, é lógico aceitá-la, porque em Cristo o Deus infinito tornou-se homem.<sup>179</sup>

“A Razão diz: ‘O corpo de Cristo está em um lugar; como poderia estar em todo lugar? Trata-se de uma criatura, e uma criatura não pode estar em todo lugar ao mesmo tempo’. Ouça, cara Razão: ‘Quando o verbo de Deus tornou-se um ser humano, no corpo de Maria, não estava ele, ao mesmo tempo, acima das estrelas? Enquanto estava em Nazaré, não estava também em Jerusalém e em todo lugar? Ou pensas que Deus, enquanto Se fez homem, tenha ficado confinado à sua forma humana?’ Isso constitui uma impossibilidade e assim, enquanto Deus se tornou homem, Sua humanidade encontrava-se em todo lugar em que Sua divindade existisse”.<sup>180</sup> (Three Principles, XXIII 8).

“O Cristo não se tornou homem apenas no corpo (terrestre) da virgem Maria, como se Sua divindade ou essencialidade divina tivesse sido capturada, aprisionada ou permanecida ali. Assim como um pouco de Deus, que é a plenitude de todas as coisas, reside em apenas um lugar, pequeno foi o movimento de Deus, em uma pequena porção (a do Verbo); pois Ele não é diferenciado, mas em todo lugar é um e o todo, e onde quer que se torne manifesto ali é Ele manifestado como um todo. Nem Deus é mensurável, nem há lugar em que habite, a menos que Ele estabeleça para Si mesmo tal morada em uma de Suas criaturas; mas, mesmo assim Ele permanece um todo à parte e além de todo ser criado”. (Menschwerdung. I 8).

Com relação á isso, o Cristo pode ser comparado ao sol, que também é imensurável em poder, mas que também tem sua existência como um corpo separado no espaço.

“Podemos comparar o sol à Cristo em Seu aspecto de ser criado, e toda a profundidade do espaço pode ser comparada ao Pai. Se observarmos então, que o sol brilha na total profundidade do espaço, enviando seu calor e poder a todo lugar, não podemos dizer então, que na profundidade o poder e a luz do sol estejam fora do corpo do sol; pois se a luz e a substância do sol não estivessem em toda parte, o espaço não receberia o poder da luz do sol. Dois poderes ou princípios de uma natureza similar são necessários para serem receptivos um ao outro. A profundeza (do espaço) contém sua luz de forma oculta (latente). Pela vontade de Deus, toda a profundidade seria sol”. (Menschwerdu, i 8).

“Como o sol brilha por todo o mundo externo, fazendo com que todas as coisas se tornem mais poderosas e férteis, sem deixarem de ser distintos entre si (em seus centros corporais), do mesmo modo, o Cristo, como um Sol manifestado, brilha de Iahweh ou Jesus (da profundeza de), na humanidade criada de Cristo. Iahweh é o Sol divino e eterno, e dentro deste Sol encontra-se oculto de todas as criaturas o grande Amor-Sol de Cristo, como um coração no centro da Santíssima Trindade; mas pelo movimento da Divindade Ele se revelou como um Sol santo do amor divino”. (Stiefel, II 422)

<sup>179</sup> É universal, porém, individual, como aquele de um deus.

<sup>180</sup> Isso seria como imaginar que o tronco de uma árvore habitasse dentro das folhas.

“O sol ilumina o mundo; mas isso não seria possível se não houvesse dentro da profundidade um estado similar de ser como aquele que constitui o sol. Da mesma forma, a corporeidade do Cristo é toda plenitude dos céus, como um ser criado na pessoa e sem a pessoa; mas (ambos) existem em um espírito e em um poder como um, e não num estado de dualidade ou como duas coisas separadas uma a outra”. (Tilk. II 251).<sup>181</sup>

Este ser (estado de) celeste, ilimitado do Redentor é, no entanto, inferior com relação à Divindade.

“Quando o Verbo penetra o elemento puro, a matriz virginal, Ele não se separa do Pai, mas permanece eternamente, e está em todo lugar, presente no céu do elemento em que penetrou, e onde se tornou uma nova criatura, chamada ‘deus’. Essa nova criatura naturalmente não nasceu da carne e do sangue da virgem (física), mas de Deus, de Seu elemento (a virgem celeste, e no poder da Santíssima trindade, que permanece ali eternamente em sua plenitude). Mas a corporeidade do elemento daquele ser criado é inferior com relação à Divindade, pois Ela é espírito, e o elemento santo é nascido do verbo da eternidade. Desta forma, o Verbo penetrou a serva, o que fez com que todos os anjos do céu fossem tomados de surpresa. Trata-se do maior milagre já ocorrido desde toda eternidade, porque isso vai contra a natureza (humana), e só poderia ter acontecido por conta do amor divino”. (Three Principles, XVIII 42).<sup>182</sup>

## **CAPÍTULO XII**

### **REDEÇÃO**

*“Deus também vive no homem. Portanto, se amamos e buscamos, não mais que ao nosso (verdadeiro) ser, então amamos a Deus. Aquilo que fazemos uns aos outros fazemos a Deus. Aquela que busca e encontra seu irmão e irmã buscou e encontrou a Deus. Nós estamos Nele, todos em um só corpo com muitos membros, sendo que cada um tem sua própria função”. (Threefold Life, XI 106).*

Foi da vontade de Deus tornar-se humano, a fim de restaurar o homem ao seu estado de glória em que fora criado originalmente; ele que em consequência do pecado degenerou-se a um ser terrestre.

Podemos ser mal compreendidos por conta de idéias teológicas antigas, sempre prontas a despertarem nas mentes. Tentaremos, então, expressar o significado desta afirmação de maneiras diferentes. Deus, a vontade da sabedoria eterna, quis que Sua sabedoria se manifestasse numa forma humana, porque o homem universal, tendo se tornado absorvido pelas atrações do plano sensual, havia perdido aquele estado divino de consciência que confere a capacidade de percepção da verdade divina. Pois, só a verdade no homem pode reconhecer a verdade universal, e esse princípio havia se tornado inativo; conferir ao homem verdade, auto consciência e vivência com a luz, equivale a restaurá-lo em sua posição inicial, aquela que ocupava no macrocosmo antes de afundar-se na materialidade e na degradação.<sup>183</sup>

<sup>181</sup> A vida universal e a vida individual são apenas um único princípio.

<sup>182</sup> “Não busquem nenhum conhecimento histórico em nossos escritos.. Não é possível ver a deus com os olhos terrestres, e portanto, é impossível para uma mente não iluminada compreender pensamentos celestes e percepções em seu veículo terrestre. O semelhante só pode ser alcançado pelo semelhante”. (Princ. Appendix, 30).

<sup>183</sup> Se tomarmos a história da redenção do ponto de vista teológico comum, que a considera a obra de um Deus extra cósmico, que se ofende, se encoleriza e se torna reconciliado ao ter seu filho morto pelo homem, ela se torna absurda e inacreditável; mas se a observarmos em sua verdadeira luz, ou seja, como uma alegoria que descreve um processo intracósmico acontecendo no corpo do homem macrocósmico e microcósmico, ela se torna inteligível. Não era uma divindade exterior, mas a vontade divina, ativa no coração da humanidade, o que desejou que a humanidade fosse salva

“O espírito desse mundo capturou o corpo, tornando-o terrestre; o corpo e a alma tornaram-se corruptos. Desta forma, não mais estamos em posse do elemento puro necessário para a formação de um corpo (puro), mas de uma protuberância dos quatro elementos em combinação com a influência das estrelas. Este corpo não pertence à Divindade. Deus não Se revela num corpo impuro, mas somente no homem santo (interiormente regenerado), na pura imagem que Ele criou no princípio. Nada mais havia de ser feito além de regenerar a imagem através do coração e da luz de Deus”. (Three Principles, XXIII 21).

“O homem deve, novamente, deixar o espírito dos planetas e elementos e penetrar um novo nascimento, na vida de Deus. Isso a alma não pode realizar pelo próprio e, portanto, a vida de Deus que emana do amor e da misericórdia veio até nós em carne e tomou nossa alma humana novamente para si, na vida divina, no poder da luz; assim, nesta vida devemos ter um novo nascimento e penetrar em Deus” (Threefold Life, I 17).

“Para o espírito humano (como tal) seria impossível sair da tormenta de angústia e penetrar a região do céu; Deus teve que surgir novamente, no seio da humanidade e ajudar o espírito humano a romper as portas das trevas, a fim de poder penetrá-lo (revestido) de poder divino”.<sup>184</sup> (Threefold Life, XXI 21).

“O Cristo veio para curar o dano que Adão sofreu quando morreu para o reino celeste; para despertar o homem interior, desaparecido em Adão; para regenerá-lo em Seu poder; para esmagar, para sempre, a cabeça da serpente, cheia de ira e falsidade, (ou seja), para matar a vontade terrestre (egoísta)”. (Stiefel, ii 168).

Para efetuar tal reconstituição, a ação direta de Deus para com a humanidade não seria suficiente. Sem a encarnação, uma real união entre Deus e o homem, e uma ressurreição da morte, nada teria sido possível.<sup>185</sup>

“Foi da vontade de Deus transmutar a humanidade numa qualidade celeste, após esta ter se tornado terrestre, transformar a terra humana (elemento material) em céu, fazer dos quatro elementos apenas um e transformar a ira de Deus, na qualidade humana, em amor. Mas a ira de Deus, tendo sido inflamada no homem, era um poder de fogo e fúria, ao qual se deve resistir e transformar em amor, era necessário que o amor propriamente dito, penetrasse a ira, circundando-a totalmente. Não bastava para tanto, que Deus permanecesse no céu (em Sua própria auto consciência divina) olhando para a humanidade de forma amorosa. Isso não teria subjugado o poder da fúria e da cólera, a humanidade tão pouco poderia penetrar um estado de amor”. (Signature, XI. 7).

“A essência humana não poderia ser concebida na santidade de Deus, sem a presença de um mediador apropriado; a vontade encontrava-se separada dessa essência. Portanto, Deus tornou-se homem, a fim de que pudesse doar ou abençoar a humanidade com Sua divindade, e para que Ele pudesse ser concebido por nós”. (Baptism, ii. 36).

---

pelo despertar da vontade divina no homem, e o mesmo processo ocorre ainda hoje no organismo de cada indivíduo que sai das trevas espirituais para a luz.

<sup>184</sup> O termo “corpo”, claro, não se refere a forma visível da terra, que é um mero instrumento para seu habitante interno, mas aquele princípio do qual aquela forma é uma expressão externa.

<sup>185</sup> Se a luz brilha meramente na superfície, ela não penetra as profundezas. A vontade tinha que se tornar ativa na carne. Essa vontade divina é amor, que é substancial e não um simples sonho.

“Antes de ocorrer a encarnação, o Verbo podia redimir a alma, a fim de que ela suportasse o teste diante do Pai, no fogo; mas não (o teste) no amor e deleite diante da luz da Santíssima Trindade. Um levantar da tumba não ocorreria. Para que o homem surgisse da tumba, o Verbo teve primeiro que tornar-se homem”<sup>186</sup> (Three Principles, XVI 35).

“Os piedosos se revestiram em Cristo antes de Sua encarnação, no pacto da promessa, não em substância, mas meramente em poder; não na carne, mas meramente no espírito”. (Stiefel, II 442).

Em conseqüência do pecado, o poder da morte passou a governar, e, portanto o Próprio Redentor penetrou a morte a fim de conquistá-la, e a fim de obter novamente para nós a plenitude da vida divina.<sup>187</sup>

“Como conseqüência do pecado, não havia salvação para o homem; a menos que o Verbo eterno, coração de Deus, se tornasse humano e penetrasse o terceiro princípio, a carne e o sangue humano e tomasse para si (o estado de) uma alma humana, penetrando a morte de uma alma destituída, através da qual pudesse afastar da morte o seu poder e do inferno a sua picada terrível, conduzindo assim a alma para fora da morte e redimindo-a do inferno”. (Threefold Life, VII 39).

“A alma de Adão havia se afastado de Deus e morrido com relação a essencialidade da luz. O segundo Adão trouxe novamente a alma para o fogo, ou seja, na fonte da cólera, e acendeu novamente a luz na morte. A luz foi portanto novamente manifestada nas trevas, e a morte morreu, e para a cólera ou inferno foi criada uma praga”. (Tilk i. 513).

“Como nos afastamos da liberdade do mundo angélico e adentramos a tortura escura, o poder e o verbo da luz tornou-se homem, e nos conduziu para fora das trevas, através da morte no fogo para a liberdade da vida divina, na essencialidade divina. O Cristo tinha que morrer e penetrar a essencialidade divina através do inferno e através da cólera da natureza eterna, para abrir um caminho para a nossa alma através da morte e através da cólera, onde devemos entrar com Ele pela morte, na vida divina”. (Menschwerdung, i 3, 7).

“Quando os dois reinos, a cólera de Deus e o amor de Deus estavam lutando um contra o outro, o Cristo surgiu como herói. Desejando render-Se à cólera (ao sofrimento causado pelos princípios baixos despertados para a consciência em conseqüência do pecado), Ele a extinguiu com Seu amor. Ele veio de Deus para este mundo e tomou nossa alma para Si, a fim de poder nos tirar do estado terrestre para Si próprio e nos conduzir à Deus. Ele nos regenerou em Si próprio, para que fôssemos capazes de viver novamente em Deus, e para que pudéssemos colocar nossa vontade Nele. Com Ele fomos conduzidos ao Pai, à nossa primeira morada, ou seja, ao Paraíso, o qual Adão havia deixado”. (Menschwerdung, i II 6).

“O Verbo tomou nossa própria carne e sangue na essencialidade divina, e quebrou o poder que nos mantinha aprisionado na cólera da morte e fúria. Ele quebrou aquele poder na *Cruz*, ou seja, no centro da natureza (a quarta forma natural, cujo símbolo é a Cruz), e inflamou novamente em nossa alma (que havia se tornado trevas) um fogo-luz branco e ardente”. (Menschwerdung, II 6 9 ).

“Cristo sacrificou nossa imagem humana à cólera de Seu Pai, para ser engolida na morte, e nesta morte introduziu Sua vida; mas Ele manifestou Seu amor naquela vida que a morte havia devorado, e assim, Ele trouxe aquela vida para fora da morte através de Seu amor (com o qual havia

<sup>186</sup> As tumbas das quais o homem deve se levantar são os erros, as paixões e as tentações.

<sup>187</sup> A luz não teria redimido as trevas de outra forma senão penetrando-as; nem poderia qualquer coisa inteiramente espiritual e não substancial ter atuado sobre a matéria.

se tornado um e imortal). Assim como uma semente plantada na terra deve morrer (quanto a forma), a fim de que desta morte um novo corpo cresça, o corpo corrupto de Adão tinha que ser sacrificado à morte e à cólera, de onde surgiu o *corpo do amor* de Deus”. (Mysterium, xxviii 17).

De certo modo, a conquista do poder da morte ocorreu já na ocasião da resistência à tentação do Redentor, causada, como no caso de Adão, pela inveja do demônio, mas com a qual o mesmo fora conquistado pelo Senhor.<sup>188</sup>

“Adão deveria tomar posse do trono real de Lúcifer, pois este havia se voltado contra Deus. Daí resulta a grande inveja e rancor do demônio contra a humanidade. Daí origina-se também a tentação de Cristo no deserto, porque o Cristo deveria tomar posse do trono que o demônio exigia, para quebrar seu poder, e se tornar o juiz que o rejeitaria eternamente”. (Grace, VI 13).

“Tudo o que seduziu e tornou Adão prisioneiro, na morte das trevas, foi oferecido ao Salvador na ocasião da tentação”. (Signature, VII 46).

“A tentação é a dura batalha no jardim do Éden, onde Adão caiu; mas o novo guerreiro saiu vitorioso, e permaneceu como o conquistador”. (Three Principles, XII 91).

“Quando o Cristo resistiu à tentação, no lugar de Adão, o recém introduzido Ens celestial quebrou a espada na morte do corpo externo de Cristo; através da santa substância Ele trouxe o corpo externo, tomado da semente de Maria, para o estado santo, pela espada da cólera Neste mesmo poder o corpo externo surgiu da morte, conquistando tanto a morte como a espada ígnea”. (Mysterium, XXIV 24).

O primeiro momento da tentação foi quando se sugeriu ao Cristo que tomasse o alimento terrestre ao invés do nutriente celeste; com isso Ele poderia satisfazer o desejo de Seu corpo.<sup>189</sup>

“Depois que o Espírito de Deus conduziu o Cristo para o deserto, o demônio teve permissão para abordá-Lo no reino da cólera e tentar o segundo Adão, da mesma forma como havia tentado o primeiro. Não havia ali nenhum alimento ou bebida terrestre, e a alma de Cristo sabia muito bem que se encontrava em Deus, e que poderia transformar pedras em pão terrestre, já que não havia outro pão ali. Mas ela não desejou comer, com seu corpo celeste, senão o pão celestial, e deixar o corpo terrestre com sua fome, porque a divindade em Cristo disse: ‘Coma da palavra do Senhor e irás sair do homem terrestre e repousar no reino do céu; viva no novo homem, e o velho morrerá por causa do novo’. Contudo, o demônio falou para a alma: ‘Teu corpo terrestre está faminto, e como não há pão, transforma tu as pedras em pão’. Então, a alma forte em Cristo permaneceu firme como um guerreiro e disse: ‘Nem só de pão vive o homem, mas da palavra que passa através da boca de Deus’. Desta forma, ele rejeitou o pão e a vida terrestre, e colocou sua imaginação na palavra de Deus e dela se alimentou. A alma estava então viva no reino do céu, mas o corpo ficou como morto;

<sup>188</sup> Pouco beneficiaria ao homem acreditar que outra pessoa superou suas tentações, enquanto ele sucumbe às suas próprias. Aquele que conquista o que é mortal em si, conquista a morte.

<sup>189</sup> A primeira tentação que encontra a todos no caminho da regeneração é a fome pelas baixas qualidades em si.

“A primeira causa da real tentação é o amor abundante e transcendente de Deus. A vontade humana recusa a submeter-se inteiramente à primorosa graça que se oferece do amor divino, e busca o seu próprio eu e o amor daquele eu que pertence ao que não é permanente. Ela ama a si própria e o estado deste mundo mais do que a Deus. Aqui o homem é tentado por sua própria natureza, que em seu centro permanece fora do amor de Deus, na angústia, combatividade e dissensão, e no qual o demônio coloca seus desejos perversos com o propósito de conduzir o homem para longe da graça sublime e do amor de Deus. O dragão dentro da alma volta seus olhos da vaidade para o mundo, mostrando para ela sua glória e beleza; ele a deseja porque ela deseja ser uma outra criatura. Ele coloca diante de si o reino no qual existe, onde tem seu fundamento”. (Cartas, XLIII 3).

isso quer dizer, ele se tornou o servo do céu e perdeu o poderoso governo (sobre a alma)". (Three Principles, XXII 100 – 105).

O demônio pensou ainda em afastar o redentor da vontade divina excitando o espírito da vaidade.<sup>190</sup>

“Depois que a alma de Cristo recebeu o pão celeste, era preciso observar se ela se manifestaria no poder do fogo da vaidade, ou, se plena de humildade, se manteria unicamente no coração e na vontade de Deus, entregando Sua alma e se tornando um anjo da humildade. Nota-se aqui, a astúcia do demônio, pois ele toma as Escrituras e diz: ‘Os anjos irão conduzi-lo sobre suas mãos’. Esta passagem tem sido mal aplicada, pois não se refere ao corpo físico, mas à alma. Isso ele quis introduzir no orgulho, para que se confiasse em ‘ser carregado pelos anjos’; mas o Redentor disse: ‘Também está escrito: Tu não tentarás o Senhor teu Deus’. Desta forma, ele venceu o orgulho do demônio para penetrar a humildade e o amor de Seu Pai celestial”. (Three Principles, XXII 108).

Finalmente, ele ofereceu ao Salvador o governo do mundo externo; mas o Senhor não aceitou tal coisa das mãos do demônio, mas de Seu Pai celestial.<sup>191</sup>

“Após o demônio ter falhado por duas vezes, ele se aproximou com a última e poderosa tentação (dizendo) que lhe daria todo o mundo se ajoelhasse e o adorasse. Adão já havia estado ansioso pela possessão deste mundo; ele desejou torná-lo seu; mas ao proceder desta forma, Adão afastou-se de Deus e foi capturado pelo espírito deste mundo. Agora, o segundo Adão havia que se submeter à essa tentação do primeiro Adão. Havia que ser testado se a alma permaneceria com o homem novo, santo e celestial, vivendo na graça de Deus ou no espírito deste mundo. Mas a alma de Cristo disse ao demônio: “Afasta-te de mim, Satã! Pois está escrito: ‘Deves adorar ao Senhor teu Deus, e Servir à Ele unicamente!’”. Assim, o valente guerreiro conquistou, e o demônio teve que partir; tudo o que é terrestre foi superado pelo Cristo. Agora o Senhor está acima da lua<sup>192</sup>, e tem todo o poder no céu e no inferno; Ele é Mestre da vida e da morte. Ele deu início ao Seu reino sacerdotal com sinais e milagres. Ele transformou a água em vinho, tornou são o doente, fez com que o cego enxergasse, e o coxo andasse e até despertou o morto para a vida. Ele se sentou na cadeira de Davi e passou a ser o verdadeiro sacerdote na ordem de Melquisedeck”. (Three Principles, XXII 3).

Mas a vitória que o Redentor conseguiu sobre Satã, na ocasião da tentação, não poderia ser suficiente para a redenção da humanidade. Para esse fim, uma transmutação completa se fazia necessária; conseqüentemente, a morte (corporal) do Senhor tinha que acontecer.

“Quando o Cristo nasceu o céu existia na terra – *do homem*; mas isso não bastava. Os dois mundos tinham que lutar entre si. Portanto, ocorreu a tentação, e como o mundo divino conquistou,

<sup>190</sup> “A segunda tentação para o regenerado é o orgulho espiritual”.

“A segunda tentação ocorre quando a alma, após ter provado o amor divino e iluminada por uma vez, deseja possuir a luz e atuar ali em seu próprio poder. A natureza ígnea da alma deve ser transformada num fogo-amor, e deve desistir de seu direito natural. Isso ela não gosta de fazer, mas procura, e prefere se ver em seu próprio poder, que, contudo, não encontra. Então, a alma começa a duvidar do poder da graça, pois vê que precisa desertar de sua vontade e desejo natural. Neste momento ela treme, e não vai sacrificar à vontade divina os direitos conferidos à ela pela natureza para morrer na vontade divina; e ela imagina a luz da graça, que atua sem esse poder ígneo, para ser uma luz falsa”. (Cartas, XLIII).

<sup>191</sup> No homem regenerado, a terceira tentação ocorre quando a alma pensa empregar os poderes espirituais adquiridos para propósitos não divinos, ou seja, para despertar espíritos fontes de baixa qualidade, e desta forma levantar sua cabeça acima de Deus, como foi o caso de Lúcifer.

<sup>192</sup> Uma forma mais moderna de expressar tal coisa seria: Quando o discípulo se torna um “Chela” aceito, seu Carma mal começa a se afirmar. Em outras palavras, o despertar de uma nova vida em um organismo estimula também as qualidades inferiores ali existentes, seja num homem, num povo ou no mundo inteiro.

as grandes maravilhas (do mundo espiritual) revelaram-se no mundo humano externo. Tudo isso, contudo, não era suficiente, porque a qualidade humana ainda estava ativa no eu (auto consciência) com a cólera móvel. Era necessário que o estado humano fosse transmutado em estado celeste, e para isso não havia outro caminho senão que o nome de Jesus no amor divino e essencialidade celeste se entregasse totalmente para ser devorado pela cólera. Assim, o Filho foi obediente ao pai colérico, até mesmo na morte sobre a cruz”. (Signature, ii 12-17).

A morte física assim como a tentação do Redentor foi causada por Satã, que com esse propósito excitou a animosidade das autoridades mundanas e clericais contra o Senhor.

O Cristo disse que Ele era um rei do amor e Filho de Deus, tendo vindo para salvar o Seu povo do pecado. O demônio então, pensou que perderia seu reino e as autoridades pensaram: “Se este é um rei e filho de Deus, nossa supremacia estará perto do fim”; enquanto que o clero dizia a si mesmo: “Ele é insignificante demais para nós, queremos um Messias que nos dê poder temporal e glória; um que nos torne ricos no mundo e nos conceda altos postos na sociedade, para que todos tenhamos as honras deste mundo. Esse homem nós não queremos. Ele é pobre demais, e se o seguirmos perderemos o apoio das autoridades mundanas. Permanecemos em nossa glória e poder, e deixemos este rei entregue aos mendigos e com Seu reino de amor”. (Signature, X 78).

Através de Sua morte corporal, a cólera, ou aquilo que se encontrava em antagonismo à magnificência celestial, seria extraído do ser externo do Redentor.<sup>193</sup>

A vida-fogo humana existe no sangue, e ali governa a cólera de Deus. Portanto, um novo tipo de sangue, nascido da essência-amor de Deus, havia que ser trazido para o sangue humano colérico. Ambos, contudo, teriam que penetrar a cólera da morte, para que a cólera de Deus fosse extinta no sangue divino. Desta forma, a natureza humana externa havia que morrer em Cristo, a fim de não mais existir na qualidade da cólera, a fim de que o poder do sangue celestial, ou seja, o Verbo pronunciado pudesse por si só viver na natureza humana externa e governar em seu próprio poder divino no homem interno e externo; isso equivale a dizer que o sentido do Eu (o egoísmo ou ilusão do isolamento e separação) deixa de existir na humanidade; o Espírito de Deus deve ser tudo em tudo, e a personalidade apenas Seu instrumento vivente na humildade”. (Signature, II. 10).

“Na carne externa do Redentor encontrava-se a parte demoníaca, aquela que surgiu em Adão ao morrer para Deus. Ora, esse produto tinha que ser novamente recebido no amor de Deus, como Isaias afirmou sobre o Cristo: ‘Ele tomou todos os nossos pecados para Si’. O Adão amaldiçoado ficou pendurado na Cruz, como uma maldição, mas o Cristo o redimiu pela dor do sofrimento inocente e pelo derramamento de Seu sangue. O corpo de Adão morreu na Cruz e Cristo, nascido de Jesus e da semente santificada da mulher, o tingiu (abençoou) com Seu precioso sangue de amor”. (Stiefel, ii 494).

“Cristo, o homem interior, tomou nossos pecados para Si, e deixou o corpo, no qual havia derramado a maldição de Deus, pendurando na Cruz como uma maldição de Deus. Assim Ele morreu, e em Sua morte espalhou Seu sangue, o sangue do homem santo, na essência do homem externo, onde reside a morte. Mas quando seu sangue santo penetrou a morte (com a essência externa), então a morte se tornou terrificada diante da vida santa, e a cólera, terrificada diante do amor, e caiu em seu próprio veneno, como que morta ou aniquilada”. (Stiefel, II 205).

---

<sup>193</sup> Quando aquilo que é mortal no homem morre, aquilo que é imortal retorna à liberdade.

Através desta morte espiritual o Senhor se sacrificou inteiramente a Seu Pai celestial não só a vontade-própria humana (o que já havia alcançado na tentação), mas também Sua santa vontade-amor.<sup>194</sup>

“Quando o Verbo pronunciado de Deus na qualidade humana aprisionou-se no Redentor, a essencialidade que havia morrido em Adão, mas que se tornou novamente viva em Cristo, clamou juntamente com a alma: ‘Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonastes?’ Isso significa que a cólera de Deus havia penetrado, através da qualidade da alma, a imagem da essencialidade divina, e que havia absorvido a imagem de Deus, porque era essa a imagem da serpente na alma ígnea, a cabeça da cólera de Deus, para transformar seu poder ígneo na vida-sol eterna. Como uma vela se extingue ao queimar-se, e assim como desta morte surge a luz e o poder, da mortificação e da morte de Cristo havia que surgir o sol divino e eterno na qualidade humana. Assim, havia que morrer, neste caso, não só o egoísmo da qualidade humana, ou seja, a vontade-própria da alma com relação à (seu desejo pela) vida no poder do fogo, e se perder na imagem do amor; mas, essa mesma imagem do amor havia que penetrar a cólera da morte, a fim de que tudo mergulhasse na morte e através da morte e da humildade perfeita, e na vontade e misericórdia de Deus, surgisse novamente na substancialidade paradisiaca, a fim de que o espírito de Deus pudesse ser tudo em tudo”. (Signature, XI 87).

Em conseqüência do sacrifício de Sua vontade total, a vida-alma humana do Redentor não se tornou aniquilada, mas penetrou inteiramente a vontade divina.<sup>195</sup>

“A humanidade de Cristo se entregou como sacrifício à cólera do Pai, penetrando inteiramente em Seu fogo-essência; o amor-espírito de Deus venceu a essência colérica do fogo, de modo que esta não pode consumir a humanidade (a qualidade humana). Ele simplesmente retirou da humanidade sua vontade-própria, trazendo-a novamente para a vontade universal primordial, de onde a vontade foi originalmente concedida ao homem. A vontade humana veio novamente ao encontro da vontade do Pai, como se estivesse em sua primeira raiz (fonte ou origem)”. (Mysterium, XXXIX 24).

“A crença de que o Cristo teve uma morte natural em Sua qualidade humana não deve ser compreendida como se Sua alma criada houvesse morrido, e menos ainda que Ele houvesse perecido em Seu aspecto de ser divino, ou com relação à Sua essencialidade celeste e tinteira celeste. Ele morreu unicamente com relação à Sua eguidade, ou seja, com relação à vontade e regime do mundo externo que governava no homem. Ele morreu com relação à vontade própria e aos poderes próprios da eguidade criada. Ele entregou tudo isso inteiramente nas mãos do Pai, o fim da natureza, o grande mistério do Pai; mas não para que isso fosse a morte, mas para que o Espírito de Deus estivesse ali, com toda a sua vida, e o poder divino existisse na personalidade de Cristo”. (Signature, XII I).

Nem mesmo o ser externo do Redentor se perdeu através de Sua morte corporal, mas penetrou em sua verdadeira e exaltada substancialidade.<sup>196</sup>

<sup>194</sup> Assim, cada um deveria sacrificar a Deus todas as suas ações, pensamentos e vontade; não se deveria fazer nada fora de seu próprio poder, mas no poder de Deus (após conhecer esse poder). Como o corpo físico, exceto em caso de doença, (epilepsia, espasmos, etc.), não realiza nenhum movimento que não tenha sua origem na vontade do indivíduo, do mesmo modo o regenerado atua somente como lhe faz atuar o Deus em si. O homem mortal, pecador não pode realizar nada realmente bom por seu poder próprio; tentar tal coisa seria uma presunção e uma arrogância; pois tudo o que é bom pertence à Deus; o homem é um mero instrumento para o poder divino.

<sup>195</sup> Se a vontade-própria é inteiramente sacrificada pela vontade divina no homem, então a vontade do homem, através deste mecanismo, não se torna alienada, mas divina.

<sup>196</sup> Por mais gratificante que possa ser para o buscador curioso saber historicamente se tal evento realmente ocorreu, ou quando ocorreu na história da nação judaica, tal crença histórica teria pouca utilidade se não perceber em sua própria

“Quando o Cristo morreu, Ele não jogou fora o corpo que havia estado em Sua possessão sobre a terra, nem o deixou ser consumido pelos quatro elementos, mantendo (ou tomando) um corpo totalmente estranho (para a forma terrestre); Ele simplesmente repousou o sofrimento (a consciência exterior) deste mundo, e Se revestiu da imortalidade, a fim de que Seu corpo pudesse viver no poder divino, e não no espírito deste mundo”. (Three Principles, XXV 53).

“De fato, o Cristo assumiu a substância terrestre, mas em Sua morte, ou seja, como Ele superou a morte, o ser divino fez com que o estado terrestre desaparecesse tirando dele a sua supremacia. Não que o Cristo tenha colocado algo de lado (o que Ele não fez), mas aquele ser externo fora conquistado, e por assim dizer, consumido”. (Menschwerdung i 8 II).

“A verdadeira essencialidade em Cristo não afastou a consciência terrestre, mas a penetrou como senhor e conquistador. A verdadeira vida deveria ser a primeira a ser conduzida à morte e à cólera de Deus. Isso ocorreu na Cruz, ocasião em que a morte foi destruída e a cólera aprisionada e extinta pelo amor, conseqüentemente conquistada”. (Menschwerdung, IX 16).

“Quando Jesus venceu a morte em (Sua) humanidade e afastou o sentido do ego, Ele não descartou a qualidade humana, onde residia a morte e a cólera de Deus, mas as aceitou na plenitude de sua extensão; isso quer dizer, foi só neste momento que Ele extraiu o reino externo do interno”. (Signature, XI 41).

“A atividade externa e a vida sensível, onde a cólera de Deus estava queimando, morreram, mas não que se tornaram um nada, apenas descenderam ao nada; ou seja, neste caso, na vontade de Deus, em Sua ação e sentimento. Com isso, ela se tornou livre da vontade do mundo externo, cuja vontade é boa e má, e não mais viveu no mundo e nas constelações com os quatro elementos, mas buscou a natureza do Pai, no elemento puro e divino. Assim, a verdadeira vida humana veio novamente a ocupar a posição que havia sido perdida por Adão, e entrou novamente no Paraíso”. (Signature, XII 5).

O ser terrestre do Redentor foi santificado por Seu sangue celestial. E desta forma foi preparado para a ressurreição.<sup>197</sup>

“Quando o Cristo derramou Seu sangue celestial, o desejo ígneo aceso na humanidade transformou-se em desejo-amor, e da angústia da morte nasceu a alegria e a força do poder divino”. (Signature, XI 5).

“Quando o Filho de Deus derramou Seu sangue santo em Cristo, o veneno da cólera na carne, alma e espírito de Adão, que tomou para Si, foi santificado e transformado em amor. Assim, a inimizade cessou e Deus tornou-se Emanuel; ou seja, homem com Deus e Deus com o homem. Então a carne de Adão foi tingida e preparada para a ressurreição”.<sup>198</sup> (Stiefel II 209).

---

consciência interior que a morte de sua natureza mortal não pode causar nenhuma perda para aquilo que é imortal dentro dele.

<sup>197</sup> O corpo terrestre constitui aqueles elementos no homem terrestre que são a última expressão do que é sua forma visível. “Há dois seres (naturezas) no homem. A vida-espírito é direcionada interiormente, e a vida natural age numa direção exterior”. (Text. V. I).

<sup>198</sup> A “Carne de Adão” é tão invisível a nós como o corpo espiritual de Cristo. Aquilo que vemos com nossos olhos externos não passa de aparência.

Pelo poder da glorificação alcançada pelo Redentor através de Sua penetração na morte,<sup>199</sup> Ele superou o poder do inferno; isso proporcionou que a vida surgisse novamente da morte.

“É errôneo supor que a alma de Cristo havia deixado o corpo e descendido ao inferno, e que ali, havia, no poder divino, atacado os demônios, atando-os com correntes, destruindo com isso o inferno. É melhor compreender que no momento em que o Cristo prostou o reino deste mundo, Sua alma penetrou a morte e a cólera de Deus, e com isso a cólera foi reconciliada no amor. Os demônios e todas as almas descrentes na cólera foram aprisionadas em si mesmas, e a morte foi rompida; mas a vida floresceu através da morte”. (Three Principles, XXV 76).

“A morte estava lutando com o homem externo (com a vida do), pensando que agora, a alma deveria permanecer na Turba; mas havia um forte poder na alma, ou seja, o Verbo de Deus. Esse verbo capturou a morte e a destruiu, extinguindo a cólera. Trava-se de um grande veneno para o inferno quando a luz o penetrou, e o Espírito de Cristo aprisionou o demônio, conduzindo-o da alma-fogo para as trevas, trancando-o ali, na dureza colérica e no amargor”. (Forty Questions, XXXVII 13 – 15).

“Pelo poder da tintura celestial Deus acendeu o fogo que havia se tornado escuro na essência da alma, dali por diante, aquele fogo passou a queimar num poder limpo, branco e majestoso, na luz e glória, e a cólera de Deus foi extinta na essência da alma e foi feita amor”. (Tilk ii 259).

“A alma de Cristo veio com a luz de Deus para a cólera, e os demônios tremeram; pois a luz aprisionou a cólera, e Sua alma tornou-se um paraíso, enquanto que a cólera permaneceu no inferno. A luz encerrou o princípio do inferno, de modo que nenhum demônio tem a permissão de aparecer na luz. Mas isso ele também não vê, e a luz é seu terror e sua vergonha”. (Tree Principles, XXV79).

Como conseqüência da morte corporal de Cristo, os santos do passado que ansiaram por Sua vinda, alcançaram a ressurreição.<sup>200</sup>

“Os santos, que colocaram sua fé no Messias, receberam então o elemento puro para um novo corpo, de acordo com a promessa. Pois, como o herói prometido penetrou a morte através da vida, suas almas se revestiram do corpo de Cristo, como num novo corpo, e viveram Nele através de Seu poder. Eram eles os santos patriarcas e profetas, que neste mundo foram ungidos no poder do Verbo de Deus, esmagando a cabeça da serpente e quem, pelo poder do Verbo havia profetizado e realizado milagres. Eles tornaram-se vivos no poder de Cristo”. (Three Principles, XXIV 52).

“Os patriarcas judeus não conheceram o Cristo na carne, mas apenas em seu protótipo, e se revestiram unicamente do poder que possuíam, procedente do primeiro pacto incorporado e verbo; mas agora se revestiram em Sua substância, pois todos aqueles que colocaram sua fé Nele e se revestiram do pacto no espírito, nestes o pacto fora preenchido com substância celestial. Portanto, muitos se elevaram com Ele após a sua ressurreição, e se fizeram visto em Jerusalém, para testemunharem de que foram elevados em Cristo”. (Grace, X 45)

Esta conquista do inferno e da morte foi acompanhada por um certo fenômeno sobre a terra, indicando a aproximação da destruição de todo o mundo terrestre.

<sup>199</sup> Quando quer que a luz de Cristo na alma do homem penetra na fundação interior de sua vontade ígnea, essa vontade é transformada em doce amor, e a alma se desfaz dos laços do eu, penetrando a liberdade.

<sup>200</sup> Se a alma purificada do homem penetra a fonte divina de onde tem sua origem, trazendo com ela a luz que juntou em si durante sua existência terrestre, isso passa a ser como adicionar novo combustível ao fogo, e um novo esplendor de luz e glória irão ocorrer na alma do mundo.

“Como as prisões do mundo de trevas deveriam ser destruídas na morte de Cristo, a terra tremeu e o sol se tornou negro, simbolizando que, como a luz eterna havia renascido, a luz temporal havia que deixar de existir”. (Grace, VII 8).

“Quando a terra recebeu o sangue de Cristo, tremeu e chacoalhou, pois a cólera de Deus fora conquistada, e nela penetrou o sangue vivo, procedente do céu e da substancialidade de Deus”. (Menschwerdung, I 10).

“A cólera do pai havia que consumir a vida de Cristo, na morte; mas quando a cólera engoliu a vida na morte, a vida santa do mais profundo amor de Deus movimentou-se na morte e na cólera, engolindo a cólera. Então a terra começou a tremer, as pedras rolaram e as tumbas dos santos foram abertas”. (Mysterium, XXVIII 123).

“Depois que o Pai trouxe a alma do redentor, que havia penetrado Sua cólera, de volta ao amor, ou seja, na imagem do Paraíso, que havia desaparecido, o mundo tremeu no terror da morte, como se fosse um terror de alegria, alegria que penetrou os corpos mortos daqueles que haviam esperado pela vinda do Messias, e os despertaram para a vida. Foi esse mesmo terror que rasgou a cortina do Templo, ou seja, o véu de Moisés, pendurado diante da clara face de Deus, a fim de que o homem não visse à Deus”. (Signature, XI 71).

O corpo no qual o próprio Cristo surgiu dos mortos era paradisíaco e divino, não podendo ser apreendido por nada de natureza terrestre; mas como o corpo terrestre havia sido absorvido ali, o Senhor podia se fazer visível a Seus discípulos.<sup>201</sup>

“O corpo no qual o Cristo surgiu dos mortos não podia ser detido por pedras ou lápides. Ele passa por todas as coisas sem nada quebrar; ele se apodera deste mundo, mas este mundo não pode apreendê-lo. Nada o pode fazer sofrer, pois nele encontra-se toda a plenitude da Divindade”. (Three Principles, XXV 87).

“Não havia necessidade de remover uma pedra para liberar o corpo do Senhor da tumba. Isso ocorreu unicamente para mostrar aos judeus a tolice de imaginarem poder brechar Deus, e também para os discípulos de pouca fé, para que pudessem ver que Cristo havia verdadeiramente se elevado”. (Three Principles, XXV 85).

“Embora o Cristo nem sempre caminhava visivelmente entre os discípulos, Ele freqüentemente se mostrava visível, tangível e substancialmente a eles, na forma do corpo que havia ocupado sobre a terra, e o qual o novo corpo havia absorvido, tendo o poder de representar novamente”. (Three Principles, XXIV 97).

O Céu que o Redentor penetrou após a Sua ressurreição é a plenitude do poder divino, por meio da qual Ele é Senhor sobre o mundo terrestre e sobre o mundo do inferno.<sup>202</sup>

“O fundamento interno deste mundo, onde os quatro elementos tiveram sua origem, é o céu, e neste poder interno o Cristo rege como verdadeiro Deus e Homem no mundo externo. Ele diz: ‘ A

<sup>201</sup> Nenhum corpo físico, no qual o homem interior encontra-se aprisionado, como numa tumba, oferece obstáculos para que o prisioneiro escape, após ter se elevado das trevas da ignorância para a luz do auto-conhecimento espiritual. A visão interior da alma será aberta e a rocha será afastada. Então o homem interior poderá sair e visitar os discípulos.

<sup>202</sup> O homem, tendo se tornado um com o Cristo na Humanidade, irá necessariamente participar de seus poderes na Divindade. A vontade do Pai é a sua, e no Filho ele governa como um Senhor sobre o reino espiritual, e através do mundo interno sobre o externo.

mim foi dado todo o poder sobre o céu e sobre a terra’, e também, ‘Eu estou com vocês todos os dias até o fim do mundo’; além do mais, é dito sobre Ele: ‘Ele governará sobre Seus inimigos até serem esmagados sob Seus pés’, tudo isso se refere a Seu reino interno; Ele governa o interior acima do externo e terrestre, acima do mundo infernal”. (Baptism, ii I 29).

A história encontrada na Bíblia sobre a vida do Cristo e sobre os milagres que realizou, é uma descrição do processo que ocorre na vida interior do regenerado. Em Jesus Cristo observamos o antítipo daquele que é o único Redentor do mundo, como um todo, e de cada individual separado. Cada objeto ou pessoa que vemos no mundo nada mais é do que um símbolo de idéias existentes; cada evento que ocorre na vida externa é um resultado de forças invisíveis atuantes. A correção histórica das ocorrências descritas na Bíblia pode ser questionada, mas o que descrevem são fatos conhecidos daqueles que os experimentaram. A verdade da religião de Cristo não depende da verificação de eventos históricos externos; O verdadeiro Cristianismo não está baseado nem no conhecimento cosmológico, nem histórico, mas no amor.

“O *fundamento* mais interno no homem é Cristo; mas não de acordo com a natureza humana do homem, mas segundo a natureza de Cristo, a qualidade divina em Sua essência celestial, a qual Ele regenerou. O segundo *fundamento* é a alma, ou seja, a natureza eterna, onde o Crksto (a luz) se revelou; e o terceiro *fundamento* é o homem exterior, proveniente do *limus* da terra com as estrelas e os quatro elementos. No primeiro fundamento está a vida ativa do amor divino; no segundo fundamento está a vida-fogo natural da alma criada, onde Deus é chamado de Deus ígneo; e no terceiro, está a criação de todas as qualidades nas quais Adão permaneceu na temperatura, e que foi objetificada na queda”. (Grace, IV 37).

“Cristo significa um penetrador; o ato de afastar o poder da cólera; a iluminação das trevas pela luz; a transmutação (na alma do homem), pela qual a satisfação do amor rege sobre o brilho do fogo em seu aspecto colérico; a superioridade da luz sobre as trevas”. (Signature, VII 32).

O “Cristo amor” significa simplesmente amar a luz divina da sabedoria e da verdade, e é praticada obedecendo-se à lei divina.<sup>203</sup>

### **CAPÍTULO XIII**

### **REGENERAÇÃO**

“Tu és um mestre de Israel, e nada sabe sobre estas coisas?” (João, III, 10)

“Todo aquele que me segue, negue-se a si mesmo, tome sua cruz diariamente, e siga-Me”.

(Lucas IX, 23).

Nenhum homem pode alcançar o auto conhecimento espiritual sem ser espiritual, pois não é o homem intelectual quem conhece o Espírito, mas o divino Espírito é o que alcança o auto conhecimento no homem.

<sup>203</sup> “Por que a alma se atormenta e luta em seu próprio poder e vontade, aumentando com isso sua tortura? Quanto mais ansiosa for, maior será sua dor, e não pode alcançar repouso algum. Uma planta que está morrendo não passa a florescer e a obter a seiva por poder próprio; do mesmo modo, a alma não pode, por si mesma, assegurar o reino de Deus. Nada pode fazer senão abandonar sua vontade própria egoísta; com isso, sua qualidades demoníacas se enfraquecem, e sua vontade retorna aquela de onde emanou no princípio. Neste ponto, Deus irá enviar Seu amor supremo ao seu encontro; aquele amor que foi revelado na humanidade, em Jesus Cristo”. (Illumined Soul, 46).

“O Cristo disse: ‘A menos que vos torneis como as crianças, não verás o reino de Deus’; Disse também: ‘Quem não nascer da água e do Espírito, não poderá entrar no Reino de Deus’ (João 3,5); pois aquele que nasce da carne é carne, e o que nasce do Espírito é espírito’. Na Bíblia é mostrado, claramente, que o homem natural, carnal, não concebe o Espírito de Deus. Esse Espírito é para ele uma tolice, e ele não pode compreendê-lo”.

“É evidente, e não necessita de mais provas o fato de que somos todos feitos de carne e sangue, e que somos mortais. No entanto, nos é ensinado que somos templos do Espírito Santo, que habita em nós. Também nos é ensinado que o Cristo deve tomar forma em nós, e que Ele nos dará a Sua carne como alimento e o Seu sangue como bebida. Ele diz que aquele que não come da carne do Filho do Homem não terá a vida eterna. Portanto, devemos refletir seriamente que tipo de homem há dentro de nós mesmo, similar a Deus e capaz de tornar-se divino”. (Regeneração, I).

“Pois, aquilo que é feito de carne mortal irá retornar a terra. Nela reside a vaidade deste mundo. A carne deseja o que não é de Deus, e não pode ser considerado um Templo do Espírito Santo. Muito menos pode ocorrer ali uma regeneração espiritual da carne terrestre, porque ela morre e se dissolve, e é morada dos pecados. Mas o verdadeiro Cristão nasce de Cristo, e aquele que é regenerado é um templo do Espírito Santo que habita em nós”. (Regeneração, i).

Para compreender o processo de regeneração espiritual do homem é inútil se apegar meramente à crença histórica de um Cristo que supostamente morreu para pagar nossos débitos a um Deus colérico. É necessário comer a carne e beber o sangue do Cristo vivo dentro de nós, ou seja, devemos permitir que nossa alma seja preenchida pela substancialidade divina do corpo de Cristo, e experimentar o poder paradisiaco de Cristo.

“Para se produzir um verdadeiro Cristão, não basta satisfazer-se com uma crença meramente histórica e científica, no Filho de Deus, que um dia viveu sobre a terra. Não seremos recompensado por uma espécie de Deus externo, que nos atribuirá retidão, por conta de nossa confissão em tal crença; mas, o reconhecimento da verdade divina deve nascer e ser recebida dentro de nós de forma pueril. A carne está condenada à morte, e temos que nos tornar como uma criança que nada sabe, mas que se apega (instintivamente) a mãe que lhe deu à luz. Da mesma forma, a vontade do Cristão deve morrer para a sua vontade própria e auto afirmação, tornar-se como uma criança em Cristo. Então, se a vontade e o desejo da alma é dirigido unicamente à sua fonte, irá surgir do espírito de Cristo uma nova vontade e obediência na justiça divina, a partir da morte da vontade-própria; não mais será uma vontade pecadora”. (Regeneração, i).

Para formar uma correta concepção sobre a regeneração do homem, e do tipo de ser que deve se trazer à vida dentro de nós; precisamos aprender a conhecer o que é eternidade e tempo, luz e trevas, bem e mal, e especialmente a origem e a geração do homem. Encontraremos então que o homem possui um aspecto tríplice. Em um aspecto ele habita continuamente no céu, e é um membro do corpo de Cristo; num outro aspecto, ele está sujeito aos poderes das trevas, e num terceiro aspecto é feito de carne mortal. No entanto, não há três homens em um ser humano, ele é apenas um.

Em nenhum lugar é dito que Deus é um templo do homem, e que podemos Nele entrar com nosso egoísmo humano, por mais refinado que o egoísmo possa ser. A regeneração espiritual do homem ocorre pelo poder divino de Deus que penetra e se torna auto consciente no homem, de modo que todo o seu ser fica repleto de Deus, assim como as trevas são preenchidas pela luz.

“Observamos o mundo eterno com suas estrelas e os quatro elementos onde vivem os homens e todas as criaturas. Isso não é Deus, e não é chamado de ‘Deus’. Deus habita ali, mas a

essência do mundo externo não O compreende. Da mesma forma, a luz brilha nas trevas, e as trevas não a compreende”.

“Deus habita no mundo e preenche todas as coisas; no entanto, Ele nada possui. A luz habita nas trevas, mas não a possui; o dia habita na noite e a noite habita no dia, o tempo na eternidade e a eternidade no tempo; o mesmo ocorre com o homem. Ele próprio é o tempo, e vive com ele segundo seu aspecto externo; é desta mesma forma que o mundo externo existe no tempo; mas o homem interior é eternidade, mundo e tempo espiritual, tal como é criado na luz, de acordo com o amor de Deus, e nas trevas de acordo com Sua cólera. Seu espírito vive naquele princípio que nele está manifestado, seja nas trevas, seja na luz. Cada um deles habita em si mesmo; nenhum deles possui o outro; mas, se um penetra o outro e deseja possuí-lo, este o outro irá perder sua supremacia e poder. Se a luz se manifesta nas trevas, então as trevas deixam de ser trevas; e se as trevas surgem na luz, então a luz e seu poder serão extintos. As trevas eternas da alma constituem o reino do inferno; a luz eterna na alma é seu céu. O homem, portanto, é criado e vive nos três mundos. Um é o mundo das trevas eternas que surge do centro da natureza – natureza eterna – onde nasce o fogo como o tormento eterno; o outro mundo, é o da luz eterna, onde reside a alegria e o Espírito de Deus. É neste mundo de luz que o espírito de Cristo assume substancialidade humana. O terceiro mundo onde vive o homem, e do qual foi gerado, é o mundo visível externo, com seus quatro elementos, e as estrelas visíveis”. (Regeneração, i).

Pode surgir a questão: “Como o homem pode realizar o processo de regeneração espiritual?” A resposta é: o homem, não sendo um deus, nada pode conseguir por sua própria vontade e poder; isso só pode ser alcançado pela desmerecida graça de seu deus interior. Ninguém pode lhe dar algo que ele não possua; nenhum homem pode atrair para si o brilho do sol, através do exercício de sua vontade. Tudo o que o homem pode fazer é implorar os poderes recebidos de Deus a fim de que não haja impedimento criado por sua vontade-própria que possa evitar a ação do Espírito Santo em sua própria alma. Para conseguir tal coisa ele deve elevar-se, por ajuda do Espírito divino dentro de si, acima dos elementos inferiores de sua própria natureza, rendendo toda sua vontade-própria a Deus, e praticar o que está expresso no significado original da palavra “ORAÇÃO”.<sup>204</sup>

“A regeneração espiritual, não depende de aprendizado ou conhecimento científico; é preciso haver uma intensa e poderosa sinceridade, uma grande fome e sede pelo Espírito de Cristo. A ciência pura não é fé; a fé é uma intensa fome e sede por aquilo que desejo, de modo que se forma numa imagem dentro de mim, e pela avidez de minha imaginação torna-se minha propriedade. Essa fome e desejo moldam a substância de Cristo, sendo ele a substância celestial, na imagem enfraquecida, onde a palavra do poder de Deus é a vida ativa”.

“Se, então, a alma participa deste alimento celestial, ela é acesa pelo grande amor que habita no nome Jesus. Sua angústia se converte em grande alegria e um sol real surge dentro dela, enquanto se torna regenerada em uma outra vontade. Ocorre então o casamento do Cordeiro, do qual os cristãos da boca para fora, falam sem nada compreenderem”. (Regeneration, IV).

“No nome de Jesus, Deus abriu para nós a porta de Seu ouvido; podemos ouvir a Deus realmente falando em nós; em Sua misericórdia Ele fala através deste portal aberto do pensamento. A alma, também fala com Deus através desta porta e durante esta conversa interior ela é nutrida, restaurada, iluminada e renovada pelo pronunciamento de Deus”. (Prayer, XXXI).

<sup>204</sup> Na língua alemã a palavra Gebet (oração) origina-se da palavra geben (dar), e significa, portanto, uma dádiva ou sacrifício a Deus. Não implica no oferecimento de pedidos egoístas ou pedidos pessoais. Contudo, se nos entregamos completamente a Deus, e por Ele somos aceitos, nos tornamos então parte de Deus, e conseqüentemente um participante de Seus poderes divinos. Seria fácil oferecer nossos próprios desejos, se neste estado divino houvesse espaço para desejos pessoais de qualquer espécie.

“Para que a alma receba um real benefício e proveito da oração, então sua vontade deve se afastar de todas as criaturas e coisas terrestres e permanecer pura diante de Deus. Que a carne com seus desejos não co-opere (na oração) a fim de que os desejos terrestres não sejam introduzidos no efeito divino na alma”. (Prayer, XXXIV).

“Cada oração que não encontra e toma o que pede é fria e insípida, obstruída por coisas temporais terrestres; ou seja, a alma não se aproxima de Deus em pureza. Ela não deseja sacrificar a si mesma inteiramente à Deus, mas busca os amores terrestres que a mantém aprisionada, não podendo alcançar o reino de Deus”. (Prayer, XVIII).

Nenhum homem pode orar verdadeiramente em espírito e em verdade por seu poder próprio; só o que é divino pode relacionar-se com o Divino. A oração não é um mero desejo ou petição, mas uma ação dentro do poder do Deus Onipotente.

A oração é a união com Deus efetivada pelo sacrifício da vontade pessoal. Ela é, portanto, a única “Yoga Prática”, que merece séria atenção.<sup>205</sup>

“A vontade necessária para realizar a oração é fraca na medida em que estiver em nosso poder o fato de orarmos ou não, mas se ela atua pelo poder divino ela se torna desperta, ígnea, e cheia de desejo. Dentro deste desejo o próprio Deus está atuando. Assim, o homem fala com Deus em verdade, e Deus fala em verdade com a alma do homem”. (Prayer, XXIX).

“Aquele que verdadeiramente ora co-opera com Deus internamente, enquanto que externamente produz bons frutos”. (Prayer, XXIV).

“A mera repetição de palavras, sem a exaltação do pensamento e do desejo divino é unicamente algo externo. Nada agrada a Deus exceto aquilo que Ele próprio faz”. (Prayer, i 2).

O Cristo diz: “Nem todos os que dizem, Senhor! Senhor! Irão entrar no reino do céu, mas aqueles que fazem a vontade de meu Pai que está no céu”. É evidente que nenhum ser inferior ao Pai no céu possa fazer a vontade do Pai, porque ninguém pode fazer a vontade do Deus a menos que esteja em posse da vontade de Deus, e, portanto ser um com Deus. Assim, aquele que quer orar verdadeiramente ou praticar “Yoga” deve entrar no céu, ou seja, no estado celeste da vontade.

A nova vida que corresponde ao homem através de sua regeneração no poder da fé e oração não é um mero espírito, mas corporal e substancial. O “corpo da ressurreição”, mesmo que invisível aos olhos mortais, é muito mais durável e indestrutível que qualquer forma física imaginável.

“Enquanto o Cristo se alimenta da fé e da oração de nossa alma, a fé humana, juntamente com a oração e o louvor a Deus, torna-se corporal na palavra do poder; esse novo ser passa a ser um com a substância da corporeidade celestial de Cristo, o corpo eterno de Cristo”. (Mysterium, LXX).

“A pobre alma aprisionada, encerrada nas trevas da morte, é um fogo mágico faminto, que atrai da encarnação de Cristo, a substancialidade reaberta de Deus, e deste engolir ou nutrição, produz um corpo similar ao da Divindade. Assim, a pobre alma será revestida com um corpo de luz, comparável ao fogo de um pavio”. (Cartas, XI 21).

---

<sup>205</sup> A verdadeira oração é trazer a vontade, o pensamento e a palavra para dentro de um indivíduo, pelo poder do Espírito Santo.

“O novo homem não é um mero espírito, mas vive na carne e no sangue, comparável ao ouro na rocha, que não é apenas espiritual, mas possui um corpo; não só um corpo como o da pedra densa, mas um corpo que pode suportar o teste do fogo”. (Menschwerdung, I 14).

A criação deste novo corpo é o princípio de união do homem com a glória divina, mas não é a sua perfeição. O processo de regeneração, como aquele da regeneração física, tem seus estágios de desenvolvimento. Após o batismo pela “água”, segue o de “sangue” e finalmente o de “fogo”.

“Através da introdução da vontade divina o homem reúne-se a Deus e renasce em sua natureza emocional. Ele começa a morrer com relação ao egoísmo do falso desejo (dentro dele) e a se regenerar em novo poder. Ainda há a qualidade carnal atraída a ele, mas no espírito ele caminha com Deus; desta forma, nasce no homem de carne terrestre um novo homem espiritual com percepções divinas e com uma vontade divina, matando dia após dia, a luxúria da carne, e pelo poder divino, começa a render o mundo, ou seja, a vida externa; Ele começa a fazer com que o céu, ou o mundo espiritual interior, se torne visível no mundo externo; Deus torna-se homem e o homem Deus, até que a árvore, finalmente, atinja a sua perfeição, quando a casca externa irá cair, e ela aparecerá como árvore espiritual da vida no jardim de Deus”. (Mysterium, Supplement, VIII).

Este embeber do “Elixir da Vida” nenhum homem pode alcançar por seu próprio poder mortal. Tudo o que pode fazer é colocar-se receptivo ao poder divino. O resto é feito pelo Espírito de Deus.

A nova vida do regenerado está exposta a grandes perigos, continuamente, durante toda a existência terrestre; esses perigos procedem de três fontes: do egoísmo da natureza humana, do demônio (vontade má) e dos desejos da carne e do sangue mortais.

“Ninguém deve se imaginar seguro após ter obtido a coroa de pérolas, pois pode perdê-la novamente. A alma, durante sua vida terrestre, está acorrentada por três temerosas correntes. Primeiro pela severa cólera de Deus, o abismo e as trevas do mundo, que é o centro da vida criada da alma, cuja raiz mais íntima é o desejo. A segunda corrente é a ânsia ígnea do demônio pela alma, que tenta a alma e busca, incessantemente, tirá-la do repouso da verdade divina para cair na vaidade, no orgulho, na avareza, na inveja e na raiva; através destas propensões malignas, ele procura ventilar o fogo na alma, a fim de que se afaste de Deus e penetre o egoísmo. Mas a terceira e mais perigosa corrente é a do corpo e do sangue, corruptíveis, fúteis, terrestre e mortal, cheios de desejos e inclinações malignas, juntamente com a região astral (plano astral), onde, como num grande oceano, a alma está flutuando, o que a faz ser, diariamente, inflamada e infectada pelo pecado”. (Three Principles, XXV 7).

Há um perigo contínuo para a alma de afundar-se novamente na raiz ácida de sua existência, e ao mesmo tempo de se expor às agressões do demônio.

“Se uma pessoa está na ansiedade do inimigo, e a picada da morte e da raiva move-se dentro dele, tornando-o avarento, invejoso, raivoso e irritável, não se deve permanecer na essência maligna; é preciso parar, considerar e atrair (da fonte eterna) uma outra vontade, ou seja, a vontade de sair da malícia e penetrar na liberdade de Deus, onde há perpétuo repouso e paz. Se sua angústia provar da liberdade, então a tortura da angústia ficará terrificada, e neste terror de morte, será destruída; pois esse terror serve de grande satisfação e consiste num assassinar a vida de Deus. Por esse intermédio, o ramo de pérolas aparece, e o homem permanece numa alegria trêmula, mas também em grande perigo, pois a morte e a tortura da angústia são sua raiz; do mesmo modo, a angústia na natureza externa possui a qualidade que sai do demônio, ou seja, da angústia nasce grande vida. Da natureza, por exemplo, um belo ramo verde cresce, tendo, é claro, uma

constituição, um odor e um estado diferente (de vida) daquele que o produziu” (Menschwerdung, XI 8).

“A pobre alma está tão cega que nem mesmo reconhece as pesadas correntes às quais está atada. Todo o mundo está cheio de armadilhas arrumadas pelo demônio, com o propósito de capturá-la. Se o homem exterior tivesse seus olhos (espirituais) abertos, ficaria aterrorizado. Tudo o que o homem vê ou toca, ali há uma armadilha do demônio, e se o Verbo do Senhor, tendo se tornado humano, não estivesse ocupando o meio, o demônio capturaria e devoraria todas as almas”.<sup>206</sup> (Menschwerdung, XI 6).

“Enquanto o homem terrestre viver a alma estará em contínuo perigo, pois o demônio tem uma inimidade com ela, lançando seus raios com uma falsa imaginação no espírito das estrelas e dos elementos; ele alcança, assim o fogo-alma, e deseja envenená-la com um desejo terrestre e demoníaco. A nobre imagem deve, neste caso, (na consciência interna do homem) levantar-se em defesa; muita luta pela coroa dos anjos se faz necessária, e sempre surge ali, dentro do velho Adão, dúvidas e descrenças”. (Menschwerdung, XI. 6).

“Mesmo depois que a jóia preciosa é semeada, ela não se torna imediatamente uma árvore. O demônio, frequentemente, sopra sobre ela, desejando exterminar a semente de mostarda. A alma tem que enfrentar muitas tormentas. Normalmente ela se engana com o pecado, e tudo parece estar contra ela. É preciso lutar continuamente contra o demônio. Então a árvore de pérola irá crescer como a relva na tempestade e na chuva; mas quando ela cresce e dá flores, se pode ter a certeza de obter os frutos”. (Three Principles, XXIV 37).

A nova vida do Espírito desenvolve-se no ser mais interior, e o homem terrestre é simplesmente penetrado pela luminosidade divina.

“Não é a alma mortal, mas a alma interior (espiritual) do eterno Verbo de Deus a que se casa com Sophia. A alma exterior está casada com a constelação (funções mentais) e elementos. Essa alma externa raramente lança um só olhar para a Sophia, pois contém em si a morte e a mortalidade. Passado este tempo ela deve ser novamente transformada na primeira imagem que Deus criou em Adão”. (Mysterium, Lii 13).

“Enquanto a casa mortal existe, nossa alma não habita na fonte de Deus, de modo a apreender essa fonte em si mesma. O sol brilha através de um vidro, provendo-o de luminosidade; no entanto, o vidro não se torna o sol. Ele simplesmente permanece (por um tempo) na luz e poder do sol, que brilha em sua substância e através de sua substância. O mesmo ocorre com a alma em seu estado terrestre”. (Mysterium, L ii 3).

“Assim como o fogo queima no ferro quente, os raios do Espírito Santo, às vezes, penetra o outro princípio; ou seja, o novo homem penetra o novo. Mas como o ferro, seja dentro ou fora da forja, sempre será ferro, o mesmo se passa com o homem terrestre. Sem dúvida, ele tem que se tornar um servo do homem interior, sempre que este o penetre com seu fogo divino incandescente; o homem espera que isso ocorra, uma vez que este queimar do fogo está dentro dele, mas ele não consegue transformar-se em reino interior. ‘A carne e o sangue externos não herdarão o reino dos

---

<sup>206</sup> Seria útil lembrar aqui que se uma pessoa não consegue perceber esses perigos do demônio que espreitam em todas as coisas, seria tolice imaginar todo tipo de perigos em sua própria fantasia, com a qual só pode criar inúmeros temores e perplexidades, tornando-se com medo do mundo, ao invés de se tornar superior a ele. O ponto principal daquele que busca a iluminação divina, é, e sempre será, colocar seu “ponto de gravitação” na auto-confiança divina, e aquele que encontrou sua verdadeira dignidade e humanidade em Deus é superior ao demônio, e não há nada no universo que pudesse lhe causar medo.

céus’, disse o Cristo. Eles irão dissolver-se, como a casca do grão semeado num campo” (Stiefel, i 24).

É muito raro, mas especialmente no momento da regeneração, ocorre no ser humano a viva sensação de uma existência celestial.

“Que ninguém pense que a árvore da fé Cristã possa ser vista ou conhecida no reino deste mundo. O homem externo não a reconhece, e mesmo que o Espírito Santo se manifestasse no espelho exterior, a vida externa tornar-se-ia satisfeita e tremeria de prazer, e pensaria ter recebido o convidado esperado; ela então acreditaria, ainda que não ocorra ali uma duração perfeita; o Espírito de Deus não permanece constantemente na mente terrestre. Ele quer ter um vaso limpo, e sempre que retorna a seu princípio – sendo este a verdadeira imagem – o ser externo torna-se duvidoso e cheio de medos”. (Menschwerdung, CXI 8).

“A alma coloca sua grinalda, mas ela é novamente retirada e colocada de lado. O mesmo ocorre com a coroa de um rei, que posteriormente é mantida num tesouro. Isso ocorre com a alma porque ela ainda está rodeada pela casa do peado, de modo que, se ela cair novamente, sua coroa não se solidifica”. (Repentance, i 27).

O primeiro e maior perigo para o ser recém-nascido, surge do orgulho; como ilustra o Novo Testamento, pois tão logo o Salvador recém-nascido é colocado numa manjedoura, entre o boi do egoísmo e o asno da ignorância, num estábulo, representado pela constituição animal do homem, o rei do orgulho (Herodes) vê seu reino ameaçado e manda matar a criança, que governaria a nova Jerusalém na consciência do homem.<sup>207</sup>

“As crianças iluminadas de Deus são amedrontadas por grandes perigos; muitas das que desfrutaram da grande visão da santidade de Deus, nas quais o triunfo da vida é alcançado, a razão carnal se espelha ali e busca introduzir seu egoísmo no centro interior, de onde a luz brilha. Disso resulta o orgulho miserável e o auto conceito; a razão egoísta – sendo, mais que nada, um reflexo da luz eterna – fantasia ser mais do que isso. Ela pensa agora poder fazer o que quer, e que, o que quer que faça, é a vontade de Deus fazendo por ela, acredita ser um profeta. No entanto, ela não penetra lugar algum, senão com seu próprio ser, e se movimenta com seu próprio desejo, através do qual o *centrum naturae* logo começa a aparecer. Surge então, o demônio da bajulação e o homem se torna embriagado pelo auto conceito, persuadindo a si mesmo que é Deus quem o compele a agir de tal forma. É assim que ele arruína o bom princípio, durante o qual a luz de Deus começa a brilhar na Natureza, e a luz de Deus o abandona. Nada fica, senão a luz da natureza exterior na criatura, mas o convencimento se manifesta e fantasia ser ela a luz original recebida de Deus”.<sup>208</sup> (Calmness, i 8).

O estado velho e terrestre e o estado novo e celeste habitam juntos na constituição humana, e isso, necessariamente, causa dentro do regenerado uma contínua batalha durante a duração desta vida terrestre. Essa batalha entre a consciência baixa e elevada, entre os desejos terrestres e a satisfação celestial, é experimentada por todos, mas é especialmente marcada naqueles que, por causa do alto grau de espiritualidade, a sensibilidade espiritual é mais marcante.

“Não é na essência terrestre que Deus se manifesta em nós, mas na verdadeira imagem que se desperta em Adão; mas o externo agarra-se ao interno, o homem interior manifesta o mistério

<sup>207</sup> Veja “Jehoshua, the Prophet of Nazareth”.

<sup>208</sup> O intelecto humano, em sua relação com o espírito divino, pode ser comparado à lua que recebe sua luz do sol. Em ambos os casos, o primeiro é apenas um reflexo, enquanto que no segundo repousa a verdadeira luz. Assim, há muitos que confundem o reflexo com a verdadeira luz e suas fantasias com a sabedoria de Deus, e daí surge o autoconceito que nunca é mais repulsivo do que se encontrado entre aqueles que se gabam ao dizerem-se servos de Deus.

divino, e o externo manifesta o mistério externo ou o espelho das maravilhas. Disso resulta a batalha no homem recém-nascido. O novo homem quer ser o senhor, pois percebe o mundo divino; mas o homem terrestre se opõe e também quer reinar, pois percebe o mundo externo”. (Forty Questions, XVII 14).

“A causa do antagonismo entre a carne e o espírito pode facilmente ser encontrada; o espírito interior tem o corpo de Deus, nascido da doce essencialidade, e o espírito externo tem o corpo do espírito ígneo da cólera, que busca, continuamente, a cólera despertada; ou seja, as grandes maravilhas que estão no Arcanum, na inflexibilidade da alma. O amor-espírito interior protesta e não irá deixar o espírito externo surgir e incendiar a alma; pois isso seria perder sua própria felicidade e forma, que seriam destruídas pela cólera”. (Forty Questions, XVII 14).

“Há dois tipos de vontade a serem distinguidas na constituição do homem. Uma surge com o lírio e cresce no reino de Deus; a outra afunda nas trevas da morte e desejos pela terra, sendo ela sua mãe. Essa irá lutar contra o lírio, constantemente, e o lírio voa para longe de sua aspereza. Um broto cresce da terra, e assim a substância da qual é formada voa da terra e é atraída para a luz do sol até se tornar uma planta ou uma árvore. Então o Sol divino atrai o lírio humano, ou seja, o novo homem em seu poder, fora da substância do demônio, até que ele finalmente se torne uma árvore no reino de Deus. Ele deixa a árvore má ou a casca cair na terra, sua mãe que tanto busca, para deixar crescer a nova árvore”. (Menschwerdung, XI 8).

As árvores não crescem no ar, mas requer o solo negro e o adubo, a fim de se enraizar e extrair os nutrientes da terra; da mesma forma, o homem interior necessita do exterior, a fim de adquirir experiências e auto conhecimento.

“Na pedra bruta pode-se encontrar o ouro precioso em crescimento, e a aspereza da pedra auxilia o seu crescimento, embora a aspereza não seja como o ouro. Do mesmo modo, o corpo terrestre deve auxiliar na geração do Cristo em si, mesmo que aquele corpo não seja o Cristo, e nunca será o Cristo na eternidade”. (Grace, VIII 94).

“Somos de natureza terrestre, mas também possuímos uma existência celeste dentro da terrestre. Durante nossa vida temporal, uma se mistura à outra, mas não atuam uma na outra; cada uma é meramente a habitação da outra, assim como no caso do ouro na pedra. A pedra não é o ouro, simplesmente seu veículo. A aspereza da pedra não é o que produz o ouro, o que é feito através da tintura do sol atuando ali”.<sup>209</sup> (Menschwerdung, i 14).

Nesta luta entre a natureza celeste e terrestre não precisamos ser agressivos, mas ficarmos na defensiva. Isso significa que é inútil resistir ao mal ou combatê-lo se mantendo no mesmo nível que ele. Nos livramos do conflito quando nos elevamos acima do lugar da batalha; essa elevação se consegue quando nos entregamos ao Supremo; usando outras palavras, quando conquistamos a carne, quando nos sacrificamos ao espírito eterno em Cristo.

“O homem adâmico pode viver no paraíso segundo o elemento interior, desenvolvido em sua mente, isso não permite que ele seja afetado pela malícia e o entrega completamente ao coração

<sup>209</sup> Há muitos “Cristãos”, “Budistas” e companhia, que imaginam poderem manter o auge da perfeição livrando-se do corpo físico. Alguns chegam a ponto de questionarem a existência da alma. Com certeza, a divindade *per se* não requer nem um corpo físico, nem uma alma para ser auto-existente e eterna; mas o homem precisa de tudo isso para fazer com que a luz da Divindade se revele em nele. Sem isso, o homem, mesmo que continuasse a existir, seria inconsciente de sua existência; um espírito que nada conheceria ou experienciaria sobre isso. A imortalidade não é alcançada apenas por fantasiar-se imortal; tampouco pode haver satisfação para o homem acreditar que Deus é imortal enquanto for um descrente. Gautama não teria se tornado um “Buda”, ou seja, uma alma iluminada, se não tivesse em posse de uma alma que pudesse ser iluminada. Essa alma divina é o corpo de Cristo.

de Deus. É neste momento que a virgem que há no elemento interior o recebe e ilumina seu coração, a fim de que ele domine o corpo Adâmico”. (Three Principles, XV 20).

“Estamos sempre expostos às tentações, mas podemos ser vitoriosos em Cristo, o conquistador, pois Sua alma é nossa alma e Sua carne é nossa carne, provando que nele confiamos e a Ele nos entregamos inteiramente, assim como o Cristo rendeu-Se totalmente a Seu Pai”.<sup>210</sup> (Forty Questions, i 10).

Mais fácil ainda é superar o desejo pelo mal do que destruí-lo depois que seja incorporado pela realização.

“O desejo é a introdução (da vontade) em algo, e do desejo resulta a formação de um ser corpóreo (no plano astral). Ali está oculta a fonte do pecado. É muito mais fácil afastar o desejo do que destruir o corpo (formado pela ação). Isso é muito difícil. Portanto, é aconselhável que se volte os olhos para longe dos maus desejos, para que a tintura (o princípio da vida) não penetre a essência e a mente não seja preenchida por eles, pois é através da mente que o desejo se torna substancial, o que exigirá uma ruptura (forçada)”. (Three Principles, XX 28).

“Muito mais fácil é destruir o desejo do que destruir depois a substância com grandes dores. Se a vontade livre, já no começo (de um desejo) destrói o desejo, a fim de que ele não se torne substancial, então o médico (para a cura da doença) já nasceu, não haverá a necessidade de grande empenho, como é preciso para aquele que quer sair da companhia de monstros que ele mesmo criou, a fim de destruir o ser que ele trouxe à forma dentro de sua própria alma”.<sup>211</sup> (Mysterium, XXIV 25).

Se os homens reconhecessem sua verdadeira natureza como veículos do espírito divino, veriam o quão tola é a ânsia por tudo o que é agradável e útil unicamente do ponto de vista material, sem benefício ao espírito. Do ponto de vista espiritual, os prazeres externos, nada instrutivos, não são apenas desperdícios, mas um real impedimento para a aquisição de nosso tesouro permanente; pois, ao estreitar os laços que unem o homem à matéria perdemos a ligação que nos conecta ao céu.

“É uma grande tolice para o homem anelar o que não é seu (mas sim um mero atrativo para o ser com o qual está ligado durante sua carreira terrestre), e introduzir em seu desejo aquilo que o infecta de doenças, e que por último lhe conduz para longe de Deus, excluindo-o em corpo e alma de seu estado celestial”. (Mysterium, XXIV 16).

“Aquele que deseja tornar-se mestre de si mesmo e um cidadão celeste, não deve dormir muito, nem encher o abdômen com grandes quantidades de comida e bebida, onde os elementos do

<sup>210</sup> Exatamente a mesma idéia é expressa no Bhagvad Gita, onde o homem é aconselhado a buscar compreender que é um com Krishna, e que quando compreender, não mais será um participante, mas apenas um observador, na batalha, a qual não diz respeito à Divindade em si, seu ser real. Nenhum homem pode, contudo, identificar-se através de seu poder humano com Krishna ou com o Cristo; isso sempre requer a presença e o poder do próprio Cristo ou Krishna. Em outras palavras, requer, como expressou Boehme, “a graça de Deus”, que, pode ser encontrada em qualquer pessoa que pare de desejar o mal”. (Mysterium, LXI 57). Boehme diz: “Nenhum homem pode se fazer filho de Deus, mas pode se lançar inteiramente num estado de completa obediência à Deus. Então Deus fará dele Seu filho. Ele deve estar morto (para todo o sentido de eu), então Deus no Cristo irá viver nele”. (Tilk i. 398). “Nenhum homem pode por seu próprio poder elevar-se na luz que se encontra extinta em sua vontade, mas pode entrar no terreno que produz a luz, onde não estão ocultos nem o bem, nem o mal, porque ele próprio é essa fundação (causa). Se ele então, em sua imaginação, afunda-se no abismo, ele então já está lá, e nesse abismo está sua pérola (a jóia celestial)”. (Graça, II 43).

<sup>211</sup> Isso pode ser expresso em outras palavras dizendo que o desejo faz surgir a formação de um pensamento, e que este pensamento torna-se vivo pela vontade, e obtém substancialidade e o direito de viver ao ser atuado externamente. É mais fácil evitar criar tal Elemental do que matá-lo após ter sido criado; porque tal ser é parte de nosso próprio ser, e sua destruição envolve sofrimento.

demônio começam a se qualificar; ele deve ser equilibrado, sóbrio e desperto, como um guerreiro diante do inimigo, pois a cólera está sempre contra ele, e ele já tem muito que fazer para se defender (sem criar obstáculos artificiais)”.(Six Theosophical Points, X 23).

“O comer demais e a intoxicação causam o pecado, porque a vontade pura que emana do fogo-vida fica aprisionada e afogada no desejo, o que torna o homem impotente na batalha”.<sup>212</sup> (Six Theosophical Points, CXI 29).

Como o poder do homem interior sobre o homem exterior cresce, o primeiro muda as qualidades do segundo até certo ponto. No entanto, o corpo físico não pode ser completamente transformado no corpo espiritual de Cristo, já que é grosseiro demais para tal propósito. Enquanto ele existir no mundo físico, será queimado pelas substâncias físicas.

“Devemos morrer continuamente em Cristo e continuamente matar o homem do pecado dentro de nós, a fim de que o novo homem possa viver; mas não podemos destruir completamente o primeiro; podemos meramente mantê-lo aprisionado, derramando sobre sua essência ígnea água da humildade de Deus”. (Stiefel, i 63).

“A vontade, quando reta, é fé, e como tal pode dar ao corpo uma nova forma, de acordo com o espírito externo; pois o homem interior é o senhor do exterior; este tem que obedecer o primeiro, e o interior pode colocá-lo sob nova forma, mas não permanentemente”. (Forty Questions, VI 10).

“Se o homem penetra a regeneração ele pode ser bem sucedido na subjugação do homem externo, de modo que esse faça o que não deseja, porque o primeiro tira a força do segundo, e o penetra; mas como o ouro numa pedra bruta, e a aspereza da pedra não se torna ouro, o homem terrestre não se torna Deus”. (Stiefel, i 59).

“O homem interior mata continuamente o exterior através do amor e doçura de Deus, a fim de que o externo não possa introduzir na alma-fogo seu desejo terrestre venenoso, que está infectado pelo demônio; mas o homem exterior não pode ser inteiramente destruído, pois se isso ocorresse o reino deste mundo o deixaria inteiramente”. (Stiefel, i 51).

“Mesmo que o Cristo nasça em nós, não podemos dizer: ‘Eu sou o Cristo’, pois o homem externo não é o Cristo. Honestamente só podemos dizer: ‘Estou em Cristo, e Cristo tornou-Se humano em mim’”. (Stiefel, i 54).

A grande maioria das pessoas não percebe o homem interior, ou tem dele uma vaga e nebulosa imagem; alguns se apercebem das qualidades divinas do homem interior e desejam entrar em harmonia com elas, mas geralmente são poderosamente atraídos pela vida exterior em sua constituição, e não sabem como superar o homem de carne, exterior e pecador.

“Algumas vezes, uma pessoa é tão mal constituída externamente, pelas influências das estrelas, que estão fadadas a passarem por muitos problemas. Parar e refletir faz com que o indivíduo penetre em si mesmo e se abstenha do pecado. No entanto, não se sabe como se livra do malicioso homem exterior”. (Three Principles, XX 83).

Observamos na natureza externa que quanto mais o sol e a chuva favorecem o campo, mais rica será a vegetação que ali crescerá, não só quanto as plantas boas, mas também quanto as

---

<sup>212</sup> É bom lembrar que não basta ter um conhecimento teórico das inúteis atrações materiais para curar o desejo por elas. Aqui, como em outros casos, não pode haver verdadeiro auto-conhecimento exceto daquilo que surge das experiências práticas.

nocivas. Assim, o poder do sol espiritual, atuando na alma do homem, fará com que os germens brotem e cresçam, sejam eles bons ou maus. Por esse motivo, as pessoas dotadas de grandes poderes espirituais, algumas vezes, inclinam-se para as más práticas, enquanto outros levam uma vida abençoada, meramente porque não possuem virtudes ou poderes algum dentro de si, nem para o bem, nem para o mal.

“Muitos santos dirigidos pelo Espírito de Deus saíram deste estado de submissão, de volta para o egoísmo; ou seja, para seu próprio raciocínio e vontade própria”. (Calmness, i 34).

Durante nossa vida terrestre não é possível nos livrarmos inteiramente do velho e pecaminoso Adão, mas é preciso tentar viver acima de seu plano; isso significa dizer, que devemos manter nosso ponto de gravitação em Deus.

“A vida do homem, durante a presente existência, é como uma roda viva; de repente ela vira para cima o que estava para baixo. A vida se inflama em cada substância e com isso se corrompe; mas, se purificada na água da humildade, onde se movimenta o coração de Deus e sai de onde está, sua vida-fogo pode envolver a substância celestial”. (Six Mysterious Points, ii 13).

“Nossa vida deve ser um arrependimento constante, pois é também uma contínua corrente de pecado. Na verdade, o nobre ramo de lírios, recém nascido em Cristo, não peca; no entanto, o homem terrestre peca em corpo e alma, e busca destruir a nobre flor”.<sup>213</sup> (Stiefel, XI 537).

“Um verdadeiro Cristão abomina a vontade da carne e a rejeita. Ele é, constantemente, seu próprio acusador, e considera-se indigno, e de todo coração desejará penetrar a misericórdia de Deus. Nunca irá dizer coisas do tipo, ‘Sou um Cristão’; lutará para penetrar a misericórdia de Deus e desejar Sua graça, a fim de se *transformar* num verdadeiro Cristão. Toda sua vida é um arrependimento contínuo, sempre desejando alcançar a graça divina, na medida em que essa graça o alcança”. (Communion, IV 27).

Nenhum Cristão deve contemplar sua própria santidade, ou fantasiar ser melhor do que os outros; antes, deve reconhecer sua própria indignidade, e lamentar o estado pervertido de si mesmo e da humanidade como um todo.

“Ninguém deve querer conhecer seu estado de santidade enquanto viver neste mundo, mas continuar extraindo a seiva de Cristo de sua própria árvore, permitindo que ela dê os ramos ou brotos que escolher”. (Stiefel, CXI 345).

“Um Cristão sincero, nada quer saber sobre sua própria santidade; ele só vê suas imperfeições, nas quais o demônio batalha contra ele. Suas imperfeições estão sempre diante de si, mas sua santidade ele não conhece enquanto viver nesta terra. Essa santidade encontra-se oculta pelo Cristo, aos pés de Sua Cruz, a fim de que o demônio não a perceba”. (Threefold Life, XV).

“Um Cristão real ama a verdade e a justiça e odeia a hipocrisia”. (Communion, IV 228).<sup>214</sup>

<sup>213</sup> O verdadeiro “arrependimento” não consiste em fingir estar arrependido por conta das conseqüências que se espera dos pecados cometidos no passado, ou em preocupar-se como o que foi feito e não pode ser desfeito, enquanto que, talvez, o coração busque ainda pecar novamente; mas consiste em afastar-se do que é pecaminoso e demoníaco, e tomar a firme resolução de sacrificar e render o ser, as faltas e tudo, à vontade imutável de Deus. (Compare *O Verdadeiro Arrependimento*, i).

<sup>214</sup> Nenhum homem pode compreender verdadeiramente sua própria indignidade enquanto a luz não se tornar ativa em si.

A vida espiritual e interna, recém nascida, é beneficiada pela conturbação e pelo sofrimento.

“Para o piedoso, a luz surge das trevas e o dia da noite. Para eles a fortuna resulta do infortúnio, e da maldição e da malícia deste mundo cresce para eles o paraíso. São Paulo diz: ‘Para aqueles que amam à Deus, tudo acontece para o melhor’”. (Mysterium , LXVI).

“Sempre que Deus conduz seus filhos para a turbulência e a angústia, eles ali estão para produzirem um novo ramo na árvore da fé. Sempre que o Espírito de Deus aparece apresenta um novo crescimento, do qual a nobre imagem é extremamente satisfeita”. (Menschwerdung, CXI 8).

As condições pelas quais o homem é envolvido durante sua vida terrestre podem impedir que o efeito de seu desenvolvimento espiritual seja plenamente manifestado durante esse tempo, mas na hora da morte do corpo físico, quando os obstáculos apresentados pela carne desaparecem, então o homem interior irá apreciar suas perfeições.

“O reino celeste nos santos é ativo e consciente em sua fé, por onde sua vontade se integra a Deus; mas a vida natural é cercada pela carne e pelo sangue e está relacionada, ao contrário, à cólera de Deus. Assim, a alma está sempre na angústia quando o inferno precipita-se sobre ela, desejando nela se manifestar; mas ela mergulha na esperança da graça divina, e permanece como uma bela rosa entre os espinhos, até que na morte do corpo o reino deste mundo dela se afasta. Só então, quando não há mais nada que a obstrua, ela será plenamente manifestada no reino de Deus”. (Supersensual Life, XXXIX).

O objetivo de nossa vida deveria ser o de morrer continuamente com relação ao nosso egoísmo humano, e viver unicamente no amor de Deus, trabalhando em Seu serviço. Assim, nossa atividade será abençoada.<sup>215</sup>

“Não me alegro por viver em meu próprio senso do eu, mas porque no meu eu estou na morte de Cristo e estou morrendo perpetuamente, e desejo morrer inteiramente com relação ao meu egoísmo, e viver inteiramente em Deus, a fim de nada ser, senão um instrumento de Deus, e não querer saber mais nada sobre meu eu (separado)”. (Stiefel, XI 527).

“Onde quer que o eu não habite, ali habita o amor. Na tranquilidade do fundo da alma, onde ela morre para si mesma, e onde ela nada deseja senão o que Deus deseja (nela), ali reside o amor. Na medida em que a vontade própria morre, a mesma medida é ocupada pelo amor. No lugar onde antes se encontrava a vontade própria, agora não há nada, e toda vez em que não houver nada, só ali estará ativo o amor de Deus”. (Supernatural Life, XXVIII).

“Um verdadeiro Cristão sabe ser um servo de Deus, cujo dever é atender às Suas obras, apropriadamente. Ele não é propriedade seu, e o corpo terrestre que habita, não é seu verdadeiro lar. Ele pode buscar, plantar, cultivar, lutar e agir como quiser, mas está sempre consciente de que faz aquilo para Deus, e que terá que prestar contas sobre isso. Ele deve lembrar-se sempre que entre essas obras é um estranho, uma visita, um servo”. (Signature, XV 44).

---

<sup>215</sup> Não podemos trabalhar a serviço de Deus sem morrer para o nosso egoísmo humano. “Trabalhar a serviço de Deus” não significa que, por exemplo, “Eu sacerdote, mestre ou escritor, e tudo mais, em minha personalidade humana, considerada algo separado e distinto de Deus, poderia com minha esperteza humana render algum serviço a um deus exterior, ou agradá-lo, ou aconselhá-lo no que fazer”; mas é o próprio Deus quem presta serviço a Ele mesmo através de nossa instrumentalidade; isso prova que se elevando acima de toda concepção do ser e da personalidade, nos identificamos com Ele. Por essa razão toda arrogância e pretensão clerical, através da qual se assume uma autoridade à parte daquela de Deus, a quem proferem servir, é repulsiva ao instinto religioso do homem.

“Aquele que espera realizar algo bom e perfeito, onde possa regozijar-se eternamente e disso desfrutar, que saia de seu egoísmo e vontade-própria e penetre a submissão na vontade de Deus. Mesmo que o desejo terrestre pelo egoísmo o perseguir em sua carne e sangue, se sua vontade-alma não é infectada por aquele desejo do eu, tal eu não será capaz de produzir nada; pois a vontade interna da alma, repousando na submissão de Deus, destrói continuamente a essência da auto afirmação, e desta forma a cólera de Deus não pode alcançá-la. Se a cólera atingisse a essência, então a vontade submetida surgiria ali com seu poder, e permaneceria ali, firme, diante de Deus, como um produto da vitória que irá herdar a infância”.<sup>216</sup> (Calmness, XI I).

É evidente que nenhuma posse terrestre, de qualquer espécie, irá beneficiar o espírito, mas a aquisição de tais possessões não será um obstáculo para ela, desde que a possuamos, e não permitimos ser por ela possuídos.

“Cara alma, se desejas a luz de Deus, e também a luz deste mundo, se desejas alimentar seu corpo (e mente), e (ao mesmo tempo) busca os mistérios de Deus, faça aquilo que o próprio Deus faz. Um olho de sua alma olha a eternidade, o outro a natureza. Esse busca continuamente no desejo e cria um espelho atrás do outro. Que assim seja. Assim deve ser, pois Deus assim o quer. Mas o olho voltado para a eternidade não pode se voltar para o desejo (longe de Deus); é através dele que se busca virar o outro para si mesmo, e não deixá-lo se desviar de ti; ou seja, não deixe ele se afastar do olho que mira a liberdade. Coloque sua vontade naquilo que está fazendo, lembrando de que é um servo da vinha de Deus; quer dizer, do Eterno; mergulhe sua vontade a cada instante na humildade diante de Deus; então sua imagem irá caminhar na humildade com sua vontade na majestade de Deus, e será iluminada perpetuamente pela triunfante luz de Deus”. (Forty Questions, XII 28).

Todas as fortunas e infortúnios terrestres com as quais podemos nos deparar, não dizem respeito ao eu divino real, mas apenas à personalidade com a qual estamos conectados durante nossa vida terrestre. Essa personalidade nos é dada, a fim de adquirirmos experiência, seja ela boa ou má, e, portanto, devemos estar sempre satisfeitos e permanecermos conectados em Deus.

“No fim, todas as coisas devem ser uma e a mesma coisa para o homem. Ele deve ser um com a fortuna e com o infortúnio, com a pobreza e com a riqueza, com a alegria e com o pesar, com a luz e com as trevas, com a vida e com a morte. O homem passa então a ser um nada para si mesmo, pois está morto com relação a tudo em sua vontade. Deus está em tudo e através de tudo, e, no entanto, Ele é um nada, e nada pode compreendê-Lo. Tudo se torna manifestado através Dele, e Ele próprio é tudo. No entanto ele nada tem (objetivamente), porque aquilo que está diante Dele, nada é em sua compreensão, pois não O compreende. Este será o estado de uma pessoa segundo sua vontade submetida, caso ela se renda totalmente à Deus. Então sua vontade irá recuar para a vontade insondável de Deus, de onde surgiu no princípio, adquirindo a forma da vontade insondável, onde Deus reside e realiza Sua vontade”. (Mysterium, LXVI).

“A vontade, entregue a Deus diz: ‘Senhor, se é Vosso desejo que eu esteja na prisão ou na miséria, assim desejarei estar. Se me levas ao inferno, convosco irei, pois Vós estais no Céu. Se eu tiver unicamente a Vós, porque me preocuparia com o céu ou com o inferno? Mesmo que meu corpo e minha alma pereçam, em Vós devo permanecer e Vós em mim. Ao Vos possuir, tenho tudo o que quero. Usa-me segundo a Vossa vontade’. (Mysterium, LXVI).

---

<sup>216</sup> Se os santos ou “adeptos” são sempre referidos como “filhos”, isso não é apenas uma figura de expressão, sem sentido, mas tem um profundo significado; pois ninguém pode herdar o reino do céu, ou seja, o autoconhecimento divino, a menos que se torne como uma criança que de si mesmo nada sabe no reino do espírito.

Ao conquistar o desejo terrestre e entrar na submissão de Cristo, alcançamos o poder interno sobre a natureza externa, primeiro sobre nós mesmos e depois sobre a natureza “de fora”, estando essa, afinal, com Deus, nosso próprio eu divino.

“Se teu domínio sobre todas as criaturas é apenas exterior (através de meios externos), sua vontade encontra-se numa qualidade animal, e teu governo é do tipo exterior, lidando apenas com formas. Seu desejo será então levado para uma essência animal, que irá te infectar e capturar, e irás receber qualidades animais. Mas se deixares aquilo que está relacionado unicamente com a forma, serás superior a ela, e capaz de governar sobre todas as criaturas, no fundamento, onde foram criadas”. (Supersensual Life, VIII).

“Se não permitires que nada penetre teu desejo, serás livre de todas as coisas e terás poder sobre todas elas. Não terás nada em tua receptividade, e serás como um nada para todas as coisas, e todas as coisas serão como um nada para você, no mesmo sentido que Deus governa sobre todas as coisas e tudo vê; mas, não há nada que o compreenda”. (Supersensual Life, IX).

“Por teu próprio poder não há como manter a tranqüilidade, que nenhuma criatura pode alcançar. Deves te entregar completamente à vida de nosso Senhor Jesus Cristo, oferecendo a Ele toda tua vontade própria e desejo, a fim de que não desejes nada fora Dele. Estarás então neste mundo e em suas qualidades, no que concerne ao teu corpo. Com tua vontade estarás nos pés da Cruz de Cristo, e com tua vontade irás caminhar no céu, no ponto de onde surgem todas as criaturas, e para onde todas retornarão”. (Supersensual Life, IX).

O corpo celestial é formado de corpo terrestre. Não há regeneração depois que o corpo morre.

“A alma propriamente dita não é nada corporal; mas o corpo na tintura cresce tanto celestial como infernal. Não é um corpo tangível, num aspecto externo, mas um corpo de poder; o corpo de Deus; o corpo celeste de Cristo”. (Forty Questions, VII 18).

“Após esta vida não há regeneração, pois os quatro elementos com seus princípios já partiram”. (Threefold Life, i I).

## **CAPÍTULO XIV**

### **MORTE E VIDA ETERNA**

“A morte mística é o princípio da vida eterna”

O Homem é um produto dos três mundos. Seu espírito pertence a Deus, sua alma pertence à constelação dos elementos astrais e seu corpo pertence aos elementos do plano terrestre. Em cada um destes aspectos, ele participa dos atributos do princípio do qual se originaram. Como um espírito ele é, tem sido e sempre será, imortal; e ainda está no céu, de onde nunca partiu. Como um produto do plano astral, ele está sujeito às condições ali existentes, enquanto que sua forma física deve se dissolver novamente nos elementos aos quais pertence. O estado próprio do homem será um dos três, aquele com o qual ele mais se identifica.

“Deus quis manifestar-Se nos três princípios, mas a ordem não permaneceu como havia sido originalmente instituída. O meio foi para o exterior, e o exterior para o meio. Essa não é a ordem da eternidade, e, portanto os princípios externos e internos devem ser separados”. (Threefold Life, XVIII 3).

“A vida que recebemos no corpo de nossa mãe pertence unicamente ao poder do sol, das estrelas e dos elementos, que não só organizam o corpo da criança, dotando-o de vida, mas que também o trás à luz, o nutre e o acompanha durante toda a duração desta vida. São esses elementos que distribuem fortuna ou infortúnio, e finalmente o faz morrer e decompor-se”. (Three Principles, XIV 4).

“Observe o que você é. Pó da terra; um corpo. Tua vida está sujeita às estrelas e aos elementos. São eles que te governam segundo suas qualidades, dotando-o de talentos e ciências; mas quando o tempo e constelação sob os quais foi concebido e nascido chega ao fim, então eles irão te abandonar”. (Menschwerdung, XI 6).

“As essências corporais retornam a terra; o espírito elemental, o ar, retorna ao ar; a água e o sangue são recebidos pela água e terra (verrestres), e do homem externo nada fica. Ele deixa de existir. Ele teve um início e um fim”. (Threefold Life, XVIII 8).

“Na morte os quatro elementos separam-se do elemento único. Então a tintura, junto com a sombra daquilo que constituía o homem, dirige-se ao éter e permanece com a raiz daquele elemento que originou os elementos, e do qual emanaram”. (Three Principles, XIX 14).

Após a morte da forma física o homem ainda permanece um ser de aspecto binário; a saber, como um espírito celestial, de acordo com o princípio divino em nele (do qual ele pode ou não estar consciente); em segundo lugar, como um ser suprasensorial, mas ao mesmo tempo material, de acordo com seu corpo astral. Cada uma dessas essências gravitam agora no plano a que pertencem, segundo suas qualidades. Desta tendência dupla, mas oposta, resulta a ruptura ou divisão da alma e do julgamento.

“Quando uma pessoa neste mundo morre aparece diante do anjo que em sua espada carrega a morte e a vida, o amor e a cólera de Deus. Ali sua alma passa pelo julgamento, nos portais do paraíso. Se foi capturada pela cólera de Deus, não será capaz de passar pela porta, mas se é uma criança da virgem, nascida da semente da mulher (celestial), então ela passará. O anjo irá cortar de sua natureza, aquilo que fora gerado pela serpente, e a alma irá então servir a Deus em seu santo templo no Paraíso, esperando ali pela ressurreição de seu corpo<sup>217</sup> (celestial)”. (Mysterium, XXV 2).

Durante sua existência terrestre o homem pode permanecer consciente nos três mundos, e pelo poder da vontade que é dotado, penetra tanto em um como nos outros; mas depois que ocorre a separação do corpo e da alma, ele pode continuar a existir como uma individualidade apenas em um destes mundos, seja no reino da luz divina ou no poder do fogo; pois, junto com seu corpo físico ele perde o poder de auto governo. Ele não mais pode seguir sua vontade própria, mas tem que ir onde gravita.

“Há três princípios na constituição do homem, cada qual pode ser desenvolvido durante sua existência terrestre; mas depois que o corpo estiver desorganizado, ele vive então em um princípio e não pode envolver o outro. Na eternidade, ele deve permanecer no estado de consciência que adquiriu aqui”. (Three Principles, Supplement, X).

---

<sup>217</sup> Seria desnecessário dizer que isso não deve ser tomado num sentido externo ou superficial, como se a alma estivesse esperando pela ressurreição daquele corpo físico já decomposto e incorporado a outros organismos, segundo seus elementos constituintes; ms como todos os outros escritos de natureza oculta, isso deve ser tomado num sentido espiritual interno, o qual devemos buscar com o espírito e não com o cérebro céptico. Refere-se ao desenvolvimento do terceiro princípio, o qual permanece latente na alma durante este estado.

“Não há três almas separadas no homem, mas apenas uma. Essa alma permanece em três princípios, ou seja, no reino da cólera, no reino do amor de Deus e no reino deste mundo. Quando o ar do reino externo deste mundo deserta a alma, ela se manifesta ou no obscuro reino do fogo ou no santo reino da luz, que é o reino do fogo-amor, o poder de Deus. Seja qual for o plano com a qual ela se envolveu durante sua existência terrestre, ali ela permanece depois que o reino externo a deixa”. (Mysterium, XV 24).

Durante sua vida terrestre o homem pode viver tanto no céu como no inferno, ou sair de um destes estados e entrar no outro, porque pode governar sua vontade através de seu intelecto; mas após a morte do corpo a função do cérebro necessária para esse fim, não mais existe, e a alma não é capaz de mudar sua vontade. A alma, portanto, torna-se inteiramente absorvida naquele princípio que obteve poder de governo dentro de sua própria natureza. Por essa razão, é de extrema importância para o homem buscar desenvolver durante sua vida terrestre o amor de Deus, ou seja, a apreciação do ideal e da vontade de perceber tudo o que é nobre e bom em sua alma, de modo que sua vontade atue como uma estrela guia na eternidade.

“O homem já está no céu o no inferno, neste mundo, onde quer que esteja corporalmente. Se seu espírito está em harmonia com Deus, ele estará então espiritualmente no céu e sua alma encontra-se em Deus. Se ele espiritualmente habita a cólera, então já está no inferno e em companhia dos demônios”. (Aurora, XX 86).

“Aqui na vida da alma está o equilíbrio. Se ela é má, pode renascer no amor; mas quando o equilíbrio é rompido e o ângulo é virado, então ela estará naquele princípio que nela prevalece”. (Forty Questions, XXIII 10).

“Durante sua vida terrestre a alma pode mudar sua vontade, mas após a morte do corpo nada permanece no seu poder através do qual possa mudar sua vontade”. (Tilk i 267).

“O que quer que a alma receba em sua vontade. Durante sua vida terrestre, e seja com o que for que ela se envolva, isso irá levar com sua vontade após a morte do corpo; ela não pode mais se livrar disso, pois ela nada mais tem do que aquilo em que se meteu, e que agora constitui seu próprio ser. Mas durante a vida terrestre ela pode destruir aquilo em que envolveu sua vontade”. (Threefold Life, XII 25).

Se durante a vida terrestre a vontade da alma tornou-se anti-Cristã – quer dizer, pervertida numa espiritualidade maligna – então a natureza má da alma também será pervertida e anti-Cristã, e essa essência pervertida irá manifestar-se na outra vida como uma forma e um poder para o mal.

“Enquanto uma pessoa permanece numa vontade estranha a sua verdadeira natureza, e não quer ser curada, penetrando o Verbo santo, esse ser estranho vai tomando substância e mantendo a essência celestial na sujeição; essa permanece aprisionada após a morte e não pode alcançar o reino de Deus, e disso resulta a morte eterna”. (Mysterium, XXIV 13).

“Cada um precisa simplesmente examinar sua própria qualidade e ver em que direção é carregado pela sua vontade. Então saberá a que reino pertence e se é realmente um homem (na imagem de Deus), como ele fantasia ou pretende ser, ou uma criatura do mundo de trevas, um cachorro raivoso, um pavão vaidoso, um macaco luxurioso ou uma cobra venenosa. Se, então, a essência dos quatro elementos o deixarem na morte, nada irá permanecer com ele senão a consciência interna, má e envenenada”. (Six Theosophical Points, VII 37).

Por causa da falta de plasticidade do material que compõe o corpo físico, as características animais predominantes em tais pessoas nunca se tornam completamente expressas em sua aparência externa durante sua vida terrestre; mas a alma é mais plástica, e é uma expressão e produto do caráter interno, ela irá, após a morte do corpo, assumir a forma daquele animal ou monstro cuja característica é nela dominante.

“Se o espírito permanece não regenerado com seu princípio original, então irá aparecer na ruptura da forma tal criatura correspondente à qualidade da vontade (caráter) adquirido durante a vida terrestre. Se, por exemplo, durante a vida se tem a invejosa disposição de um cão, rancoroso com tudo e com todos, então este caráter do cão irá encontrar sua expressão numa forma correspondente após a morte do corpo; pois de acordo com isso, a alma (animal) toma (assume) sua forma, e esse tipo de vontade permanece contigo na eternidade, pois as portas das profundezas que levam à luz de Deus são então fechadas diante de ti”.<sup>218</sup> (Three Principles, XVI 50).

Se a alma é desprovida de luz divina as quatro qualidades inferiores da natureza eterna tornar-se-ão ativas, atormentando-a de várias formas.

“Se durante sua vida terrestre, não iluminastes tua alma e o espírito eterno dado a ti pelo bem supremo, na luz de Deus, a fim de que o espírito renasça naquela luz, na substancialidade divina, então a alma no *Mysterium* irá retornar ao centro da natureza, e penetrar na qualidade da angústia das quatro formas inferiores da natureza eterna. Ali ela estará na companhia de todos os demônios, e será obrigada a devorar aquilo que movimentou”. (Menschwerdung, XI 6).

“Se a alma-fogo não se tornou substancial no Espírito de Deus, nem buscou esta substância em seu desejo, é então um fogo negro, queimando em grande angústia e terror, pois há em sua constituição apenas as quatro qualidades inferiores da natureza. Se a vontade nada tem do poder divino da verdadeira humildade, não poderá haver em nela penetração da vida através da morte; a alma fica como uma roda viva furiosa, buscando continuamente elevar-se, enquanto se afunda cada vez mais do outro lado. Há neste estado, com certeza, uma espécie de fogo, mas não uma combustão, pois ali governa uma severa dureza e amargor. O amargor busca o fogo e quer aumentá-lo; mas a acidez o mantém aprisionado, o que resulta uma terrível ansiedade que assemelha-se a uma roda viva, girando perpetuamente em torno de si mesma”. (Forty Questions, XVIII 14).

“As quatro formas do estado original da natureza são a fonte da angústia universal. Cada pessoa sente isso, segundo a qualidade de sua *Turba*, cada um de um jeito. A alma avarenta, por exemplo, sofre de frio; a alma raivosa, de calor; a alma invejosa experimenta o amargor; a vaidosa permanece continuamente voando e caindo num abismo”. (Forty Questions, XVIII 21).

Além do mais, há na consciência da alma a memória dos feitos passados, dos mal feitos, e a reprovação daqueles a quem feriu; e como numa condição subjetiva, todas essas imagens subjetivas são vistas objetivamente, a alma vive nas misérias que criou. Além disso, o curso dos vivos (sendo projeções da vontade) alcançam a alma e a fazem sofrer.

---

<sup>218</sup> Não há animais suficientes no mundo para representar todas as combinações de mau caráter que se pode formar dentro da alma humana; nem poderia estas formas monstruosas existir no plano físico, por conta das leis fisiológicas e anatômicas; mas no mundo demoníaco, onde o elemento humano mistura-se com a essência animal, todos os tipos de monstros, meio humanos, meio animal, pode ser encontrado. Os horrores do inferno não são, portanto, meras invenções de poetas e visionários, mas não há razão para que realmente não existam. Certamente, do ponto de vista do espírito divino, todas as formas são ilusórias, e enquanto o homem estiver enraizado neste espírito eles assim as reconhecerão; mas para o descrente são horríveis realidades, tão reais como as imagens do mundo terrestre.

“Todos os pecados são objetivos para a alma em sua tintura. Se ela se lembra do reino dos céus – o qual, é claro ela não vê, nem conhece – ela percebe a causa de seu sofrimento; pois ela própria criou estas causas. Há em sua tintura todas as lágrimas daqueles que feriu e elas são ígneas, agudas, queimantes e corrosivas e causam um desespero eterno nas essências, e uma vontade inimiga para com Deus”. (Three Principles, XIX 24).

“Ali o mestre irá que prestar contas a seus servos, caso tenha dado a eles mau exemplo, conduzindo-os ao caminho do erro. Então a pobre alma irá gritar de desespero contra seu mestre; pois tudo isso é objetivo diante dela na tintura”. (Three Principles, XXIV 30).

“Se um descrente deixou para traz um grande rastro de falsidade e engano, a tintura do inferno será invocada sobre sua tumba, e seu curso penetrará sua alma. Esse (curso) ele terá que engolir; pois, esse é o seu alimento, enviado a ele pela vida. Enviar tais cursos, contudo, não cabe aos filhos de Deus; pois, cursando outro caminho, o homem lança sementes no inferno – na cólera de Deus. Que todos fiquem alerta, pois irá colher aquilo que semeou”. (Forty Questions, XXIV 4).

Durante a vida terrestre a voz da consciência pode ser arrastada no turbilhão da vida externa, e a coleção de maus feitos desviar alguém permitindo que fique imerso nos prazeres sensuais; mas, após a morte não mais depende da vontade da alma se lembrar ou não do passado, e seu remorso é intensificado, enormemente, pela ausência de todas as distrações externas. Além do mais, o desejo de satisfazer seus maus instintos ainda existe nela, mas não há meios para tal satisfação.

“Durante a vida terrestre o descrente sente a presença do inferno dentro de sua falsa consciência, mas ele não o compreende; pois ainda vive na vaidade terrestre, onde se distrai, e o qual lhe proporciona prazer e luxúria. Além do mais, sua vida externa está em posseção da luz da natureza externa, e sua alma revela-se ali; de modo que a dor interna não pode se manifestar. Mas quando o corpo morre, a alma não mais desfruta de tal proteção e dos prazeres temporais. Somado a isso, a luz externa terá sido extinta. A alma entra numa eterna ânsia pela vaidade à qual cedeu durante sua vida na terra; mas ela nada pode reter além de sua própria falsa vontade concebida. Ela agora possui muito pouco daquilo que antes possuía tanto, e com o que tampouco estava satisfeita. Ela certamente cometeria mais mal, mas não tem como realizá-lo, e assim ela interpreta esse papel dentro de seu próprio ser”. (Supersensual Life, XXXIX).

Agora a alma descrente está preenchida com sua própria infâmia, e não há espaço nela para o poder salvador da fé.

“Os próprios pecados do homem, sua depravação e vícios ao rejeitar a Deus, constituem seu inferno-fogo, que o atormenta eternamente. Seu escárnio está agora diante de seus olhos, e ele não se atreve a deixar nem mesmo um bom pensamento penetrar sua alma; pois o bem é para ele como um anjo, e por causa de sua grande fraqueza não pode tocá-lo com sua alma, muito menos vê-lo através dela; só lhe resta engolir seu escárnio, juntamente com todos os seus vícios e pecados para sempre dentro de si mesmo, o que lhe causa um desespero eterno”.<sup>219</sup> (Three Principles, XXIV 29).

“Os descrentes são livres. Nada os aprisionam. Eles podem cair o quanto quiserem; sempre haverá um abismo e uma escuridão, e eles estão sempre no mesmo lugar. Quanto mais longe desejem ir, mais fundo irão cair, no entanto, não chegarão a lugar algum, pois não há fundo, nem fim”. (Forty Questions, XXXIV 5).

---

<sup>219</sup> A palavra “eternamente” não se refere a uma sucessão de períodos de tempo sem fim, mas a um estado em que não existe a concepção de tempo.

Cada ser só pode viver naquele elemento ao qual pertence. Um peixe sofre no ar e um homem, embaixo d'água. Do mesmo modo, a luz divina de Deus é dolorosa para os demônios no inferno, e aparecem para eles como um aspecto raivoso.

“Deus também habita no abismo da alma descrente; mas ele não é reconhecido por ela de outra forma, senão pela cólera, e isso é o significado das seguintes palavras: ‘Com os santos tu és santo, e com os perversos tu és perverso’”. (Mysterium, LX 44).

“O mesmo verbo eternamente gerado e pronunciado manifesta-se no céu – ou seja, no poder da luz – como uma sabedoria santa (deleite), como no inferno, nas trevas, onde se manifesta como chamas de tormento”. (Mysterium, LXI 31).

A alma descrente, não encontrando lugar de alívio ou de ajuda, entrega-se, ao final, totalmente ao demônio; isso quer dizer, à sua própria vontade má.<sup>220</sup>

“A alma é como uma pessoa que sonha estar em grande angústia e tortura, buscando alguma coisa que a alivie, sem poder encontrar. Ela então se desespera, e não encontrando saída rende-se ao seu condutor (ao impulso interior que a conduz), para que este faça com ela o que quiser. Assim, a alma abandonada cai no poder do demônio, onde não pode, e nem lhe é permitido seguir suas inclinações; mas o que quer que o demônio faça, ela também é compelida a fazer. É desta forma que ela se torna um inimigo de Deus, e facilmente ergue-se ali o orgulho e o fogo sobre o trono principesco dos anjos. Na terra e em seu corpo físico ela se fazia de tola; agora, ela continua sendo tola e traquina, e seja qual for a bobagem que cometeu na vida, é o que agora passará a representar. A própria tolice é seu tesouro, e isso é, como diz o Cristo, seu coração e sua vontade”. (Threefold Life, XVIII 10).

No entanto, a alma demoníaca não encontra a satisfação plena no mal, pois ela treme de medo do dia do julgamento, continuamente. É como o aprisionado convicto que permanece ouvindo e ao menor ruído, pensa que o executor está chegando para submetê-lo à justiça e dar a ele o que merece. Essas almas possuem uma consciência perversa, que as torturam; seus pecados estão sempre diante de seus olhos; elas podem observar toda sua injustiça e frivolidade, seu conceito e a miséria que causaram, sua escória e arrogância, só que agora sua auto convivência já não existe mais”. (forty Questions, XXII 17).

“As almas mais depravadas, contudo, são bastante audaciosas. Elas negam à Deus e O amaldiçoam, e são Seu piores inimigos. Elas mentem para si mesmas, dizendo que estão certas, e se rebelam contra Deus, e querem estar acima Dele e realizar milagres”. (Forty Questions, XXII 21).

“A alma condenada penetra magicamente na essência incrédula e dela desfruta, e instruem pessoas durante o sono sobre como realizar todos os tipos de enganos, pois está a serviço do demônio. Se uma pessoa fraca (sinceramente) deseja algo, o demônio está pronto para ajudar, pois pode mais facilmente atuar através da alma de um ser humano do que por si mesmo”. (Forty Questions, XXVI 18).

---

<sup>220</sup> Para o filho de Deus, Deus não é nada objetivo, mas existe em seu próprio centro. O homem terrestre, em busca de Deus ou da salvação, normalmente chega através do desapontamento e do sofrimento, à compreensão de que Deus, a verdadeira vida e a verdade, não pode ser encontrado em outro lugar senão em seu próprio ser divino. Ele então busca a Deus dentro de si, e ao encontrá-lo se identifica com Ele e é Deus. Da mesma forma, a alma descrente, buscando alívio e conforto nas coisas ou seres exteriores, acabam retornando para dentro de seu próprio ser, sem encontrar bem algum dentro de si, ela necessariamente se identifica com sua própria vontade demoníaca, e torna-se um demônio.

Falamos do destino das almas desafortunadas que tomaram consciência de si no inferno; ou, para expressar em outras palavras, aqueles que espiritualmente tornaram-se aprisionados com suas baixas qualidades, e que freqüentemente são chamados de “mago negro” de vários níveis, desde uma simples alma maliciosa que pratica feitos vis, pelos simples fato de experimenta-los, até à encarnação do demônio, que adquiriu o conhecimento oculto e usa sua força espiritual para um fim mal e egoísta. Mas, a condição daqueles que durante a vida terrestre não encontraram prazer interno no mal, mas que lutaram contra seus maus desejos, e conseguiram auxiliar o bem dentro de si para vencer as más inclinações, é bastante diferente da primeira, quando deixam este mundo.

“Se a vontade interna batalha a cada instante, diariamente, contra as qualidades demoníacas que a aflige, apaziguando-as e não permite que tomem substância em si, ao mesmo tempo em que as qualidades malignas perturbam a pessoa, não permitindo que ela atue sempre com sua boa vontade, essa pessoa deve acreditar e saber, com certeza, que o fogo de Deus está queimando dentro dela e tentando tornar-se luz; e quando quer que o corpo maligno com sua condição maligna é rompido, a fim de não mais impedir que a centelha flamejante queime, então o fogo divino, em sua essência, irá queimar numa chama, e a imagem divina será reconstituída de acordo com a qualidade mais forte que aquela pessoa tenha introduzido em seu desejo”. (Six Theosophical Points, VII 41).

“Se um homem tem um desejo constante por Deus; se seu desejo é tão poderoso a ponto de possibilitá-lo a parar e voltar-se para a humildade, as essências malignas, quaisquer que sejam, começarão a queimar; se ele puder resignar a todas as coisas que neste mundo brilham e enganam; se puder fazer o bem no lugar do mal; se é poderoso o bastante para dar aos necessitados tudo o que pertence ao exterior, seja dinheiro ou bens; e se está pronto a desertar todas as coisas por causa de Deus, penetrando um estado de miséria com esperança certa no eterno; se nele surgir o poder divino, para que possa despertar ali o reino da alegria e provar Deus; tal pessoa carrega consigo a imagem divina com a essência celestial mesmo durante sua vida terrestre, a imagem em que Jesus nasce da virgem. Ele não irá morrer eternamente, mas simplesmente irá deixar o reino terrestre abandoná-lo, este que foi, durante essa vida, uma oposição e um impedimento com o qual Deus o cobriu”. (Six Theosophical Points, VII 44).

Tais almas são, durante a vida terrestre, e ainda mais depois da morte do corpo, repletas da luz e do poder de Deus. Essa luz modera a ação da vontade ígnea ainda ativa nele, as bênçãos de seus bons feitos o rodeiam, a esperança de uma glorificação ainda maior é a vida deles, e dos problemas e perseguições que sofreram surge a satisfação pura.

“O princípio do pai dentro da alma tem sua base num fogo incandescente que origina a luz, e nesta luz repousa a nobre imagem de Deus. Essa luz modera o fogo incandescente através da substancialidade do amor, tornando-o benéfico para a natureza e para a vida”. (Cartas, VIII 78).

“Aqueles almas sinceras que operaram as maravilhas de Deus em Sua vontade aos pés da Cruz, tendo recebido o corpo de Deus, ou seja, do Cristo, e que caminharam ali em justiça e verdade, todos os seus feitos também o seguirão, em sua forte vontade e desejo, e experimentam um enorme prazer no amor e misericórdia de Deus, pelos quais estão continuamente rodeados. As maravilhas de Deus são seu alimento; elas vivem na glória, poder, força e majestade além de qualquer descrição”. (Threefold Life, XVIII 12).

“As almas abençoadas são felizes pelos trabalhos realizados aqui, e aquelas que sofreram muita perseguição por causa da verdade irão receber a coroa da vitória que irá coroar o novo corpo no dia do julgamento. Ocorre nelas um contínuo fluxo de contentamento, sempre que contemplam o futuro. Assim como seus feitos foram variados, variada é sua esperança. Um diarista que trabalha bastante, fica satisfeito com o pagamento. Assim ocorre ali. Uma consciência satisfeita habita nestas

almas. Toda a escória a que foram submetidas e todas as falsas acusações são para elas uma grande honra de vitória. Suas orações constantes, seus bons pensamentos e boas obras em benefício ao próximo, constituem o alimento que consomem até o tempo em que seu corpo (celestial) irá provar dos frutos do Paraíso”. (Forty Questions, XXII 4).

“Aquele que ajuda o degradado abençoa a si próprio, pois ele deseja tudo de bom, e ora à Deus para abençoá-lo em corpo e alma. Assim seu desejo e benção retornam a quem doou no *Mysterium*, ele é por elas rodeado e seguido, como uma boa obra nascida em Deus. Esse é o tesouro que o homem leva com ele; seus tesouros terrestres ele terá que deixar para trás”. (Menschwerdung, CXI 4).

Não há homem sem pecado, e como é seguido, do outro lado do túmulo, por todas as suas obras, seus pecados o acompanham, mas se souber como obter o perdão de seus pecados, então sua felicidade não será infringida por eles.<sup>221</sup>

“O homem é seguido por todas as suas obras, ele as tem eternamente diante de seus olhos e vive ali, a não ser que da malícia e falsidade nasça novamente pelo sangue de Jesus Cristo. Se isso ocorrer, ele rompe a imagem terrestre e infernal para penetrar uma imagem Angélica, vindo para um novo reino, ao qual suas imperfeições não podem acompanhá-lo, e assim a imagem de Deus será restaurada, a partir da forma infernal e terrestre”. (Three Principles, XVI 47).

As almas abençoadas que partem não se incomodam nem com aquilo que pertence ao inferno, nem com assuntos materiais, de qualquer espécie. Sua existência assemelha-se a de um homem desfrutando de um belo sonho.

“O repouso da alma é como aquele que repousa num doce sonho”. (Forty Questions, XXIX I).

“Aquelas almas felizes que repousam no seio de Abraão, no Cristo, ou seja, na essencialidade celeste (*Devachan*) – não podem ser perturbadas por ninguém, a menos que queiram, caso estejam favoravelmente inclinadas a uma alma particular em harmonia consigo mesma. Elas não se incomodam com assuntos terrestres, a menos que seja pela glória de Deus. Neste caso serão infatigáveis em revelar coisas de forma mágica”. (Forty Questions, XXVI 22).

Com relação à comunicação entre os mortais e essa classe de espíritos, Boehme diz em uma carta:

“Voz perguntais por coisas sobre as quais não posso saber, para isso eu mesmo deveria estar entre as almas que partiram, e o espírito da alma deveria estar comigo; mas, como todos nós temos um corpo e um espírito em Cristo, portanto, todos nós devemos ver no Cristo em um espírito e desfrutar Seu conhecimento. Assim, nossa alma estará relacionando-se com as almas dos mortos. Elas não podem vir até nós, mas nós podemos penetrá-las”. (Forty Questions, XXV I).

As almas plenamente santificadas possuem grande auto conhecimento; as outras, menos.

---

<sup>221</sup> Esse “perdoar dos pecados” tem um significado bem diferente daquele normalmente aceito. Ninguém pode perdoar os pecados de outro homem; o próprio pecador deve se livrar dos pecados. “O pecado é como uma concha, a partir da qual nasce o novo homem, ele então, joga fora a concha. Isso é denominado “perdão”, porque Deus (no homem) joga fora o que é pecaminoso. (Menschwerdung, XI 10). “Ninguém pode perdoar os pecados exceto o Cristo no homem. Quando o Cristo viver no homem, então haverá absolvição”. (Grace, XIII II).

“A alma que neste corpo obteve um novo nascimento e penetrou em Deus através das portas da profundidade, possui grande sabedoria e conhecimento, mesmo no que se refere aos céus; pois ela saiu do ventre da virgem, onde foram revelados os milagres eternos de Deus, e o esplendor da Santíssima Trindade brilha dela. Mas erramos se atribuímos grande sabedoria à alma que com grandes dificuldades escapou das garras do demônio, após terem deixado um mundo onde não carregavam nada da sabedoria divina, mas onde simplesmente seguiam seus desejos”. (Three Principles, XIX 61).

É um absurdo acreditar que as almas desencarnadas de Deus, os santos, pudessem reivindicar à Ele algo que necessitamos, ou mesmo discutir o caso ou colocar em movimento a eterna e infinita misericórdia de Deus.

“As almas que partiram não reivindicam nada a Deus por nós. Por que fariam isso? Nossa salvação não depende daquilo que imploram, mas da nossa penetração. Aquele que coloca sua vontade em Deus será ajudado por Ele. Seus braços estão abertos, dia e noite, a fim de auxiliar o homem. Não seria muita prepotência de uma alma querer fazer de Deus um Juiz severo, não desejoso de receber um pecador convertido?” (Forty Questions, XXVI 23).

É explicável que as almas dos santos falecidos tenham realizado “milagres”, mas não da maneira normalmente acreditada, mas por uma conjunção da fé (vontade) do vivo com a fé do falecido.

“Não negamos que (como é ensinado pelo Papado) os grandes santos que partiram tem aparecido para muitas pessoas, realizando alguns milagres. Isso é verdade, embora seja negado por muitos; mas isso pertence a um A B C diferente (a um outro ramo da ciência oculta) do conhecido por aqueles que fazem tal afirmação ou que negam tal fato”. (Forty Questions, XIX 63).

“O motivo pelo qual nossos antepassados aparecerem, de vez em quando, de forma maravilhosa, deve ser encontrado na fé dos vivos; pois a fé é um poder que move montanhas. A fé das pessoas vivas ainda era boa e pura, e elas não adoravam seus ventres ou o show terrestre. Portanto, a fé destas pessoas penetrou o céu; ou seja, o elemento único, os santos. Assim, uma fé alcança a outra; pois os santos também reagem a esta fé poderosa, especialmente aqueles que, sobre a terra, converteram muitos para Deus. É desta forma que obras maravilhosas tem sido realizadas pela invocação da memória dos santos”. (Three Principles, XVIII 80).

“Uma fé alcança a outra. A fé do vivo pega a fé dos santos, e a fé realiza o milagre. A fé pode remover montanhas. Poderia destruir o mundo, se Deus a dirigisse”.<sup>222</sup> (Forty Questions, XXVI).

Sobre o que foi dito anteriormente, consideramos duas classes diferentes de espíritos ou almas humanas; ou seja, aquelas em que o princípio das trevas e do mal se tornou manifesto e aquelas que se identificaram com esse princípio denominado “demônio”; investigamos também o destino que aguarda aqueles em que o princípio da luz, ou do bem, manifesta-se; mas encontramos um vasto número de almas, nas quais a divisão do bem e do mal, com as quatro formas da natureza eterna ainda não ocorreu, e que se encontram naquele estado chamado de *Kama loca* no Oriente e *Purgatório* no Ocidente, embora o significado comumente ligado a esses termos não seja bem este.

---

<sup>222</sup> Se não há ninguém vivo hoje em dia capaz de realizar um milagre pelo poder da fé, isso não nega que a verdadeira fé viva seja um poder espiritual, capaz de manifestar todas as qualidades reivindicadas por ela; ao contrário, esse fato sugere o estado degradado da geração presente.

“As almas onde a dúvida e a fé encontram-se misturados, não possuem sua base nem no céu, nem no inferno; elas permanecem no meio do portal, onde o fogo e a luz separam-se um do outro. São capturados pela *Turba*. Muitas almas são mantidas ali por um tempo considerável; a cólera, contudo, não pode devorar a pequena chama da fé que a alma possui, e tem que, por fim, liberá-la. O que (sofrimento) isso implica, deixo para ser experimentado por aqueles que permanecem no pecado até o fim, para depois desejarem ser salvos”. (Forty Questions, XXIV 5).

“Não é possível descrever, por antecipação, o tipo de purgatório que tal alma terá que passar; através de sua pequena chama (de amor), ela pode penetrar na vida eterna. O mundo não acreditaria em tal descrição; o mundo é muito esperto, e muito cego para compreender. As pessoas sempre se apegam à letra. Desejo, por Deus, que ninguém passe por essa experiência; Prefiro ficar quieto e não falar nada sobre o assunto”. (Forty Questions, XVIII).

A alma cuja vontade abandonou inteiramente os princípios elevados é claro, nada sofre, pois não tem inteligência (espiritual). Tal entidade não passa de um corpo astral, que não mais é afetado pela força destrutiva dos elementos astrais do que o corpo físico inconsciente por sua própria decomposição; mas se ainda restar alguma inteligência espiritual na forma astral, ela terá que passar por uma separação forçada e dolorosa.

“Após deixar este mundo, a vontade de muitas almas precisa passar um bom tempo no purgatório, caso tenha se impregnado com pecados grosseiros, e caso nunca tenha realmente penetrado a regeneração, mas apenas provado dela, até certo ponto; este é o caso de pessoas que estão aqui carregadas de honras e poderes temporais, que substituem a justiça pela ambição pessoal e a malícia é seu juiz, não a sabedoria.

Quando a hora da morte se aproxima e a consciência se desperta, tal alma treme de pavor do inferno, e gostaria de ser salva; mas há muito pouco do poder de salvação da fé com ela; diante dela não há nada além de injustiça e falsidade, luxo terrestre, lágrimas e sinais dos pisados. Seus desejos voltam-se para Deus, mas os pecados que cometeu estão em seu caminho; surge nela grandes dúvidas e intranquilidade. Muitas almas buscam o poder salvador como se estivessem penduradas por um fio. Quando, então, a morte realmente ocorre, separando a alma do corpo, a pobre alma irá se agarrar a esse fio e se recusar a soltá-lo, mas todas as suas essências estarão ainda profundamente mergulhadas na cólera de Deus; ela é torturada por seus pecados grosseiros, e o cordão da fé (o cordão umbilical) do ser recém nascido é muito frágil.<sup>223</sup> Portanto, quando o noivo diz: ‘Vem!’ a pobre alma responde: ‘Não posso, minha lâmpada ainda não está pronta’; ela agarra-se ao cordão e coloca sua imaginação no coração de Deus, tornando-se, por fim, redimida do poço da putrefação pelos sofrimentos de Cristo (nela); ou seja, de seus tenebrosos pecados que queimam na cólera de Deus e onde ela está imersa”. (Three Principles, XIX 41).

Uma alma que tenha juntado sua divindade em torno de si, como uma vestimenta de luz, e tenha cortado de todas as atrações terrestres não terá o desejo de voltar à terra e não tem interesse por assuntos materiais, os quais, de fato, esqueceu; é como uma pessoa que esquece suas condições externas quando dorme; mas a alma cativa pelas essências ou estado terrestre, pode reaparecer entre os mortos em seu corpo sideral (astral) a fim de buscar satisfação de algum desejo pessoal. Tais almas, às vezes, retornam para pedir auxílio aos vivos, através de suas orações.

“Quando uma pessoa morre o corpo externo começa a se decompor e retorna para aquilo do que foi formado, mas a alma nascida da natureza eterna, e tendo sido introduzida na essência Adâmica pelo Espírito de Deus, não pode morrer; pois ela não tem sua origem no tempo, mas na

<sup>223</sup> Tais almas são chamadas “sutratta’s” (almas amarradas) nos livros orientais.

geração eterna. Se a alma colocou sua vontade nas coisas temporais, então tem concebido (imaginado) das qualidades destas coisas em seu desejo, e apega-se à elas magicamente, como se as possuíssem corporalmente. É claro que ela não pode manter o corpo (físico) elemental, mas pode reter seu corpo sideral até que este seja consumido pela constelação (os elementos astrais). Assim, ocorre muitas vezes, de pessoas serem vistas em suas casas, após a morte, em seus próprios corpos; mas esse corpo é frio, morto e cadavérico; a alma-espírito o atrai apenas através do espírito astral, até que o corpo (físico) seja decomposto”. (Cartas, XXII 8).

“As almas que ainda não alcançaram o céu possuem o estado humano, com seus feitos, apegando-se à eles e portanto muitas almas deste tipo retornam em sua forma sideral, assombrando suas casas, e são vistas em forma humana. Ela pode pedir por uma coisa ou outra, e pensa ser possível obter a benção dos santos para seu repouso (ela pede oração); ela pode também preocupar-se com filhos e amigos. Tudo isso, contudo, só dura enquanto seu espírito astral for consumido, depois ela entra em repouso. Depois disso todo seu pesar e sofrimento acaba, e a alma não mais tem conhecimento sobre ele; tudo o que vê está nas maravilhas, na *magia* (do espírito)”. (Forty Questions, XXVI 8).

“O Cristo diz: ‘Onde estiver o seu tesouro, ai está seu coração’. Almas infortunadas reaparecem em suas comunidades e pedem auxílio através da oração, e fantasiam que desta forma poderão ser aliviadas. Fatos como este deram início à doutrina do purgatório”. (Threefold Life, XII 24).

De fato, nenhuma alma morta pode se tornar viva através da oração, nem orações da boca para fora, nem qualquer cerimônia vazia podem auxiliar a alma a libertar-se dos laços da matéria; os vivos podem auxiliar os “mortos”, e especialmente o moribundo, através da verdadeira oração; ou seja, através de um exercício da vontade espiritual (aspiração divina) em neles. Desta forma, a oração pode auxiliá-los a combater os poderes das trevas, uma vez que as orações destas pessoas sejam sinceras e repletas de fé.

“Sabemos que a comunidade de Cristo tem grande poder de redimir uma alma, por fazerem seu trabalho sinceramente, como se fazia entre os primeiros Cristãos, quando ainda eram pessoas santas e sacerdotes santos em existência. Eles, com certeza, tinham sucesso, mas não aqueles que afirmam possuir as chaves e que poderiam libertar as almas do purgatório, segundo a sua vontade e segundo a quantidade de dinheiro que recebem por isso. Para tais pessoas, seria melhor que nunca recebessem dinheiro algum, para que não se apegassem à ele com seu Desejo”. (Forty Questions, XXIV 12).

“A oração dos vivos para os mortos são úteis na medida em que os que oram sejam verdadeiros Cristãos (em seus corações), num estado de regeneração. Se a pobre alma não se tornou inteiramente brutalizada num verme ou animal, mas se ela ainda penetra em Deus com seu desejo, estando, portanto conectada à Ele pelo fio da regeneração, e se a alma-espírito daqueles que oram, juntamente com a pobre alma volta-se para Deus em fervoroso amor, então a primeira irá auxiliar a segunda no combate contra os elementos das trevas e romper as correntes do demônio. Isso é especialmente possível na hora da separação do espírito do corpo, e eminentemente no caso de pais, filhos ou parentes de sangue; pois entre aqueles que estão ligados entre si pelo sangue as tinturas entram mais facilmente na harmonia necessária (co-vibração), e então o espírito fica mais propenso a entrar na batalha, havendo mais facilidade de conquistar do que se apenas estranhos estiverem presentes. Tudo isso é porém inútil, a menos que estas pessoas estejam, elas próprias num estado de regeneração, pois um demônio não pode destruir a outro. Se a alma do moribundo está inteiramente

separada daquilo que a liga a Cristo, e se ela não alcança por seus esforços próprios está ligação. as orações dos outros não valem de nada”. (Three Principles, XIX 55).<sup>224</sup>

## **CAPÍTULO XV**

### **CONCLUSÃO**

“Um grande esforço por longo tempo tem sido feito, a fim de transformar uma prostituta numa virgem, mas com isso, sua prostituição só tem crescido e evidenciada. Se esta prostituta deve perecer, então todos os sectos terão que seguir o mesmo destino, junto com o animal, onde quer que se esconda, pois nada mais são do que imagens da prostituta”. (Mysterium magnum, XXXVI 69).

#### **“Extra Ecclesiam nulla salus”**

Aquele que alcançou o significado dos escritos de Jacob Boehme, dos quais estas páginas constituem apenas uma revisão condensada ou um resumo (escritas com o propósito de encorajar o estudo de suas obras) não irá pedir o reconhecimento da verdade de suas doutrinas por parte das autoridades humanas, mas irá encontrar esta comprovação em Cristo. Por outro lado, aquele que não é capaz de abrir seus próprios olhos para a percepção da verdade eterna, e ver a luz divina através do poder da própria luz divina dentro de si, estará sempre em dúvida, não importa quantos livros leia. Assim, o perplexo “livre pensador”, imaginando poder encontrar a divina sabedoria em algum outro lugar além da própria sabedoria, e o ignorante “sectário”, que busca o Cristo em alguma igreja externa, fora de Cristo, são como cegos tateando a escuridão, buscando a verdade nas coisas externas, nos livros e nas autoridades, mas não na verdade propriamente dita. Podem ler um livro por dia, e até imaginar ser a verdade; talvez, amanhã irão encontrar outro livro que apresente afirmações contrárias, e caso sejam mais plausíveis do que as primeiras rejeitarão o primeiro livro e prontamente irão jurar verdade para o segundo, até que outro livro no futuro, talvez seja aceito como mais plausível que o resto.

“Digo aberta e publicamente que toda conclusão extraída da fantasia e opiniões, sem que se tenha auto conhecimento divino, nada mais é do que Babel, não sabedoria; pois a obra tem que ser feita, não pela aparência e fantasia, mas pelo auto conhecimento no Espírito Santo”. (Epistoll. XI 39).

“Sobre isso lamentamos que os ligados à Babel sejam tão cegos, e possuam tão pouco conhecimento de Deus. Eles lançaram mão da Magia e da filosofia, e aceitaram o Anticristo. Agora, encontram-se desprovidos de compreensão. Possuem uma ciência, mas não o conhecimento real. Eles quebraram o espelho e olham através de óculos”. (Forty Questions, XXI 16).

“No que então a pobre humanidade deve acreditar? Não há como reconhecer o que é verdadeiro e o que é falso? Deve aceitar as doutrinas das Igrejas “Cristãs” ou do “Budismo esotérico”, ou de alguma teologia oriental, ou a dos “teosóficos”; deve a humanidade rejeitar todas elas, não ler mais nada e não cuidar senão de seu conforto temporal?

---

<sup>224</sup> O laço que conecta a alma ao estado divino é o poder do amor espiritual. Se na hora da morte houver apenas um fio desse poder, forte o bastante para atrair a alma para a Divindade, então a alma irá se libertar de seu ser pecador e entrar no paraíso; portanto, está escrito que os pecados da mulher (da alma) foram perdoados, pois ela havia amado muito. Um homem ignorante, tendo o amor de Deus em seu coração, irá alcançar a vida eterna segundo o grau de seu amor e iluminação; mas aquele que tem muita iluminação, e amor algum são um filho do demônio. “Os caminhos de Deus são diferentes dos caminhos do homem. Aquilo que o homem ama, ali Deus se oculta” (Myster.Magn.,17).

A essa questão costumamos responder, que não há salvação em lugar algum, senão em Cristo; ou seja, na verdade eterna propriamente dita. Ninguém realmente sabe o que é e o que não é verdade. Não há como saber, enquanto a verdade não estiver viva e consciente dentro do ser. Ninguém pode conhecer a sabedoria divina a menos que seja um deus. É dito que devemos testar todas as coisas e ficar com aquilo que é melhor; mas para ser capaz de julgar o que é melhor, precisamos estar intimamente ligados com o Melhor; ou seja, devemos estar em posse de Deus. Não podemos distinguir a sabedoria da tolice se não somos sábios; não podemos saber o que é realmente bom se nos afastamos do fundamento do Bem eterno.

“O espírito deste mundo não conhece seu próprio ser, a menos que seja aquela outra luz que brilha no espírito – a luz em que a mente pode repousar e conhecer seu próprio ser”. (Threefold Life, V 28).

“A pedra-de-toque do Cristianismo é seu amor para com Deus e a humanidade”. (Threefold Life, XIII 42).

“Aprenda a conhecer o guia do mundo interior e também o guia do mundo exterior, é conhecer a escola mágica dos dois mundos. Então nossa mente estará livre da desilusão, pois na desilusão não há perfeição. O espírito deve ser capaz de alcançar o mistério. O Espírito de Deus deve ser o guia no desejo do homem. Sem isso o homem estará simplesmente no mistério exterior, no céu externo da constelação, que freqüentemente incita e guia a alma humana; mas ele não possui a escola de *magia* divina, que só existe numa mente infantil e simples”. (Epistl. XI 62).

O guia exterior trabalha e brilha apenas no espelho; o guia interior ilumina o ser essencial, e isso não seria possível, a menos que fosse guiado pelo Espírito de Deus. Portanto aquele que conhece a escola celeste está com Deus, e será um *Magus*, sem fazer muito esforço, se é mantido por Deus e conduzido pelo Espírito Santo”. (Epistl XI 62).

Ninguém, exceto aquele que vive na luz e para quem a luz é uma realidade viva, pode conhecer ou perceber a luz. Aquele que está e sempre esteve imerso nas trevas, toda teoria sobre a natureza da luz não passa de teoria. Isso vale tanto para a luz do sol exterior, como para a luz do espírito. A luz externa do sol é a causa da vida externa, atividade em todos os seres terrestres, e a luz divina espiritual é a vida da alma. O reino desta luz é a única verdadeira, infalível, mas desconhecida igreja de Cristo, único lugar onde a salvação pode ser encontrada, e não há outra igreja que possua o poder de redimir a humanidade, pois esta “Igreja” não é um sistema onde as qualidades da luz são descritas, mas a luz propriamente dita, e só a luz pode superar as trevas; as trevas não podem redimir a si mesmas. Aquela luz só pode ser encontrada em si mesma, mas não nas trevas, onde não se tornou manifesta.<sup>225</sup>

A “verdadeira igreja de Cristo” significa o aspecto espiritual e divino da humanidade como um todo, e uma pessoa pode ficar fora de qualquer denominação “Cristã” ou “anticristã”, caso tenha encontrado a verdadeira luz de Cristo, ou seja, sua própria consciência, dentro de si, o que o torna um membro da verdadeira igreja de Cristo, um membro do círculo interior, um iniciado, um adepto;

---

<sup>225</sup> “Abel é a igreja fundamental que representa Deus. A igreja de Caim deve ser convertida através de Abel. Portanto, Deus não rejeitou a igreja de Caim, a ponto de não querer receber nenhum membro dali; mas a verdadeira igreja é como um cordeiro entre os lobos, por conta da natureza de lobos dos membros que normalmente compõem aquela igreja”. (Three Principles, XX 89).

“Quão cegos são aqueles que imaginam não serem permitidos tocar o grande mistério; e que isso só poderia ser feito por sacerdotes criados pelos homens. Onde quer que os verdadeiros Cristãos estejam reunidos, ali está o templo de Cristo. No entanto, não há outra salvação do que sair da morte e penetrar a vida. A menos que se faça isso, se permanecerá para sempre nas trevas”. (Threefold Life, XI 81).

mas se ele não encontrou o Cristo em si, então todos os seus títulos e pretensões são inválidos e ridículos.

Essa luz é o *Atma-Buddhi*, brilhando eternamente no *Manas* (mente). É a luz de *Buddha*, porque sem essa luz *Gautama* não teria se tornado um “*Buddha*”, ou seja, “*iluminado*”. É a luz de Jesus de Nazareth, pois sem essa luz, o germe da divindade, adormecido num nicho de paz, a “Belém” mística dentro da alma do homem, aquela criança não teria se tornado um “Cristo”. É a luz de cada ser humano, pois este é o centro e o sol de sua própria vida eterna, a fonte de todo seu conhecimento, pois somente nesta luz repousa o reconhecimento da verdade eterna.

“A vontade de Deus está aberta a todos os homens, seja qual for o nome que o homem é designado... De que vale crenças e opiniões para aqueles que alcançaram o auto conhecimento? Opiniões não constituem o Espírito de Cristo, que dá a vida, mas o Espírito de Cristo dá testemunho ao nosso espírito, de que somos filhos de Deus. Ele está em nós, e não precisamos busca-Lo em opiniões”. (Threefold Life, XI 82).

“Não é preciso ir a lugar algum para encontrar o Espírito Santo; pois, desde o nascer e do brilho do sol, até o seu pôr, o Cristo brilha em todos os lugares e em todos os países, onde quer que o homem e a mulher evitem o pecado e penetrem a vontade de Deus”. (Threefold Life, XI 88).

A humanidade assemelha-se a uma árvore, da qual o Cristo é o tronco, as almas individuais, seus galhos, e as muitas personalidades que aparecem sobre a terra são suas folhas. No tronco tudo é um. Os galhos diferem quanto a forma; alguns são grandes, outros pequenos, e crescem ano após ano. Mas as folhas caem no outono e crescem novamente na primavera; elas podem fazer ruído e movimentar-se em direções contrárias ao soprar do vento; podem ter interesses individuais e opostos pelos quais lutar, mas a árvore continua sendo uma. A árvore pode viver sem as folhas individuais, mas as folhas não podem viver sem a árvore. Só com o tronco da árvore, e não em alguma associação de folhas apartada, é que encontraremos a fonte de nossa vida, a origem e o conhecimento de nossa natureza. Portanto, Boehme está sempre nos aconselhando a lutar por este tronco de nossa árvore da vida, e por aquela fonte de luz e vida eterna. Aqueles que buscam na obra de Boehme, informações que satisfaçam sua curiosidade fica normalmente desapontado, pois Boehme não professa ensinar coisa alguma fora de Cristo, ou nos suprimir com qualquer conhecimento que não encontremos em nós mesmos, se buscarmos como ele na fonte interior. Ele até mesmo protesta contra o esperar algo que não está em Cristo, e diz que tais coisas como não podem ser encontradas em Cristo são vãs e inúteis.

“Cristo” significa o Caminho e a Verdade; significa VIDA ETERNA para a humanidade e para cada indivíduo. Ninguém deve jamais pensar em procura a fonte de sua própria vida em outro lugar exceto em sua própria alma interior, pois a vida universal o aguarda somente se estiver ativo em si mesmo.

No entanto, é exatamente isso que os filhos de Babel se recusam a enxergar.<sup>226</sup> Eles buscam por Deus em todo lugar exceto na Divindade adormecida dentro de si. Eles sonham com algum Deus no céu, esperando que venha e os salve, enquanto negligenciam o salvar a si mesmos. Buscam informações nos livros, mas nunca escutam a voz do Verbo cujo poder Tudo criou, e o qual fala dentro de seus corações.

Esta falta de compreensão com relação ao verdadeiro redentor da humanidade é a causa de todos os problemas sociais que afligem a humanidade, pois ela não consegue ver que toda salvação

---

<sup>226</sup> Todos acreditam não pertencerem a Babel, mas Babel é tão grande quanto o mundo.

verdadeira vem de dentro e não de fora, e que reformas meramente externas são de pouca valia enquanto o egoísmo do homem, raiz de todos os demônios, não está reformada dentro dele.

O fato de o nome sagrado de Cristo ter sido e estar sendo continuamente mal compreendido, mal aplicado e prostituído pelos “Cristãos” e anti-Cristãos”, pelo fanatismo e o racionalismo, não muda a verdade de ser Ele a luz espiritual do mundo, e a luz espiritual dentro da alma de todo indivíduo, seja homem, mulher ou criança.

Buscar o Cristo dentro de si (não em sonhos ou visões), mas dentro de uma consciência interior própria, e praticar o poder de se apegar à Ele, excluindo outros pensamentos e desejos, uma prática que requer o exercício contínuo de repelir tudo o que é vulgar e baixo, é o único “ocultismo prático” que merece atenção.

Todas as acusações levantadas sejam justas ou não, contra as Igrejas Cristãs, toda calúnia e maledicência lançada contra as autoridades da igreja, nunca tiveram qualquer efeito sobre a verdadeira Igreja de Cristo, não mais do que um sopro de ar faria a uma folha, pois enquanto a Igreja externa, com seu desejo de poder e autoridade temporal, irá permanecer para sempre a grande cortesã, cavalgando sobre a besta criada por seu orgulho e egoísmo, a Igreja espiritual de Cristo repousa na eterna tranquilidade, segura em Deus. Essa Igreja não é atingida por agressões, de qualquer espécie, provenientes de fontes externas, pois é invisível, interna e divina. Todas as faltas pelas quais a “Igreja Cristã” tem sido culpada, todo o sangue inocente que ela tem derramado pelo abuso do nome de Cristo, todos as pragas que essas Igrejas carregam por causa de seus mal feitos, nada tem haver com a Igreja de Cristo; tudo isso pertence ao demônio, desfilando com trajes de um santo. A história do fanatismo não é a história do que deveria ser chamado propriamente de Igreja Cristã; é a história da ignorância, miséria e superstição do homem. Tal corrupção nada tem haver com o verdadeiro Cristianismo, não mais do que uma verruga no corpo do homem tem haver com sua inteligência. Sectos e sectários não são a Igreja, corpo externo de Cristo. São os efeitos necessários de causas não naturais, e como tais só devem existir enquanto as trevas mental e espiritual do mundo sejam dissolvidas pela luz da Verdade, que é, e sempre será o único Redentor do homem. Quando essa luz penetra todas as profundezas da alma, então as trevas deixam de existir, e como, através desse processo, o homem irá tomar posse do real auto conhecimento, não haverá nada do que ele não saiba, pois o próprio homem será a Verdade, o Cristo; o Todo será absorvido pelo Cristo em nele que é o Senhor<sup>227</sup> de tudo. Portanto, Jacob Boehme diz:

“O Homem-Cristo (aquele que se tornou um Cristo pelo Cristo que se faz homem) é Senhor de todas as coisas, e compreende em Si mesmo a totalidade da existência divina. Não há, portanto outro lugar onde reconhecer a Deus, exceto na substância de Cristo (em nós), porque Nele reside a substancialidade a plenitude da divindade”. (Questions, i 153).

“Tudo o que Deus o Pai é, e tudo que Nele está, irá aparecer dentro de mim (no homem) como uma forma, uma imagem da essência do mundo divino. Todas as características, poderes e virtudes de Sua sabedoria eterna serão manifestadas em mim como Sua verdadeira imagem. Eu

---

<sup>227</sup> “Uma coisa que é uma unidade, tendo uma só vontade, não luta contra si mesmo; mas se há muitos tipos de vontade em uma coisa, cada uma delas quer seguir a seu modo. Se uma vontade é o Senhor sobre as outras, tendo-as inteiramente em seu poder, então o complexo da coisa constitui um único ser, pois as muitas vontades são obedientes ao seu senhor. Assim a vida é uma causa do problema, pois existe em muitas vontades, sendo que cada essência tem uma vida própria que pode ser colocada em ação. Assim, a vida do homem constitui seu próprio inimigo, uma forma luta contra a outra, e isso não só com o homem, mas com todas as criaturas; é preciso então, que as formas de vida obtenham um Mestre amoroso e humilde, cujo poder devem obedecer. Ele pode romper sua vontade própria e poder. Esse Senhor é a luz da vida, o mestre de todas as qualidades. Ele pode amansar todas elas, e elas amam submeterem-se à Ele, pois a luz lhe confere humildade e poder. Elas entregam sua vontade à luz-vida, e ela as retribui com humildade”. (Six Points, IV 4).

mesmo devo ser a manifestação do mundo divino espiritual e um instrumento para o Espírito de Deus, onde Ele brinca Consigo mesmo. Devo ser Seu instrumento de corda e harpa celestial, e não apenas “Eu”, mas todos meus co-membros no glorioso edificado instrumento de cordas de Deus”. (Signature, XII).

Isso significa que quando a Luz Divina (o Atma-Buddhi ou o “Cristo” na humanidade) torna-se plenamente manifestada dentro da mente (Manas) o homem (manas) será iluminado por ela, e será essa Luz propriamente dita, Atma-Buddhi Manas ou Cristo. Assim, quando o homem entra na verdadeira Igreja, ou seja, no reino espiritual da luz divina da sabedoria, então essa luz da sabedoria divina irá penetrá-lo, e o homem tendo se tornado todo “mente” conquistará a auto iluminação e o auto conhecimento. Tudo o que afasta o homem de penetrar esse estado é sua vontade própria e egoísmo, e, portanto, quando o homem, com relação à sua vontade própria, (constituindo seu próprio ser terrestre), fica completamente abandonado, como que pregado na cruz, e se sua vontade própria tenha morrido sobre a cruz, ocorrerá então sua ressurreição gloriosa como um ser divino, até mesmo o próprio Cristo. Sua ilusão interior, pela qual se imaginava ser um ser isolado e algo separado do resto da humanidade, morre, e o homem reconhecerá a Deus, vivente na luz que penetra o Todo, e com os braços estendidos sobre a cruz da vida, grava em seu coração cada ser humano pelo poder do amor divino.

Esse amor divino não é nem uma quimera, nem um sonho, nem creiam ser ele uma superstição, mas a mais sublime realidade; pois é a essência daquilo de que o mundo foi criado. Sua beleza pode ser percebida pelo homem em todas as coisas através daquilo que é bonito em si mesmo, e é tangível à alma tocada por ele. Ele não está confinado em corpos materiais grosseiros, mas é superior a todas as coisas. Ele é auto existente e livre e faz com que a alma, a luz, surja da obscura vontade ígnea, comparável a uma bela planta que cresce do solo negro. Não se trata de uma força mecânica inconsciente ou atração, mas vontade divina e auto consciência, em outras, O Espírito de Deus.

O reino desta luz-amor divino é a única igreja verdadeira, fora da qual nenhuma salvação pode ser encontrada, nem pelas aquisições científicas, nem por nada que seja inferior ao amor divino. O verdadeiro eu divino de cada ser humano é um membro e um habitante desta igreja, e aquele que serve sua conexão com ela joga fora sua própria vida.

A Ciência afirma que todas as coisas possuem uma *aura* do desconhecido que se estende onde as qualidades desta coisa são reveladas, e a mesma verdade pode talvez ser mais corretamente expressada ao afirmarmos que cada coisa e cada ser é uma parte do poder individual de tamanho desconhecido, possuindo certas qualidades, e tendo envolvido uma forma ou um organismo, onde algumas destas qualidades tenham se tornado manifestas.

Assim, nossos corpos materiais visíveis são apenas uma manifestação de uma parte do verdadeiro homem que vive no reino da luz. O homem real é um habitante do céu, o que caminha sobre a terra, numa forma mortal, não passa de sua sombra.

Não nos identifiquemos com a sombra, mas adquirir o conhecimento de nosso ser celestial, é o fim desta vida terrestre.

O reconhecimento do próprio eu divino, e não do ser mortal, pode ser feito pelo próprio poder de cada um, pois só o que é imortal no homem pode reconhecer-se como sendo imortal. Sem a presença da verdade eterna, essa verdade não pode ser reconhecida; da mesma forma, as trevas não podem se tornar iluminadas sem a presença da luz.

Não é o homem pecador, a sombra, que conhecerá a luz, o Cristo; mas o Cristo reconhecendo Sua própria imagem divina no homem. Assim, o Cristo vive no santuário do homem, e tudo o que é capaz de reconhecer o Cristo no homem, vive em Cristo; Se o homem se apegou a esse estado em Cristo, deixará de ser simplesmente um homem, mas livre da ilusão do ser, reconhecerá a si mesmo como sendo Deus. Ele não mais desejará se apegar, ou tornar-se algo, mas repousar em sua própria auto consciência divina, conhecendo seu ser de sombra como não sendo mais que uma ilusão, e seu ser divino Tudo em Cristo.

## **APÊNDICE**

### **APARIÇÕES**

“A alma origina-se de três princípios; ela vive, portanto numa angústia ternária, e está presa por três laços. O primeiro laço liga a alma à eternidade e alcança o abismo do inferno (a vontade ígnea); o segundo é o reino do céu; o terceiro é a região das estrelas com os elementos. O terceiro reino não é eterno, mas tem um certo período de existência; no entanto, é o reino que faz o homem crescer, dotando-o de hábitos, vontade e desejos relacionados ao bem e ao mal. Ele lhe confere beleza, riqueza e honras, e o torna um rei terrestre. Este reino permanece com ele até o fim de seu tempo, depois o abandona; da mesma forma que o auxilia a obter a vida, o auxilia na morte, libertando-o da alma astral”.

“Primeiro os quatro elementos se afastam do elemento único, interrompendo a atividade no terceiro princípio; a separação dos quatro elementos é terrível; depois, a *tintura* com a sombra (do que era homem) entra no outro elemento, e com essa sombra permanece na raiz do elemento, de onde os quatro elementos tiveram sua origem e de onde emanaram. Este rompimento, por si só, é dor e sofrimento; é a destruição da casa sensível da alma”.

“Ocorre que se as essências da alma, no primeiro princípio, estiveram muito apegadas aos caminhos deste mundo, a ponto de desejarem apenas o luxo, a honra temporal, o poder e pompa; a vontade, a alma, ou seja, as essências do primeiro princípio, ainda reterão as essências astrais como seu tesouro mais precioso, e desejará habitar ali; mas, como essas essências não estão privadas de sua mãe, os quatro elementos, tornam-se gradualmente consumidas nas essências do primeiro princípio.

“A alma, em sua vestimenta astral, flutuando nas portas da profundidade, passa por grandes dificuldades, devido ao seu estado terrestre, e pelo poder que pertence à sua constituição astral, ela pode reaparecer em sua forma corpórea prévia, pedindo algo, tal como era seu desejo antes da morte, buscando obter repouso; ela pode também ir a lugares assombrados e tentar manifestar sua presença na luz, de acordo com seu espírito sideral, produzindo ruídos de várias espécies”.

“Aquilo com o que se revestiu durante a vida será seu ornamento. Se for a luxúria, a ambição, o luxo, as riquezas, a malevolência, a ira, as mentiras ou a ilusão do mundo, então o forte poder das essências do primeiro princípio apegam-se á essas coisas através do espírito sideral, dando-lhe atividade de acordo com a qualidade astral. O espírito sideral busca, incessantemente, aquilo que deseja, como diz o Cristo: ‘Onde quer que esteja seu tesouro, ali está seu coração’. Portanto, os fantasmas dos mortos são freqüentemente vistos vagando sem descanso. Aquilo com o que a alma se revestiu aqui no corpo (em sua vontade e pensamento), constitui sua angústia, e segundo sua angústia será sua forma e aparência no estado astral, até que esse estado e angústia sejam consumidos. Sua habitação eterna é o profundo abismo sem fim ou número, e as obras realizadas aqui são incorporadas nas formas de sua tintura, e a perseguem.

“Não há luz, nem deste mundo, nem de Deus, apenas a luz da ignição de seu próprio fogo, sendo ele um terrível inimigo, a carne de sua cólera. O tipo de angústia destas almas diferem segundo à qualidade daquilo que a alma se carrega. Para tal alma não há auxílio; ela não pode penetrar a luz de Deus; e mesmo que São Pedro tivesse deixado mil chaves sobre a terra, nenhuma delas abriria a porta, pois ela já rompeu o laço que a conectava com a Divindade”. (Veja: Three Principles, XIX).

### **ASCETISMO**

“Está Escrito que é muito difícil um homem rico entrar no reino dos céus. Isso não se refere à posse de bens, mas a uma vida vã e avarenta; pois enquanto o homem engorda, Deus é esquecido. Ninguém deve imaginar ser abençoado por ser pobre. Se ele é um incrédulo e descrente, está então no reino do demônio, além de sua pobreza. Nem o homem rico deve jogar fora seu dinheiro, nem dá-lo ao gastador, pensando com isso alcançar a benção eterna. O reino de Deus está na verdade, na justiça, e no amor para com os necessitados. Ele não condena ninguém que use apropriadamente o que tem. Não se deve deixar o cetro e ficar num canto lamentando-se. Isso não passa de hipocrisia. Você pode servir muito melhor a lei da justiça e ao reino de Deus, mantendo seu cetro, protegendo o fraco e oprimido e trabalhando pelo certo e pelo justo; não segundo sua avareza, mas no amor e temor de Deus”. (Principles, XXV 74).

### **ESPÍRITO ASTRAL**

“Tudo o que fazemos, pensamos e desejamos em nosso ser exterior é obra do espírito deste mundo, atuando em nossa constituição; pois o corpo nada mais é do que o instrumento daquele espírito onde opera, e como todos os outros instrumentos que nascem do espírito deste mundo, irá, por fim, se desfazer e se decompor. Portanto, nenhum homem deve desprezar ou condenar outro homem, caso este não possua as mesmas qualidades que ele; pois o céu natural (a constelação) constrói cada homem segundo a natureza das influências regentes. Ele fornece a cada pessoa seus caminhos, modos e caracteres, além de seus desejos e intintos, e isso não pode ser arrancado do homem externo enquanto o céu externo não romper sua constituição animal. Mas se o homem externo não faz o que o espírito do mundo externo deseja nele, mas é forçado a abandonar o que é falso e ilusório, então tal poder não procede do céu externo, mas do novo homem interior, que precede da eternidade e batalha contra o homem terrestre”; normalmente ele alcança uma vitória sobre o segundo”. (Three Principles, XXV 6).

### **SINTONIA**

“Se queres seguir o caminho (da luz), é preciso grande sinceridade. Não pode ser só palavras e pretensão, enquanto o coração encontra-se longe; pois deste modo nada conseguirás. É preciso unificar toda sua mente, com todos os seus sentidos e razão, em uma só vontade, se queres ser restaurado e sair de suas abominações. É preciso colocar seu sentido em Deus, em Sua caridade, com plena confiança e segurança, então irás conseguir. Se o demônio em ti disser: ‘Não pode ser, és um grande pecador’, não se deixe aterrorizar, pois ele é um mentiroso, e o pai da dúvida”.

“Não há mais do que dois reinos movendo-se no homem. Um é o reino de Deus, onde está o Cristo, desejando-o; o outro é o reino do inferno, onde está o demônio, desejando-o também. A pobre alma terá que batalhar, pois está no meio. Cristo oferece a ela o novo manto, e o demônio as roupas do pecado; sempre que o homem tem um bom pensamento ou desejo por Deus, desejando entrar em verdadeira sintonia (tornar-se um com o Divino), esse pensamento, com certeza, não vem dele, mas do amor de Deus, e a nobre virgem o chama para que venha, e para que não desistas de seus esforços. Mas, se neste caminho, o homem se depara com seus grandes pecados, que tentam

dete-lo como montanhas, de modo que não encontra paz em seu coração, isso é, com certeza obra do diabo, que o faz pensar que Deus não quer ouvi-lo. Nestes momentos não deixe que nada te detenha ou te terrifique; pois o demônio é teu inimigo. Está escrito que se os pecados dos homens fossem vermelhos como sangue eles se arrependessem verdadeiramente, os mesmos se tornariam brancos como a neve”. (Principles, XXIV 34).

“Assim, a jóia preciosa é semeada; mas, lembra-te bem, ela não se transforma imediatamente em árvore. O demônio irá, freqüentemente, insinuar-se e tentará destruir a semente de mostarda; a alma terá sempre que suportar pesadas tormentas, e ser coberta com as sombras de seus pecados. Mas, se há uma batalha constantemente contra os poderes do demônio, então a árvore irá crescer e florir, e tu obterás o fruto”. (Three Principles, XXIV 37).

### ***A CRUZ***

A cruz com a imagem de uma pessoa ali pregada morrendo, é o símbolo da regeneração e da iniciação. Este símbolo recorda ao verdadeiro seguidor de Cristo, que deve passar pela morte mística e regenerar-se no espírito antes de poder entrar na glória da vida eterna. A cruz representa a vida terrestre, e a coroa de espinhos os sofrimentos da alma dentro do corpo elementar, mas também a vitória do espírito sobre os elementos das trevas. O corpo está nu, indicando que o candidato à imortalidade deve despir-se de todo desejo das coisas terrestres. O corpo está pregado na cruz, o que simboliza a morte e a rendição da vontade-própria, e que não se deve pretender realizar qualquer coisa por seu poder próprio, mas meramente servir como instrumento no qual a vontade Divina é executada. Acima da cabeça estão inscritas as letras:

### ***I. N. R. I.***

O significado mais importante destas letras é:

### **In Nobis Regnat Jesus (Em Nós Reina Jesus)**

Mas o significado desta inscrição só pode ser praticamente conhecido por aqueles que realmente morreram para o mundo dos desejos, colocando-se acima da tentação pela existência pessoal; ou, usando outras palavras, aqueles que se tornaram vivos em Cristo, e em quem, portanto, o reino de Jesus (a santa vontade-amor que emana da vontade de Deus) tenha sido estabelecido.

Tal símbolo será irreconhecível para o tolo, sofista e cínico, e nas mãos do fanático e hipócrita é um símbolo de sua desgraça, um testemunhal de sua própria descrença e auto condenação.

“O mundo externo ou a vida externa não é um vale de sofrimento para aqueles que o aproveitam, mas apenas para aqueles que conhecem uma vida superior. O animal desfruta da vida animal; o intelectual desfruta do reino intelectual; mas aquele que penetrou a regeneração reconhece sua existência terrestre como um peso e uma prisão. Com esse reconhecimento, toma para si a Cruz de Cristo”. (Epistles. II 34).

### ***MORTE***

“O homem celeste e santo, oculto no homem monstruoso (externo), está tanto no céu quanto Deus, e o céu está nele, e o coração e a luz de Deus é gerada e nasce dentro dele. Assim, Deus está nele e ele está em Deus. Deus está mais perto dele do que seu corpo bestial”.

“O corpo animal não é seu lugar de origem, próprio dele, onde está em casa; o verdadeiro homem, regenerado e recém-nascido em Cristo, não está neste mundo, mas no paraíso de Deus; e embora o corpo animal morra, nada acontece ao novo homem, que surge da vontade contrária e da casa do tormento para o seu lugar de origem. Não há necessidade de remoção para qualquer lugar ou distância, pois Deus encontra-se revelado em nele, por toda parte”. (The Epistles, XXV 13).

### **DÚVIDA**

“O nada, onde o demônio reside. A dúvida é a negação daquela fé que é Deus. É o resultado do egoísmo e da cegueira que não permite ao homem reconhecer a possessão do que ele já tem”. (Threefold Life, XIV 41).

### **DEUS**

“Deus é a unidade eterna, o imensurável bem único, não tendo nada antes ou depois dele que pudesse dotá-Lo de algo ou movimentá-Lo. Não há Nele qualquer inclinação ou qualidades, não há princípio no tempo, dentro de si apenas a unidade. É a própria pureza, sem nenhum contato; não necessita lugar ou localidade para sua habitação, estando ao mesmo tempo fora e dentro do mundo. Em sua profundidade nenhum pensamento pode penetrar, nem pode sua grandiosidade ser expressa em números, pois é infinito. Tudo o que pode ser contado ou medido é natural ou figurativo, mas a unidade de Deus não pode ser definida. Ele é tudo, e tem sido reconhecido como bom, e é chamado “bom”, pois é eterna brandura e beneficência com a sensibilidade da natureza e da criatura, o mais doce amor. Pois, a unidade em seu aspecto bom, emana de si mesma, introduzindo-se em vontade e movimento. Ali, a unidade vive e penetra a vontade ou o movimento, os quais experimentam a brandura da unidade. Este é o fundamento do amor na unidade, do qual Moisés diz: ‘O Senhor ou Deus é um Deus santo, e não há outro além dele’” (Theosophical Questions i I).

### **HUMILDADE**

“Deus é o centro do homem, mas ele reside apenas em si mesmo, a menos que o espírito do homem torne-se um espírito com Deus; neste caso, ele se tornará manifesto na natureza humana, na alma, na mente e no desejo, por onde se tornará perceptível aos sentidos interiores do homem. A vontade envia os sentidos para Deus, e Deus grava os sentidos e se torna um ser com eles. Então, os sentidos passam a carregar o poder de Deus para a vontade, e a vontade os recebe com gratidão, mas com tremor; pois reconhece ser indigna e sabe que vem de uma morada instável. Assim, ela recebe aquele poder ao mergulhar-se diante de Deus e de seu triunfo surge a doce humildade. Essa é a verdadeira essência de Deus, e essa essência concebida na vontade é o corpo celestial, e é chamado de fé verdadeira e justa, recebida pela vontade, no poder de Deus. Ela mergulha na mente e reside no fogo da alma”. (Menschw. X 8).

### **JESUS CRISTO**

“Na quinta qualidade a glória e majestade de Deus manifesta-se como luz de amor. Está escrito que Deus reside na luz, na qual ninguém pode penetrar. Isso significa que nenhum ser criado nasceu do fogo central do amor, pois este é o mais sagrado fogo, o próprio Deus em Sua Trindade. Deste fogo santo foi emanado o JAH, um raio da unidade sensível. Este é o precioso nome de Jesus, redimindo a pobre alma do fogo-colérico, e ao tomar a natureza humana, abandona-se ao fogo central de Deus na alma, na cólera de Deus dentro da alma; acendendo-a novamente com o fogo-amor, e unindo-a à Deus”. (Theos. Quest. III 25).

“O Cristo é aquele que se regenerou da qualidade humana; a mãe da regeneração, o unguído”. (Veja, Stief. 19).

### ***O HOMEM, TERRESTRE E CELESTE***

“A virgem diz: Algo em ti me contraria. Eu te criei e te tirei do meio dos espinhos. Quando eras um animal selvagem, eu te configurei em minha própria imagem. Mas o animal selvagem está entre os espinhos: isso eu não vou tomar em meu peito. Você ainda vive com seu animal selvagem. Quando o mundo tomar esse animal, já que a ele pertence, então eu *te* tomarei. Assim, cada um irá tomar o que lhe pertence. Por que então amas tanto aquele animal selvagem que não te causa mais nada além de dor? Não podes carregá-lo contigo. Ele não te pertence, mas ao mundo. Que o mundo o use como puder, mas permaneças tu comigo. Será por pouco tempo; logo seu animal irá se quebrar, e tu dele te livrarás, e permanecerás comigo. Como irás regozijar-te, se pensares naquele animal, que te afligia dia e noite, e ver que dele estas livres. Como uma flor cresce da terra, tu te elevarás acima de teu animal selvagem. Tu dizes: ‘Sou teu animal; tu nasceste em mim’. Ouça, meu animal! Sou maior que tu. Quando estavas por vir, eu era tua construtora. Minhas essências saem da raiz da eternidade; mas tu pertences a este mundo. Tu irás te quebrar, mas eu permaneço eternamente em meu poder. Portanto sou muito mais nobre que tu. Tu vives na cólera; mas eu irei colocar minha cólera assustadora na luz, na alegria eterna. Minhas obras estão no poder, enquanto as tuas permanecem como sombras. Quando eu estiver livre de ti, nunca mais irei te aceitar como meu animal; mas, (tomo) meu novo corpo, o qual estou regenerando na mais profunda raiz do elemento santo”. (Principles, XXI 69).

### ***NATUREZA***

“Eleve tua mente no espírito, veja que toda a natureza, com todos os seus poderes, com sua profundidade, largura e peso, céu e terra, e tudo que ali se encontra e acima dos céus, é o corpo de Deus, e os poderes das estrelas são as artérias do corpo natural de Deus neste mundo”. (Aurora, ii 16).

“A Natureza não é Deus, não mais do que o corpo de um homem é o homem. A Natureza é o eco e a imagem da natureza eterna, manifesta pelos poderes do Verbo”. (Tabuloe Principioe, li).

### ***O CAMINHO***

“Nem no céu, nem na terra; nem dentre as estrelas ou elementos, podemos encontrar algum caminho que nos leve ao repouso. Mal entramos na vida, e depois disso é o fim, quando nosso corpo nascerá de volta na terra e todas as nossas obras, trabalhos, ciências e glórias serão herdadas por outros, que também se incomodam por um tempo, com as mesmas coisas, e então nos seguem (para a morte). Isso ocorre desde o princípio do mundo até o seu fim. Durante nossa miséria nunca poderemos saber onde permanece nosso espírito quando o corpo cai e se torna cadáver, a menos que sejamos recém-nascidos, fora deste mundo; de modo que, embora vivamos neste mundo, em nosso corpo, habitamos na nossa alma e espírito em outra vida, nova, perfeita e eterna. Ali, um novo homem será encontrado em nosso espírito e alma, e ali deverá ele viver eternamente. Somente nesta nova forma aprenderemos a conhecer o que somos e onde está nossa verdadeira casa”. (Principles, XXII 5).

### ***PLANETAS***

Os sete planetas não se referem apenas a sete estrelas visíveis, mas às sete qualidades da natureza eterna, a saber:

1. Saturno – Adstringência; trevas.
2. Júpiter – O desejo ativo dentro da adstringência.
3. Marte – A força ígnea.
4. Sol – A luz da natureza
5. Vênus – O princípio da substancialidade
6. Mercúrio – Vida; som; o *verbum fiat*.
7. Lua – Corporeidade.

“Se as três primeiras qualidades possuem sua superioridade no princípio das trevas, então as outras qualidades estão adormecidas em seus centros; e todas as sete são más”

1. Saturno – Avareza
2. Júpiter – Esperteza
3. Marte – Ira
4. Sol – Orgulho
5. Vênus – Lascívia
6. Mercúrio – Inveja
7. Lua – a carne

“Se as três primeiras qualidades possuem sua superioridade no princípio da luz e nascem do centro de trevas, então possuirão em si a natureza da luz. Todas as sete serão boas”:

1. Saturno – Caridade
2. Júpiter – Sabedoria
3. Marte – Brandura
4. Sol – Humildade
5. Vênus – Castidade
6. Mercúrio – Beneficência
7. Lua – A substancialidade do corpo de Cristo”.

### **PRINCÍPIO**

“Um princípio (início) nada mais é do que um novo nascimento, uma nova vida. Só há um princípio onde se encontra a vida ou a divindade eterna; esta não se manifestaria se Deus não tivesse criado em si criaturas como os homens e anjos, que conhecem o laço indissolúvel, e como o nascimento da luz eterna em Deus ocorre”. (Principles, V 6).

“Deus não tinha outro material do qual criar algo, senão sua própria essência. Mas Deus é um espírito, intangível, que não possui nem princípio, nem fim. Sua profundidade e grandeza é tudo. Um espírito nada faz senão que surge, incita-se, movimenta-se e dá à luz a si mesmo. Neste nascimento há especialmente três formas – o amargor, a adstringência e o calor; mas nestas três formas não há uma primeira, segunda ou terceira; mas todas as três são uma só, sendo que uma dá nascimento à outra”. (Principles, L 3).

### **SEXO**

“O homem é a cabeça; ele possui o regimento superior, com a tintura do fogo, e em sua tintura, possui a alma que deseja Vênus como sua matriz corporal. A alma deseja ter espírito e corpo, e isso está na matriz mulher. Mas o regimento inferior é o feminino, e seu regimento encontra-se na Lua; pois o Sol fornece o calor, Vênus a tintura, não de natureza ígnea, mas aquosa”.

O espírito fornece o ar, e sua tintura não está no calor.

“A Fêmea deseja o macho, e a Lua busca o Sol; pois ela é de natureza material, e deseja um coração celeste. Assim, a matriz feminina deseja o coração do homem e a alma feminina deseja sua tintura; pois a alma é um bem eterno. Assim, existe o desejo sexual entre todas as criaturas; elas desejam misturar-se uma com as outras. O corpo não compreende isso, nem tampouco o espírito-ar; mas, as duas tinturas, a masculina e a feminina, conhecem muito bem”. (Threefold Life, IX 106).

### **SOPHIA**

“A alma ígnea, pura como o ouro limpo, testada no fogo de Deus, é o esposo da nobre *Sophia*, pois ela é a *tintura* da luz. Se a tintura do fogo é perfeitamente pura, então a *Sophia* se unirá à ela e Adão receberá novamente a noiva mais nobre, que foi dele afastada durante seu sono; ele a tomará em seus braços. Não se trata de homem ou mulher, mas um ramo na árvore de pérolas que encontra-se no paraíso de Deus. Mas como a noiva recebe seu noivo na qualidade-ígnea clara e brilhante dele, e como lhe dá um beijo de amor, isso só será compreendido por aqueles que estiveram no casamento do Cordeiro. A todos os outros isso permanecerá um mistério”. (Mysterium Magnum, XXV 14).

### **SUBSTANCIALIDADE**

“Se te dizes um Cristão, por que então não acreditas nas palavras de Cristo, quando diz: ‘Eu estarei contigo até o final do mundo’; diz ainda que Ele nos dará seu corpo por alimento e Seu sangue como bebida. Tu perguntas: ‘O Cristo foi para o céu, como poderia estar neste mundo?’ Talvez concordes com o fato de que Ele esteja presente conosco em Seu espírito Santo. Mas o que seria do homem recém-nascido em ti, se fosse alimentado unicamente pelo espírito, sendo esse unicamente alimento para a alma? Cada vida alimenta-se de sua própria mãe. A alma é espírito, como do alimento espiritual; o homem recém-nascido prova do elemento puro, e o homem externo daquilo que provém dos quatro elementos”.

“Qual o benefício do corpo (etéreo) se a alma alimenta-se da divindade pura? Pois sabes que a alma e o corpo não são um e a mesma coisa. A alma é espírito, e necessita do alimento espiritual. Ou pensas que podes alimentar o novo homem com o alimento terrestre? Se pensares assim, é porque estais longe do reino de Deus”. (Principles, XXIII 6).

### **SÚLFUR, SAL E MERCÚRIO.**

“A palavra *Sul* e é a alma de algo; pois na palavra Sulfur ela é o óleo ou a luz, que nasce da sílaba *Phur*. É a beleza ou a bondade de algo; seu amor ou o amado. Na criatura é a inteligência e o sentido, é o espírito nascido da sílaba *Phur*. A palavra ou sílaba *Phur* é a Prima Matéria, penetrando o terceiro princípio em si mesmo, o Macrocosmo de onde nasce a essência ou o reino (terrestre) elemental; mas, no primeiro princípio é a essência da geração mais interna, de onde Deus, o Pai, desde a eternidade dá nascimento a Seu Filho. No homem também é a luz que nasce do espírito sideral em outro centro do Microcosmo, mas no *Spiraculum* é um espírito-alma no centro interior. É a luz de Deus, que por si só, possui aquela alma que está no amor de Deus, pois ela é iluminada e soprada pelo Espírito Santo”. (Three Principles, ii 7).

“O Sal é a *Prima Materia*, adstringência. Na adstringência forte surge o amargor; pois, a poderosa atração surge na dificuldade do espírito. Por exemplo, se uma pessoa se torna raivosa, seu espírito atrai aquilo que a faz ficar amargurada e trêmula; e se ela não resiste e se abate, então o

fogo da cólera se acende em seu interior, a fim de que queime na malícia. Então, em sua mente e alma isso se torna substancial, um ser”. (Three Principles, i 9).

“Mercúrio, um fogo-sulfur-água amargo adstringente; o mais terrível de todos os estados; mas não o imagine como sendo uma Matéria ou algo tangível; trata-se de espírito e a fonte do primeiro princípio da natureza”. (Three Principles, i 10).

“Isso compreende as quatro qualidades, de onde surge a vida; mas, não tem seu princípio no centro, como o Phur, mas de acordo como a carne-ígnea, no terror da qualidade das trevas”. (Threefold Life, ii 42).

### **VERBO**

“Todo o poder do Pai se expressa nas qualidades do Verbo, ou seja, o Filho de Deus. O mesmo verbo, ou o mesmo som, expressado pelo Pai expressa do *Salniter*, ou os poderes do Pai, e do Mercurius ou som do Pai. Assim, o Pai expressa o verbo de si mesmo, e o mesmo som é a glória de todos os seus poderes; depois que ele é expresso, não mais está contido nos poderes do Pai, mas soa e toca na totalidade do pai em todos os poderes. Esse poder expressado pelo pai tem tal força que o som do verbo imediatamente e rapidamente penetra por toda profundidade do Pai, e sua força é o Espírito Santo, pois, o verbo pronunciado permanece como uma glória ou um mandamento majestoso diante do rei; mas o som, emanando através do verbo, executa o mandamento do Pai pronunciado por Ele através do Verbo, e aqui ocorre o nascimento da Santíssima Trindade. O mesmo ocorre no homem ou no anjo. O poder na totalidade de seu corpo possui todas as qualidades como em Deus o Pai”. (Aurora VI 2).

“No espírito do verbo é que se deve compreender a divindade como um todo, com todos seus poderes e efeitos, e com toda sua essência; é sua admiração, penetração e transformação; toda a ação e toda a geração”. (Aurora XIX 72).

“Assim, cada criatura possui seu próprio centro para sua própria expressão ou o som do verbo formado em si mesmo, tanto nos seres temporais como eternos; tanto no homem racional como no irracional; pois o primeiro Ens foi pronunciado do som de Deus, pela sabedoria, de seu centro no fogo e luz e foi formado no Fiat, e entrou em “compactação”. O Ens emana do eterno, mas a compactação emana do temporal; portanto, em todas as coisas há algo eterno oculto no tempo”. (Mysterium Magnum, XXII 2).

“Naquela qualidade em que cada palavra na voz humana no ato do pronunciamento se forma e se manifesta, até no amor de Deus, assim como nos santos Ens, ou na cólera de Deus; na mesma qualidade ele irá ser tomado novamente, após ter sido pronunciado. A palavra falsa torna-se infectada pelo demônio, e selada pelo (futuro) detrimento, e é recebida no Mysterium da cólera, como na qualidade do mundo de trevas. Cada coisa retorna com seu Ens para aquele lugar de onde teve sua origem”. (Mysterium Magnum, XXII 6).

O verbo está perto de ti, em teus lábios e coração; Deus é o próprio verbo que está em teus lábios e coração”. (Three Principles, IV 10).

### **FIM**